Colecção Autores Gregos e Latinos
Série Textos

Luciano de Samósata

Luciano

[III]

Tradução do grego, introdução e notas
Custódio Magueijo

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

A TRAJECTÓRIA DE UMA VIDA

Amadurecido pelas viagens e pela experiência da vida, materialmente afortunado, Luciano cedo se farta da actividade judiciária, da retórica e da sofística, para se entregar a uma actividade literária que, não sendo nova, ele, no entanto, reforma de maneira radical: trata-se do diálogo filosófico, mas agora entendido e elaborado segundo princípios originais. De facto, Luciano aligeira substancialmente o majestoso diálogo filosófico que vinha dos tempos de Platão e acrescenta-lhe um aspecto dramático, orientado no sentido da sátira - o que significa reunir no «novo género» dois géneros diferentes e até muito diversos: o diálogo filosófico e a comédia. Realmente, foram sobretudo as obras em forma de diálogo que deram fama a Luciano. É nelas que melhor se expande a sua crítica panfletária e corrosiva, que atinge, literalmente, tudo e todos: os deuses e os heróis, a religião e as religiões, a filosofia e as suas variadíssimas seitas, a moral convencional, a sociedade e os seus pilares mais destacados, os homens e as suas vaidades, as suas superstições irracionais e o aproveitamento que delas fazem os espertos... enfim, podemos dizer que em Luciano conflui o que de mais violento havia na comédia. Um certo epicurismo prático e um cinismo teórico afinam e refinam o processo.

(Página deixada propositadamente em branco)

(Página deixada propositadamente em branco)

Luciano de Samósata

Luciano

[III]

Tradução do grego, introdução e notas de
Custódio Magueijo

I
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS
U

Todos os volumes desta série são sujeitos a arbitragem científica independente.

Título • Luciano [III]
Tradução do Grego, Introdução e Notas • Custódio Magueijo
Autor • Luciano de Samósata

Série Monografias

Obra realizada no âmbito das actividades da UI&D
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

Edição
Imprensa da Universidade de Coimbra
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc
E-mail: imprensauc@ci.uc.pt
Vendas online:
http://livrariadaimprensa.uc.pt

Coordenação editorial
Imprensa da Universidade de Coimbra

Concepção gráfica
Imprensa da Universidade de Coimbra

Infografia
Mickael Silva

Impressão e Acabamento
www.artipol.net

ISBN
978-989-26-0543-2

ISBN Digital
978-989-26-0564-7

Depósito Legal
353356/12

1ª Edição: IUC • 2012

Luciano de Samósata

Luciano

[III]

Tradução do grego, introdução e notas de
Custódio Magueijo

I
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS
U

(Página deixada propositadamente em branco)

SUMÁRIO

Ficha Técnica:
Autor: Luciano de Samósata
Título: Luciano (III):
– *Tímon* ou *O Misantropo*
– *O Mestre de Retórica*
– *Dupla Acusação* ou *Os Julgamentos*
– *O Tiranicida*
– *Zeus Refutado*
– *O Cínico*
– *O Parasita (A "Parasítica" é uma Profissão)*
Edição utilizada: A. M. Harmon, *Lucian*, The Loeb Classical Library: Greek authors, Harvard University Press, 1959-1961.

Luciano

[III]

TÍMON OU O MISANTROPO

DUPLA ACUSAÇÃO

O MESTRE DE RETÓRICA

O TIRANICIDA

ZEUS REFUTADO

O CÍNICO

(Página deixada propositadamente em branco)

Introdução geral[1]

Luciano nasceu em Samósata, capital do antigo reino de Comagena, situado a norte da Síria, na margem direita do Eufrates. Os primeiros imperadores romanos conservaram-lhe um certo grau de independência, mas acaba por ser incluído entre as províncias do Império Romano.

Quanto a datas de nascimento e morte, aceitemos 125-190 d. C. Seguramente, a vida literária de Luciano desenvolve-se na segunda metade do séc. II d. C., por um período de quarenta anos, durante o qual escreveu cerca de oitenta obras.

No tocante a dados biográficos, temos de contentar-nos com as informações contidas no conjunto dos seus escritos. Pelo menos têm a vantagem de serem de primeira mão. E se a nossa curiosidade mais «superficial» gostaria de saber muitas outras coisas sobre a sua vida, a verdade é que o essencial do homem está nítida e magnificamente retratado na obra.

De entre as obras mais importantes do ponto de vista autobiográfico, salienta-se a intitulada *O Sonho* (ou *Vida de Luciano*). Imediatamente se conclui tratar-se dum trabalho da meia-idade, que mais abaixo resumimos.

Após uma peregrinação de vários anos por terras da Grécia, da Itália e da Gália, onde conseguira assinalável êxito e não menos importante pecúlio, Luciano regressa (por volta de 162-163) à sua cidade natal, que o havia visto partir pobre e quase anónimo, e agora se orgulhava do prestígio que lhe era transmitido pelo próprio êxito dum filho seu. É então que Luciano, perante os seus concidadãos, traça uma retrospectiva autobiográfica, da qual mencionamos os passos mais salientes.

Chegado ao termo da escolaridade elementar, adolescente de quinze anos, o pai aconselha-se com familiares e amigos sobre o futuro do moço.

> *«A maioria opinou que a carreira das letras requeria muito esforço, longo tempo, razoável despesa e uma sorte brilhante. Ora, a nossa fortuna era limitada, pelo que, a breve trecho, precisaríamos de alguma ajuda.*

[1] Esta «Introdução geral» é, na verdade, reproduzida de outras que escrevi a propósito de diversas obras de Luciano. Não se pode exigir que, para cada uma das cerca de oitenta, tivesse de inventar uma biografia formalmente diferente de Luciano. No entanto, a parte final, relativa a cada obra em particular, é redigida especialmente para esta edição.

> *Se, pelo contrário, eu aprendesse um ofício, começaria imediatamente a retirar daí um ordenado mínimo, que me permitiria, naquela idade, deixar de ser um encargo familiar, e até mesmo, algum tempo depois, dar satisfação a meu pai com o dinheiro que traria para casa.» (§ 1)*

Restava escolher o ofício. Discutidas as várias opiniões, foi decidido entregar o rapaz aos cuidados dum tio materno, presente na reunião, e que era um excelente escultor. Além deste factor de ordem familiar, pesou ainda o facto de o moço, nos seus tempos livres, gostar de se entreter a modelar, em cera, bois, cavalos e figuras humanas, *«tudo muito bem parecido, na opinião de meu pai»*. Por essa actividade *«plástica»* (é palavra sua), que não raro o desviava dos deveres escolares, *«chegava mesmo a apanhar pancada dos professores, mas isso agora transformava-se em elogio à minha vocação»*. (§ 2)

Chegado o grande dia, é com certa emoção que o jovem Luciano se dirige à oficina do tio, a fim de iniciar a sua nova vida. De resto, via no ofício de escultor uma espécie de brincadeira de certo modo agradável, e até uma forma de se distinguir perante os amigos, quando estes o vissem esculpir figuras de deuses e estatuetas. Todavia, e contrariamente às suas esperanças, o começo foi desastroso. O tio põe-lhe na mão um escopro e manda-o desbastar uma placa de mármore, a fim de adiantar trabalho (*«O começar é meio caminho andado»*). Ora... uma pancada um pouco mais forte, e eis que se quebra a placa... donde uma monumental sova de correia, que só a fuga consegue interromper. Corre para casa em tal estado, que a mãe não pode deixar de censurar asperamente a brutalidade do irmão. Entretanto, aproxima-se a noite, e o moço, ainda choroso, dolorido e revoltado, foi deitar-se. As fortes emoções do dia tiveram como resultado um sonho – donde o título da obra. (§§ 3-4)

Até aqui, Luciano fornece-nos dados objectivos, que nos permitem formar uma ideia suficientemente precisa sobre si próprio e sobre a situação e ambiente familiares. Quanto ao sonho, se nada nos permite duvidar da sua ocorrência, a verdade é que se trata, antes de mais, duma elaboração retórica, elemento tantas vezes utilizado na literatura, mas nem por isso menos significativo do ponto de vista autobiográfico. De facto, Luciano serve-se deste processo para revelar aos seus *ouvintes* não tanto o que se terá passado nessa noite, mas principalmente a volta que a vida dera, a partir duma situação que, em princípio, teria uma sequência bem diferente.

Assim, e com uma nitidez – segundo afirma – *«em nada diferente da realidade»*, aparecem-lhe duas mulheres, que, energicamente e até com grande violência, disputam a posse do moço, que passa duma para a outra, e volta à primeira... enfim, *«pouco faltou para que me despedaçassem»*.

Uma delas era a Escultura (*Hermoglyphikê*), *«com o (típico) aspecto de operário, viril, de cabeleira sórdida, mãos cheias de calos, manto subido e coberto de pó, como meu tio quando estava a polir as pedras»*. A outra era a Cultura (*Paideia*), *«de fisionomia extremamente agradável, pose digna e manto traçado a preceito»*. (§§ 5-6).

Seguem-se os discursos de cada uma das personagens, que fazem lembrar o *agôn* («luta», «disputa») das *Nuvens* de Aristófanes, travado entre a Tese Justa e a Tese Injusta.

A fala da Escultura, mais curta (§§ 7-8), contém, no entanto, elementos biográficos (explícitos e implícitos) de certa importância. Começa por se referir à tradição profissional da família do jovem, cujo avô materno e dois tios, também maternos, eram escultores de mérito. A seguir, enumera as vantagens da profissão: comida farta, ombros fortes e, sobretudo, uma vida particular ao abrigo de invejas e intrigas, em vez de (como, de resto, veio a suceder – daí também o valor biográfico da informação) viagens por países longínquos, afastado da pátria e dos amigos. De resto, a História está cheia de exemplos de grandes escultores (Fídias, Policlito, Míron, Praxíteles), cujo nome é imortal e que são reverenciados juntamente com as estátuas dos deuses por eles criadas.

O discurso da Cultura (§§ 9-13) possui todos os ingredientes necessários à vitória (além das informações biográficas que recolhemos das suas «profecias»... já realizadas). Vejamos alguns passos.

> *«Meu filho: eu sou a Cultura, entidade que já te é familiar e conhecida, muito embora ainda não me tenhas experimentado completamente.*
> *»Quanto aos grandes benefícios que te proporcionará o ofício de escultor, já esta aqui os enumerou: não passarás dum operário que mata o corpo com trabalho e nele depões toda a esperança da sua vida, votado ao anonimato e ganhando um salário magro e vil, de baixo nível intelectual, socialmente isolado, incapaz de defender os amigos ou de impor respeito aos inimigos, de fazer inveja aos teus concidadãos. Apenas isto: um operário, um de entre a turba, prostrado aos*

pés dos poderosos, servidor humilde dos bem-falantes, levando uma vida de lebre, presa do mais forte. E mesmo que viesses a ser um outro Fídias ou um Policlito, mesmo que criasses muitas obras-primas, seria apenas a obra de arte aquilo que toda a gente louvaria, e ninguém de bom senso, entre os que a contemplassem, ambicionaria ser como tu. Sim: por muito hábil que sejas, não passarás dum artesão, dum trabalhador manual.»

Se, porém, me deres ouvidos, antes de mais revelar-te-ei as numerosas obras dos antigos, falar-te-ei dos seus feitos admiráveis e dos seus escritos, tornar-te-ei um perito em, por assim dizer, todas as ciências. E quanto ao teu espírito – que é, afinal, o que mais importa –, exorná-lo-ei com as mais variadas e belas virtudes: sabedoria, justiça, piedade, doçura, benevolência, inteligência, fortaleza, amor do Belo e paixão do Sublime. Sim, que tais virtudes é que constituem verdadeiramente as incorruptíveis jóias da alma...»

Tu, agora pobre, tu, o filho do Zé-Ninguém, tu, que ainda há pouco havias enveredado por um ofício tão ignóbil, dentro em breve serás admirado e invejado por toda a gente, cumulado de honrarias e louvores, ilustre por tua alta formação, estimado das elites de sangue e de dinheiro; usarás um traje como este (e apontava-me o seu, que era realmente magnífico) *e gozarás de merecido prestígio e distinção. E sempre que saias da tua terra, vás para onde fores, não serás, lá fora, um obscuro desconhecido: impor-te-ei tal marca, que, ao ver-te, um qualquer, dando de cotovelo ao vizinho, apontar-te-á com o dedo, dizendo: "É este, o tal"...»*

O final do discurso (§ 13) constitui um autêntico «fecho» elaborado segundo as leis da retórica. Depois de, no parágrafo anterior, ter mencionado os exemplos de Demóstenes (filho dum fabricante de armas), de Ésquines (cuja mãe era tocadora de pandeireta) e de Sócrates (filho de escultor), lança o ataque final:

«Caso desprezes o exemplo de tão ilustres homens, seus feitos gloriosos e escritos veneráveis, presença imponente, honra, glória e louvores, supremacia, poder e dignidades, fama literária e o apreço devido à inteligência – então passarás a usar uma túnica reles e encardida, ganharás um aspecto servil, agarrado a alavancas, cinzéis, escopros e goivas, completamente inclinado sobre o trabalho, rastejante e rasteiro, humilde em todas as acepções da palavra, sem nunca levantar a cabeça, sem um único pensamento digno dum homem livre, mas antes continuamente preocupado com a ideia de a obra te sair harmoniosa e apresentável – enquanto a respeito de ti próprio, da maneira de te tornares harmonioso e

bem dotado, não te importas absolutamente nada; pelo contrário, ficarás mais vil que as mesma pedras.»

É pena que esta autobiografia não tivesse sido escrita uns vinte (ou trinta) anos mais tarde. Em todo o caso, Luciano, noutras obras, fornece-nos mais algumas indicações.

Assim, pela *Dupla Acusação* (§ 27), escrita pouco depois do *Sonho*, sabemos que Luciano, entregue de alma e coração à retórica e à sofística, iniciara a sua actividade de advogado em várias cidades da Ásia Menor (Segundo a Suda, «começou por ser advogado em Antioquia»). Da Ásia Menor, passa para a Grécia, e daí para a Itália, mas é sobretudo na Gália que obtém glória e fortuna.

Uma dúzia de anos depois de ter saído da sua terra natal, regressa a casa, mas por pouco tempo. Decide fixar-se com a família em Atenas, onde permanece por cerca de vinte anos (c.165-185 d.C.).

Aos quarenta e poucos anos, Luciano adopta uma atitude fundamentalmente céptica, que, sobretudo, se insurge contra todo o dogmatismo metafísico e filosófico em geral. A este respeito, recomenda-se vivamente a leitura do *Hermotimo* (ou *As Seitas*[2]), obra dum niilismo verdadeiramente perturbador: dada a variedade das correntes filosóficas, e ainda devido ao tempo e esforço necessários a uma séria apreciação de cada uma, o homem, por mais que faça, *não pode atingir a verdade*. Basta citar uma frase, que, não sendo de modo nenhum a mais importante deste diálogo, é, no entanto, verdadeiramente lapidar: *«As pessoas que se dedicam à filosofia lutam pela sombra dum burro»* (§ 71). E, já agora, aqui fica o fecho, em que Hermotimo, finalmente convencido pelos argumentos de Licino (ou seja, Luciano), afirma: *«Quanto aos filósofos, se por acaso, e apesar das minhas precauções, topar com algum no meu caminho, evitá-lo-ei, fugirei dele como dum cão raivoso»*. (§ 86)

Cerca de vinte anos depois de chegar a Atenas, Luciano decide recomeçar a viajar, mas nada será como antigamente: já na recta final da existência, talvez em situação financeira menos próspera, e sem dúvida desiludido com o deteriorado clima cultural de Atenas, fixa-se no Egipto, onde aceita (ou consegue?) um lugar de funcionário público, aliás compatível com a sua formação e importância social. Ele próprio nos informa (*Apologia dos Assalariados*, § 12) de que a sua situação

---

[2] «Clássicos Inquérito», nº 16.

não se compara à dos miseráveis funcionários (por exemplo: professores), que afinal não passam de escravos. E continua: «*A minha condição, meu caro amigo*[3]*, é completamente diferente. Na vida privada, conservei toda a minha liberdade; publicamente, exerço uma porção da autoridade suprema, que administro em conjunto com o procurador ... Tenho sob a minha responsabilidade uma parte considerável da província do Egipto, cabe-me instruir os processos, determinar a ordem pela qual devem dar entrada, manter em dia os registos exactos de tudo o que se diz e faz, ... executar integralmente os decretos do Imperador ... E além do mais, o meu vencimento não se parece nada com o dum simples particular, mas é digno dum rei, e o seu montante, longe de ser módico, ascende a uma soma considerável. A tudo isto acrescenta o facto de eu não me alimentar de esperanças modestas, pois é possível que ainda obtenha a título pleno a prefeitura ou qualquer outra função verdadeiramente real.*»

Esperanças nada modestas, provavelmente bem fundadas... Só que, por motivos que ignoramos, tudo se desfez em vento.

---

[3] Esta obra, de forma epistolar, é dirigida a Sabino, amigo de Luciano.

TÍMON OU O MISANTROPO

(Página deixada propositadamente em branco)

Introdução

Mais uma vez, temos aqui uma obra com duplo título, em alternativa, como, p. ex., *Lúcio* ou *O Burro*; *Alexandre* ou *O Falso Profeta*; *Hermotimo* ou *As Seitas Filosóficas*... Não sei se ambos os títulos foram dados pelo autor, ou se um deles foi acrescentado mais tarde, e então, para efeitos de clareza, ficou... e chegou até nós. Neste caso, atrevo-me (é mesmo atrevimento!) a pensar que o segundo título seria uma espécie de subtítulo, como que *Tímon — O Misantropo*, a fim de não se confundir esta personagem com um outro Tímon, também famoso (ou, pelo menos, bem conhecido), que era um filósofo cínico posterior (c. 250 a.C.).

Tímon (ou *Timão*) de Atenas, filho de Equecrátides, do demo de Colito (§7), nascido c. 440 a.C., é mesmo uma personagem real, conquanto o tempo a tenha envolvido em episódios lendários, fazendo do homem um tema da Comédia Nova, e citado por diversos escritores da Antiguidade a propósito da ingratidão humana. É esta, também, a personagem do *Tímon de Atenas*, de Shakespeare.

O que os antigos sabiam de Tímon resumia-se a pouca coisa: Homem muito rico, era também muito lesto a acorrer às necessidades materiais de toda e qualquer pessoa, especialmente dos... "amigos". E tanto distribuiu, tanto *esbanjou* em obras de caridade e outras bem mundanas, que acabou por ficar na maior miséria e, pior que isso, desprezado por aqueles a quem fizera tanto bem. Então, profundamente entristecido e revoltado com a ingratidão dos homens, decide afastar-se de toda e qualquer convivência social e *"construir uma torre sobre o local do tesouro*[4]*, suficiente para eu habitar lá dentro; e determino que essa mesma torre seja o meu túmulo quando eu morrer"* (§42). Essa torre ainda existia no tempo de Luciano, e é referida também pelo seu contemporâneo Pausânias. Situava-se perto da Academia, abaixo do túmulo de Platão.

A história do achado do tesouro tem todo o aspecto de ter sido inventada (talvez pelos comediógrafos da Comédia Nova) para efeitos dramáticos e sensacionalistas. Na versão corrente, Tímon, inicialmente muito rico, caiu na miséria e afastou-se de todo o contacto com a Humanidade, passando até a chamar-se, precisamente, *Misantropo*. Na versão de Luciano (e de outros,

[4] Sobre a história do tesouro, v. a seguir.

como sugeri), Tímon, na propriedade rural que passou a cultivar pelo magro salário de 4 óbolos, achou um tesouro, por obra e graça de Zeus e do deus Pluto (a Riqueza). Por isso, voltou a ser rico, mas desta vez aprendeu a lição, rejeitando a chusma de antigos “amigos” que acorreram ao cheiro[5] do dinheiro. Quer dizer que continuou... *Misantropo*.

Luciano pegou no tema e, como era natural num homem de grande imaginação e de espírito tão mordaz, canaliza os diálogos e os discursos mais longos das suas personagens para a grande lição de moral: mais do que mostrar os inconvenientes da riqueza (como faz em *O Galo* ou *O Sonho*), aponta com muita veemência os vícios a ela associados, não só os vícios do homem rico, mas também os dos aduladores. As personagens que giravam à volta do primeiro Tímon (o rico), as mesmas que o desprezaram quando ele ficou pobre, e as mesmas que agora acorrem ao Tímon *novamente* rico, têm todas elas um discurso espantoso revelador da corrupção, da hipocrisia e da falta de todos os princípios morais. Gnatónides (§§45-46), Filíades (§§47-48), Démeas (§§49-53), Trásicles (§§54-57), descritos pela pena impiedosa de Luciano, ficam marcados como figuras inesquecíveis.

Façamos um breve resumo desta obra.

Num longo discurso (§§1-6), Tímon queixa-se amargamente da indiferença de Zeus perante a injustiça e a ingratidão dos homens. E tantas e tão graves acusações faz ao pai dos deuses, ainda por cima em tom provocantemente declamatório, que chama a atenção de Zeus, o qual pergunta (§7, início):

> *“Ó Hermes, quem é aquele fulano ali a grasnar, do lado da Ática, junto do Himeto, no sopé do monte, todo encardido, imundo e vestido com uma pele [de cabra]? Creio que está curvado, a cavar [a terra]. É um tipo palrador e muito atrevido, talvez seja um filósofo, pois de outro modo não proferiria palavras tão ímpias contra nós.”*

Devidamente informado de que se tratava de um homem anteriormente muito cumpridor dos deveres para com os deuses, Zeus decide torná-lo novamente rico, para o que pede a Hermes que vá buscar Pluto (a Riqueza), mais o Tesouro (ideias

[5] O texto grego (§45) tem mesmo esta imagem do “cheiro do dinheiro”: *“Mas que é isto? Mas que correria! De toda a parte afluem pessoas cobertas de pó e ofegantes, trazidas, não sei lá como, pelo cheiro do meu ouro.”*, mais lit.te *“... cheirando o meu ouro”*.

personificadas, ou melhor, divinizadas), e que se dirijam ao campo onde Tímon labuta e façam de modo que o homem, ao cavar, descubra o Tesouro.

O pior é que Tímon está acompanhado pela Pobreza, com a qual se dá muito bem, com quem convive numa simbiose perfeita e com quem se sente completamente feliz, pelo que, numa primeira fase da conversa, pretende expulsar dali tão importunas personagens — Hermes e, sobretudo, Pluto. Por fim, lá o convencem com um argumente imbatível: deve aceitar ser novamente rico, pelo menos para fazer morrer de inveja todos os aduladores de outros tempos.

Assim, Tímon vê reforçada a sua opção de vida longe dos homens. Se, reduzido à condição de trabalhador rural assalariado, tinha todas as razões para ser *misantropo*, agora, novamente rico, poderia odiar a Humanidade com um espírito de vingança muito mais eficiente: se antes era um misantropo pobre, agora era um misantropo rico. E logo ali redige um decreto aplicável a si próprio, nos precisos termos dos demais decretos, mas, na circunstância, dotado de uma graça inultrapassável pela inverosimilhança das cláusulas: §§42-44.

Mal correu a notícia de que Tímon tinha achado um tesouro, logo acorreu a chusma dos antigos bajuladores. Ao vê-los ao longe, pensa em corrê-los à pedrada, para a depois se recolher pacatamente na sua solidão, aliás, nos termos do decreto acima aludido. No entanto, uma vez sem exemplo, e para que fiquem ainda mais humilhados, resolve recebê-los um por um e dar a cada um deles a devida lição e, mais... fisicamente, o merecido correctivo. É deste ponto em diante (§§45-57) que se situam os saborosos diálogos com quatro "exemplares" das suas antigas relações.

Para não alongar a obra com mais personagens individualmente apresentadas (o que acabaria por tornar-se enfadonho), Luciano usa o velho truque, fazendo Tímon dizer (§57):

> *"Mas que é isto? Vem aí uma chusma de gente: aquele ali, o Blépsias, e Laques, e Gnífon, enfim, toda a tropa dos queixosos, de modo que... Porque não subir a este rochedo e, dando um pouco de descanso à minha enxada já de há muito estafada, porque não apanhar o maior número possível de pedras e mandar-lhes, lá de cima, com uma granizada?".*

Não chegaria a ser preciso, pois a turba dispersa-se... mas, mesmo assim, corrida à pedrada...

(Página deixada propositadamente em branco)

TÍMON OU O MISANTROPO

(Página deixada propositadamente em branco)

Personagens do diálogo:

Tímon, Zeus, Hermes, Pluto, Pobreza, Gnatónides, Filíades, Démeas, Trásicles, Blépsias

1. TÍMON — Ó Zeus, [protector] da amizade, da hospitalidade, do companheirismo, lançador do raio, [guardião] dos juramentos, ajuntador das nuvens, [Zeus] tonante, ou com qualquer outro nome que te atribuam os poetas assarapantados pelo raio[6] — principalmente quando se vêem em dificuldades métricas, pois nesse caso, ao tomares múltiplos nomes, sustentas o fecho do metro e preenches o vazio do ritmo[7] —, onde estão agora o teu clarão estrondoso[8], o teu trovão ribombante e o teu raio ardente, brilhante e aterrador? Sim, tudo isso se revelou, afinal, uma balela e fumo puramente poético, para além do fragor das palavras. Essa tua arma tão celebrada, de tão longo alcance e sempre à mão, não sei lá como, extinguiu-se por completo, ficou fria, não conserva sequer uma centelha de cólera contra os malfeitores.

2. Uma pessoa que se preparasse para cometer perjúrio, mais facilmente temeria um pavio [já apagado] de véspera, do que a chama do raio "omnipotente"[9]. Sim, dá a impressão de que lanças sobre essas pessoas apenas um tição, de modo que elas não temem nem o fogo nem o fumo daí proveniente, mas cuidam que o único mal que recebem é ficarem cobertas de fuligem.

---

6 "assarapantados pelo raio" é tradução literal, mas tem também o sentido de "que perdeu o juízo por ter sido atingido por um raio", desatinado...

7 De facto, a possibilidade de variar os diversos epítetos facilitava bastante a construção do verso.

8 O adj. *erismáragos* (ἐρισμάραγος) aplica-se propriamente ao trovão... embora por vezes pareça que o estrondo vem directamente do clarão. De toda a maneira, os antigos distinguiam entre *astrapḗ* (ἀστραπή) "clarão", "relâmpago", e *keraunós* (κεραυνός) "raio", que entendiam como um objecto concreto e sólido, uma lança em fogo.

9 Em tradução mais chegada, "que tudo domina", termo épico (Ilíada e Odisseia), também usado por Sófocles.

Foi por isso que Salmoneu[(10)] se atreveu a imitar o teu trovão — e [olha que] não foi assim tão pouco inconvincente, esse homem ardoroso que se pavoneava de [ser capaz de] afrontar um Zeus de cólera frouxa —. E como não [se atreveria], quando tu estás adormecido como sob o efeito da mandrágora[(11)], de modo que não ouves os perjuros nem vês os malfeitores, mas [pelo contrário] estás todo remeloso, tens vista curta para o que se passa [entre os humanos] e tens orelhas moucas como as dos velhos.

3. Quando eras ainda jovem, irascível e no máximo da tua cólera, aplicavas grandes castigos às pessoas injustas e violentas, e nunca lhes davas tréguas, mas, pelo contrário, o teu raio estava sempre activo, a tua égide[(12)] sempre agitada, o trovão ribombava e o raio era constantemente arremessado, como numa escaramuça antes da batalha[(13)]; os sismos pareciam uma peneira[(14)], a neve era aos montes, o granizo (para te falar em termos vulgares) era como pedras, as chuvas eram impetuosas e violentas, cada gota era um rio; e tão grande foi o destroço, no tempo de Deucalião, que tendo perecido afogadas todas as pessoas, só conseguiu escapar, aportando ao [cume] Licoreu[(15)], uma arca — centelha da semente humana, conservada para gerar maior iniquidade.

4. Portanto, estás a colher, da parte dos homens, o fruto proveniente da tua negligência, pois já ninguém te oferece sacrifícios nem te coroa, a não ser, talvez, alguém que venha

---

[10] Percebe-se, pelo contexto, que Salmoneu foi um humano orgulhoso, que cometeu o pior dos excessos, que consistiu em querer imitar os imortais. Assim, construiu uma estrada de bronze, para que o seu carro de rodas de cobre, ao passar a toda a velocidade, produzisse o ruído do trovão; ao mesmo tempo, lançava á direita e à esquerda fachos acesos, para imitar o raio. Foi fulminado por Zeus...

[11] Planta da família das solanáceas, droga estupefaciente e soporífera, também usada em feitiçaria.

[12] A égide é, propriamente, uma pele de cabra, mas a palavra tem geralmente o sentido de "escudo de pele de cabra" e, mais especificamente, o escudo de Zeus (também usado por outras divindades); feito com a pele da cabra Amalteia e ornamentada de serpentes ou com a cabeça de Medusa, era uma poderosa arma de defesa e de ataque.

[13] Quer dizer: lançavam-se setas ou dardos antes da luta corpo-a-corpo.

[14] Alusão óbvia, não à rede da peneira, mas ao seu movimento.

[15] Licoreu, um dos cumes do Parnaso.

aos Jogos Olímpicos, e mesmo esse com o ar de fazer uma coisa não muito necessária, mas só para cumprir um uso antigo.(16) Dentro de pouco tempo, verão em ti, ó mais nobre dos deuses!, um outro Crono, excluído das honrarias. E já nem falo das muitas vezes em que saquearam o teu templo; alguns puseram mesmo as mãos sobre ti próprio em Olímpia, e tu, o 'altitonante'(17), nem sequer te dignaste despertar os cães ou chamar os vizinhos, os quais, acorrendo aos teus brados [de socorro], poderiam apanhá-los ainda no acto de entrouxar os artigos para [em seguida] se porem em fuga. Mas não: Tu, o valentão, o 'Exterminador dos Gigantes', o 'Vencedor dos Titãs', ficaste ali plantado e deixando que te rapassem os cabelos[18], mesmo segurando tu na mão direita um raio de dez côvados(19).

Então, quando é que tu, espantoso [deus], deixarás de olhar tão desleixadamente para esta situação? Quando é que punirás tamanha injustiça? Quantos Faetontes(20) e quantos Deucaliões serão precisos para atacar tantas e tamanhas insolências no mundo?

---

[16] Tudo isto, e mais o que vem imediatamente a seguir, reflecte a verificação de Tímon (de Luciano, afinal!), de que a velha religião estava em nítida decadência. Na verdade, Luciano ataca, noutras obras, muitos aspectos absurdos do ritual e da mitologia, mas também é certo que a religião greco-romana sofria, nesta época, forte concorrência das religiões orientais, de mistério e salvação.

[17] O epíteto *hüpsibremétēs* (ὑψιβρεμέτης) ocorre em Homero, Hesíodo, sendo, pois, fortemente poético; em latim, Énio e Cícero vertem esse composto, elemento por elemento, por *altitonans*, raiz *altitonant-*, donde o port. (por via erudita, é claro) *altitonante.*

[18] Os cabelos da estátuas eram feitos de fios de ouro, pelo que não escapavam à rapina dos ladrões.

[19] O côvado equivalia a ± 0,50 cm, pelo que na estátua de Zeus em Olímpia o raio teria cerca de 5 metros... mas parece que Luciano confundiu com outra estátua, pois o Zeus representado em Olímpia tinha na mão direita a Vitória (Níkē), e na esquerda uma águia.

[20] Faetontes ... Deucaliões, quer dizer, episódios como o de Faetonte e o de Deucalião. Em resumo: Faetonte, filho de Hélio (o Sol), pediu ao pai que o deixasse conduzir o seu carro, mas fê-lo com tanta imprudência e tanto desacerto, que só não pegou fogo a todo o Universo, porque Zeus, em desespero de causa, o fulminou com o seu terrível raio; quanto a Deucalião, trata-se do episódio seguinte: Zeus, não podendo suportar por mais tempo a soberba e a injustiça dos homens, resolveu provocar um dilúvio universal, que exterminou a raça humana, só poupando Deucalião e sua esposa Pirra... etc... etc...

5. Mas, deixando de lado os factos gerais, refiro somente os que me dizem respeito. Ora, tendo eu elevado às alturas tantos atenienses, tendo-os transformado, de paupérrimos que eram, em pessoas ricas, e tendo eu socorrido todos os indigentes, e sobretudo tendo eu espalhado a minha enorme fortuna em benefício dos meus amigos, logo que, por esse facto, fiquei pobre, deixaram de me conhecer, e nem sequer olham para mim aqueles que até então se mostravam submissos, se prosternavam diante de mim e ficavam suspensos do meu gesto de cabeça; pelo contrário, se por acaso, quando vou pela rua, encontro algum desses, é como se fosse uma coluna de um antigo defunto, caída e virada ao contrário pelo tempo: passam adiante, e nem sequer a lêem. Outros, ao avistarem-me de longe, desviam-se por outro caminho, considerando que seria um espectáculo funesto e de mau agoiro, ver assim um homem que, não há muito tempo, havia sido o seu salvador e o seu benfeitor.

6. Foi assim que eu, vencido pela desgraça, me virei para este campo no fim do mundo[21], e, vestido com uma pele [de cabra], cultivo a terra por um salário de quatro óbolos, filosofando com a solidão e com a minha enxada. Aqui, julgo gozar de uma vantagem, que é a de não esperar ver muitas pessoas bem-sucedidas, mas sem o merecerem, pois é isso a coisa mais penosa.

Vamos, pois, ó filho de Crono e de Reia, sacode esse teu sono profundo e doce — realmente, já estás a dormir durante mais tempo que Epiménides[22] —, sopra sobre o teu raio[23], ou reaviva-o com o fogo do Etna; depois provoca um incêndio enorme, com o que patentearias uma cólera digna de um Zeus viril e juvenil... a menos que seja verdade o que de ti e do teu túmulo contam os Cretenses[24].

---

[21] "campo no fim do mundo", é só uma palavra, *eskhatiá* (ἐσχατιά), que significava, na Ática, uma propriedade *afastada* da cidade, junto do mar ou no sopé de um monte.

[22] Epiménides é uma figura, parece que real, mas rodeada de lendas: teria vivido 157 (ou 299) anos, 57 dos quais em sono ininterrupto.

[23] "sopra ... ou reaviva...": percebe-se que o raio pode não estar ainda completamente apagado, pelo que bastará avivar a chama; caso contrário, será preciso reacendê-lo...

[24] Os Cretenses mostravam orgulhosamente o túmulo de Zeus... o que, rigorosamente, e num sentido inesperado, quereria dizer que Zeus estava...

7. ZEUS — Ó Hermes, quem é aquele fulano ali a grasnar, do lado da Ática, junto do Himeto, no sopé do monte, todo encardido, imundo e vestido com uma pele [de cabra]? Creio que está curvado, a cavar [a terra]. É um tipo palrador e muito atrevido, talvez seja um filósofo, pois de outro modo não proferiria palavras tão ímpias contra nós.

HERMES — Que é lá isso[25], meu pai? Então não reconheces Tímon, filho de Equecrátides, do demo de Colito? Este é o tal que nos obsequiava com sacrifícios perfeitos[26], que até há pouco tempo era rico[27], o tal das hecatombes inteiras[28], em casa de quem costumávamos celebrar sumptuosamente as Diásias[29].

ZEUS — Mas que mudança! Esse tal, o belo, o rico, sempre rodeado de tantos amigos?! Que é que lhe aconteceu para ficar assim, todo mirrado, miserável, um cavador, um assalariado, ao que parece, empunhando uma enxada tão pesada?

8. HERMES — Dir-se-ia que a sua bondade é que o arruinou, bem como a sua filantropia e a sua compaixão para com todos os necessitados, mas, para falar verdade, [o que o arruinou] foi a sua loucura, a sua ingenuidade e a sua falta de discernimento na escolha dos amigos, pois não se apercebia de que estava a fazer bem a corvos e a lobos, mas antes, o

---

isso mesmo: *morto*! Luciano, muito céptico em relação à mitologia, põe essa sugestão na boca de Tímon.

25 Tradução literal, igualmente possível, mas menos coloquial: "Que estás a dizer...?".

26 Um sacrifício "perfeito" era aquele que seguia escrupulosamente todas as complexas normas rituais e era feito com uma vítima sem defeito e que obedecia a outras características. Os ofertantes nem sempre podiam ou se dispunham a cumprir todo esse ritual.

27 A palavra grega, um composto, é *neóploutos* (νεόπλουτος), que, ao contrário do que nos pareceria, não significa "novo-rico", mas sim "recém-rico", ou seja, "que até há pouco tempo era rico".

28 Uma hecatombe era um "sacrifício de 100 bois", o que não deixava de representar uma enorme despesa... O texto grego tem "hecatombes inteiras" em acusativo, mas sem verbo, o qual poderia subentender-se: "o tal que *nos oferece* hecatombes inteiras"; mas a verdade é que não está lá o verbo, pelo que optei por interpretar a expressão como sendo um "acusativo de modo", ou "de relação"....

29 As Diásias eram festas em honra de Zeus, celebradas em Atenas.

desgraçado, com o fígado a ser devorado por tantos abutres, tinha-os por amigos e companheiros, que só por bondade[30] para com ele gozavam da carninha [que ele lhes dava]. Eles, porém, depois de desnudarem os ossos e devorarem [a carne] à volta, a ver se ainda havia um pouco de medula, que chuparam muito cuidadosamente, debandaram, deixando-o seco[31] e cortado pela raiz; deixaram de conhecê-lo e de olhar para ele — para quê? —, de o socorrer e de lhe darem algo como paga [dos benefícios recebidos]. Foi por isso, e por vergonha, que ele abandonou a cidade, se fez cavador e se vestiu com uma pele [de cabra], como estás a ver, e trabalha a terra por um salário, amargurado com as injustiças, pois aqueles que agora estavam ricos devido aos seus favores, passavam sobranceiramente por ele, sem sequer saber se ele se chamava Tímon.

9. ZEUS — No entanto, o homem não merece ser desprezado nem desconsiderado, pois é com toda a razão que fica indignado e se sente infeliz. Ora, nós procederemos de maneira igual à desses malditos aduladores, se nos esquecermos de um homem que queimou nos nossos altares tantas e tão gordas pernas de touros e de cabras (ainda tenho nas narinas esse odor). Todavia, por falta de vagar e pelo muito tumulto que provocam os perjuros, os violentos e os ladrões, e ainda por cima com receio dos saqueadores de templos (estes são em grande número e difíceis de vigiar, pelo que não me deixam pregar olho nem por um instante)... [por tudo isto] há já muito tempo que nem sequer olho para a Ática, sobretudo desde que a filosofia e as disputas verbais imperam entre os Atenienses. Quando eles se digladiam e berram uns com os outros, não é possível ouvir as preces, de tal modo, que tenho de tapar os ouvidos e ficar parado, ou então ser esmagado por eles, a dissertarem sem parar, e em altos gritos, a respeito de uma tal *virtude*, sobre os *incorporais* e outras balelas. Foi por isso que sucedeu não termos[32] dado atenção a este homem, que não é pessoa sem mérito.

---

[30] "bondade", era o que o ingénuo pensava, não é termo da responsabilidade de Hermes!

[31] Em vez de "seco", poderíamos traduzir por "teso", mas então perdia-se a imagem do *árvore seca e cortada pela raiz*".

[32] Note o plural "majestático" = "não ter dado atenção".

10. No entanto, ó Hermes, leva contigo o Pluto[(33)] e parte a toda a velocidade até junto do homem. Que Pluto leve consigo o Tesouro[(34)], fiquem ambos junto de Tímon e não se afastem dele com facilidade[(35)], mesmo que ele, por amabilidade, vos expulse de casa. Quanto a esses aduladores e à ingratidão que eles demonstraram para com ele, verei isso outro dia e receberão o [devido] castigo, assim que eu tiver mandado consertar o raio, pois as suas duas pontas maiores ficaram quebradas e rombas, quando outro dia o lancei um pouco mais rijamente contra o sofista Anaxágoras, que queria convencer os seus discípulos de que nós, os deuses, não somos nada[(36)]. Mas falhei o golpe, pois Péricles cobriu-o com a sua mão, e então o raio desviou-se e, tendo atingido[(37)] o Anaceu[(38)], incendiou-o, e o próprio raio por pouco que não se quebrou contra a pedra. Bem, mas, nestas circunstâncias, já será um castigo suficiente para esses [aduladores], ao verem Tímon podre de rico[39].

11. HERMES — Que boa coisa esta, berrar alto, ser incomodativo e insolente! É uma coisa útil, não só para os advogados, mas também para os que fazem preces [aos deuses]. Vede o Tímon, que, por ter clamado e falado desbragadamente na sua prece, e por ter, deste modo, chamado a atenção de Zeus, passou, num

---

[33] Pluto é o deus da riqueza, ou a Riqueza personificada. Não dá jeito verter por Riqueza, devido à diferença de género, o que, em certos casos, provoca dificuldade. De resto, Pluto é representado, umas vezes como um jovem com uma cornucópia na mão, e outras vezes como um homem cego, que, por isso mesmo, distribui a riqueza indistintamente por bons e maus.

[34] O Tesouro: mais uma ideia personificada.

[35] "com facilidade", como Pluto fez de outra vez, quando Tímon era rico e a expulsou de sua casa, depois de ter distribuído todos os seus bens...

[36] "não somos nada" pode ter dois sentidos: "não temos qualquer influência na vida humana e no Universo", ou "não existimos". Anaxágoras, nascido em Clazómenas c. 500 a.C., ensinava que a entidade criadora do Universo era a Inteligência, o *Noûs* (Νοῦς), o que excluía a intervenção dos deuses. Foi mestre de Péricles (a que se faz referência a seguir), de Eurípides e de Empédocles, e teve influência sobre o jovem Sócrates, que depois se desiludiu das suas doutrinas. Anaxágoras foi — *naturalmente* — acusado de impiedade, pelo que teve de fugir para Lâmpsaco.

[37] "desviou-se e, tendo atingido" é um só verbo: *paraskḗptō* (παρασκήπτω).

[38] O Anaceu, *Anakeîon* (Ἀνακεῖον) é o templo dos Ánaces, *Ánakes* (Ἄνακες) "Senhores", ou seja, os Dioscuros: Castor e Pólux...

[39] É claro que o grego não diz "*podre* de rico", mas "super-rico": *hū̓perploutoûnta* (ὑπερπλουτοῦντα). Não escrevi **hiper-rico*, a fim de evitar um composto híbrido (elemento grego + elemento latino)...

instante, de paupérrimo a pessoa riquíssima. Se se mantivesse calado, curvado a cavar a terra, ainda estaria a cavar, sem que fizessem caso dele.

PLUTO — Ó Zeus, eu não gostaria de ir para junto dele...

ZEUS — Mas porquê, ó Pluto, se fui eu que to ordenei?

12. PLUTO — Porque... por Zeus![40], ele [em tempos] ofendeu-me[41], pôs-me na rua, desfez-me em pedaços[42], mesmo sendo eu amigo de seu pai, e expulsou-me de casa como [se o fizesse] com uma forquilha, ou como os que sacodem a brasa das mãos. O quê? Voltar lá outra vez, para ser entregue aos parasitas, aos aduladores e às prostitutas? Ó Zeus, envia-me antes àqueles que irão deliciar-se com a dádiva[43] e rodear-me de atenções, para os quais eu serei digno de honrarias e muito desejado... e que esse tolo[44] fique com a Pobreza, já que a prefere a nós[45], que receba dela uma pele [de cabra] e uma enxada, e se contente, o coitado, com ganhar quatro óbolos, deitando fora, displicentemente, presentes de dez talentos[46].

---

40 Não deixa de ter alguma graça o facto de Pluto, na resposta a Zeus, usar a expressão interjectiva *Por Zeus!*

41 "ofendeu-me, pôs-me na rua, desfez-me em pedaços": em grego, os verbos estão no imperfeito, com o sentido de "[quando eu vivia em sua casa,] ele costumava ofender-me, pôr-me na rua, desfazer-me em pedaços", "muitas vezes ofendia-me...".

42 "desfez-me em pedaços", i. é, "esbanjou-me": Há na expressão grega uma mistura de "riqueza" = dinheiro", e "Riqueza" personificada.

43 Os manuscritos têm uma lição que significa "sentirão (= apreciarão) o (valor do) presente". Embora o sentido seja mais ou menos o mesmo, devo dizer que a emenda moderna é bastante plausível...

44 "esse tolo...": o texto tem o pl. "esses tolos...", com os verbos, naturalmente, também no plural; mas é evidente que se trata especificamente de Tímon. Para "salvar" o texto dos manuscritos, só poderemos entender "esse tolo (e todos os outros tolos)...". Note que o vocábulo *láros* significa, propriamente, "gaivota"; em sentido figurado, "voraz" ou (para ficarmos nas aves) "gavião" ou "abutre"; num sentido figurado mais afastado (parece que mais raro:), pôde significar "louco", "tolo". Mesmo para os leitores daquele tempo, havia que recorrer ao contexto, que exclui o sentido de "voraz"... pelo contrário: "... que fique com a Pobreza...".

45 "nós", plural majestático.

46 O talento não existiu nunca como moeda: era aquilo a que chamamos "moeda de conto" (como o nosso *conto de réis* = um milhão de réis, do tempo da monarquia). Um (1) talento era, pois, um valor elevadíssimo, pois valia 60 minas (um cavalo de raça valia 12 minas); 1 mina = 100 dracmas; 1 dracma = 6 óbolos. Feitas as contas, Tímon, que ganhava, como assalariado rural, 4 óbolos (por dia), poderia, se desse ouvidos a

13. ZEUS — Tímon não se comportará contigo dessa maneira, pois a enxada já lhe ensinou (a não ser que tenha uns rins[47] insensíveis), que deve preferir-te à Pobreza... Mas pareces-me demasiado descontente, ao acusares Tímon pelo facto de ele te escancarar as portas e te deixar circular livremente, sem nunca te ter aferrolhado e sem ter ciúmes. Ora, noutro tempo, tu, pelo contrário, irritavas-te contra os ricos, dizendo que eles te mantinham encerrado, com trancas, chaves e aposição de selos, de tal forma, que te era impossível espreitar para a luz [do dia]. Então lamentavas-te junto de mim dessa situação, dizendo que sufocavas em tamanha escuridão. Por isso é que tu nos parecias amarelento e cheio de preocupações, com os dedos recurvados devido ao hábito de contar [dinheiro], e ameaçando fugir dali para fora, caso apanhasses uma ocasião. Numa palavra, parecia-te sumamente terrível esta coisa de, à semelhança de Dánae, seres mantido virgem[48] numa câmara de bronze ou de ouro, à guarda de [dois] vigilantes[49] severos e extremamente perversos: o Juro e o Cálculo.

14. Por isso, afirmavas que esses indivíduos, exageradamente apaixonados por ti, procediam de maneira absurda, porquanto, podendo usufruir da tua pessoa, não ousavam [fazê-lo], nem tiravam proveito desse amor com toda a liberdade, pois eram os teus donos, mas, pelo contrário, estavam

---

Pluto, receber um tesouro no valor de 10 talentos, ou seja, feitas as contas, 360.000 óbolos... *somente* 90.000 vezes mais do que o seu salário diário, ou, por outro ponto de vista, 90.000 dias de trabalho rural.

[47] A palavra do texto não significa o órgão chamado *rim*, mas sim "flanco", zona das costas à altura dos rins...

[48] "seres mantido virgem...", etc., é linguagem metafórica aplicada a Pluto, não a Dánae, cuja história se resume: Acrísio, rei de Argos, não podia ter filhos varões, mas um oráculo profetizou que sua filha Dánae havia de ter um filho que o mataria. Então Acrísio encerrou a filha numa câmara subterrânea, sem qualquer contacto com o mundo exterior. Como, porém, 'ninguém foge ao seu destino', Zeus conseguiu penetrar no quarto de Dánae, disfarçado de gotinhas de ouro. Do encontro nasceu um menino, Perseu... etc..., que acabou por matar acidentalmente o avô: no lançamento do disco, acertou no pé de Acrísio, provocando-lhe um ferimento que (para que o oráculo se cumprisse!) se revelou mortal.

[49] "vigilantes": o texto grego diz *paidagōgós* (παιδαγωγός), que não tem o sentido do moderno *pedagogo*, mas significa, literalmente, "que leva o menino" (à escola, ao ginásio...); neste caso, aplicado a Pluto, é um simples vigilante ou guarda.

sempre despertos e a vigiar-te, fixando o selo e a tranca, sem sequer piscar os olhos, e considerando um gozo suficiente, não o facto de eles próprios terem a possibilidade de gozar, mas sim não deixar que ninguém participasse desse gozo, tal qual o cão[50] numa estrebaria, o qual nem come cevada, nem deixa que o cavalo esfomeado a coma. Além disso, fartavas-te de rir das pessoas que poupavam e guardavam [o dinheiro], e que — coisa estranhíssima — tinham ciúmes [até] de si mesmas, ignorando que um maldito de um criado ou um patife de um despenseiro se escapava sorrateiramente para ir embebedar-se, deixando o maldito e detestável patrão velando pelos juros, curvado sobre uma mortiça e minúscula candeiazinha[51] e um sequioso paviozinho. Como não considerar injusto o facto de tu, antigamente, criticares tal procedimento, e agora acusares Tímon do contrário?

15. PLUTO — Em todo o caso, se examinares bem a verdade, verás que eu tenho razão em proceder de ambas as maneiras. De facto, aquela excessiva prodigalidade de Tímon poderá, sem dúvida, parecer-te um acto de desconsideração e não amistoso para comigo. Mas, por outro lado, aqueles que me mantêm encerrado em cofres[52], me conservam na escuridão e cuidam de mim, para que eu me torne mais grosso, mais gordurento e mais volumoso, sem nunca me tocarem e sem me levarem para a luz [do dia], para não ser visto por ninguém, a esses considerava-os eu estúpidos e arrogantes, porquanto, sem eu lhes ter feito qualquer mal, deixavam-me para ali agrilhoado, a apodrecer, sem se aperceberem de que em breve partiriam, deixando-me a qualquer outro felizardo.

16. Portanto, eu não louvo nem estes últimos[53], nem os outros, os que são muito pródigos comigo, mas sim os que

---

[50] O texto diz "a cadela", mas é de notar que, em grego, o feminino usa-se como termo genérico, pelo que é forçoso traduzir pelo masculino. Cf. port.: *Vai ali um gato!* (pode muito bem ser uma *gata*!); mas: *Vai ali uma gata* (já não pode ser um *gato*).

[51] "candeiazinha... paviozinho": são mesmo diminutivos.

[52] O texto suscita dúvidas ao editores modernos; em vez de "encerrado em cofres", alguns entendem "encerrado com portas [duplas]"...

[53] A sequência *ekeínous... toútous* (ἐκείνους... τούτους), numa sequência que retoma uma sequência imediatamente anterior, significa, não "aqueles (os primeiros)... estes (os últimos ou segundos)", mas o contrário:

(como é o melhor) usando de moderação nesta matéria, nem me têm absolutamente afastado [de tudo], nem me esbanjam por completo. De facto, ó Zeus, se um homem, por Zeus![54], tendo desposado legalmente uma mulher jovem e formosa, logo a seguir não a vigiasse e não se mostrasse absolutamente nada ciumento, deixando-a ir, de noite ou de dia, para onde ela quisesse, bem como ter relações com todos que a desejassem, ou, mais ainda, se ele próprio a induzisse a cometer adultério, abrindo a sua porta, fazendo-a prostituir-se e convidando todos a procurá-la, será que um tal [marido] ama [a sua mulher]? Tu, pelo menos, ó Zeus, não poderias afirmar tal coisa, tu que estiveste muitas vezes apaixonado[55].

17. Por outro lado, se um homem, tendo recebido legalmente em sua casa uma mulher de condição livre, com o fim de gerar filhos legítimos, se nem se aproximar dessa jovem na força da juventude e muito bela, e se nem sequer permitir que outro homem a veja, mas a mantiver aferrolhada, intacta, sem filhos, estéril — como seria possível não nos parecer que um tal homem, mesmo que afirme que está apaixonado [pela sua esposa] e que isso seja visível pela palidez do rosto, pela magreza do corpo e pelas profundas olheiras, [afinal] está louco, porquanto, podendo ter filhos e fruir [dos prazeres] do casamento, deixa murchar uma moça tão linda e tão amorosa, sustentando-a durante toda a vida, como se ela fosse uma sacerdotisa consagrada a [Deméter] *Tesmóforo*?[56] Cá por mim,

---

"estes (os últimos ou segundos)... "aqueles (os primeiros)". Alguns tradutores vão pela interpretação que parece mais "óbvia", pelo que traduzem: "... não louvo nem *aqueles*, nem *estes*, os que me têm sempre debaixo de mão" (ou seja, "oprimido). Vem a dar na mesma... mas não é a mesma coisa.

[54] Note-se a repetição de *Zeus* como vocativo e *Zeus* como interjeição, para efeitos jocosos.

[55] Não estou a ver em que é que a larguíssima (mas diferente) experiência de Zeus o habilitaria a pôr-se no lugar dos maridos mais que complacentes...

[56] Nas festas dedicadas a Deméter (as Tesmofórias), participavam *exclusivamente* mulheres casadas, obrigadas a não terem relações com os maridos nos últimos três dias, o que não se coaduna bem com a comparação do nosso texto. Sabemos que, mesmo na época romana, as sacerdotisas de Deméter (Ceres) eram gregas, e os rituais celebravam-se em grego. Deduz-se do texto que as sacerdotisas estavam (pelo menos) relativamente isoladas e eram sustentadas pelo Estado. Também parece que, contrariamente às outras participantes no culto, a sacerdotisa estaria sujeita à castidade por toda a vida...

fico indignado com tudo isto: ser vergonhosamente escoiceado, devorado e sugado por uns, e ser posto a ferros por outros, como [se fosse] um escravo fugitivo marcado a ferro(57).

18. ZEUS — Mas porque te irritas com eles? Sim, ambas os tipos de pessoas já estão a sofrer uma bonita punição: uns, como o Tântalo, [agora] privados de bebida e de comida, com a boca seca, estavam [em vida] sempre de boca aberta [curvados] para o seu ouro; outros, como Fineu, vêem a comida ser-lhes arrebatada da goela pelas Harpias. Mas parte imediatamente, que irás encontrar um Tímon bastante mais ajuizado.

PLUTO — Mas será que ele, finalmente, deixará de tentar esvaziar-me a toda a pressa, como de uma cesta toda esburacada, antes de eu ter sido completamente vertido, no intuito de prevenir uma enxurrada, não se desse o caso de eu, tendo caído dentro e enchendo [o cesto] até transbordar, o submergisse? Desse modo, até pareceria que eu estava a verter água para dentro do tonel das Danaides, tentando enchê-lo, mas em vão, pois o fundo não retinha a água, mas, pelo contrário, o líquido que nele se lançava, saía antes — quase diríamos — de nele entrar, tão largo era o buraco do tonel, e tão desimpedida a saída [do fundo].

19. ZEUS — Pois bem: Se Tímon não tapar esse buraco e ele ficar definitivamente(58) escancarado, tu bem depressa te escaparás do tonel, enquanto ele facilmente achará de novo a pele [de cabra] e a enxada nas borras do tonel. Mas ide(59) imediatamente e enriquecei o homem. E tu, Hermes, não te esqueças de, no regresso aqui, trazeres os Ciclopes lá do Etna, para que eles afiem e consertem o raio, pois brevemente vamos(60) precisar dele aguçado.

20. HERMES — Vamos, Plutão. Mas que é isso? Estás a coxear? Nunca notei, meu valentão, que tu és não só cego, mas também coxo.

---

57 A marcação com um ferro em brasa consistia em dois Φ Φ na testa, clara referência ao subst.-adj. *phügás* (φυγάς, com maiúsc.: ΦΥΓΑΣ) "fugitivo".

58 Há aqui uma certa dificuldade no estabelecimento do texto, o que dará uma de duas traduções: "de uma vez por todas", "definitivamente", ou "uma só vez (que seja)".

59 "ide... enriquecei...": Zeus dirige-se a Pluto e a Hermes.

60 "vamos": plural majestático = "vou".

PLUTO — Nem sempre sou assim, ó Hermes, mas, sempre que vou a casa de alguma pessoa, mandado por Zeus, não sei lá porquê, sou vagaroso e coxo de ambas as pernas, de modo que, quando chego, penosamente, ao termo [da viagem], algumas vezes aquele que me espera já está muito velho; quando, porém, tenho de me afastar [das pessoas], verás que tenho asas muito mais rápidas que as dos Sonhos(61): mal caiu a corda(62), já eu estou a ser proclamado vencedor, tendo percorrido o estádio sem que, algumas vezes, os espectadores me vejam.

HERMES — Não é verdade isso que estás a dizer, pois seria capaz de te citar muitos que ainda ontem não tinham sequer um óbolo para comprar um cordel(63), e que hoje, subitamente, ficaram ricos, mesmo opulentos, que se deslocam em carros puxados por uma parelha de cavalos brancos(64), e que nunca tinham possuído sequer um burro. E no entanto, andam por aí vestidos de púrpura, com anéis de ouro nos dedos, sem que eles próprios acreditem que a sua riqueza é um sonho.

21. PLUTO — Isso é outra coisa, Hermes, pois, em tal caso, eu não me dirijo a esses pelos meus próprios pés, nem é Zeus que me manda até eles, mas sim Plutão, na qualidade de "dispensador de riqueza" e "munificente" que também ele é, como se vê pelo próprio nome(65). Efectivamente, sempre que eu tenho de mudar da casa de uma pessoa para a casa de outra,

---

61 Outros lêem "... que as das aves". Embora sem argumento decisivo, prefiro ler "Sonhos", por estes serem nitidamente mais rápidos que os pássaros... como se vê pela sequência... Os antigos representavam o Sonho, personificado, provido de asas, tal como Hermes...

62 Trata-se da corda posta a meia altura na linha de partida, que era baixada para se dar início à corrida.

63 "cordel": pode haver uma associação à corda acima mencionada, mas a principal conotação refere-se a uma corda com um nó corrediço, que servia para apanhar pássaros, ou... para a pessoa se enforcar. Com esta (possível) conotação, pretenderia Hermes referir-se a uma pessoa tão pobre, que nem sequer tinha uma corda para se enforcar,,, Será?

64 "que se deslocam ..." (até ao fim da frase): o texto grego é muito mais sintético, lit.te "que se deslocam sobre uma biga branca", sendo que *biga* é um carro puxado por uma parelha de cavalos (mas não só), os quais, esses sim, não a biga, é que são brancos.

65 Os Gregos estabeleciam uma relação etimológica entre o substantivo *ploûtos* (πλοῦτος) "riqueza" e uma das designações do deus dos Infernos, *Ploútōn* (Πλούτων), pelo que, no nosso texto, Pluto se refere a Plutão como *ploutodótēs* (πλουτοδότης) "dador de riqueza".

transferem-me metido num testamento, cuidadosamente selado e levado num transporte[66]. E enquanto o morto jaz estendido num qualquer canto escuro da casa, com os joelhos cobertos com um lençol velho, disputado pelos gatos[67], os que puseram as suas esperanças em mim esperam-me na praça pública, de bocas abertas, como os filhotes da andorinha a chilrearem pelo regresso da mãe.

22. Quando o selo é retirado, o fio de linho é cortado e é aberto o testamento e proclamado o meu novo dono (quer seja um parente, ou um bajulador, ou um criado debochado, muito querido desde os tempos de rapaz[68], e ainda agora com a barba rapada, que recebeu, o valentão, um elevado pagamento pelos muitos e variados prazeres que, mesmo fora da idade, havia prestado ao seu amo), esse tal, qualquer que ele seja, agarra em mim e desata a correr, levando-me juntamente com o testamento; depois, muda de nome e, em vez de Pírrias, ou Drómon, ou Tibio, passa a chamar-se Mégacles, ou Megabizo, ou Protarco, deixando os outros de boca aberta, para nada, e a olharem uns para os outros, em verdadeiro luto, como um atum que, depois de engolir não pouca quantidade de isco[69], lhes fugisse do fundo da rede.

23. Então o homem, inculto e grosseiro, atira-se impetuosamente a mim, ele que ainda estremece diante dos grilhões, e que ainda fica de orelhas arrebitadas, se, por outro motivo, passa alguém que faça estalar um chicote, e que venera o moinho[70] como se este fosse o Anáctoro[71]; tornou-se insuportável para quem encontra, insulta as pessoas livres e chicoteia os [antigos] companheiros de escravidão, só para ver se pode praticar um tal acto... até que cai em poder de uma putéfia qualquer, ou

---

66 Pluto explica muito bem porque é que não vai “pelos próprios pés”. No caso de herança, o enriquecimento pode, de facto, ser súbito...

67 O vocábulo *galê* (γαλῆ) também pode significar “doninha”...

68 Referência à pederastia.

69 O isco representa, na comparação, os presentes e favores com que, ao longo do tempo, tentavam influenciar o sentido do testamento.

70 Os grilhões, o chicote e o moinho fazem-no recordar a sua ainda muito recente condição de escravo.

71 O texto grego diz *tò anáktoron* (τὸ ἀνάκτορον, ou, com maiúsc., τὸ Ἀνάκτορον), ou seja, o artigo definido aponta para *determinado* templo de um deus, ou deusa, a quem pode chamar-se *Ánax* (Ἄναξ), ou *Ánassa* (Ἄνασσα).

se mete a criar cavalos, ou se entrega a bajuladores que juram que ele é mais belo que Nireu, mais nobre que Cécrope ou que Codro, mais prudente que Ulisses, mais rico que dezasseis Cresos juntos... e então, num ápice de tempo, o desgraçado dissipa tudo o que fora pouco a pouco acumulado(72), à custa de perjúrios, roubalheiras e vilanias.

24. HERMES — Sim, as coisas passam-se mais ou menos como tu dizes. Mas... quando tu vais pelo teu próprio pé, como é que, cego como és, achas o caminho? E como é que reconheces aqueles a quem Zeus te manda ir e que ele considera dignos de enriquecer?

PLUTO — Cuidas que eu acho [o caminho ou que reconheço] quais é que são [dignos]?(73) Nada disso, por Zeus! Se assim fosse, eu não teria abandonado Aristides(74), para ir ter com Hiponico e com Cálias, e com muitos outros atenienses que não valem sequer um óbolo.

HERMES — Mas então como é que tu procedes, quando és mandado ir lá abaixo?

PLUTO — Ando ao acaso... para cima, para baixo, vagueio até que, sem saber, topo com alguma pessoa. Essa pessoa, seja quem for que me encontra, leva-me para sua casa, mantém-me lá, e... dá graças a Hermes pelo inesperado do ganho.

25. HERMES — Nesse caso, Zeus está a ser enganado, cuidando que tu, segundo as ordens que ele entendeu dar-te, enriqueces aqueles que ele julga dignos de enriquecer?

PLUTO — E é muito bem feito, meu caro, porquanto ele, sabendo que eu sou cego, me manda procurar uma coisa assim tão difícil de achar e desde há muito tempo desaparecida deste mundo, e que nem Linceu acharia com facilidade essa coisa tão indistinta e tão pequena. Ora, uma vez que os bons são poucos, e que os maus, em grande maioria, ocupam todo o espaço nas

72 "pouco a pouco acumulado"... por aquele de quem herdou...

73 Julgam alguns editores que falta aqui uma linha, que o editor da "Loeb" preenche da maneira como se indica com os parênteses rectos. Na verdade, trata-se de uma sugestão nada segura, pelo que melhor seria interpretar *o que está nos manuscritos*.

74 Aristides, seu tio Hiponico e o filho deste, Cálias, pertenciam à mais alta nobreza ateniense dos tempos da batalha de Maratona. Enquanto seu tio e seu primo continuaram ricos, Aristides, que era um modelo de honestidade, acabou na miséria, e os seus filhos eram sustentados pelo Estado.

cidades, é mais fácil que eu, na minha deambulação, tope com estes e seja apanhado por eles.

HERMES — Mas então como é que [se explica que], quando os deixas, corres com tanta ligeireza, sem veres o caminho?

PLUTO — É que então, de certo modo, eu fico com a vista penetrante e os pés ligeiros, mas só durante o tempo da fuga.

26. HERMES — Ora responde-me a mais esta pergunta: Como é que tu, sendo cego — sim, é ponto assente — e, além disso, amarelado(75) e tardo de ambos os pés, tens tantos adoradores, de tal modo que todos olham para ti e se consideram felizes por te possuírem, mas, se te perderem, acham que já não suportam viver. Sim, conheço alguns desses, e não poucos, que estavam tão loucamente apaixonados por ti, que se lançaram *"no profundo abismo por monstros habitado"*, ou *"de escarpadas fragas"*(76), por cuidarem que tu os olhavas sobranceiramente, quando tu nem sequer os vias. Ora, bem sei que tu, se te apercebes da tua figura, poderás concordar que são loucos varridos aqueles que ficam desvairados com um tal ser amado.

27. PLUTO — Cuidas tu que eles me vêem tal qual eu sou, coxo, cego e com quantos mais defeitos tenho?

HERMES — E como não, ó Pluto!... a não ser que também eles sejam cegos?!

PLUTO — Ó Hermes, eles não são cegos, mas a Ignorância e o Engano, que nos dias de hoje reinam em todo o mundo, escurecem-lhes a vista. Além disso, eu próprio, a fim de não me apresentar completamente disforme, ponho uma máscara sedutora, ornada de ouro e de pedras preciosas, visto-me de cores garridas e apresento-me assim às pessoas. Então estas, cuidando estar a ver a autêntica beleza da minha face, apaixonam-se por mim e morrem se não me obtiverem. Mas se alguém me desnudasse completamente e lhes mostrasse a

---

75 "amarelado", ou "pálido": referência à cor do ouro, mas também à cor do rosto, que também seria motivo (juntamente com os motivos anterior e seguinte) para afastar eventuais amantes.

76 Partes de versos (175 e 176) do poeta elegíaco Teógnis (2ª metade do séc. VI a.C.). Traduzo todo o conjunto (vv. 173-178): *"A pobreza, ó Cirno, subjuga o homem de bem, muito mais que todos os outros males,/ muito mais que a velhice de cabelos brancos, muito mais que a febre tremente./ Há que fugir dela, [nem que seja preciso] lançarmo-nos no profundo abismo por monstros habitado,/ ou então, ó Cirno, de escarpadas fragas."*

minha pessoa [tal qual ela é], é evidente que se censurariam por terem uma visão tão curta e por ficarem apaixonados por coisas tão desagradáveis e tão desengraçadas.

28. HERMES — Mas porque é que essas pessoas, agora a conviverem com a própria riqueza, e tendo, também elas, colocado uma máscara, ainda se deixam enganar e, se alguém tentar arrancar-lha, mais facilmente perderiam a cabeça do que a máscara? Realmente, não é nada natural que eles desconheçam que a tua beldade é só pintura, pois tais pessoas vêem tudo o que está por baixo.

PLUTO — Não são poucos, ó Hermes, os motivos que militam nesse sentido em meu favor.

HERMES — Que motivos?

PLUTO — Sempre que alguém me encontra pela primeira vez, me abre a sua porta e me introduz [em sua casa], penetram nela, juntamente comigo e sorrateiramente, o Orgulho, a Loucura, a Presunção, a Luxúria, a Insolência, o Dolo e milhares de outros vícios como estes. Com o espírito dominado por todos estes vícios, admira o que não deve admirar, procura o que deve evitar, adora-me como pai de todos esses males que lhe entraram em casa e que são meus satélites, e sofreria fosse o que fosse, de preferência a deixar-me escapar.

29. HERMES — Ó Pluto, como tu és liso, escorregadio, difícil de apanhar e fugidio, sem ofereceres uma pega segura, mas, não sei lá como, escapas-nos através dos dedos como as enguias ou as serpentes. A Pobreza, pelo contrário, é peganhenta e fácil de agarrar, pois possui inúmeros ganchos que lhe saem de todo o corpo, de modo que aqueles que dela se aproximam ficam imediatamente presos e não são capazes de se libertar facilmente. Mas... no meio desta nossa tagarelice, esquecemo--nos de uma coisa muito importante.

PLUTO — Que coisa?

HERMES — Que não trouxemos connosco o Tesouro, de que temos muitíssima necessidade.

30. PLUTO — Lá por isso, fica tranquilo: quando subo até junto de vós, deixo-o sempre na Terra, recomendando-lhe que fique dentro de casa, que feche bem a porta e não abra a ninguém, a não ser que me oiça chamá-lo.

HERMES — Ora então, dirijamo-nos imediatamente para a Ática. E tu segue-me, agarrado à minha clâmide(77), até eu chegar à quinta(78).

PLUTO — Fazes bem em me conduzir pela mão, ó Hermes, pois, se me largares, irei extraviar-me e topar com algum Hipérbolo(79) ou algum Cléon. Mas... que barulho é este, como que de ferro contra pedra?

31. HERMES — É aqui o nosso Tímon que está cavando uma terrinha aqui perto, muito acidentada e pedregosa. Oh! A Pobreza está junto dele, bem como o famoso Trabalho, e a Perseverança, e a Sabedoria, e a Coragem, enfim, a enorme multidão de todos quantos servem às ordens da Fome, e que são muito melhores que os teus satélites(80).

PLUTO — Ó Hermes, porque é que não nos afastamos daqui a toda a velocidade? Realmente, não seríamos capazes de fazer nada de jeito com um homem rodeado de um tal exército.

HERMES — Zeus entendeu doutra forma; não sejamos cobardes.

32. POBREZA — Aonde conduzes este fulano, ó Argifontes?(81)

HERMES — Fomos enviados por Zeus para junto aqui de Tímon.

POBREZA — O quê? Vir agora Pluto para junto de Tímon, que eu recebi muito maltratado pela Luxúria, que entreguei à Sabedoria e ao Trabalho, que fiz dele um homem de carácter e de muito mérito? Será que eu, a Pobreza, vos pareço assim tão desprezável e tão injuriável, que possa ser espoliada do único bem que possuía, precisamente um homem que eu eduquei para

---

77 A clâmide era uma capa militar, que consistia num pano rectangular, dobrado em quadrado, com uma entrada para a cabeça numa das pontas do quadrado, de modo que a outra ponta pudesse ser traçada e presa com um agrafo. Era, especificamente, a veste típica de Hermes.

78 A palavra *eskhatiá* (ἐσχατιά), significava, na Ática, uma propriedade *afastada* da cidade, junto do mar ou no sopé de um monte.

79 Hipérbolo e Cléon: dois demagogos ridicularizados por Aristófanes.

80 V. §28, última fala de Pluto: "...o Orgulho, a Loucura, a Presunção, a Luxúria, a Insolência, o Dolo e milhares de outros vícios como estes...".

81 Epíteto de Hermes, *Argeiphóntēs* (Ἀργειφόντης) "Matador de Argo", port. *Argifontes*. Argo (melhor que *Argos*] era um gigante de cem cabeças; além de muitas façanhas, foi, a certa altura, à ordem da ciumenta Hera (esposa de Zeus) o severo guardador de Io (novilha e formosa moça...). O epíteto de Hermes, *Argifonte*, diz tudo...

a Virtude, para agora Pluto pegar nele, entregá-lo nas mãos da Insolência e da Soberba, igual ao que era antigamente, e, depois de o tornar efeminado, ignóbil e insensato, devolvê-lo novamente a mim, mas já coberto de farrapos?

HERMES — Foi assim, ó Pobreza, que Zeus determinou.

33. POBREZA — Eu retiro-me. E vós, Trabalho e Sabedoria, bem como todos os outros, segui-me. Este homem em breve saberá que entidade ele vai agora abandonar — uma boa companheira, mestra de virtudes, com cuja convivência se tornou saudável de corpo e forte de espírito, vivendo uma vida de [autêntico] homem, concentrado na sua pessoa e considerando os bens excessivos e abundantes aquilo que eles são: impróprios [da sua pessoa].

HERMES — Já estão a retirar-se. E nós aproximemo-nos do homem.

34. TÍMON — Quem sois vós, ó malditos? Com que propósito vindes a este lugar, incomodando um homem laborioso e assalariado? Ide-vos daqui, patifes todos vós, mas não [ireis] a rir, que agora mesmo vos atiro com torrões e pedras, que vos esmago.

HERMES — Não atires, ó Tímon, de modo nenhum; na verdade, estarias a atirar a humanos, pois eu sou Hermes, e este aqui é Pluto. Foi Zeus quem nos enviou, atendendo às tuas preces. Aceita, pois, de bom grado a fortuna e larga o trabalho.

TÍMON — De toda a maneira, ireis amargá-las, e já, mesmo sendo deuses, como vós dizeis. É que eu odeio toda a gente, tanto homens como deuses... E aqui a este cego, seja ele quem for, parece-me que também lhe vou quebrar a cabeça com esta enxada.

PLUTO — Ó Hermes, vamos já daqui embora, por Zeus!, que o homem parece que está de muito mau humor... a ver se não vou daqui maltratado.

35. HERMES — Ó Tímon, não cometas essa loucura(82), mas antes põe de lado esse teu humor rústico e rude, estende

---

82 Lit.te: "Não (façais) nada (de) louco"; o adj. *skaiós* (σκαιός) significa, propriamente, "que está do lado esquerdo", podendo aplicar-se, por exemplo, a aves que surgem desse lado, pelo que são *agoirentas*; assim, o adj. também significa "agoirento"; numa derivação mais avançada,

ambas as mãos e recebe a sorte grande[(83)], fica novamente rico, torna-te o primeiro dos Atenienses e olha sobranceiro para os tais ingratos e sê afortunado, mas só tu[(84)].

TÍMON — Não preciso de vós para nada, não me apoquenteis. Esta enxada é para mim riqueza bastante e, quanto ao resto, sou completamente feliz, se ninguém de mim se aproximar.

HERMES — Dito assim tão cruamente, meu caro?

Irei dizer a Zeus esta palavra,|| tão cruel e violenta?[(85)]...

... E no entanto, era natural que tu, depois de sofrer tantos ultrajes da parte dos homens, te tornasses, sim, *misantropo*[(86)], mas de maneira nenhuma *misóteo*[(87)], quando os deuses te tratam tão bem.

36. TÍMON — Mas eu estou-te sumamente agradecido, ó Hermes, bem como a Zeus, pelo vosso bom tratamento... mas aqui o Pluto, esse, não o aceito.

HERMES — Então porquê?

TÍMON — Porque, noutro tempo, ele foi para mim a causa de mil desgraças: entregou-me ao bajuladores, atraiu [sobre mim] conspiradores, suscitou ódios [contra mim],

---

significa "desastrado", "louco". No nosso texto, Hermes pede a Tímon que não cometa uma —traduzo extensivamente— *loucura sacrílega e de mau agouro*, por ser cometida contra divindades.

[83] "a sorte grande", embora sugira fortemente a nossa "taluda", é uma expressão próxima do texto grego, que diz "boa sorte".

[84] A ideia é: "goza, só tu, da tua fortuna (sem a companhia desses ingratos)".

[85] Ilíada, XV, 202. Procurei uma tradução métrica: 10 sílabas + 7 sílabas, com cesura.

[86] "misantropo" é exactamente a palavra grega *misánthrōpos* (μισάνθρωπος), lit.[te] "que odeia os homens"; o contrário *philánthrōpos* (φιλάνθρωπος) "que ama os homens". V. nota seguinte: *"misóteo"*.

[87] O gr. *misótheos* (μισόθεος), lit.[te] "que odeia os deuses", parece só ocorrer antes em Ésquilo (*Agamémnon*, 1090), onde parece significar "odiado dos deuses"; mas aqui, a palavra, com sentido activo-transitivo (como, de resto, é mais natural) constitui o 2º elemento do par: *mis-ánthrōpos* "que odeia os homens"/ *mis-ó-theos* "que odeia os deuses". Para port. só passou *misantropo*, mas, a fim de manter o jogo de palavras, introduzi o *meu* neologismo *misóteo*... que já o era praticamente no tempo de Luciano.

corrompeu-me com delícias e expôs-me à inveja. Por fim, porém, dum momento para o outro, abandonou-me de maneira desleal e traiçoeira. Foi então que a minha querida amiga Pobreza me exercitou nos trabalhos mais viris, me falou com verdade e com franqueza, me proporcionou o necessário [à vida], desde que eu me esforçasse, me ensinou a desprezar muitos desses bens [de outrora], fez que as minhas expectativas de vida dependessem de mim próprio, mostrou-me qual era o meu [verdadeiro] *pluto*(88), que não poderia ser-me arrebatado nem por um bajulador carinhoso, nem por um sicofanta(89) ameaçador, nem por um povo exacerbado, nem pelo voto de um membro da Assembleia do Povo(90), nem por um tirano intriguista.

37. Robustecido, pois, pelo trabalho, cultivando laboriosamente este campo, sem assistir a nenhum dos vícios [que reinam] em plena cidade(91), retiro da minha enxada o necessário e suficiente para o meu sustento. Portanto, ó Hermes, volta pelo mesmo caminho e devolve Pluto a Zeus. A mim, bastar-me-ia

---

88 "o meu *pluto*", i. é. "a minha riqueza": é claro que Tímon opõe *ploûtos* "riqueza" a *Ploûtos* "(o deus) Pluto". Creio que não havia outra maneira de manter o jogo...

89 Repito uma nota a *A Dupla Acusação*, § 13, "sicofanta": *Sicofanta* era o indivíduo que promovia uma acção judicial contra outro, um delator, que, muitas vezes, fazia desse processo um modo de vida, pois, no caso de o réu ser condenado, uma parte dos bens deste revertia para o acusador. Este, no entanto, caso não obtivesse pelo menos 1/5 dos votos, arriscava-se a apanhar uma multa de 1000 dracmas e a sofrer outras penalizações de natureza cívica. Muitas vezes, o sicofanta apenas fazia chantagem, levando a vítima a entregar-lhe determinada quantia, só para se livrar de aborrecimentos. Para os gregos, a palavra tinha origem numa antiga proibição de exportar figos, *sûka* (σῦκα) para fora da Ática, etimologia que hoje não é universalmente aceite; mas o que é certo é que o termo *sicofanta* estava carregado dum sentido muito negativo, algo como o port. *bufo* ou, noutro sentido, *chantagista*.

90 "pelo voto de um membro da Assembleia do Povo": o grego diz, lit.te: "*nem um ekklēsiastḗs* tendo votado"; *ekklēsiastḗs* é um "membro da *ekklēsía*"" esta é a "assembleia do Povo".

91 O texto diz *en ástei* (ἐν ἄστει); o *ástü* (ἄστυ) era, propriamente, "a cidade fortificada", "a parte fortificada da cidade", logo, "o centro da cidade", 1º elemento de composto, com o sentido que traduzi por "em plena cidade". O termo geral, que se refere à cidade toda (e até alguns arredores), é *pólis* (πόλις)...

uma coisa: que Zeus pusesse todos os homens a lamentar-se, sem distinção de idade[92].

HERMES — De maneira nenhuma, meu caro! Na verdade, nem todos os homens merecem lamentar-se. Deixa lá essas raivas e essas infantilidades, e recebe o Pluto, pois *"não devem ser rejeitados | os dons provindos de Zeus"*[93].

PLUTO — Queres que eu, ó Tímon, me justifique perante a tu pessoa? Ou vais ficar zangado se eu falar?

TÍMON — Sim, fala, mas não te alongues nem metas um exórdio à maneira dos ruins oradores. Desde que fales pouco, estou disposto a suportar-te, mas só por consideração aqui pelo Hermes.

38. PLUTO — Talvez eu devesse responder também[94] longamente ao extenso discurso de acusação que tu fizeste. No entanto, vê lá se eu, como tu afirmas, te ofendi em alguma coisa, eu que fui o autor de todos os teus prazeres mais agradáveis: honrarias, direito de precedência[95], coroas[96] e todas as demais delícias, enfim... devido a mim, eras considerado, celebrado e muito solicitado. E se sofreste alguma coisa com os bajuladores, eu estou isento dessa culpa, mas principalmente eu é que tenho razão de queixa de ti, pois me entregaste tão desonrosamente a tipos infames, que te elogiavam e te cativavam, e que tramavam ciladas de toda a maneira contra mim. Por fim, afirmavas que eu te tinha atraiçoado, mas, pelo contrário, eu é que poderia acusar-te de me rechaçares de toda a maneira e me expulsares de casa de cabeça para a frente. Por isso é que, em vez de um macio manto [de lã], a honorável Pobreza te traz vestido com uma pele [de cabra]. E aqui o Hermes é testemunha de que eu rogava a Zeus que não me enviasse para junto de ti, que te havias comportado comigo de modo tão desagradável.

39. HERMES — Mas agora, ó Pluto, estás vendo como o homem se transformou; por isso, vai confiadamente viver com

---

92 "sem distinção de idade"; o gr. *hēbēdón* (ἡβηδόν) também pode significar "desde (*ou* na) puberdade"; também é possível interpretar "em massa".

93 Paráfrase de um verso da Ilíada: III, 65. Traduzi metricamente: 7 | 7.

94 "também" quer dizer: tão longamente como tu há pouco fizeste na tua acusação...

95 "direito de precedência", quer dizer: lugar de honra nos espectáculos...

96 "coroas": refere-se às coroas com que distinguiam alguém nos banquetes.

ele. Tu, [Tímon,] continua a cavar da mesma maneira; e tu, [Pluto,] encaminha o Tesouro para debaixo da enxada, que ele[(97)] obedecerá ao teu chamamento.

TÍMON — Bem, Hermes, há que obedecer e ficar novamente rico. Sim, que é que um homem pode fazer, quando os deuses o forçam a tal? Mas vê lá bem em que problemas me metes, desgraçado de mim, que, levando até agora uma vida felicíssima, assim de repente e sem ter feito mal a ninguém[(98)], estou prestes a receber tamanha fortuna e a suportar tantas e tamanhas preocupações.

40. HERMES — Aguenta, Tímon, por amor de mim, por muito penoso e intolerável que isso seja, só para que esses tais bajuladores rebentem de inveja... Bem, eu vou voando para o céu, mas primeiro tenho de passar pelo Etna[(99)].

PLUTO — Pronto, já se foi, segundo parece, pois deduzo apenas pelo ruído das asas. Tu, espera aí, que eu vou buscar-te o Tesouro. Ou melhor: Dá-lhe com força! *"Tu, Tesouro de oiro — sou eu que te chamo —, obedece aqui a Tímon e deixa-te apanhar."* Cava, Tímon, dá-lhe golpes profundos!... Bem, vou deixar-vos[100].

41. TÍMON — Vamos, minha enxada, sê-me forte e não te canses de invocar o Tesouro das profundezas para a luz do dia! Ó Zeus dos milagres! Ó queridos Coribantes![(101)] Ó Hermes lucrativo![(102)] Donde vem tanto ouro? Não será isto um sonho? Receio que, ao acordar, ache apenas carvão. Mas não: é mesmo oiro amoedado, amarelinho, pesado e extremamente agradável de se ver!

---

97 "ele": o Tesouro personificado (v. §10).

98 "sem ter feito mal a ninguém" ou "sem nenhuma culpa": Tímon considera o seu enriquecimento uma punição, para mais imerecida!

99 V. §19: "... não te esqueças de, no regresso aqui, trazeres os Ciclopes lá do Etna, para que eles afiem e consertem o raio...".

100 "vou deixar-*vos*: o plural refere-se a Tímon e ao Tesouro.

101 Os Coribantes eram sacerdotes da deusa Cíbele, executavam danças que levavam ao êxtase. É talvez a este aspecto que Tímon se refere, mas também pode haver uma ligação (pouco esclarecida) dos Coribantes aos metais...

102 Hermes (o Mercúrio romano) era, entre outros atributos, o deus do comércio e, naturalmente, dos negócios e do lucro.

Ó oiro, para os mortais || o mais belo dos presentes![103]

Sim, tu brilhas como um fogo resplendente, quer de noite quer de dia. Vem, queridíssimo e amantíssimo amigo! Agora já acredito que Zeus, uma vez, se transformou em oiro[104]. Na verdade, que moça não receberia de peito aberto um apaixonado tão belo que escorria pelo telhado?

42. Ó Midas![105] Ó Creso! Ó oferendas [do templo] de Delfos! Vós não sois nada comparados com Tímon e com a riqueza de Tímon, com o qual nem o [grande] rei dos Persas pode igualar-se.

Ó minha enxada! Ó minha queridíssima pele [de cabra]! É de toda a justiça que eu vos consagre a Pã[106]. Eu próprio vou já comprar todo este terreno e construir uma torre[107] sobre o local do tesouro, suficiente para eu habitar lá dentro, e determino que essa mesma torre seja o meu túmulo quando eu morrer.

Que fique decidido e decretado o seguinte[108]:

"Que até ao fim da minha vida, não tenha convivência com ninguém, não conheça ninguém e despreze todas as pessoas: amigo,

---

103 Verso de uma tragédia (perdida) de Eurípides. Tradução métrica: 7 || 7

104 Alusão à história de Dánae. Repito nota do § 13: Acrísio, rei de Argos, não podia ter filhos varões, mas um oráculo profetizou que sua filha Dánae havia de ter um filho que o mataria. Então Acrísio encerrou a filha numa câmara subterrânea, sem qualquer contacto com o mundo exterior. Como, porém, 'ninguém foge ao seu destino', Zeus conseguiu penetrar no quarto de Dánae, disfarçado de gotinhas de ouro. Do encontro nasceu um menino, Perseu... etc..., que acabou por matar acidentalmente o avô: no lançamento do disco, acertou no pé de Acrísio, provocando-lhe um ferimento que (para que o oráculo se cumprisse!) se revelou mortal.

105 Midas, rei da Frígia, recebeu de Dioniso (Baco) o dom de transformar em ouro tudo aquilo em que tocava; Creso, rei da Lídia, famoso pela sua riqueza colossal; Em Delfos, além do templo, que continha ricas oferendas, como escudos de ouro oferecidos após a batalha de Maratona, havia diversos edifícios mais pequenos, chamados "tesouros", onde se guardavam muitas e preciosas ofertas, *anathḗmata* (ἀναθήματα).

106 Pã, o deus cabreiro, que vivia no monte Parténio, na Arcádia, combateu ao lado dos Atenienses na batalha de Maratona, pelo que lhe foi oferecida uma gruta perto da Acrópole.

107 Essa torre ainda existia no tempo de Luciano, e é referida também pelo seu contemporâneo Pausânias. Situava-se perto da Academia, abaixo do túmulo de Platão.

108 O texto seguinte (entre aspas e em itálico) reflecte a linguagem jurídica habitual.

hóspede, companheiro, altar da Compaixão*, tudo balelas. Que ter dó de quem chora e socorrer quem necessita seja considerado violação da lei e dissolução dos costumes. Que eu leve uma vida isolado [de toda agente], e que tenha um único amigo: Tímon."*

43. *"Que todos os outros [homens] sejam considerados inimigos e conspiradores. Que o facto de contactar*[109] *com qualquer deles seja um miasma. Que o simples facto de ver alguém seja um dia nefasto; numa palavra, para nós*[110]*, que não difiram em nada de estátuas de pedra ou de bronze. Que nem sequer admitamos um embaixador da parte deles, nem com eles façamos tratados. Que este deserto seja uma fronteira que me separa deles; Que* membros de [uma mesma] tribo, de [uma mesma] fratria, [de um mesmo] demo, *e até a própria* pátria *sejam palavras frias e inúteis, ostentação de gente tola. Que Tímon seja rico e sozinho, que despreze todos os homens, que goze de delícias só para si, livre da lisonja e dos louvores de gente baixa. Que sacrifique aos deuses e lhes ofereça festins, mas sem companhia, vizinho e próximo só de si mesmo, longe dos outros (homens)*[111]*. Fique decidido de uma vez por todas que, quando estiver para morrer, dê o aperto de mão [de despedida] a si próprio e coloque a sua própria coroa*[112]."

44. "*E que* Misantropo *seja o mais doce de todos os nomes e sinal distintivo do seu carácter: mau génio, rudeza, grosseria, cólera, desumanidade. E se eu vir uma pessoa prestes a ser consumida pelo fogo e a pedir-me que apague [as chamas], que as apague com pez e azeite. E se o rio, no Inverno, arrastar uma pessoa, e esta me estender as mãos e me rogue que a segure, que eu a precipite de cabeça para baixo e a faça mergulhar, de modo que nem sequer possa vir à tona. Que recebam, deste modo, a justa punição."*

"Propôs esta lei Tímon, filho de Equecrátides, do demo de Colito; pô-la à votação da Assembleia [do Povo] o próprio Tímon."

---

[109] O verbo *prosomiléō* (προσομιλέω) tem as conotações de "contactar" e "conversar"...

[110] "para nós": plural majestático; um pouco adiante, ocorre o mesmo plural majestático com verbos (1ª p. pl.).

[111] Aqui o texto é duvidoso, mas a ideia parece clara; Admito a leitura (ou emenda moderna) ἐκὰς τῶν ἄλλων "longe dos outros (homens)".

[112] Ao aproximar-se a hora da morte, era costume os familiares darem ao moribundo o último aperto de mão e, depois de morto, porem-lhe uma coroa na cabeça. Tímon proíbe tudo o que inclua a presença de alguém.

Assim seja. Foram estas [cláusulas] que nos[113] aprouve [decretar]; cumpramo-las corajosamente.

45. Mas muito gostaria eu que tudo isto fosse de algum modo do conhecimento de toda a gente, ou seja, que eu estou imensamente rico. Este facto seria, para essas pessoas, uma [autêntica] corda [para se enforcarem]... Mas que é isto? Mas que correria! De toda a parte afluem pessoas cobertas de pó e ofegantes, trazidas, não sei lá como, pelo cheiro() do meu ouro. [Que fazer?] Subo a esta colina e, lá do alto, expulso-os atirando--lhes pedradas, ou transgrido, uma vez sem exemplo, esta tão boa lei, dirigindo-lhes a palavra, para que sofram ainda mais com o meu desprezo? Acho que é melhor desta última maneira. Portanto, recebamo-los já, a pé firme. Vejamos: Quem é este, que vem à frente de todos? [Oh!] É Gnatónides[114], o bajulador, que ainda outro dia, quando lhe pedi dinheiro emprestado, me ofereceu uma corda [para eu me enforcar], ele que [dantes] tinha vomitado em minha casa tonéis inteiros [de vinho]. Mas fez muito bem em vir: vai amargá-las primeiro que os outros.

46. GNATÓNIDES — Eu não dizia que os deuses não abandonariam Tímon, esse bom homem? Ora salve, meu caro Tímon, o mais belo dos homens, o mais agradável e o melhor companheiro de festins!

TÍMON — Salve também tu, Gnatónides, o mais voraz de todos os abutres e o mais safado dos homens!

GNATÓNIDES — És sempre o mesmo galhofeiro! Mas... onde está o banquete? Trago-te aqui uma canção nova, uns ditirambos[115] que aprendi ainda há pouco.

TÍMON — Hás-de cantar, sim, mas uma elegia[116], e bem patética, acompanhada por esta enxada.

GNATÓNIDES — Que vem a ser isto? Estás a espancar--me, ó Tímon? Vou arranjar testemunhas. Ó Héracles! Aaai!

113 "nos": plural majestático, tal como o verbo logo a seguir.

114 "Gnatónides": o nome verdadeiro era *Gnáton*, nome de conhecidos (ou convencionais) aduladores e parasitas, mas aqui chamado (pomposamente — imagina-se — pelo próprio, mas ironicamente por Tímon) *Gnatónides*.

115 Ditirambo eram cantos em honra de Dioniso (Baco); sobretudo nos banquetes, podia assumir um aspecto mais ou menos licencioso. V. a resposta de Tímon, logo a seguir.

116 "elegia": canto lírico, por vezes triste e até fúnebre; opõe-se aqui ao ditirambo.

Aaai! Vou processar-te para compareceres no Areópago por ofensas corporais.

TÍMON — Mas se te demorares um pouco mais, eu serei processado mas é por morte de homem.

GNATÓNIDES — Oh, não! Mas pelo menos cura este ferimento, espalhando-lhe por cima um pouco de oiro, que é um remédio tremendamente hemostático.

TÍMON — Ainda aí estás?

GNATÓNIDES — Já estou indo. Mas não hás-de ficar a rir-te, tu que eras tão amável e te tornaste um grosseirão.

47. TÍMON — Quem é este fulano que se aproxima, com aquelas entradas[117]? É Filíades, o mais infame de todos os bajuladores. Este tipo, que recebeu de mim todo um terreno e dois talentos[(118)] para dote de sua filha, como paga por me fazer um elogio, quando [uma vez] eu cantei e, perante o silêncio de todos, foi o único que me encheu de elogios, jurando que eu era mais melodioso que um cisne... [este tipo], quando outro dia fui procurá-lo pedindo-lhe ajuda, mal me viu doente, encheu-me de murros.

48. FILÍADES — Que grande pouca-vergonha! Reconheceis Tímon, agora? Será que Gnatónides é seu amigo e conviva? Portanto, este recebeu o justo castigo por ser tão ingrato. Eu[(119)], porém, seu amigo íntimo de há muito, seu companheiro de infância e do mesmo demo que ele, mesmo assim comporto-me com moderação, para que não pareça que o tomo de assalto... Salve, patrão[(120)]... Vê lá se te precatas desses malditos bajuladores, [teus amigos] só de mesa, mas, quanto ao resto, em nada diferentes dos corvos[(121)]. Hoje em dia, não se pode confiar em ninguém: são todos uns ingratos e uns malvados. Agora mesmo trazia-te um talento que pudesse servir-te nas primeiras

---

117 "fulano com... entradas": gr. *anaphalantías* (ἀαφαλαντίας), subst., significa "um indivíduo que começa a ficar calvo a partir da testa", aquilo a que em port. se designa por "entradas".

118 "dois talentos": v. nota a "talento", § 12, fim.

119 "Eu": O gr. usa o plural majestático "nós", que, neste caso concreto, não deu jeito traduzir à letra.

120 "patrão", gr. *despótēs* (δεσπότης), termo de reverência, de inferior para superior... É nítida a hipocrisia de Filíades.

121 Os vocábulos *kólax* (κόλαξ) "bajulador" e *kórax* (κόραξ) "corvo", são muito parecidas, e essa parecença é explorada pelo... bajulador...

necessidades, quando, no meio do caminho e já perto daqui, ouvi dizer que tu estarias rico, com uma fortuna colossal. Vim, pois, para te dar este conselho[122]. Tu, porém, sensato como és, talvez não necessites nada das minhas palavras, pois serias capaz de aconselhar até mesmo a Nestor[123] o que ele devia fazer.

TÍMON — Pois seja como dizes, Filíades... mas chega-te mais para cá, para eu te acarinhar com esta enxada.

FILÍADES — [Socorro,] cidadãos! Este ingrato quebrou-me o crânio por eu lhe aconselhar o que era do seu interesse.

49. TÍMON — Aí vem o terceiro, o orador Démeas, com um decreto na mão direita e dizendo-se nosso[124] familiar. Este fulano, que recebeu de mim, de uma só vez[125], dezasseis talentos[126] para pagar à cidade — pois tinha sido condenado e estava preso por falta de pagamento, mas eu, com pena dele, fiz que o soltassem —, quando, outro dia, calhou ser ele a distribuir o *teórico*[127] pela tribo Erecteide[128] e eu fui ter com ele e lhe pedi a parte que me cabia, disse que não me reconhecia como cidadão.

50. DÉMEAS — Salve, ó Tímon, benfeitor da [nossa[129]] família, baluarte de Atenas, escudo [protector] da Grécia! Há muito tempo que a Assembleia do Povo reunida, bem como ambos os Senados[130], estão à tua espera. Mas primeiro escuta o [teor do] decreto que eu redigi em teu favor:

---

122 "este conselho": dado imediatamente antes: "Vê lá se te precatas..." etc.

123 Nestor, rei de Pilo, que chegou a uma idade muito avançada, era o símbolo da sensatez e do bom conselheiro. Na bajuladora boca de Filíades, Tímon ultrapassava o velho rei em sensatez.

124 "nosso": plural majestático.

125 "de uma só vez", lit.te "num só dia": tratando-se de uma multa por condenação, o pagamento não podia ser feito em prestações.

126 Sobre o talento e o seu valor, v. nota a §12, fim.

127 O *theōrikón* (θεωρικόν) era a pequena quantia de dois óbolos distribuída aos cidadãos pobres, para pagarem a entrada nos espectáculos. Foi instituído por Péricles. Inicialmente, só valia para as Dionísias e as Panateneias, mas depois alargou-se a todas as outras festas públicas.

128 Luciano equivocou-se no nome da tribo, pois o demo de Colito, donde era natural Tímon (v. § 7, fala de Hermes) pertencia à tribo Egeide.

129 Entendo "nossa" e não "tua", pois foi dito acima que Démeas se dizia parente de Tímon.

130 "os dois Senados", ou seja, o Areópago e o Conselho dos Quinhentos".

"Considerando que Tímon, filho de Equecrátides, do demo de Colito, varão não só de elevada distinção[131]*, mas também judicioso como nenhum outro em toda a Grécia, durante longo tempo tem sempre continuado a prestar os melhores serviços à sua cidade, e que, além disso, foi vencedor no pugilato, na luta e na corrida em Olímpia, tudo no mesmo dia, e ainda na corrida de carros completa*[132]*, bem como na de parelha de cavalos..."*

TÍMON — Mas eu nunca fui sequer assistir [aos jogos] em Olímpia...

DÉMEAS — Que é que isso tem? Irás assistir mais tarde. É melhor acrescentar uma grande quantidade de tais façanhas, tais como:

"... e que no ano passado se bateu valentemente em Acarnas[133] *em defesa da sua cidade e desbaratou dois batalhões*[134] *de Peloponésios..."*

51. TÍMON — Como é isso? Na verdade, pelo facto de não possuir armas, nem ao menos me inscrevi na lista.

DÉMEAS — Falas de ti com muita modéstia, mas nós é que seríamos uns ingratos, se esquecêssemos [os teus serviços]....

"... Além disso, [considerando que] redigindo decretos, participando no Conselho e actuando como general, prestou grandes benefícios à cidade — por todos estes serviços, aprouve ao Conselho, ao Povo e aos Heliastas[135]*, bem como às tribos e aos demos em particular e a todos em conjunto, erigir uma estátua*[136] *de oiro a Tímon, ao lado de Atena, na Acrópole, com o raio na mão direita e [pequenos] raios*[137] *à volta da cabeça, e coroá-lo com sete coroas de oiro, e que a imposição dessas coroas seja proclamada hoje, durante as novas Dionisíacas*

---

131 "de elevada distinção" é uma das maneiras de verter o "escorregadio" conceito *kalòs kaì agathós* (καλὸς καὶ ἀγαθός), lit.te "belo e bom"...

132 "corrida de carros completa": a quadriga, cujo nome técnico era *tò téthrippon* (τὸ τέθριππον); a seguir, refere corrida de carros puxados por dois cavalos, ou seja, a "biga".

133 Acarnas era o maior demo da Ática, onde os Atenienses travaram rudes batalhas contra os Espartanos e seus aliados.

134 "... batalhões": Luciano (ou Démeas por ele) usa o termo espartano *móra* (μόρα); a *mora* era uma unidade de infantaria constituída por 400 ou 500 soldados (por vezes mais).

135 Os heliastas eram os membros do principal tribunal de Atenas, a seguir ao Areópago. Funcionava na para chamada *Heliaía* lit.te "exposta ao sol".

136 O verbo *anístēmi* (ἀνίστημι) já significa "erigir uma estátua", ainda que o complemento possa estar expresso.

137 "raio... raio": Não achei maneira de variar o *raio* das designações...

trágicas, pois as Dionisíacas devem ser hoje celebradas em sua honra. Apresentou esta proposta o orador Démeas, seu familiar muito próximo e seu discípulo, já que Tímon é excelentíssimo como orador e em tudo o mais que ele quiser."

52. Aqui tens o decreto... Também desejava trazer-te o meu filho, a quem pus o nome de Tímon, o teu nome.

TÍMON — Como é isso possível, ó Démeas, se tu não és casado... pelo menos que eu saiba?

DÉMEAS — Mas vou casar no próximo ano, se a divindade quiser, e terei um filho, e ao nascituro — pois será rapaz — ponho, desde já, o nome de Tímon.

TÍMON — Não sei se te casarás, meu caro, depois de apanhares um grande cachação(138), que te dou eu.

DÉMEAS — Ai de mim! Que vem a ser isto? Ó Tímon, [então agora] aspiras à tirania(139) e espancas os homens livres, quando tu próprio não és claramente um homem livre? Mas [deixa estar, que] em breve terás o [merecido] castigo, entre outras coisas, por teres incendiado a Acrópole(140).

53. TÍMON — Mas a Acrópole nunca foi incendiada, meu tratante; por isso, é manifesto que estás a caluniar-me(141).

DÉMEAS — Além disso, enriqueceste por teres arrombado(142) o *Opistódomo*(143).

TÍMON — Também este nunca foi arrombado, pelo que a tua acusação não é digna de crédito.

---

138 "cachação": o vocábulo grego significa um golpe ou uma pancada, em sentido geral, mas ver-se-á, adiante (§ 13) que o golpe é dado na zona do pescoço, *metáphrenon* (μετάφρενον).

139 Em certos períodos mais conturbados da democracia ateniense, a suspeita e a acusação de conspirar para instaurar a tirania era gravíssima...

140 As ameaças de Démeas a Tímon são nitidamente exageradas... mas isso fazia parte do "técnica" dos *sicofantas*, nome que Tímon lhe dá a seguir.

141 "caluniar": Tímon emprega o verbo *sükophantéō* (συκοφαντέω), lit.[te] "portar-se como um sicofanta", ou seja, caluniar uma pessoa e fazendo chantagem com ela, ameaçando levá-la a tribunal, caso não lhe pague... V. nota do § 36 (a *sicofanta*).

142 O verbo *diorǘssō* (διορύσσω) significa "perfurar" (uma parede...). Pelo menos no que respeita às casas comuns, os ladrões achavam mais fácil furar a parede, do arrombar a porta.

143 O *opistódomo*, como nome comum, significava as traseiras de um edifício ou de um templo. Em Atenas, chamava-se *Opistódomo* ao edifício do tesouro público, situado por detrás da Acrópole...

DÉMEAS — Mas vai ser arrombado mais tarde, e tu vais logo ficar na posse de tudo o que ele contém.

TÍMON — Ora toma lá mais um[144] [cachação].

DÉMEAS — Ai meu cachaço!

TÍMON — Pouco barulho, ou dou-te já um terceiro [cachação]. Sim, seria mesmo sumamente ridículo que eu, que não tenho armas, depois de desbaratar dois batalhões de Lacedemónios, não seja capaz de dar uma coça num único tipo maldito. Realmente, de nada valeria ter sido vencedor no pugilismo e na luta em Olímpia...

54. Mas... que é isto? Este fulano não é o filósofo Trásicles? Não é outro![145] Aí vem ele, com a sua barba desfraldada[146], as sobrancelhas arqueadas, todo empertigado e metido consigo mesmo, com o seu olhar de Titã[147], o cabelo eriçado e descaído para a testa, um autêntico Bóreas[148] ou um Tritão tal qual Zêuxis os pintou. Este fulano, de porte correcto, de andar modesto, e simples na maneira de traçar o manto, de manhã desenvolve mil e um[149] discursos sobre a virtude, invectivando os que se entregam ao prazer e elogiando a frugalidade, mas quando, depois do banho, vai cear, e o criado lhe traz uma taça[150] [de vinho] bem grande — gosta dele bem puro[151] —, é como se tivesse bebido água do Lete[152]: começa a proferir palavras diametralmente opostas às da manhã, lança-se

144 "mais uma", ou "mais outra" (bordoada)... a acrescentar à que levou antes (v. *supra*).

145 "Não é outro" é trad. literal; podia traduzir-se por "É ele mesmo".

146 "desfraldada", ou seja, longa, solta e esvoaçante...

147 "olhar de Titã" = "olhar feroz". Os Titãs eram gigantes que pretenderam escalara o Olimpo, a fim de depor Zeus, por quem foram fulminados.

148 Bóreas: o vento norte personificado; Tritão: deus marinho, filho de Posídon. Luciano (pela boca de Tímon) refere explicitamente uma ou mais telas do célebre pintor Zêuxis...

149 "mil e um": o gr. diz *müría* (μυρία), "dez mil", ou "muitíssimos"; é (em grego ou em português) a chamada numeração indeterminada.

150 "taça": o nome técnico destas taças era *kűlix* (κύλιξ), que, aportuguesado segundo a norma, daria *cílice*... mas não se usa; a tradução por *cálice* também seria aceitável. Enfim, trata-se de um recipiente de boca muito larga, com duas asas e um pé de diâmetro menor que o do círculo superior da taça.

151 Geralmente, bebia-se o vinho diluído com uma quantidade maior ou menor de água... com excepção dos beberrões, que o queriam puro da uva.

152 "Lete", rio do Hades (Inferno), o rio do "esquecimento": é esse o sentido do subst. abstracto *léthē* (λήθη), personificado em Λήθη.

primeiro que os outros sobre a comida, tal qual um milhafre, acotovela o vizinho [de mesa], com o queixo todo besuntado de molho, alambaza-se[153] que nem um cão, baixa a cabeça como se esperasse achar a virtude dentro das travessas, limpa cuidadosamente os pratos com o indicador, para não deixar nem um pedacinho de guisado, [→...]

55. sempre a queixar-se, mesmo que tenha ficado com todo o bolo[154] ou com o porco[155] só para si — coisa bem adequada à sua gulodice e à sua insaciedade —, bêbedo e desatinado pelo vinho, até ao ponto não só de cantar e bailar, mas também de ofender [as pessoas] e de se enfurecer. A juntar a tudo, discursos com fartura, de taça na mão, mas agora sim, especialmente sobre a moderação e a decência, e repetindo sempre a mesma coisa, em estado lastimável e com a voz ridiculamente entaramelada sob a influência do vinho puro. Depois, e em cima disto tudo, vá de vomitar. Finalmente, algumas pessoas pegam nele e transportam-no para fora da sala de jantar, agarrando--se com ambas as mãos à tocadora de flauta. Mesmo quando sóbrio, não cederia a ninguém o primeiro prémio da falsidade, do despudor e da avareza; também é o primeiro dos bajuladores, sempre pronto a jurar falso; o embuste é o seu guia, seguido pela desvergonha. Numa palavra, é algo[156] de muito sábio, rígido sob todos os aspectos e perfeito na sua variedade[157]. Por isso, bom como ele é, vai amargá-las não tarda muito... Mas... que é isto? Oh! É o nosso Trásicles, sempre atrasado.

56. TRÁSICLES — Eu não vim aqui, ó Tímon, pelos mesmos motivos que todos estes tipos, que, espantados com a tua fortuna, acorreram em massa, na esperança de [ganharem] prata, ou oiro, ou jantares sumptuosos, pelo facto de se mostrarem bajuladores de um homem como tu, tão simples

---

[153] "alambazando-se": há no verbo grego, *emphoroûmai* (ἐμφοροῦμαι) a ideia de "engolir sofregamente, em grandes quantidades e repetidamente".

[154] "bolo", gr. *plakoûs* (πλακοῦς): trata-se de um bolo chato, maior ou menor, mas destinado a ser distribuído às talhadas por várias pessoas.

[155] "porco" ou "javali", gr. *sûs* (σῦς); dado o exagero propositado, deve tratar-se mesmo de um porco (ou javali) inteiro, e não (como cheguei a supor) de uma perna de porco.

[156] "algo": o texto diz *khrêma* (χρῆμα), "uma coisa", mas a palavra aplica-se a... tudo, inclusivamente a pessoas...

[157] Nota-se bem a ironia...

e tão amigo de partilhar os seus bens. Sim, tu bem sabes como eu me contento com um jantar de pão de cevada, e que o condimento [para mim] mais agradável é o tomilho, ou o agrião, ou (uma ou outra vez, por luxo) uma pitada de sal. A minha bebida é a [da fonte] das Nove Bicas[158]. E este [pobre] manto[159] é melhor que qualquer um de púrpura. Na verdade, o ouro não me parece absolutamente nada mais precioso do que os seixos da praia. Foi por tua causa[160] que eu aqui vim, para que não te corrompa esta coisa malíssima e insidiosíssima que é a riqueza, a qual tantas vezes tem sido, para tantos, causa de irremediáveis desgraças. Se me desses ouvidos, deitarias decididamente ao mar toda essa fortuna, que não é necessária a um homem honrado e capaz de distinguir a riqueza, sim, mas a da filosofia. No entanto, meu caro, não a atires para muito fundo, mas mais ou menos à altura das virilhas e um pouco fora da rebentação, onde só eu [e ninguém mais] possa vê-la.

57. Mas se não quiseres assim, faz de outra maneira, e melhor: Leva rapidamente o dinheiro para fora de casa, e não deixes nem sequer um óbolo para ti próprio; depois, distribui-o por todos os necessitados, cinco dracmas a este, uma mina àquele, meio talento a outro... Se aparecer algum filósofo, é justo que leve uma soma dupla ou tripla. Quanto à minha pessoa — não peço para mim, mas para entregar aos companheiros necessitados —, basta que me ofereças este alforge cheio, que não leva dois medimnos eginéticos[161] completos. Ora, o filosofante deve contentar-se com pouco, ser moderado e não aspirar a nada para além do seu alforge.

---

158 "[fonte] das Nove Bicas": gr. *hē henneákrounos* (ἡ Ἐννεάκρουνος), fonte anteriormente chamada *Kallirróē* (Καλλιρρόη), "de bela corrente", a sudeste de Atenas. A adaptação canónica ao port. seria *Eneacruno*... que "soa mal"; já *Calírroe* (se ocorresse) é plenamente aceitável.

159 "[pobre] manto", gr. *tríbōn* (τρίβων) é um manto curto, de lã grosseira, usado pelos camponeses, por homens pobres em geral, e pelos filósofos, especialmente os cínicos.

160 "por tua causa"... não pelo teu dinheiro...

161 "eginéticos", ou seja, da ilha de Egina. O medimno ático equivale a 51,8 litros (mais tarde c. 59 litros): este valor variava de região para região. O medimno de Esparta equivalia a c. 74 litros. Julgo que o medimno de Egina era mais... pesado que o ático... De toda a maneira, um alforge de c. 100 litros cheio de moedas de ouro era uma boa quantia...

TÍMON — Louvo essas tuas palavras, ó Tímon. Portanto, se me permites, em vez do alforge, vou encher-te... mas é a cabeça de "galos", medidos com esta enxada.

TRÁSICLES — Ó democracia! Ó leis! Estou a ser espancado por este miserável... numa cidade livre!

TÍMON — Porque estás tão irritado, meu caro? Estou porventura a enganar-te na medida?[162]. Nesse caso, vou acrescentar mais quatro quénices[163] à medida... Mas que é isto? Vem aí uma chusma de gente: aquele ali, o Blépsias, e Laques, e Gnífon, enfim, toda a tropa dos queixosos, de modo que... Porque não subir a este rochedo e, dando um pouco de descanso à minha enxada já de há muito estafada, porque não apanhar o maior número possível de pedras mandar-lhes, lá de cima, com uma granizada?

BLÉPSIAS — Não atires, ó Tímon, que já nos vamos...

TÍMON — Pois sim, mas não sem efusão de sangue e sem ferimentos.

---

[162] Referência à fala anterior do mesmo Tímon, em que este diz que os "galos" são *medidos* com a enxada; agora pergunta se acha que está a ser enganado na medida; e volta imediatamente a seguir à ideia de *medida*.

[163] A quénice, gr. *khoînix, -kos* (χοῖνιξ, -κος) equivalia a c. 1 litro; portanto, 4 quénices representavam um pequeno contrapeso a juntar aos 2 medimnos (c. 103 litros), ou seja um aumento de 4%.

O MESTRE DE RETÓRICA

(Página deixada propositadamente em branco)

O Mestre de Retórica e a *Dupla Acusação* marcam (ou relatam) o momento em que Luciano abandona as lides judiciais e a retórica de aparato, que de há muito o decepcionavam profundamente. De facto, o homem que havia seguido um currículo duríssimo, com mestres severos e exigentes, que o obrigavam a leituras e vigílias física e intelectualmente esgotantes, assiste a uma degradação contínua do ensino, especialmente o da Retórica, ministrado por pessoas que, apercebendo-se de que os candidatos a oradores o que pretendiam era atingir fama e proveito em pouco tempo, proclamavam, numa competição feroz, métodos fáceis e rápidos, feitos de truques dirigidos à multidão ignorante. Em primeiro lugar, esses "mestres" dispensam completamente os estudos propedêuticos[164]. Numa caricatura algo exagerada, mas, por isso mesmo, redutível às devidas proporções, o guia do "caminho fácil" chega a dizer que o orador nem precisa sequer de saber escrever, e até é de toda a conveniência que não escreva os seus discursos, pois o que fica escrito compromete muito mais do que as palavras: estas voam, como diziam os Romanos: *uerba uolant, scripta manent,* "as palavras voam, os escritos permanecem"... ou vice-versa.... V. §14: *"...segue desde já sempre em frente, não hesites nem fiques apavorado por não teres sido iniciado em todos aqueles [mistérios*[165]*] preliminares da retórica, que o outro ensino propedêutico prescreve aos insensatos e imbecis, a poder de muito trabalho. Não, não precisarás de nada disso, mas antes* 'avança — *como diz o provérbio* — sem lavar os pés', *e nem sequer ficarás em desvantagem, se — coisa banal — nem sequer souberes escrever*[166]*, pois o orador está acima de tudo isso."*

É manifesto que Luciano não assume seriamente o método preconizado por este mestre e pelo guia do caminho fácil, mas

---

164 Apesar do aspecto "modernaço" do termo port. *propedêutico*, a palavra *propaideia* (προπαιδεία) "ensino preliminar", é de Luciano, mas, muito antes dele, já havia sido usada por Platão...

165 O verbo *proteléō* (προτελέω) "iniciar" tem o sentido técnico e religioso de "iniciar nos ritos de mistério"...

166 Esta ideia de que o orador nem sequer precisa de saber escrever é de um descaramento sem par; adiante (§20, final), o mestre de Retórica dirá mesmo que é absolutamente necessário não escrever os discursos: "N*unca escrevas [os teus discursos] nem venhas com eles já preparados, pois esse processo constitui uma prova segura [contra ti]*

o próprio processo da caricatura torna a sátira muito mais mordaz, dolorosa até mesmo para o... leitor moderno.

Além de dispensar o estudo aturado dos antigos (não só oradores e historiadores, mas também os poetas — Homero, os trágicos, etc.),—, um dos aspectos que mais nos escandaliza é o que se refere ao *indispensável* comportamento imoral dos oradores, pois isso faz parte da bagagem inicial. V. §15: *"Portanto, traz contigo a coisa mais importante [de todas]: a ignorância; depois o descaramento, e, a juntar a isto, atrevimento e despudor. Quanto ao pudor, ao bom senso, à modéstia e ao rubor, deixa-os ficar em casa, pois são inúteis e até contrários ao nosso objectivo. E [traz] também um vozeirão fortíssimo, uma declamação despudorada e um andar como o meu. Tudo isto é muito necessário e, por vezes, só por si suficiente. Quanto ao vestuário, que seja florido ou*[167] *branco, obra de fabrico tarentino, de modo que deixe transparecer o teu corpo; [calça] umas sandálias áticas de senhora, uma coisa com muitas aberturas, ou uns botins de Sícion a deixarem ver o forro branco; e [por fim] muitos acompanhantes*[168] *e sempre um livro*[169] *[na mão].*

"São estes os apetrechos com que tu deves contribuir."

O §23 é verdadeiramente arrepiante. A fim de dar ao leitor o "tom" de imoralidade adequado ao "excelente orador", lá vai:

> *"Quanto à tua vida privada, considera lícitos todos os actos: jogar, embriagar-se, ser libertino, cometer adultério — ou, pelo menos, gabares-te disso, mesmo que não pratiques —; mas di-lo a toda a gente, e mostra mesmo os bilhetinhos supostamente escritos por mulheres. Cuida da tua beleza física e preocupa-te com parecer que és muito pretendido pelas mulheres. As pessoas atribuirão tudo isso à Retórica, como se fosse daí que a tua aceitação chegou até aos gineceus. E mais: não tenhas vergonha de pareceres ser amado por homens, de uma das duas maneiras*[170]*, mesmo sendo tu barbudo e, por Zeus!, já careca: servem bem para este efeito os que contigo convivem, mas, caso não tenhas desses, os teus criados já bastam. De tudo isto resulta uma grande utilidade para a retórica, pois maior se torna a desvergonha e*

[167] Os manuscritos do grupo β têm "*e*" (καὶ), o que poderia entender-se "florido e (em fundo) branco.

[168] Estes "acompanhantes" (ἀκόλουθοι) eram criados, mas também os chamados, em latim, *clientes*...

[169] Não é bem um livro como os nossos, mas um rolo de papiro metido num cilindro de pergaminho, com a etiqueta do título à vista.

[170] Refere-se às duas formas de homossexualidade: activa e passiva. Nem todos os tradutores entendem deste modo... e alguns nem tentam traduzir a expressão *epì tô*$_i$ *hetérô*$_i$ (ἐπὶ τῷ ἑτέρῳ).

o atrevimento. Não vês como as mulheres são mais tagarelas e insultam de modo mais desmedido que os homens? Pois então, se procederes da mesma maneira, serás muito superior aos outros [oradores]. No entanto, deves depilar-te, de preferência em todo o corpo, mas, pelo menos, 'naqueles' sítios. Que a tua boca esteja aberta para o que quer que seja, e que a tua língua sirva não somente para falar, mas também para tudo o mais que ela possa fazer... e ela pode não apenas dizer solecismos ou barbarismos, ou desatinar, ou jurar falso, ou ultrajar, ou caluniar, ou mentir, mas também de noite ela pode servir para outras coisas, especialmente se não bastares para atender a todos os teus amores. Sim, que ela saiba fazer de tudo, que seja eficiente e não recue perante nada."

Resta dizer que os comentadores modernos admitem que este libelo foi concretamente dirigido a Júlio Pólux, que seria rival e concorrente de Luciano, especialmente como candidatos à educação de Cómodo, que muito cedo ocupou altos cargos e, também muito cedo, se tornou imperador, pelo que não seria pequena vantagem ser professor de tão importante personagem. Esta suposição é fortemente sugerida no §24 (notas a *Tmúis* e *Leda*).

Mesmo que tal suposição seja falsa, o que mais importa é considerar se Luciano tinha ou não tinha motivos para estar decepcionado com os caminhos que as coisas estavam levando, não só do ponto de vista do ensino em geral e da Retórica em especial, mas também em termos de corrupção, ignorância, irracionalidade, baixeza moral... e que mais?

(Página deixada propositadamente em branco)

O Mestre de Retórica

1. Perguntas-me, meu rapaz, como poderias tornar-te orador e ser digno de usar este tão venerável e honroso nome de *sofista*[(171)]. Afirmas que a tua vida seria impossível, se não fosses capaz de impregnar os teus discursos de uma força tal, que fosses invencível, irresistível, admirado e contemplado por toda a gente, e considerado o orador mais procurado dos Gregos. E então, pretendes informar-te de quais são os caminhos que conduzem a esse objectivo. Não me recuso [a responder], moço, tanto mais que se trata de um jovem como tu, que aspira a coisas muito nobres, que não sabe onde consegui-las, e que, como tu agora, me vem pedir-me um conselho, que é coisa sagrada. Então escuta, porque, pelo menos no que estiver ao meu alcance, mas também com coragem [da tua parte], muito rapidamente ficarás um perito capaz de conhecer as regras necessárias e traduzi-las em palavras, desde que, de agora em diante, te disponhas a escutar os meus ensinamentos, a pô--los laboriosamente em prática e a percorrer corajosamente o caminho, até chegares ao seu termo.

2. É claro que este objectivo não é de pequena monta, e requer não pouco zelo, mas, pelo contrário, muito trabalho, muita vigília e capacidade de resistência. Repara quantos homens, que até certa altura não eram ninguém, ficaram célebres, ricos e, por Zeus!, nobilíssimos, devido ao seu talento oratório.

3. Mas não tenhas receio nem fiques desanimado com a grandeza das tuas expectativas, ao pensares nas inúmeras tribulações por que terias previamente de passar. Na verdade, não te conduziremos[(172)] por algum caminho fragoso e escarpado, onde te cobririas de suor, a ponto de, a meio caminho, esgotado de todo, quereres voltar para trás, pois [nesse caso] eu não seria diferente dos outros [mestres], que conduzem [os discípulos] pelo caminho usual, que é longo, sempre a subir,

---

[171] A palavra *sophistḗs* (σοφιστής), que, graças a Sócrates, Xenofonte, Platão... e aos próprios sofistas, ganhou um sentido fortemente pejorativo, adquire, no tempo de Luciano (2ª sofística) um grande prestígio: “sábio”, “instruído”, e, em particular e concretamente, “mestre de filosofia e de eloquência”, ou “eloquente”.

[172] “conduziremos”: plural chamado “majestático” = “conduzirei”.

penoso e desesperante. Ora, o que há de notável no nosso[173] conselho é o facto de tu, seguindo por um caminho ao mesmo tempo muito agradável e muito curto, transitável e levemente inclinado, proporcionando grande satisfação e prazer, através de prados floridos e de sombras espessas, com todo o vagar e compassadamente, sem te cobrires de suor, chegares ao cume e atingires sem canseiras [o objectivo]... e então, por Zeus!, festejarás reclinado à mesa, avistando lá do alto todos aqueles que tomaram o outro caminho, ainda ao fundo da ladeira, escalando rastejantes[174] e com dificuldade por esses abismos intransitáveis e escorregadios, precipitando-se de cabeça para baixo e, não raro, recebendo muitos ferimentos [ao baterem] contra pedras aguçadas, enquanto tu, pelo contrário, desde há muito coroado, serás a pessoa mais venturosa, pelo facto de, em curto espaço de tempo e, por assim dizer, a dormir, teres recebido [das mãos] da Retórica todos os seus dons.

4. É esta a minha magnífica promessa. E tu, por [Zeus] Fílio![175], não fiques desconfiado, quando eu afirmo que te será muito fácil e muito agradável conseguir tal coisa. Na verdade, se[176] Hesíodo, [só] por receber umas poucas de folhas do Helicão, imediatamente, de pastor que era, se transformou num grande poeta e, inspirado pelas Musas, cantava as gerações de deuses e heróis, será impossível que uma pessoa, desde que alguém lhe ensine o caminho mais curto, se transforme, em pouco tempo, num orador — que é coisa muito inferior ao grandiloquente estilo poético?

5. A propósito, quero contar-te a ideia que teve um certo comerciante sidónio[177], a qual [ideia], por motivo de descrença, ficou sem efeito e se tornou inútil para quem a ouviu. De facto, Alexandre já era soberano dos Persas, tendo deposto Dario após a batalha de Arbelos. Então, os emissários tinham de acorrer a toda a parte do Império, a levar as ordens de Alexandre.

---

173 "nosso" = "meu": plural "majestático" (v. *supra*).

174 "escalando rastejantes" é uma só palavra: *anérpontas* (ἀνέρποντας).

175 Trata-se de um dos epítetos de Zeus: *Phílios* (Φίλιος) "Protector da amizade". Neste passo, menciona-se somente o epíteto, mas também se dizia *Zeus Phílios* (Ζεὺς Φίλιος).

176 "Se Hesíodo ... ... será impossível que uma pessoa ... ...?": Sigo a lição dos manuscritos, contra a emenda de Sauppe, aceite pelo editor da "Loeb".

177 "sidónio", de Sídon, cidade da Fenícia.

Da Pérsia até ao Egipto era um longo caminho: havia que contornar as montanhas, depois dirigir-se à Arábia através da Babilónia, e depois atravessar um imenso deserto, até chegar finalmente ao Egipto, gastando um homem, se fosse ágil, vinte longuíssimas jornadas. Ora, Alexandre estava aborrecido com esta situação, pois recebia notícias de que os Egípcios estavam algo amotinados, e ele não tinha a possibilidade de comunicar rapidamente aos seus sátrapas o que entendia dever fazer-se a esse respeito. Foi então que o tal comerciante sidónio lhe disse. *"Eu, ó rei, prometo indicar um caminho não muito longo da Pérsia até ao Egipto. Na verdade, se uma pessoa transpuser*[(178)] *aquelas montanhas [além] — e poderá transpô-las em três dias —, estará logo no Egipto."* E de facto assim era. Todavia, Alexandre não acreditou, pensou que o comerciante era um charlatão. Assim, o carácter estranho da promessa afigura-se inacreditável a muita gente.

6. Tu, porém, não tenhas a mesma atitude. Sim, ficarás a saber por experiência própria que nada te impedirá de surgir como orador em menos de um só dia completo, depois de atravessares a montanha entre a Pérsia e o Egipto[(179)].

Quero agora, para começar, e à semelhança do famoso Cebes[(180)], mostrar-te, descrevendo um quadro por palavras, ambos os caminhos, pois são dois os [caminhos] que conduzem até à Retórica, pela qual tu pareces não pouco apaixonado. Na verdade, [supõe] que ela está sentada[(181)] no cume [de um monte], mui formosa de corpo e de rosto, tendo na mão direita

---

[178] O texto diz "estas montanhas", quer dizer, "... [que estás a ver]"; em port., parece melhor traduzir por "aquelas além".

[179] Naturalmente — nem era preciso dizê-lo — a última frase está em sentido figurado, remetendo para o exemplo do comerciante sidónio e de Alexandre.

[180] Cebes, natural de Tebas, primeiramente discípulo do pitagórico Filolau, e depois discípulo e amigo de Sócrates, era (falsamente) considerado o autor de um diálogo intitulado *Pínax* (Πίναξ) "*Quadro*", notável por uma descrição literária fortemente sugestiva e vívida, como se de um quadro ou tela se tratasse. Luciano também gosta muito de fazer descrições plásticas, como aqui.

[181] "[supõe] que ela está sentada...": no texto, o verbo está na 3ª p. sg. do imperativo presente: "que (ela) esteja sentada", pelo que há que dar um "jeito" à tradução.

o corno de Amalteia[182] repleto de toda a espécie de frutos, e do outro lado imagina que vês Pluto[183] de pé, todo de oiro e muito amável; [supõe] que a acompanham também a Fama e o Poder, bem como, a toda a volta dela, os Elogios, semelhantes a pequenos Amores, em grande número e voando por todo o lado, formando uma [espécie de] rede. Se já viste algures o Nilo representado numa tela, deitado sobre um crocodilo ou sobre um hipopótamo, dos muitos que nele existem, e com meninos minúsculos brincando à sua volta — meninos a que os egípcios chamam *côvados*[184]—, tais são os Elogios à volta da Retórica. Agora avança, tu, o apaixonado, naturalmente desejoso de chegar o mais depressa possível ao cimo, a fim de a desposares no final da subida e de possuíres todos aqueles bens: riqueza, fama e elogios, pois que todos eles pertencem por lei ao esposo.

7. Todavia, ao chegares perto da montanha, primeiramente ficarás desanimado com a subida, pois a tarefa parecer-te-á tal qual o [monte] Aorno[185] surgiu aos [olhos dos] Macedónios, ao verificarem que ele era escarpado por todos os lados, nada fácil de sobrevoar nem sequer pelas aves, sendo preciso um Dioniso ou um Héracles para o conquistar.

É isto que te parecerá à primeira vista; mas, passado pouco tempo, verás dois caminhos, ou melhor, um [deles] é um carreiro estreito, cheio de espinhos e escarpado, a prometer [muita] sede e [muito] suor: antes de mim, já Hesíodo o havia descrito, pelo que não preciso de repetir. O outro caminho é plano, florido e abundante de água, tal qual to descrevi um pouco atrás, pelo que não te retenho, repetindo muitas vezes a mesma coisa, quando tu podes, num instante, tornar-te um orador.

---

182 Ou corno da abundância, cornucópia (lat. *cornu copia*), cheio de frutos que nunca se esgotavam, por mais que os retirassem...

183 Pluto (Πλοῦτος), personificação da Riqueza.

184 Quer dizer, "do tamanho de um côvado":Trata-se dos pigmeus, homens de baixa estatura, donde a designação de *côvados* (medida do cotovelo, até à ponta do dedo médio).

185 O monte Aorno, na Índia, era um rochedo escarpado, que servia de fortaleza; era assim chamado, em grego, justamente por ser, como logo adiante se diz, "inacessível às aves", de *a-* (ἀ-) privativo + *órnis* (ὄρνις) "ave"; como adjectivo, pode aplicar-se não só a um monte, mas, p. ex. a um pântano...

8. No entanto, devo acrescentar pelo menos um pormenor, e é que esse tal caminho escarpado e ladeirento nunca teve muitas pegadas de caminhantes, a não ser uns quantos muito antigos. Eu próprio, desgraçado de mim!, tentei escalar [esse caminho], despendendo enorme esforço... para nada. O outro caminho, porém, sem que o tivesse trilhado, pareceu-me, de longe, aquilo que ele é: plano e sem quaisquer sinuosidades. Na verdade, jovem como eu era nesse tempo, não via o que era melhor, mas acreditei que aquele tal poeta falava verdade, ao dizer que dos trabalhos nascem os bens(186). Mas não era assim(187); De facto, vejo por aí muitos que, sem esforço, alcançaram as melhores posições devido à feliz escolha das palavras e [de um] dos caminhos.

Ora, eu bem sei que, ao chegares ao princípio [dos dois caminhos], ficarás embaraçado, tal como ainda estás neste momento, sem saber a qual dos dois hás-de dirigir-te. Pois bem: vou explicar-te o que deves agora mesmo fazer, para chegares muito facilmente ao cume [do monte], atingires a felicidade, realizar o casamento e, enfim, tornares-te o objecto da admiração de toda a gente. Sim, já basta que eu tenha sido enganado e tenha penado [tanto]. Mas, no teu caso, que todos esses bens cresçam sem terem sido semeados ou lavrados, como nos tempos de Crono.

9. Desde logo, virá ter contigo um homem forte, musculado, de andar viril, patenteando no corpo o muito sol que apanhou, de olhar másculo e muito vivo: é o guia do tal caminho escarpado, um tipo leviano, que te dirige umas quantas patacoadas e te convida a segui-lo, mostrando-te as pegadas de Demóstenes, de Platão e de mais alguns, pegadas realmente enormes, maiores que as dos homens de hoje, mas, na sua maioria, desmaiadas e pouco nítidas, por acção do tempo. Garantir-te-á que alcançarás a felicidade e desposarás legalmente a Retórica, se caminhares sobre essas pegadas como os que caminham sobre cordas[188]:

---

186 Luciano cita de cor a *ideia geral* de Hesíodo nos *Trabalhos e Dias*, 289. que diz: À *frente da virtude, os deuses puseram o suor*.

187 "não *era* assim", quer dizer: não *era* assim como dizia Hesíodo... nem *é* actualmente, no tempo de Luciano...

188 Traduzi à letra, com a perífrase original, mas deve tratar-se de funâmbulos (mas v. *infra*); a designação própria (ainda que rara) era *skhoinobátēs* (σχοινοβάτης), de *skhoînos* "corda" e *baínō* "andar", "caminhar"; também existe o vocábulo *kalobátēs* "que caminha com andarilhas",

basta que te desvies nem que seja um pouquito, ou que pises fora do sítio, ou que inclines o peso [do corpo] para um ou outro lado, sairás em queda do caminho direito, aquele que conduz ao casamento. Depois [o homem] ordenar-te-á que tentes igualar aqueles famosos varões antigos, pondo-te na frente modelos de discursos muito envelhecidos e nada fáceis de imitar, como são as [obras] da escultura antiga, de Hegésias e de Crício e [seu sócio] Nesiotes(189): concisas, nervosas, duras e de linhas traçadas com precisão. *"Trabalho, vigília, consumo só de água e negligência com o corpo, eis* — dir-te-á ele — *tudo o que te é necessário e indispensável. Sim, é impossível cumprires a caminhada sem estas coisas."* Mas o mais penoso disto tudo é o facto de ele te fixar um longuíssimo período de tempo de viagem, muitos anos, contando não por dias ou meses(190), mas por olimpíadas inteiras[191], de tal modo que tu, ao ouvires tal coisa, ficarás antecipadamente derreado e desistirás, dizendo adeus a essa tal felicidade tão desejada. A juntar a isto, ele não só te pedirá honorários nada módicos em paga de tamanhos tormentos, mas não começará a conduzir-te sem primeiro receber uma soma considerável.

10. É isto o que te dirá esse charlatão, esse velho obsoleto, pessoa, a bem dizer, do tempo de Crono, que te propõe uns mortos para tua imitação e te manda desenterrar discursos de há muito sepultados, como se fossem a coisa melhor [do mundo], e te obriga a competir com o filho de um fabricante de espadas(192) ou com aquele outro, filho do mestre-escola Atrometo, e tudo isto em tempo de paz, quando nenhum Filipe avança contra nós nem nenhum Alexandre quer dominar-nos — caso em que os discursos desses homens talvez fossem tidos por úteis. Ele não sabe que acaba de ser aberta uma nova via, rápida e cómoda, que conduz directamente à Retórica. Tu,

---

kālon, pl. *kāla*, no sentido restrito de "andarilhas". Este último sentido até parece mais sugestivo, mais... pictórico. O passo mereceria um estudo mais aprofundado.

[189] Crício (melhor que *Crítio*) e Nesiotes (idade madura c. 480-470 a.C.) são dois escultores do período antigo da estatuária ateniense; trabalhavam invariavelmente em conjunto, pelos que as suas obras têm dupla assinatura.

[190] O texto usa o termo *triakádes* (τριακάδες), lit.[te] "trintenas", ou seja, "períodos de trinta dias"... ou meses.

[191] "por olimpíadas inteiras", ou seja, por períodos de quatro anos.

[192] Demóstenes; a seguir, o filho do mestre-escola Atrometo é Ésquines.

porém, não acredites nele nem lhe dês atenção, para que ele, tendo-te recebido [como discípulo], não te faça, digamos(193), quebrar o pescoço, ou, por fim, não te faça envelhecer antes de tempo, à força de tantos trabalhos. Pelo contrário, se estás completamente apaixonado e pretendes desposar a Retórica muito rapidamente e enquanto ainda estás na flor da idade, e seres também desejado por ela, vamos!, diz um longo adeus a esse barbudo(194) de aspecto másculo mais que a conta e deixa-o subir sozinho, arfando e coberto de suor, e levar consigo na subida todos quantos ele puder enganar.

11. Por outro lado, se te dirigires ao outro caminho, encontrarás muitos e diversos [guias], e entre eles um homem sapientíssimo e muito belo, de andar bamboleante, de pescoço inclinado, de olhar feminino, com voz melíflua, exalando perfumes, coçando a cabeça com a ponta do dedo, já com poucos cabelos, mas cor-de-jacinto(195) e frisados, um [outro] Sardanapalo efeminado, ou um Cíniras[196], ou o próprio Agatão(197), esse amável poeta trágico. Estou a dizer que poderias reconhecê-lo por estes sinais, e que, deste modo, não te passaria despercebida essa divina criatura, querida de Afrodite e das Graças... Mas... que digo eu? Mesmo que estivesses de olhos fechados quando ele se aproximasse de ti e abrisse aquela boca [de mel] do Himeto e soltasse a costumada voz, ficarias logo a saber que tal ser não era cá destes nossos, que comemos o fruto da terra, mas sim uma qualquer entidade misteriosa, daquelas que se alimentam de orvalho ou de ambrósia.

Portanto, se tu fores para junto deste [guia] e te entregares a ele, tornar-te-ás, rapidamente e sem esforço, um orador muito considerado e, como ele diz, rei dos oradores, conduzindo a quadriga da eloquência. Ao receber-te [como discípulo], começará por te ensinar o seguinte...

---

[193] Este “digamos” corresponde à partícula *pou*, que dá ao verbo *ektrakhēlízō* (ἐκτραχηλίζω) *“quebrar o pescoço”* o sentido figurado de “precipitar na desgraça”...

[194] O adj. *dasús* (δασύς) significa “espesso”, pelo que pode referir-se a “barbudo” ou a “cabeludo”, “de cabelos eriçados”... ou ambas as coisas...

[195] “cor-de-jacinto”, “violeta”: clara alusão ao facto de pintar os cabelos.

[196] Cíniras foi, segundo a lenda, o primeiro rei de Chipre, onde instituiu o culto de Afrodite...

[197] Aristófanes, nas *Tesmoforiantes*, apresenta-o em atitudes efeminadas.

12. ... Bem, é preferível que seja ele próprio a falar-te; na verdade, seria ridículo que fosse eu a discursar em vez de um tal orador, eu, certamente mau intérprete de papéis tão importantes e tão antigos, correndo o risco de me despenhar e esborrachar o herói que [devia] interpretar[198].

Portanto, ele falar-te-ia pouco mais ou menos do seguinte modo, depois de atirar para trás o pouco [cabelo] que lhe resta na cabeça e de sorrir com aquele seu habitual sorriso elegante e delicado, imitando a doçura de voz da própria Taís da comédia[199], ou de Máltace, ou de Glícera. Na verdade, um tom rude e másculo não convém a um orador delicado e amável.

13. Então ele falará com muita "modéstia"[200] sobre si próprio: "*Acaso, meu caro, o Pítio*[201] *te mandou ter comigo, declarando que eu sou o melhor dos retores, como quando Querefonte*[202] *o interrogou e ele lhe indicou quem era o homem mais sábio desse tempo? Se não foi por isso, mas antes, se vieste por tua iniciativa e seguindo um rumor, ouvindo dizer que toda a gente estava pasmada com os meus ensinamentos, me tecia elogios, me admirava e me cedia a palma, então ficarás em breve a saber a que homem prodigioso te dirigiste. Não esperes ver [em mim] um homem que possas comparar a tal ou tal fulano, mas antes, surgir-te-á algo de extraordinário e prodigioso, muito acima de algum Tício, ou Oto, ou Efialtes*[203]*: acharás que a minha voz cobrirá a deles, tanto quanto o som da trombeta cobre o da flauta, o das cigarras cobre o das abelhas, ou o dos coros cobre o dos que lhes dão o tom.*

14. "*Então, visto que queres tornar-te um orador e não poderias aprender esta arte mais facilmente com outro mestre qualquer,*

---

198 ..."mau intérprete (ou "mau actor)... [*até ao fim do parágrafo*]: é claro que se trata de linguagem figurada, tirada da representação dramática.

199 Taís, Máltace ("a sensual"), Glícera ("a doce") eram nomes de cortesãs habituais na chamada Comédia Nova.

200 Pela sequência, vê-se que esta "muita modéstia" é designação irónica de Luciano.

201 Pítio, epíteto de Apolo, deus dos oráculos.

202 Querefonte foi um entusiástico discípulo e fidelíssimo amigo de Sócrates. Um dia, perguntou ao oráculo de Delfos quem era o homem mais sábio, ao que o oráculo respondeu que era Sócrates...

203 Ticio (Τιτυός), Oto (Ὦτος) e Efialtes (Ἐφιάλτης) são violentos gigantes, vencidos por Zeus ou por Apolo; com toda a força da comparação, quer o mestre de Retórica dizer que a empresa era... gigantesca.

basta que obedeças, meu caro, a tudo aquilo que eu disser, que me imites em tudo e que observes completamente as regras que eu te mandar cumprir. Mais: segue desde já sempre em frente, não hesites nem fiques apavorado por não teres sido iniciado em todos aqueles [mistérios[204]*] preliminares da retórica, que o outro ensino propedêutico prescreve aos insensatos e imbecis, a poder de muito trabalho. Não, não precisarás de nada disso, mas antes* 'avança — *como diz o provérbio* — sem lavar os pés', *e nem sequer ficarás em desvantagem, se — coisa banal — nem sequer souberes escrever*[205]*, pois o orador está acima de tudo isso.*

15. *"Em primeiro lugar, vou dizer-te que equipamento deves trazer de casa para a viagem e como deves vir apetrechado, a fim de poderes chegar a bom termo o mais depressa possível. Seguidamente, durante o caminho e enquanto tu avanças, eu próprio te indicarei uns preceitos e te aconselharei outros procedimentos, de forma que, antes do sol-posto, farei de ti um orador acima de todos os outros, como eu próprio sou, [ocupando] indubitavelmente, entre aqueles que se metem a discursar, os primeiros lugares, os do meio e os do fim*[206]*.*

"Portanto, traz contigo a coisa mais importante [de todas]: a ignorância; depois o descaramento, e, a juntar a isto, atrevimento e despudor. Quanto ao pudor, ao bom senso, à modéstia e ao rubor, deixa-os ficar em casa, pois são inúteis e até contrários ao nosso objectivo. E [traz] também um vozeirão fortíssimo, uma declamação despudorada e um andar como o meu. Tudo isto é muito necessário e, por vezes, só por si suficiente. Quanto ao vestuário, que seja florido ou[207] *branco, obra de fabrico tarentino, de modo que deixe transparecer o teu corpo; [calça] umas sandálias áticas de senhora, uma coisa com muitas aberturas, ou*

---

204 O verbo *proteléō* (προτελέω) "iniciar" tem o sentido técnico e religioso de "iniciar nos ritos de mistério"...

205 Esta ideia de que o orador nem sequer precisa de saber escrever é de um descaramento sem par; adiante (§20, final), o mestre de Retórica dirá mesmo que é absolutamente necessário não escrever os discursos: "N*unca escrevas [os teus discursos] nem venhas com eles já preparados, pois esse processo constitui uma prova segura [contra ti]*

206 A expressão é um tanto estranha, mas percebe-se nitidamente o exagero: um orador tão excelso, ocupa, só por si, todo o panorama da Oratória.

207 Os manuscritos do grupo β têm "*e*" (καὶ), o que poderia entender-se "florido e (em fundo) branco.

uns botins de Sícion a deixarem ver o forro branco; e [por fim] muitos acompanhantes[208] *e sempre um livro*[209] *[na mão].*

"São estes os apetrechos com que tu deves contribuir. Quanto ao resto, vai vendo e vai ouvindo enquanto caminhamos.

16. *"Então, passo a explicar-te as normas cuja aplicação fará com que a Retórica te reconheça e te adopte, em vez de se afastar e te mandar para o diabo*[210]*, como se fosses um não-iniciado e um espião dos [nossos] mistérios. Ora, antes de mais, deves cuidar especialmente do teu porte exterior e da elegância do teu vestuário; depois, escolhe umas quinze ou, vá lá!, não mais que vinte palavras áticas: exercita-te [a pronunciá-las] com toda a clareza, tem-nas sempre na ponta da língua*[211] — ἅττα *[átta]*, κᾆτα *[kâ$_i$ta]*, μῶν *[môn]*, ἀμηγέπη *[amēgépē]*, λῷστε *[lô$_i$ste] e outras que tais — e salpica algumas delas por todo o teu discurso, como se fossem um condimento. Não faças caso das outras palavras, se porventura estas forem incompatíveis, incongruentes e dissonantes em relação àquelas. Basta que a franja de púrpura seja graciosa e garrida, mesmo que o manto seja uma pele daquelas mais grosseiras.*

17. *"Procura palavras misteriosas e insólitas, raramente usadas pelos antigos, junta uma colecção delas, que terás sempre à mão para as disparares contra os teus interlocutores. Na verdade, é deste modo que a multidão reparará em ti e te considerará um homem admirável, de formação muito superior à sua, se disseres*[212] ἀποστλεγγί

---

[208] Estes "acompanhantes" (ἀκόλουθοι) eram criados, mas também os chamados, em latim, *clientes*...

[209] Não é bem um livro como os nossos, mas um rolo de papiro metido num cilindro de pergaminho, com a etiqueta do título à vista.

[210] "mandar para o diabo": em grego dizia-se "mandar para os corvos".

[211] Trata-se (aqui e noutros passos adiante) de formas, vocábulos e partículas lógicas tipicamente pertencentes ao ático clássico e de "ressonância" arcaica e nobre, mas completamente em desuso. Uma tradução possível (se o fosse!) consistiria em utilizar vocábulos e formas do port. arcaico ou, pelo menos, não contemporâneo. As formas e palavras dadas significam, respectivamente, "certas cousas", "e ao depois", "será que...?", "de algum modo", vocat. "Ó meu excelente (amigo)!". Alguns destes termos remontam mesmo à poesia épica ou lírica...

[212] Dou o sentido de cada par, indicando a forma ática, donde se conclui que o outra é da língua comum do tempo de Luciano: át. ἀποστλεγγί σασθαι *[apostleggísasthai]* / ἀποξύσασθαι *[apoxúsasthai]* "limpar esfregando"; ἡλίῳ θέρεσθαι *[hēlíō$_i$ théresthai]* / át. εἱληθερεῖσθαι *[eilēthereîsthai]* "aquecer-se ao sol"; át. προνόμιον *[pronómion]* / τὸν ἀρραβῶνα *[tòn arrabôna]* "pagamento adiantado"; át. ἀκροκνεφές

σασθαι *[apostleggísasthai] em vez de* ἀποξύσασθαι *[apoxúsasthai], se em vez de* ἡλίῳ θέρεσθαι *[hēlíōi théresthai] disseres* εἰληθερεῖσθαι *[eilēthereîsthai],* προνόμιον *[pronómion] em vez de* τὸν ἀρραβῶνα *[tòn arrabôna],* ἀκροκνεφές *[akroknephés] em vez de* τὸν ὄρθρον *[tòn órthron]. Uma vez por outra fabrica tu mesmo palavras novas e esquisitas: [por exemplo,] decreta*[213] *que um homem 'perito em exprimir-se' é* εὔλεξις *[eúlexis], um homem 'inteligente' é* σοφόνουν *[sophónoun], que um 'dançarino' é* χειρόσοφος[214] *[kheirósophos]. Se cometeres um solecismo ou um barbarismo, o único remédio para isso é o descaramento: tem ali à mão, imediatamente, o nome de alguém que não existe nem nunca existiu, ou de um poeta ou prosador, o qual aprovava essa maneira de dizer, ele que era um sábio extremamente preciso em questões de linguagem. Quanto a leres os antigos, nem pensar!: Isócrates é um grande palrador, Demóstenes é desprovido de graça, e Platão é frígido; lê antes os discursos dos [oradores só] um pouco anteriores a nós, bem como aquelas composições a que chamam* declamações, *a fim de te alimentares dessas obras e de as utilizares em devido tempo, abastecendo-te como de um [autêntico] celeiro.*

18. *Quando tiveres de discursar, e os presentes te propuserem certas matérias e temas para comentares, apouca e deprecia todos os que forem difíceis, como se nenhum deles fosse digno dum verdadeiro homem*[215]*. E quando [os assistentes] tiverem escolhido um desses temas, não fiques embaraçado,* 'diz tudo o que te vier à boca desaforada[216]'*. Não te preocupes com tratar em primeiro lugar, na ordem devida, o assunto que está em primeiro lugar, e o segundo depois deste, e o terceiro depois daquele, mas fala em primeiro lugar do tema que primeiro te ocorrer; e, se calhar assim,* 'que fique a bota na face, e o capacete no pé'[217]. *Segue*

---

*[akroknephés]*lit.te "fim das trevas (da noite)" / τὸν ὄρθρον *[tòn órthron]* "alvorada". Os exemplos de palavras inventadas (de mau gosto, seja dito) parecem ser da autoria de Luciano...

213 O verbo *nomothetéō* (νομοθετέω) tem mesmo o sentido de "decretar uma lei", "fazer um decreto".

214 Lit.te "perito em gestos de mãos"...

215 Quer dizer: como se qualquer desses temas fosse uma brincadeira de crianças: ... isso para mim é canja... *[Peço desculpa do coloquialismo...]*

216 Esta frase, originada de um poeta para nós desconhecido, ganhou o estatuto de provérbio.

217 Vê-se que se trata de mais um provérbio. O editor da "Loeb" refere, em nota, o provérbio inglês *"putting the cart before the horse"*,

em frente, fala continuamente: o que é preciso é que não fiques calado. Se tiveres de discursar sobre um caso de sevícias ou de adultério [praticado] em Atenas, fala de casos [idênticos] passados na Índia e em Ecbátana(218)*. Acima de tudo, fala de Maratona e de Cinegiro*(219)*, sem o que não conseguirias um grande êxito; atravessa o [monte] Atos de barco e o Helesponto*(220) *a pé; que o sol fique coberto das setas dos Medos; que Xerxes se ponha em fuga e que Leónidas seja elogiado; que seja decifrada a inscrição sobre Otríades*(221)*; e Salamina, e Artemísio*(222)*, e Plateias... e muitos outros episódios de enfiada. Acima de tudo, que venham à tona essas tais poucas palavras: que elas floresçam, usa incessantemente* ἄττα *[átta] e* δήπουθεν(223) *[dḗpouthen], mesmo que não precises delas, pois tais palavras ficam bem, mesmo ditas à toa.*

19. *"Se te parecer que é oportuno declamar em tom cantante*(224)*, declama à vontade, e que [a declamação] se transforme em melodia; e mesmo que o assunto não se preste a música, pronuncia cadenciadamente* "Senhooores Juraaados!"*, e considera a harmonia perfeita. Repete muitas vezes* "Ai me mim, que desdita!"*, bate na coxa, berra [a plenos pulmões], escarra em pleno*

---

lit.te "pôr o carro à frente do cavalo", que em port. se diz "pôr a carroça à frente dos bois".

218 Ecbátana era uma cidade da Média; tal como nós hoje, também para a maior dos ouvintes o nome da terra pouco ou nada dizia, a não ser que se trataria de um local remoto... lá para os lados da Índia... (em cascos de rolha!)...

219 Cinegiro, irmão de Ésquilo, foi herói e mártir na batalha de Maratona (490 a.C.). Conta Heródoto (VI, 114) que tentou agarrar um navio persa pela parte da popa, mas um persa decepou-lhe uma mão à machadada, o que lhe causou a morte. Cinegiro tornou-se um dos heróis admirados pelos Gregos e celebrados nas artes plásticas.

220 Helesponto ou Estreito de Dardanelos. É realmente atrevida esta ideia de transpor de barco um monte e atravessar os Dardanelos a pé...

221 Otríades, general espartano, o único sobrevivente numa batalha contra os Argivos (da cidade de Argos).

222 Artemísio, promontório da ilha de Eubeia, ao largo do qual, em 480 a.C., os Gregos enfrentaram os Persas.

223 V. nota no §16; ἄττα *[átta]* "certas cousas", δήπουθεν *[dḗpouthen]* "certamente".

224 O verbo *á(i)dō* (ᾄδω), sentido geral "cantar", pode referir-se não só ao canto propriamente dito, mas também a diversas "vozes" (o galo e outras aves, o vento...); aqui alude-se a certo estilo oratório, ritmado e quase cantante, que poderia parecer exageradamente declamatório...

discurso[225]*, caminha saracoteando as nádegas. E se [os ouvintes] não te aplaudirem, irrita-te com eles e descompõe-os; se eles, por consideração [por ti], se puserem de pé, mas já preparados para sair, manda-os sentar-se... numa palavra: porta-te [com eles] como um [autêntico] tirano.*

20. *Mas para que a multidão fique espantada com os teus discursos, começa pelos episódios de Tróia, ou mesmo — por Zeus! —, pelas bodas de Deucalião e Pirra*[226]*, se assim te aprouver, e vai fazendo descer o discurso até aos factos actuais; na verdade, são muito poucos os entendidos, os quais, por benevolência, ficarão calados, pois [sabem que,] se fizerem algum reparo, darão a impressão de o fazer por inveja. A maior parte, porém, fica pasmada com o teu aspecto exterior, com a tua voz, com a tua maneira de andar e as tuas deambulações [na tribuna], com a tua entoação, com as tuas sandálias*[227]*, com o teu famoso* ἅττα*; finalmente, ao verem o suor e a tua respiração ofegante, ficam sem motivo para duvidar de que tu sejas um terribilíssimo lutador na arte oratória. Aliás, a tua rapidez [de improvisação] é um trunfo não despiciendo a teu favor e [constitui] motivo de admiração para a maior parte das pessoas. Por isso, repara bem: nunca escrevas [os teus discursos] nem venhas com eles já preparados, pois esse processo constitui uma prova segura [contra ti]*[228].

21. *"Que os teus amigos estejam sempre a bater com os pés*[229] *e que deste modo te paguem o preço dos jantares [que lhes dás], se acaso pressentirem que tu vais "despenhar-te", e então estendem-te a mão e proporcionam-te o meio de inventar, no intervalo dos*

---

225 Outro sentido possível é "pigarreia para clarear a voz"; o sentido de "escarrar em pleno discurso" é sem dúvida mais forte e mais ordinário... como convinha...

226 Deucalião e sua esposa Pirra foram as únicas pessoas que Zeus poupou, antes de aniquilar a humanidade por meio do dilúvio universal. Ao fazer referência às *bodas* desse casal, o mestre de Retórica alude a uma época "pré-diluviana".

227 V. § 15, referência às sandálias áticas de senhora.

228 Já os Romano diziam: *uerba uolant, scripta manent*, "as palavras voam, os escritos permanecem".

229 A "pateada" seria ou uma forma de aplauso, ou então, pelo contexto, um aviso para que o orador se apercebesse de alguma deslize iminente...

aplausos, o que irás dizer. Na verdade, trata de arranjar um "coro" particular, que "cante" afinado contigo(230)*.*

"Isto [é o que eles fazem] durante o teu discurso, após o qual devem escoltar-te enquanto tu caminhas envolvido [no manto] e ao mesmo tempo discorres sobre o que disseste [no discurso]. Se encontrares alguém [no caminho], diz-lhe maravilhas sobre a tua pessoa, elogia-te exageradamente, até te tornares enfadonho para esse tal: 'Quem é o Peanieu(231) comparado comigo?'*; ou então:* 'Será que tenho de travar luta contra cada um dos antigos?'(232)*; e coisas deste género.*

22. *"Mas por pouco que me esquecia do mais importante e mais necessário para a tua reputação: Troça de todos os oradores. Se algum deles tiver falado bem, insinua que está a citar coisas alheias; se ele se revelar medianamente*(233) *criticável, seja criticado no seu todo. Além disso, convém que chegues às declamações públicas depois de toda a gente, pois desse modo tornar-te-ás notado. Quando todos ficarem calados, deves soltar um elogio grosseiro, a fim de atraíres a atenção dos presentes e de os incomodares, a ponto de ficarem todos enjoados com a vulgaridade das tuas palavras e taparem os ouvidos. Não batas palmas com frequência, pois isso é coisa banal, nem te levantes*(234)*, a não ser uma ou duas vezes no máximo. Sorri muito levemente, mostrando que não estás satisfeito com o discurso. Para os caluniadores de ouvido*(235)*, há muitas ocasiões de dizer mal.*

"Quanto ao resto, há que ser atrevido, pois a audácia, a desvergonha e a mentira estão sempre à mão; há também que ter sempre um juramento na ponta da língua, bem como má vontade contra toda a gente, e ódio, e difamação, e acusações plausíveis. Tudo isto fará de ti, em pouco tempo, uma pessoa famosa e conhecida de toda a gente. Eis, pois, o que concerne à tua vida pública, fora de tua casa.

23. *"Quanto à tua vida privada, considera lícitos todos os actos: jogar, embriagar-se, ser libertino, cometer adultério*

---

230 É interessante verificar a existência destes "coros" ou *claques* de apoio.

231 O Peanieu é Demóstenes, natural do demo ático de Peânia.

232 Uma outra interpretação, além do mais afirmativa, e não interrogativa, poderia ser: "[Não querem lá ver?] Agora terei de travar luta contra um dos antigos..."...

233 "medianamente", quer dizer: "só em parte...".

234 O acto de se levantar era sinal de apreço.

235 "de ouvido", ou seja; "de ouvir dizer"... e divulgar.

— ou, pelo menos, gabares-te disso, mesmo que não pratiques —; mas di-lo a toda a gente, e mostra mesmo os bilhetinhos supostamente escritos por mulheres. Cuida da tua beleza física e preocupa-te com parecer que és muito pretendido pelas mulheres. As pessoas atribuirão tudo isso à Retórica, como se fosse daí que a tua aceitação chegou até aos gineceus. E mais: não tenhas vergonha de pareceres ser amado por homens, de uma das duas maneiras[236]*, mesmo sendo tu barbudo e, por Zeus!, já careca: servem bem para este efeito os que contigo convivem, mas, casa não tenhas desses, os teus criados já bastam. De tudo isto resulta uma grande utilidade para a retórica, pois maior se torna a desvergonha e o atrevimento. Não vês como as mulheres são mais tagarelas e insultam de modo mais desmedido que os homens? Pois então, se procederes da mesma maneira, serás muito superior aos outros [oradores]. No entanto, deves depilar-te, de preferência em todo o corpo, mas, pelo menos, 'naqueles' sítios. Que a tua boca esteja aberta para o que quer que seja, e que a tua língua sirva não somente para falar, mas também para tudo o mais que ela possa fazer... e ela pode não apenas dizer solecismos ou barbarismos, ou desatinar, ou jurar falso, ou ultrajar, ou caluniar, ou mentir, mas também de noite ela pode servir para outras coisas, especialmente se não bastares para atender a todos os teus amores. Sim, que ela saiba fazer de tudo, que seja eficiente e não recue perante nada.*

24. *"Meu rapaz: Se aprenderes bem estes preceitos — e tu és capaz disso, pois não têm a mínima dificuldade —, prometo-te, com toda a confiança, que te tornarás, num prazo não longo, um excelente orador, igual a mim*[237]*. O que se segue, nem preciso de dizê-lo: todos os benefícios que em breve te advirão da Retórica. Olha para mim, nascido de um pai humilde e não claramente livre*[238]*, que havia sido escravo para lá [das cidades] de Xóis*

[236] Refere-se às duas formas de homossexualidade: activa e passiva. Nem todos os tradutores entendem deste modo... e alguns nem tentam traduzir a expressão *epì tô$_i$ hetérō$_i$* (ἐπὶ τῷ ἑτέρῳ).

[237] O texto grego diz "igual a *nós*": plural majestático.

[238] Atrevo-me a supor que o homem era um *libertus*, em termos jurídicos romanos.

e Tmúis[239]*, e de uma mãe costureira de um certo bairro*[240]*. Eu próprio, que não parecia completamente desprovido de graciosidade, logo no princípio juntei-me*[241]*, só pela simples comida, com um maldito e peganhento pederasta*[242]*. Ao perceber, porém, que esse modo de vida*[243] *era muito cómodo e que, prosseguindo nele, chegaria ao topo [da fortuna] (de facto, eu possuía — ó benévola Adrasteia!*[244] *— todas essas tais provisões que acima mencionei: atrevimento, ignorância e desvergonha), em primeiro lugar deixei de chamar-me Potino*[245]*, para passar a ser homónimo dos filhos de Zeus e de Leda*[246]*. Em seguida, fui viver com uma*

---

239 Cidades egípcias, no delta do Nilo, mais ou menos desconhecidas da maior parte das pessoas, facto que acentua ainda mais a situação social do pai do mestre de Retórica. Alguns comentadores entrevêem aqui uma alusão ao contemporâneo de Luciano, Júlio Pólux, que era natural da cidade egípcia de Náucratis, também no delta do Nilo, e que foi professor de Cómodo, nascido em 161 d.C., mas cedo elevado a diversos graus da governação. Tem-se sugerido que este Pólux teria sido preferido a Luciano como mestre de Retórica de Cómodo, o que explicaria, em parte, o azedume e a sátira de que seria alvo.

240 Alguns editores emendam os manuscritos e, em vez de ἀκηστρίας ἐπ᾽ ἀμφοδίου τινός, lêem ἀκηστρίας ἐπαφροδίτου τινός, o que daria "certa costureira muito atraente", que podia conter uma conotação erótica, aliás próxima da letra: "... muito dada aos prazeres de Afrodite", ou "... muito sensual". Seria mais natural que o mestre de Retórica, tratando-se da própria mãe, quisesse dizer algo pouco censurável: o pai era liberto e a mãe costureira de bairro; mas, atendendo a que é Luciano quem, no fundo, dá a informação, é de esperar a interpretação menos benigna. Aliás, o mestre de Retórica, por aquilo que ele próprio disse atrás (e diz imediatamente a seguir), também seria pessoa para tudo...

241 O verbo tem aqui o sentido erótico de "ter relações sexuais".

242 O texto diz, propriamente, "amante": dat. *erastê$_i$* (ἐραστῇ), mas o contexto vai nitidamente no sentido bem conotativo que dei ao vocábulo.

243 "modo de vida": o texto diz "caminho".

244 Adrasteia (mais correcto seria *Adrastia*), epíteto de Némesis, deusa da vingança, que castigava os humanos excessivamente ricos ou excessivamente felizes, e orgulhosos por esse facto. A jaculatória que, neste passo, lhe dirige o mestre de Retórica, serve para esconjurar o castigo por ele se ir (imediatamente a seguir) gabar das suas grandes "virtudes". Em port., a frase usual, nestes casos, é: "... que Deus me perdoe".

245 O adj. *potheinós* (ποθεινός) significa "desejável"; creio que Luciano traduz para grego um andrónimo "bárbaro" (egípcio?).

246 Os filhos de Zeus e Leda são Castor e Pólux. Repito a nota (*supra*) a Xóis e Tmúis: Alguns comentadores entrevêem aqui uma alusão ao contemporâneo de Luciano, Júlio Pólux, que era natural da cidade egípcia de Náucratis, também no delta do Nilo, e que foi professor de Cómodo, nascido em 161 d.C., mas cedo elevado a diversos graus da governação.

velha, por quem fingia estar apaixonado, e que me atafulhava a barriga [de comida], [velha essa] já com setenta anos e a quem restavam apenas quatro dentes, e esses mesmos seguros com [um fio de] ouro. Todavia, devido à minha miséria, lá ia suportando essa provação, pois a fome fazia-me [sentir] muitíssimo doces aqueles beijos frios vindos de um túmulo. Depois, pouco faltou para me tornar herdeiro de tudo o que ela possuía, se um maldito criado não lhe tivesse revelado que eu tinha acabado de comprar veneno destinado a ela.

25. *"Logo expulso de casa de cabeça para a frente, não perdi, porém, nenhuma das qualidades necessárias, mas logo me armo em orador e sou admitido nos processos judiciais, onde, a maior parte das vezes, atraiçoo [os meus clientes], prometendo aos parvos [que terão] juízes [complacentes]*[(247)]*. Muitíssimas vezes sou derrotado, mas, apesar disso, [tenho sempre] à minha porta verdes folhas de palmeira entrelaçadas em coroa*[(248)]*, pois sirvo-me delas como engodo para [apanhar] os infelizes. Mas até o facto de ser odiado por toda a gente, de ser famoso pela perversidade dos meus costumes e, ainda mais, dos meus discursos, bem como facto de ser apontado a dedo* — 'É este o tal... a maior sumidade em malvadez' —, *tudo isso me parece uma vantagem... e não pequena.*

"Aqui tens — pela [Afrodite] Pública![(249)] *— os conselhos que te dou, que eu primeiramente dei a mim mesmo, e pelos quais estou infinitamente grato."*

26. E pronto! O sujeito terminará com estes conselhos. Se tu atenderes às suas palavras, tem por certo que chegarás aonde desde o começo ansiavas por ir, e nada te impedirá, se seguires as suas normas, de reinar nos tribunais, de ganhar fama entre

---

Tem-se sugerido que este Pólux teria sido preferido a Luciano como mestre de Retórica de Cómodo, o que explicaria, em parte, o azedume e a sátira de que seria alvo. Mas há um pequeno problema: O mestre de Retórica (ou Luciano por ele) refere-se aos (*dois*) filhos de Zeus e de Leda, obviamente — parece-me bem! — para não poder ser acusado de aludir ao seu contemporâneo e rival Pólux.

[247] O texto grego é realmente muito "compacto"...

[248] Era assim que os advogados assinalavam as vitórias judiciais...

[249] Afrodite Pública era a padroeira dos amores ilícitos e, especialmente, dos lupanares (Platão, Xenofonte...); opõe-se à Afrodite Celeste, do amor puro. Esta forma de juramento dá um toque final à libertinagem do homem...

a multidão, de ser amado e de desposar, não uma qualquer velha de comédia, como aconteceu com o teu jurista e mestre, mas sim uma formosíssima mulher, a Retórica, de modo que aquela famosa frase de Platão, em que se diz *'deslocar-se guiando o seu carro alado'*, aplica-se melhor a ti, do que a de Platão a respeito de Zeus. Por minha parte, humilde e tímido como sou, vou retirar-me do caminho, em vosso favor, e deixar de me aplicar à Retórica, já que não posso contribuir para ela com uma quota igual à vossa. Bem, já terminei, de modo que, sem vos cobrirdes de pó, sois proclamados vencedores e admirados... Mas lembrai-vos de uma coisa: que não nos vencestes em velocidade, por serdes mais rápidos que nós, mas sim pelo facto de terdes trilhado um caminho muito fácil e a descer.

DUPLA ACUSAÇÃO OU OS JULGAMENTOS

(Página deixada propositadamente em branco)

Introdução

A *Dupla Acusação* deve datar dos primeiros anos da estada de Luciano na capital da cultura. Amadurecido pelas viagens e pela experiência da vida, materialmente afortunado, este homem de cerca de quarenta anos (v. § 32) cedo se farta da actividade judiciária, da retórica e da sofística, para se entregar a uma actividade literária que, não sendo nova, ele, no entanto, reforma de maneira radical: trata-se do diálogo filosófico, mas agora entendido e elaborado segundo princípios originais. De facto, Luciano aligeira substancialmente o majestoso diálogo filosófico que vinha dos tempos de Platão, e acrescenta-lhe um aspecto dramático, orientado no sentido da sátira – o que significa reunir no «novo género» dois géneros diferentes e até muito diversos: o diálogo filosófico e a comédia. E realmente foram sobretudo as obras em forma de diálogo que deram fama a Luciano. É nelas que melhor se expande a sua crítica panfletária e corrosiva, que atinge – literalmente – tudo e todos: os deuses e os heróis, a religião e as religiões, a filosofia e as suas variadíssimas seitas, a moral convencional, a sociedade e os seus pilares mais destacados, os homens e as suas vaidades, as sua superstições irracionais e o aproveitamento que delas fazem os espertos... enfim, podemos dizer que em Luciano conflui o que de mais violento havia na comédia. Um certo epicurismo prático e um cinismo teórico afinam e refinam o processo.

O título *Dupla Acusação* corresponde, de facto, nos manuscritos, a Δὶς κατηγορούμενος (*dìs katēgoroúmenos*), ou seja, *Duas Vezes Acusado*. Os manuscritos do grupo β têm um segundo título, alternativo (como acontece com muitas outras obras da Antiguidade, p. ex., *Lúcio* ou *O Burro; O Sonho* ou *Vida de Luciano*, etc.): ... Δικαστήρια (*Dikastḗria*), i. é, *Os Julgamentos* (lit.[te] *Tribunais*).

Os títulos das obras em *rolos* (lat. *uolumina*) era colocado numa espécie de etiqueta, a qual, quando o "volume" estava enrolado e metido num "cartucho" cilíndrico, de pergaminho, sobressaía, para que, sem retirar a obra, pudesse ler-se o título. Isto quer dizer que todas as obras deviam ter esta referência. Imagino que, com o decorrer do tempo e da multiplicação das cópias, umas tivessem, na etiqueta, *Duas Vezes Acusado* (trad. *Dupla Acusação*), e outros *Tribunais* (trad. *Julgamentos*).

Também não é proibido imaginar que algumas etiquetas contivessem ambas as informações. É que, de facto, o título *Duas Vezes Julgado* refere-se somente a uma relativamente pequena parte do conteúdo da obra: final do §25-§35 (fim da obra), em que uma personagem, o Sírio (i. é, Luciano), se defende das acusações que lhe são feitas sucessivamente pela Retórica e pelo Diálogo. Os §§1-25 referem-se a outros julgamentos. Quer dizer: não admira que alguns donos de uma cópia tenham achado que o título *Duas Vezes Julgado*, embora muito "chamativo", não correspondia plenamente ao conteúdo da obra, e por isso teriam acrescentado *Tribunais* (= *Julgamentos*). Os manuscritos medievais (que ocupam o fim da cadeia de múltiplas cópias de diversos manuscritos desta obra) reflectem, talvez, a dupla designação: uns têm somente *Dupla Acusação*, enquanto os do grupo β contêm também o título alternativo: *ou Tribunais* (i. é, Julgamentos) E já agora... não é impossível que o duplo título seja mesmo original... autógrafo de Luciano...

Mas vejamos o conteúdo da obra.

Nos §§1-2 (e ainda começo do §3 e passos do §4), Zeus queixa-se dos filósofos e das pessoas em geral, que julgam que a vida dos deuses é plena de felicidade, quando as divindades, e Zeus em particular, apanham grandes arrelias ao tratarem da vida humana, como o pai dos deuses e dos homens não deixa de exemplificar com algumas divindades: Hélio (o Sol) e Selene (a Lua), que guiam zelosamente os respectivos carros, para iluminar a Terra durante o dia ou durante a noite; Apolo, o deus dos oráculos, solicitado pelos fiéis aflitos a comparecer em múltiplos locais ao mesmo tempo; Asclépio (Esculápio), filho de Apolo, deus da Medicina; os Ventos, Hipno (o Sono) e Oniro (o Sonho), simultaneamente à cabeceira nocturna dos humanos... e ele mesmo, Zeus, pai dos deuses e dos homens, que, *"depois de gerir e regulamentar pessoalmente a parte principal da minha administração – as chuvas, os granizos, os ventos e os raios –, nem mesmo assim tenho descanso e me liberto de preocupações particulares, porquanto, além destas actividades..."* (v. §2)

A propósito, Zeus refere uns quantos processos judiciais já muito antigos e que desde há muito aguardam julgamento. São eles:

– A Embriaguez contra a Academia. Nota mui graciosa: como a Embriaguez tinha a voz entaramelada e mal podia ter-se de pé, é a Academia que pronuncia o discurso que competia à

sua adversária, logo seguido do seu próprio discurso. Vence a Academia por 6 votos contra 1;

– A *Stoá* (o Pórtico ou Estoicismo) contra a Volúpia (ou Epicurismo), que é defendida pelo grande Epicuro. Vence a Volúpia por 5-0;

– A Sensualidade contra a Virtude: Adiado;

– A Banca contra Diógenes: Não houve julgamento, porque a Banca fugiu, perseguida por Diógenes de cajado alçado;

– A Pintura contra Pírron: Este, chefe da Escola Céptica, que negava todo e qualquer critério de verdade, faltou, pelo que foi condenado à revelia.

É óbvio que Luciano tinha pressa em chegar aos *seus* dois casos, pelo que se "livra" dos três últimos processos.

Finalmente, o duplo processo que deu origem a um dos títulos da obra: *Dupla acusação* (lit.[te] *Duas Vezes Acusado*).

O Sírio (Luciano) é acusado pela Retórica e pelo Diálogo. O processo atrai uma multidão, na expectativa de ouvir a Retórica e o Diálogo acusando sucessivamente o Sírio, e este defendendo-se de ambos. A Retórica acusa-o de maus tratos, *kakṓseōs* (κακώσεως), e o Diálogo de ultraje, *hǘbreōs* (ὕβρεως).

Servindo-se desta forma imaginativa e imaginária, que consiste em pôr na tribuna as figuras da Retórica e do Diálogo discursando contra um tal Sírio, num processo por maus tratos e ultrajes, acusações de que o dito Sírio se defende garbosamente, Luciano defende-se, no fundo, de acusações que certamente alguns lhe faziam, por ter abandonado a Retórica e por ter dado ao diálogo um aspecto mais "terreno", com apontamentos de comédia e de sátira. Por isso, esta obra, além dos aspectos críticos relativamente a certas correntes filosóficas, tem valor autobiográfico e autocrítico: v. §§31-32 (defesa contra a Retórica) e §34 (defesa contra o Diálogo).

Podemos verificar, em toda a obra de Luciano, uma leveza e uma graça que por vezes alguns consideram como ligeireza ou superficialidade. Na verdade, tirando alguns opúsculos marcados pelos processos escolares de "redacção" e exercícios sujeitos a tema, *progümnásmata* (προγυμνάσματα), a que os mestres de Retórica obrigavam os estudantes, a obra de Luciano é, no geral, uma coisa séria e... um caso sério de detecção das

fraquezas humanas e de crítica à decadência social e intelectual, visível na Filosofia, na Retórica, na Religião, nas superstições mais ingénuas em que se atolavam até mesmo pessoas com forte bagagem filosófica, como, p. ex., *O Mentiroso ou O Incrédulo*; *Alexandre ou o Falso Profeta*...

Dupla Acusação ou Os Julgamentos

Personagens:

Zeus, Hermes, Justiça, Pã, Atenienses, Academia, *Stoá*, Epicuro, Virtude, Sensualidade, Diógenes, Retórica, o Sírio, Diálogo

1. ZEUS — Raios partam todos os filósofos que acham que só no seio dos deuses existe felicidade[250]. Se eles ao menos soubessem quantas arrelias nós sofremos por causa dos homens, não nos considerariam felizes só pelo néctar e pela ambrósia[251], dando crédito a Homero, um fulano cego e charlatão, que nos apelida de bem-aventurados e narra o que se passa do céu... ele que nem sequer era capaz de enxergar as coisas da Terra. É o caso, por exemplo, aqui do Hélio[252], que conduz o carro, percorrendo o firmamento durante todo o dia, revestido de fogo e rebrilhando com seus raios, e que *"não tem vagar nem para* – como sói dizer-se – *coçar o ouvido"*. De facto, se, sem querer, se distrai nem que seja por um instante, logo os cavalos tomam o freio nos dentes[253], saem da rota e incendeiam tudo. Por outro lado, a Selene[254], também sempre acordada, segue a sua rota, iluminando os foliões e os que regressam fora de horas das jantaradas. Do mesmo modo, o Apolo, que se encarregou

---

250 Outra interpretação, algo significativa: em vez de "... que acham que *só no seio dos deuses* existe felicidade", poderíamos entender: "... que acham que no seio dos deuses *só existe felicidade*". Este último sentido, menos conforme com o texto grego, é o que parece aplicar-se melhor à sequência, onde Zeus demonstra que no seio dos deuses não existe só felicidade, mas muitas situações penosas. No entanto, veja-se o início do parágrafo 3, onde Zeus se refere claramente aos filósofos, "que consideram felizes *somente os deuses*".

251 O néctar e a ambrósia eram respectivamente, a bebida e a comida dos deuses; fabricados à base de mel, conferiam a imortalidade.

252 Hélio é o Sol. Zeus refere-se a este e aos outros deuses, bem como aos humanos, com os respectivos nomes antecedidos do artigo, o que traduz, além de familiaridade, uma sensível superioridade do pai dos deuses e dos homens.

253 "tomam o freio nos dentes": lit.te "se libertam do freio".

254 Selene, a Lua.

duma arte muito trabalhosa, por pouco que não fica surdo, por causa dos que o massacram com pedidos de profecias; e ora é requerida a sua presença em Delfos, e daí a pouco vai a correr para Cólofon, e de lá atravessa o [rio] Xanto, depois acorre a toda a pressa a Delos ou vai visitar os Brânquidas... em resumo: onde quer que a profetisa, depois de ingerir a beberagem sagrada, de mascar as folhas de loureiro e de se agitar sobre a trípode, requeira a sua presença, logo ele tem de se apresentar sem a mínima tardança, proferindo de enfiada os oráculos... senão... lá se vai a reputação da sua arte.... e isto para já não falar de todos os embustes que contra ele concebem, a fim de lhe experimentarem a arte divinatória, cozinhando carne de carneiro conjuntamente com tartarugas, de tal modo que, se ele não fosse fino de olfacto, o Lídio(255) sairia dali rindo às gargalhadas. Também o Asclépio, apoquentado pelos doentes, *"vê doenças horrendas, mexe em coisas repugnantes e, à conta de desgraças alheias, colhe desgostos pessoais"*. E que diria eu dos Ventos, que fazem crescer as plantas(256), impelem os navios e sopram em benefício dos joeireiros(257), ou do Hipno(258), que adeja sobre todas as criaturas, ou do Oniro(259), que passa a noite com o Hipno e lhe serve de intérprete? Sim, tudo isto os deuses sofrem, por filantropia, dando cada um deles a sua contribuição para a vida na Terra.

2. E no entanto, as penas dos outros [deuses] ainda são relativamente moderadas. Eu próprio, que sou rei e pai de todos, quantas situações desagradáveis tenho de aturar, por quantas arrelias passo, entregue a tamanhas preocupações! Antes de mais, tenho de supervisionar os actos dos outros deuses que juntamente comigo administram uma parte do poder, para que não se descuidem no seu exercício; depois, tenho de fazer pessoalmente mil e uma coisas quase impossíveis, tal a sua subtileza. De facto, depois de gerir e regulamentar pessoalmente a parte

---

[255] Creso, rei da Lídia, experimentou diversos oráculos, alguns deles com manha, a fim de verificar qual deles era verdadeiro. A história é contada por Heródoto, no livro I das *Histórias*, 46-49.

[256] Por estranho que nos pareça, trata-se de uma crença antiga.

[257] A joeira dos cereais e de certos legumes fazia-se lançando-os a certa altura, de modo que o vento impelia a palha, mais leve, e deixava no fundo o mais pesado.

[258] Hipno (Ὕπνος), o Sono personificado, era filho da Noite e de Érebo (as trevas infernais); tinha por irmão gémeo Tânato (a morte);

[259] Oniro (Ὄνειρος), o Sonho personificado.

principal da minha administração – as chuvas, os granizos, os ventos e os raios[260] –, nem mesmo assim tenho descanso e me liberto de preocupações particulares, porquanto, além destas actividades, ainda tenho de dirigir os olhos ao mesmo tempo para todo o lado e inspeccionar tudo, como, por exemplo, o boieiro de Nemeia[261], os ladrões, os perjuros, os ofertantes de sacrifícios, a ver se alguém fez uma libação, de que lado se eleva o odor a carne assada e o fumo, quem me chamou – um doente ou um marinheiro –, ou o mais penoso disto tudo, que é, ao mesmo tempo, estar presente numa hecatombe[262] em Olímpia, observar os guerreiros em Babilónia, fazer cair granizo no país dos Getas e banquetear-me no país dos Etíopes.

E é que não é assim tão fácil furtar-me à censura, mas, muitas vezes, *"enquanto os outros deuses e os guerreiros empenachados"* dormem durante toda a noite, de mim, Zeus, *"não se apodera o doce sono"*. Na verdade, se eu cabecear[263] de sono por um só instante que seja, logo o Epicuro[264] ficaria a ser verdadeiro, ao demonstrar, deste modo, que nós não velamos pelas coisas da Terra. Ora, caso os homens acreditem nele, não é de desprezar o perigo de os nossos templos ficarem privados de grinaldas, as ruas sem o odor a carne assada, as crateras sem libações, os altares frios... numa palavra, completa falta de sacrifícios e oferendas... uma fome[265] geral... É por isso que eu, tal como

---

260 Chuvas, granizos, ventos e raios, no plural, por se referir a cada um desses fenómenos em diversas partes da terra.

261 Parece tratar-se de Argos, boieiro que tinha cem olhos, cinquenta dos quais estavam sempre vigilantes, enquanto os outros cinquenta descansavam. Argo, entre outras coisas, fora constituído guarda de Io, amada por Zeus, mas na forma de uma vitelinha. Hermes, por artes mágicas, adormece os cinquenta olhos vigilantes, mata o monstro e liberta Io.

262 Uma hecatombe era, em princípio, um sacrifício de cem bois; com o tempo, passou a significar um grande sacrifício, com bois ou outras vítimas, mas naturalmente bem mais modesto.

263 O texto diz "se nós cabecearmos...", plural chamado "majestático".

264 Epicuro (341-270 a.C.), fundador do... Epicurismo, doutrina física e filosófica, na sequência de Demócrito, defendia a tese de que a matéria não era indefinidamente divisível (teoria atómica), o vazio era tão real como o cheio, os próprios deuses não passavam de matéria, e não curavam das coisas humanas... É esta última ideia que, na *Dupla Acusação*, aterroriza Zeus, que se vê na iminência de ficar sem fiéis.

265 O texto diz mesmo *fome* (λιμός); entende-se que Zeus se refere à fome de sacrifício e de oferendas que atingirá os deuses, os quais, como se vê, não prescindem das homenagens dos humanos.

os pilotos, estou postado, sozinho, no alto da popa e com o leme firme em ambas as mãos, enquanto os passageiros se embebedam ou, se lhes agrada, se põem a dormir, e eu, vigilante e de barriga vazia, em prol deles todos *"me preocupo em meu coração e em minha alma"*, tendo por única recompensa ser glorificado como amo e senhor(266).

3. Por isso, muito gostaria de interrogar os filósofos, que consideram que só os deuses são felizes(267), ao cuidarem que nós temos vagar para [apreciar] o néctar e a ambrósia, nós que temos [de nos ocupar de] mil e um(268) problemas.

A propósito, pus aqui de lado, para despacho, uns processos muito velhos, já carcomidos de bolor e de teias de aranha, sobretudo os que foram intentados pelas ciências e pelas artes contra certas pessoas, alguns dos quais já muitíssimo antigos. Mas as pessoas gritam de toda a parte, ficam irritadas, pedem justiça e acusam-me de ser lento, desconhecendo que não é por desleixo que os julgamentos foram sendo adiados, mas sim devido à [tal]... "felicidade"(269) à qual eles supõem que nós estamos entregues: sim, pois é deste modo que eles apelidam as nossas ocupações.

4. HERMES — Ó Zeus, eu próprio, ao escutar, lá na Terra, queixas deste género ditas por pessoas descontentes, não me atrevia a transmiti-las à tua pessoa; mas já que tu chamaste o assunto à colação, então eu vou falar. Eles, meu pai, estão muito indignados e queixosos, e, embora não se atrevam a falar abertamente, murmuram de cabeça baixa, vituperando a demora [da justiça]. Havia que lhes dar a conhecer, desde

---

[266] O texto diz apenas um dos termos (δεσπότης: ou *amo* ou *senhor*)... mas a palavra grega, além de ter, normalmente, um desses significados, pode também aplicar-se a um chefe militar, um comandante... a um piloto... É esta dupla conotação que é difícil de traduzir.

[267] "... que *só os deuses* são felizes"; também poderíamos entender: "que os deuses *são somente felizes*"; v. nota ao início do parágrafo 1.

[268] A palavra grega *müríoi, -ai, -a* (μυρίοι, -αι, -α), que em princípio significaria "dez mil", especializou-se no sentido de numeração indeterminada: "inúmeros", "incontáveis"; a fim de manter uma certa ligação ao numeral, entendi traduzir pelo nosso "mil e um", também numeração indeterminada (cf. *Com seiscentos diabos!, "Já te disse mais de mil vezes"...*).

[269] É nítida a ironia com que Zeus se refere à "felicidade" que os humanos atribuem aos deuses, e especialmente a Zeus.

há muito, a sua sorte, e então cada um conformar-se-ia com a sentença pronunciada.

ZEUS — Que é que te parece, ó Hermes? Fixamos-lhes uma sessão pública de julgamentos, ou preferes que adiemos para o próximo ano?

HERMES — Não, não, fixemos para já a sessão.

ZEUS — Então procede deste modo: Antes de mais, voa até lá abaixo e proclama que irá ter lugar uma sessão pública, nos termos seguintes: *"Que todos quantos depuseram uma acusação se apresentem hoje no Areópago, e que a própria Justiça tire à sorte, de entre todos os atenienses, os membro do júri, [em número] de acordo com o valor da causa*[270]*. Caso alguém considere que a sentença [contra si pronunciada] tenha sido injusta, é-lhe permitido apelar para a minha pessoa, a fim de ser julgado de novo, como se nunca tivesse sido julgado."* E tu, minha filha, vai sentar-te junto das venerandas divindades[271], tira os processos à sorte e observa bem os membros do júri.

5. JUSTIÇA — O quê? Ir novamente para a Terra[272], para ter de fugir de lá rechaçada pelos homens e não podendo suportar a troça da Injustiça?!

ZEUS — Deves ter esperança em melhores dias. Sim, certamente que os filósofos já persuadiram as pessoas a preferir-te a ti à Injustiça, especialmente o filho de Sofronisco[273], que elogiou veementemente a justiça e declarou que ela é o maior dos bens.

JUSTIÇA — Pois sim, esse mesmo a que te referes ganhou muito com os seus discursos a meu favor: tendo sido entregue aos Onze[274] e lançado no cárcere, o desgraçado bebeu a cicuta, sem ao menos [ter tempo de] pagar um galo [devido] a

---

270 Naturalmente, as causas mais importantes e que envolviam penas pecuniárias mais elevadas tinham um maior número de jurados.

271 As "venerandas divindades" são as Euménides, deusas benfazejas, mas também designadas por Erínias (Fúrias), eram divindades vingadoras dos crimes, portanto intimamente ligadas à Justiça.

272 A Justiça, *Díkē* (Δίκη) viveu entre os humanos durante os primeiros tempos (Idade do Ouro e Idade da Prata), mas teve de emigrar para junto dos deuses, com a chegada da Idade do Bronze, que já era uma época de injustiças, embora não tanto como a Idade do Ferro.

273 Sócrates.

274 Os Onze eram encarregados das prisões e encarregados das execuções dos condenados.

Asclépio[275]. Os seus acusadores ganharam-lhe por muito, ao filosofarem a favor da Injustiça.

6. ZEUS — É que, naquele tempo, estas coisas da filosofia ainda eram muito estranhas para a maioria das pessoas, pelo que era natural que o tribunal se inclinasse a favor de Ânito e Meleto[276]. Mas não vês por aí, hoje em dia, tantos mantos[277], tantos bordões, tantos alforges? Por todo o lado uma barba espessa[278] e um livro na mão esquerda[279], e todos esses tipos a filosofarem em teu favor, e os passeios apinhados de pessoas em esquadrões e falanges, que vão encontrar-se umas com as outras, e não há ninguém que não queira passar por discípulo da Virtude. Muitos até, tendo abandonado os ofícios que durante longo tempo[280] haviam exercido, atiram-se ao alforge[281] e ao manto, tostam o corpo ao sol até ficarem como os Etíopes, e, de sapateiros e pedreiros que eram, tornam-se automaticamente uns filósofos, que deambulam [por todo o lado], louvando-te a ti e à Virtude... de tal modo, que,

275 Tratava-se mesmo de uma dívida devida a promessa anterior ao seu encarceramento, pelo que Sócrates, imediatamente antes de morrer, lembra ao seu discípulo e amigo Críton aquela dívida, e pede-lhe que a pague sem falta.

276 Ânito e Meleto foram os acusadores no célebre processo que culminou com a condenação de Sócrates.

277 *tribṓnion* (τριβώνιον) é um manto grosseiro, usado no dia-a-dia, mais curto que o *tríbōn* (τρίβων). No tempo de Luciano, os filósofos faziam gala desse tipo de manto, em vez de outros tipos mais finos. Os filósofos cínicos desde há muito que usavam essa vestimenta, geralmente mito suja e roçada.

278 O texto tem mesmo o singular, com o sentido de "para qualquer lado para onde te vires, vês uma barba espessa, um livro...", pelo que também poderíamos traduzir pelo plural.

279 A especificação de "livro na mão *esquerda* significa um hábito generalizado: a pessoa pegava no *rolo* (*volumen*) com a mão esquerda e, puxando com a direita, ia-o desenrolando na parte de cima (o início do texto) e enrolando-o na parte de baixo. Quando o livro estava totalmente enrolado (antes de se iniciar a leitura), era mais natural que estivesse na mão esquerda, pois assim se evitava mudar de mão. Devemos pensar que a maneira de traçar o manto também tinha que ver com o facto de o livro estar na mão esquerda, pois, quando este estava completamente enrolado, permitia a livre movimentação da mão direita É claro que o contrário também era possível: rolo na mão direita, com a esquerda a desenrolar.

280 "durante longo tempo"; outro sentido de *téōs* (τέως) é "até então": os dois sentidos dizem sensivelmente a mesma coisa.

281 O alforge, o manto e a barba espessa e longa eram o "cartão" de apresentação dos filósofos: topavam-se à distância...

como diz o provérbio, *"mais facilmente cairá uma pessoa num barco e errará a madeira"*[282], do que, lançando os olhos em volta, não tope com um filósofo.

7. JUSTIÇA — Mesmo assim, ó Zeus, esses tipos apavoram-me, sempre a altercarem uns com os outros e a patentearem a sua ignorância na matéria, ao dissertarem sobre a minha pessoa. Até se diz que muitíssimos deles, por palavras, se reivindicam da minha pessoa, mas, quanto aos actos, nunca por nunca me recebem sequer em sua casa; pelo contrário, tornam bem claro que me rechaçarão, se eu alguma vez me aproximar das suas portas. Na verdade, desde há muito que a Injustiça está hospedada em suas casas.

ZEUS — Mas, minha filha, nem todos eles são perversos. Basta que encontres uns quantos de entre eles que sejam bons... Ora bem: partam imediatamente, para podermos despachar ainda hoje pelo menos alguns processos.

8. HERMES — Avancemos, pois, ó Justiça, na direcção do Súnio, um pouco abaixo do Himeto, à esquerda do Parnete, onde se situam aquelas duas colinas[283]... Até parece que desde há muito te esqueceste do caminho... Mas porque choras e te lastimas? Não tenhas medo, pois as coisas já não são as mesmas nesta vida: os Cirões[284] já estão mortos, bem como os Pitiocamptes, os Busírides e os Falárides, que tu naquele tempo tanto temias. Agora, porém, a Sabedoria, a Academia e o Pórtico dominam tudo, procuram-te por todo o lado e discutem a teu respeito, e ficam de boca aberta na expectativa de ver de que parte do céu tu vais descer novamente até eles em voo picado.

JUSTIÇA — Ó Hermes, tu és o único capaz de me falar com verdade, pois convives e passas a maior parte do tempo com eles nos ginásios e na *agorá* – pelo que até te chamam

---

[282] A segunda parte do provérbio é, naturalmente, "móvel", conforme o 2º membro da comparação.

[283] Trata-se do Licabeto e da Acrópole.

[284] Cirões, plural retórico = "Cirão e outros (Cirões) como ele". Cirão era um bandido, que foi morto por Teseu. Do mesmo modo, as personagens seguintes, também no plural: o(s) Pitiocamptes, "que dobra pinheiros", alcunha do bandido Sínide; Busíride(s): rei do Egipto, que matava os estrangeiros, e foi morto por Héracles; Faláride(s): tirano de Agrigento, famoso pela sua crueldade.

agoraîos[285] – e fazes as proclamações nas assembleias... [Diz-me pois] que espécie de homens são eles e se é possível a minha estada junto deles.

HERMES — Por Zeus! Eu seria muito injusto contigo, que és minha irmã, se não te falasse [francamente]. Na sua maioria, têm aproveitado não pouca coisa da filosofia; de facto, se mais não houvesse, pelo menos, por respeito à indumentária, pecam mais moderadamente. No entanto, também acharás entre eles uns certos tipos depravados – sim, há que, julgo eu, dizer-te a verdade –... uns quantos semi-sábios e semipervertidos. Ora, quando a Sabedoria pegou neles e lhes aplicou uma barrela, todos quantos absorveram abundantemente o líquido do banho ficaram completamente virtuosos, sem mistura de cores, e estes estão extremamente dispostos a acolher-te. Aqueles, porém, que, por terem um sarro muito antigo, não receberam em profundidade uma porção suficiente da droga, são melhores que os outros, mas, mesmo assim, imperfeitos e meio-brancos, com a pele sarapintada e às riscas [como do leopardo]. Há ainda aqueles que, mal tendo tocado na bacia, por fora e com a ponta de um dedo, e se untaram com a fuligem, cuidam que foram suficientemente banhados. Em todo o caso, tem por certo que terás uma boa estada junto dos melhores.

9. Ora, enquanto falávamos, eis que nos aproximamos da Ática: assim, deixemos o Súnio à direita e desviemo-nos agora na direcção da Acrópole. E agora que já descemos, senta-te por aí, em qualquer ponto da colina, olhando para a Pnix[286] e aguardando que eu faça a proclamação vinda de Zeus. Quanto a mim, subindo à Acrópole, será mais fácil, desse modo, fazer a proclamação de um ponto onde todos possam escutar-me.

JUSTIÇA — Não te vás embora, Hermes, antes de me dizer quem é este que se aproxima, um fulano cornudo, com uma siringe e de pernas peludas.

---

285 Há aqui um jogo de palavras difícil (talvez mesmo impossível) de traduzir, entre *agorá* e *agoraîos*; o primeiro, *agorá*, tem os seguintes sentidos básicos: 1. “assembleia”; 2. “praça publica” (vasta zona central, com avenidas, alamedas, templos, edifícios de assembleias, tribunais...); 3. Mais restritamente, “ (zona de) mercado”. Hermes (o Mercúrio dos Romanos) além da função de “pregoeiro”, era o patrono dos mercadores. Correndo o risco de ser demasiado restritivo, traduziria por “... no *mercado* – pelo que até te chamam *mercador*...

286 Lugar junto da Acrópole, onde se reunia a assembleia.

HERMES — É o quê? Então não conheces o Pã, o mais báquico dos servos de Dioniso? Primeiramente vivia no cimo do monte Parténio[287], mas, aquando da expedição naval de Dátis[288] e do desembarque dos bárbaros em Maratona, veio, sem ser chamado, como aliado dos Atenienses; desde então, recebeu e habita esta caverna abaixo da Acrópole, um pouco acima do Pelásgico, pagando o *metoikion*[289]. É óbvio que nos avistou e que, como bom vizinho, vem saudar-nos.

10. PÃ — Ora vivam, Hermes e Justiça!

HERMES — E tu também, Pã, o melhor músico e o melhor bailarino de entre os Sátiros, e o mais belicoso em Atenas!

PÃ — Que assunto premente vos trouxe aqui, ó Hermes?

HERMES — Esta aqui contar-te-á tudo, pois eu vou indo para a Acrópole, a fim de fazer a proclamação.

JUSTIÇA — Zeus, ó Pã, enviou-me aqui a fim de constituir júris para os julgamentos. Mas... como te corre a vida em Atenas?

PÃ — Em termos gerais, não recebo das pessoas um tratamento de acordo com o meu mérito, mas sim muito mais abaixo do que esperava, e isto depois de eu ter afastado uma desordem tão grande [aquando da invasão] dos bárbaros. No entanto, duas ou três vezes por ano as pessoas sobem até aqui, escolhem um bode e sacrificam-no em minha honra, exalando um cheiro a bodum; depois as pessoas banqueteiam-se com a carne, fazendo de mim simples testemunha do festim e honrando-me com uma batucada sem acompanhamento [musical]. Mesmo assim, o riso e as palhaçadas das pessoas provocam-me um certo divertimento.

11. JUSTIÇA — Mas quanto ao resto, ó Pã, será que as pessoas se tornaram mais virtuosas por acção dos filósofos?

PÃ — A que filósofos te referes? Porventura a esses tipos sempre de cabeça baixa, em chusma numerosa, com barbas iguais às minhas, uns tagarelas?

JUSTIÇA — Esses mesmos.

PÃ — Ó Justiça, não sei absolutamente nada do que eles dizem nem entendo a sabedoria dos fulanos, pois eu sou um

---

[287] Parténio, monte da Arcádia, no Peloponeso.

[288] Dátis (ou Dátide), general de Dario, vencido por Milcíades em Maratona.

[289] O *metoikion* (μετοίκιον) era a taxa de 12 dracmas pagas pelos estrangeiros residentes em Atenas.

montanhês, não aprendi o seu palavreado elegante e urbano. Sim, como é que eu poderia tornar-me, lá na Arcádia, um sofista ou um filósofo? A minha sabedoria só vai até à flauta transversal e à siringe[290]; quanto ao mais, sou cabreiro, dançarino e, se necessário, guerreiro. No entanto, ouço esses fulanos a grasnarem e a discorrerem a respeito de uma tal... "virtude", de "ideias", "natureza" e entidades "incorpóreas", tudo nomes para mim desconhecidos e estranhos. Então, iniciam em tom pacífico os argumentos de uns contra os outros, mas, à medida que a conversa avança, esticam a voz até às notas mais altas, de tal modo que, devido ao enorme esforço despendido e à ânsia de falarem todos ao mesmo tempo, a cara fica-lhes vermelha, incha-lhes o pescoço, as veias engrossam, como sucede com os tocadores de flauta, quando estes tentam à força soprar numa flauta muito estreita. Então, baralham os argumentos, confundem o objectivo inicial [do debate], e vão dali depois de quase todos se terem injuriado uns aos outros, limpando com a concha da mão[291] o suor que lhes escorre da cara... enfim, fica-se com a impressão de que saiu vencedor aquele que berrou mais alto que todos, que se revelou mais insolente e que ficou para último, depois de os outros dispersarem. E no entanto, a populaça em chusma fica pasmada a escutá-los, especialmente aquelas pessoas que não têm nada de urgente para fazer, e que se acercam deles, atraídas pela sua insolência e pela gritaria. A mim, na verdade, parecem-me, por tudo isso, uns charlatães, e aflige-me o facto de eles usarem uma barba igual à minha. Se ao menos houvesse, na sua gritaria, alguma coisa de útil para o povo, ou se resultasse algo de bom do seu palavreado, eu não teria nada que dizer. Mas... se não devo mesmo esconder-te nenhuma verdade, mas contar-te... (como vês, eu moro num local elevado)... já muitas vezes observei muitos deles, que, pela calada da noite...[292]

---

[290] A siringe é a chamada "flauta de Pã"; consiste em sete tubos de diferente comprimento, cada um dos quais produz a sua nota. Os antigos consideravam que a siringe, bem como a flauta transversal, fora inventada por Pã.

[291] O texto diz, rigorosamente, "com o dedo recurvado", só que... não dá jeito; também poderíamos entender "com as costas da mão"...

[292] Pã ia falar da vida dissoluta que muitos desses filósofos levavam, em desacordo com a doutrina moral que apregoavam, mas a Justiça interrompe-o...

12. JUSTIÇA — Pára aí, ó Pã! Não te parece que o Hermes já está a fazer a proclamação?

PÃ — Sim, sim, de facto...

HERMES — Povo, escutai! Com a graça divina[293], marcamos para hoje, sétimo dia do mês de Elafebólion[294], uma sessão pública judicial. Todos quantos tenham intentado uma acção, que se apresentem no Areópago, onde a Justiça sorteará os jurados e assistirá em pessoa aos julgamentos. Os jurados serão sorteados entre todos os atenienses; o salário[295] é de três óbolos por cada julgamento; e o número dos jurados será fixado conforme a gravidade do crime. Todos quantos, tendo entrado com uma acção, mas que tenham falecido antes de ela ir a julgamento, [determino] que Éaco[296] os envie também a esses cá acima. Se alguém houver que considere ter sido sentenciado injustamente, poderá recorrer em processo de apelo, o qual apelo será submetido directamente a Zeus.

PÃ — Tchiii! Que tumulto! Como gritam tão alto, ó Justiça! E como se precipitam em grande correria, empurrando-se uns aos outros, direito à escarpa do Areópago! Mas eis que Hermes também já lá está. Portanto, vós ambos ocupai-vos dos julgamentos, tirai os jurados à sorte e sentenciai segundo a lei, que eu vou para a minha caverna, onde tocarei na flauta uma melodia amorosa, daquelas com que costumo importunar Eco[297]. Realmente, já

---

293 A fórmula grega usual nestes casos era "com boa sorte" (ἀγαθῇ τύχῃ).

294 O mês de Elafebólion (Ἐλαφηβολιών) era o nono mês do ano; na verdade, devido à deficiente contagem do ano solar e dos meses, era preciso acertar o tempo com um mês intercalar, entre o 6º e o 7º, pelo que o Elafebólion era, afinal, o 10º mês. No entanto, como o ano começava em meados de Junho (teoricamente no solstício do Verão), a data indicada por Hermes corresponde, no nosso calendário e com uma aproximação muito incerta, a fins de Março-princípios de Abril. Mas para os Atenienses aquela data era, simplesmente, o sétimo dia do referido mês.

295 O salário... entenda-se: de cada jurado.

296 Éaco é (juntamente com Minos e Radamante) um dos juízes do reino de Hades (ou Plutão), o reino dos mortos, os Infernos. O juiz supremo era, naturalmente, Hades, mas este delegava normalmente naqueles três. E acima de Hades, como se vê a seguir, estava o próprio Zeus.

297 Eco é o nome de uma ninfa... feminino, portanto. Por isso evitei o artigo: rigorosamente deveria dizer-se "*a* Eco". Esta ninfa era o grande amor, não correspondido, precisamente de Pã... Longa história, mas basta dizer-se que a infeliz Eco, por vingança de Pã, foi desfeita em pedaços pelos companheiros do vingativo cabreiro, mas, agora sem corpo, fica reduzida a uma simples voz... Assim a mitologia explica o fenómeno do eco.

estou fartíssimo de julgamentos e discursos judiciários, por ouvir todos os dias os litigantes no Areópago.

13. HERMES — Vamos lá, ó Justiça, citemo-los.

JUSTIÇA — Dizes bem. De facto, como vês, eles avançam em grande vozearia, como vespas zumbindo à volta da colina.

UM ATENIENSE — Já te apanhei, meu tratante

SEGUNDO ATENIENSE — És um sicofanta(298)!

TERCEIRO ATENIENSE — Vais pagar-mas... e já!

QUARTO ATENIENSE — Vou provar que tu cometeste grandes crimes!

QUINTO ATENIENSE — *(dirigindo-se à Justiça)* Sorteia primeiro o meu júri.

SEXTO ATENIENSE — Segue-me ao tribunal, meu malandro!

SÉTIMO ATENIENSE — Não me apertes o pescoço!

JUSTIÇA — Sabes o que temos de fazer, Hermes? Adiemos para amanhã os outros processos, e sorteemos para hoje somente as acções intentadas pelas artes, pelas profissões e pelas ciências contra homens. Então passa-me daí esses processos.

HERMES — A Embriaguez contra a Academia, no caso da deserção de Pólemon(299).

JUSTIÇA — Sorteia sete jurados(300).

---

298 *Sicofanta* era o indivíduo que promovia uma acção judicial contra outro, um delator, que, muitas vezes, fazia desse processo um modo de vida, pois, no caso de o réu ser condenado, uma parte dos bens deste revertia para o acusador. Este, no entanto, caso não obtivesse pelo menos 1/5 dos votos, arriscava-se a apanhar uma multa de 1000 dracmas e a sofrer outras penalizações de natureza cívica. Muitas vezes, o sicofanta apenas fazia chantagem, levando a vítima a entregar-lhe determinada quantia, só para se livrar de aborrecimentos. Para os gregos, a palavra tinha origem numa antiga proibição de exportar figos, *sûka* (σῦκα) para fora da Ática, etimologia que hoje não é universalmente aceite; mas o que é certo é que o termo *sicofanta* estava carregado dum sentido muito negativo, algo como o port. *bufo* ou, noutro sentido, *chantagista*.

299 Trata-se dum caso verídico: Pólemon, jovem devasso, entrou uma vez na Academia perdido de bêbedo, tentando perturbar a aula de Xenócrates, mas este continuou, imperturbável, a sua prelecção, de tal modo que converteu o jovem a uma vida decente e ao estudo da filosofia, Mais tarde, Pólemon sucedeu ao seu mestre na direcção da Academia.

300 O número de jurados era sempre ímpar, a fim de evitar empates.

HERMES — A *Stoá*[301] contra a Volúpia, por motivo de ofensa, por esta ter seduzido Dionísio, amante daquela.

JUSTIÇA — Bastam cinco.

HERMES — Sensualidade contra a Virtude, no caso de Aristipo[302].

JUSTIÇA — Para esses, cinco jurados.

HERMES — A Banca contra Diógenes, por contrafacção de moeda[303].

JUSTIÇA — Sorteia só três.

HERMES — A Pintura contra Pírron por deserção[304].

JUSTIÇA — Nove jurados.

14. HERMES — Queres que sorteemos também estes [processos], ó Justiça, estes dois que deram entrada ontem contra o retor[305]?

JUSTIÇA — Despachemos primeiro os antigos, e estes serão julgados amanhã[306].

HERMES — Em todo o caso, estes últimos são idênticos aos outros, e o delito, se bem que recente, é muito parecido com o os dos [processos] anteriormente sorteados, pelo que devem ser julgados juntamente com eles.

JUSTIÇA — Até dá a impressão, ó Hermes, de que tens especial interesse nesse pedido. Em todo o caso, já que é do teu agrado, tiremos à sorte, mas apenas estes [dois], pois os

---

301 *Stoá* "pórtico" ou, na designação port., *Pórtico*. Era o local de acção dos filósofos *estóicos*, ou "do Pórtico", que pregavam uma doutrina moral muito austera. No nosso texto, havia que manter o género feminino: o jovem Dionísio abandonou a sua primeira amante, a *Stoá*, para cair nos braços da Volúpia. Também neste último caso há que verter por um nome feminino: Volúpia, e não o vocábulo mais corrente, Prazer.

302 Aristipo, inicialmente discípulo de Sócrates, fundou, mais tarde, a Escola Cirenaica.

303 Segundo Diógenes Laércio (VII, 2.1.), Este Diógenes era filho e sócio de Icésio em Sinope (Ásia Menor). Acusados de fazerem moeda falsa, o pai foi executado, mas o filho fugiu para Atenas. Trata-se do mais famoso cínico da Antiguidade, sobre o qual corriam milhares de ditos corrosivos ou, pelo menos, irónicos.

304 Pírron, da Escola Céptica, começou como pintor.

305 É esta, talvez, a melhor maneira de verter o termo grego *rhḗtōr* (ῥήτωρ), que, na verdade, pode equivaler a diversas actividades à volta da arte de discursar: "mestre de Retórica" (ou "retor"), "orador", "advogado"... Note-se que Luciano se identifica, aqui, simplesmente como "o retor", e, mais adiante, como "o Sírio" e, um pouco mais à frente, como "o retor Sírio".

306 "amanhã" ou "mais tarde"...

que estavam sorteados já bastavam bem. Ora então, passa-me daí os referidos autos de acusação[307].

HERMES — A Retórica contra o Sírio[308], por maus tratos; e o Diálogo contra o mesmo [Sírio], por ultraje.

JUSTIÇA — Mas... quem é este aqui, que não tem escrito o nome?

HERMES — Tira mesmo assim à sorte os jurados para o retor Sírio... Não é impedimento o facto de não constar o seu nome.

JUSTIÇA — Ora vejam: Será que chegámos a ponto de, aqui mesmo em Atenas e no Areópago, julgar causas estrangeiras que melhor ficariam serem julgadas para lá do Eufrates? Vá lá... sorteia onze jurados, os mesmos para os dois processos.

HERMES — Muito bem, Justiça, és económica, a fim de não gastar muito dinheiro com o júri.

15. JUSTIÇA — Ocupem os seus lugares, primeiro, os jurados do caso da Academia contra a Embriaguez. Tu aí[309]... enche a clepsidra[310]. E agora, ó Embriaguez, fala tu em primeiro lugar. Mas... porque é que ela fica calada e abana a cabeça? Vai lá saber, ó Hermes.

HERMES — Ela diz *"não posso defender a minha causa, tenho a língua presa pelo vinho puro*[311] *[que bebi]... não quero ser motivo de risota do tribunal."* Como vês, ela mal pode ter-se em pé[312].

---

307 A *graphḗ* (γραφή) era o texto que, em poucas palavras, resumia o conteúdo da acusação e servia de base ao julgamento.

308 Luciano, para não referir claramente o seu nome, chama-se, com certa ironia e algum patriotismo, o «Sírio». Naturalmente, esta deficiência de identificação vai, logo a seguir, causar um pequeno problema, imediatamente resolvido.

309 É de supor que, para este acto meramente técnico de encher a clepsidra, a Justiça se dirige a algum funcionário, ou (quem sabe?) ao próprio Hermes.

310 Lit.te "verte a água" [na clepsidra]. A clepsidra era um relógio de água, constituído por dois recipientes sobrepostos; enchia-se o recipiente superior, que deixava passar a água, lentamente, para o recipiente inferior; o esvaziamento do recipiente superior marcava o fim da intervenção do orador, do réu, do acusador... a menos que lhes tivesse sido atribuída mais de uma "clepsidra".

311 Os gregos bebiam o vinho geralmente diluído com água, em proporção maior ou menor (1/5 a 2/3). Naturalmente, os viciados preferiam bebê-lo puro, literalmente "não misturado", *ákratos* (ἄκρατος).

312 Os manuscritos do grupo γ continuam com a 1ª pessoa verbal, donde traduziríamos por "... *mal posso ter-me de pé*".

JUSTIÇA — Nesse caso, que ela faça subir [à tribuna] um destes vulgares(313) advogados de defesa(314), pois são muitos os que, por um trióbolo, estão dispostos a desunhar-se(315).

HERMES — Mas nem um sequer quererá discursar abertamente em favor da Embriaguez... Mas... esta [nova solução] (316) parece razoável.

JUSTIÇA — Qual [nova solução]?

HERMES — Diz ela: *"A Academia está sempre pronta a defender ambas as teses e está treinada para poder falar, e muito bem, a respeito de contrários. Portanto, ela falará primeiro em minha defesa, e depois em sua própria defesa."*

JUSTIÇA — Isso é uma coisa sem precedente, mas, enfim, pronuncia lá, ó Academia, ambos os discursos, já que tal te é tão fácil.

16. ACADEMIA — Senhores jurados: Escutai em primeiro lugar os argumentos a favor da Embriaguez, pois é para ela que neste momento a água(317) corre.

A infeliz [criatura] foi gravemente lesada por mim(318), a Academia, ao ser privada do único, devotado e fiel escravo que possuía, o famoso Pólemon, o qual não considerava vergonhoso nada do que ela ordenava, e que durante todo o dia andava em festa em plena ágora, acompanhado de uma tocadora de flauta e cantando de manhã à noite, sempre bêbedo e turvado, e com a cabeça enfeitada de grinaldas. Que isto [que eu digo] é verdade, são testemunhas todos os atenienses, os quais nunca por nunca viram Pólemon sóbrio. Ora, uma vez em que o desgraçado foliava às portas da Academia, como costumava fazer à porta de toda a gente, a Academia, tendo-o reclamado como escravo, arrebatou-o à força das mãos da Embriaguez e

---

313 Para os manuscritos do grupo β, "hábeis", ou, em sentido pejorativo, algo como "habilidosos", ou mesmo "terríveis".

314 Na Grécia, os réus e os acusadores defendiam-se ou atacavam pessoalmente, excepto em certos casos, em que era permitida a intervenção mais alargada duma testemunha ou, em casos extremos, como este, a intervenção de um advogado, um *sünégoros* (συνήγορος).

315 O grego diz "a rebentar", naturalmente em sentido figurado...

316 O acrescento "nova" é sugerido por "esta", "esta (agora)", como, de resto, se vê pela sequência; quanto a "solução" é uma explicitação que o grego muitíssimas vezes não faz.

317 ... a água... da clepsidra, como já ficou esclarecido antes.

318 É uma ideia deveras bizarra pôr a Academia a discursar contra si mesma.

conduziu-o até sua casa, onde o obrigou a beber [só] água, o ensinou a ser abstémio, lhe arrancou as grinaldas e, em vez de beber reclinado no triclínio, ensinou-lhe palavras arrevesadas e obscuras, eivadas de múltiplos sentidos. Deste modo, em vez da vermelhidão que, até então, lhe aflorava [na face], o desgraçado ficou amarelento e com o corpo todo encarquilhado, desaprendeu todas as suas cantigas, e por vezes fica sem comer e sem beber até meio da tarde, palrando todos aqueles conceitos(319) que eu, a Academia, ensino a palrar. O mais grave, porém, é que ele, acirrado por mim, lança impropérios contra a Embriaguez e diz cobras e lagartos(320) a respeito dela.

Disse quase tudo em defesa da Embriaguez. Agora vou discursar em minha defesa, pelo que, deste momento em diante, que corra para mim a água [da clepsidra].

JUSTIÇA — Que diacho irá ela responder a este discurso(321)? Ora bem: Deita-lhe a mesma quantidade [de água].

17. ACADEMIA — Senhores jurados: A advogada acaba de proferir palavras na verdade razoáveis em defesa da Embriaguez. Todavia, se me escutardes, também a mim, com benevolência, vereis que eu não a lesei em nada.

De facto, ela, coadjuvada pela Volúpia, que a assiste na maior parte dos casos, tendo raptado, ainda jovem, esse tal Pólemon, que ela afirma ser seu servo, mas que é pessoa sem índole perversa e sem tendência para a Embriaguez, mas, pelo contrário, meu familiar por sua natureza, corrompeu o desgraçado, entregando-o completamente a festanças e prostitutas, a tal ponto, que não lhe restava nem um pouquinho de vergonha. Tudo aquilo que ela, no discurso de há pouco, considerava ser dito em seu favor, tende-o antes por ter sido dito em meu favor. De facto, o infeliz, enfeitando-se com grinaldas, logo pela manhã andava na farra em plena ágora, ao som da flauta, nunca sóbrio, festejando com toda a gente... enfim, a vergonha dos seus antepassados e da cidade, e motivo de risota para os estrangeiros.

---

319 O grego diz, de maneira vaga (como de costume), “todas aquelas coisas”.

320 O grego diz, simplesmente, “dez mil males”, “muitos males”; “cobras e lagartos”, ainda que longe da letra grega, anda muito perto pelo sentido. Talvez, como meio termo, seja preferível “ mil e uma coisas horrorosas”...

321 O grego, mais uma vez, é vago: “Que dirá ela, pois, a isto?”. Dito de outra maneira: Que irá ela responder a... ela mesma?

Quando, um dia, veio até junto da minha casa, aconteceu que eu estava, de portas escancaradas, como costumava fazer, desenvolvendo uma prelecção para os meus companheiros ali presentes a respeito da virtude e da temperança. Então Pólemon, irrompendo [por ali dentro] com a flauta e as grinaldas, começou por berrar, tentando confundir a nossa sessão, perturbando-a com a algazarra. Como, porém, nós não lhe tivéssemos dado a mínima atenção, ele, a pouco e pouco – pois não estava completamente penetrado pela Embriaguez –, foi ficando sóbrio por acção das minhas palavras, arrancou as grinaldas, mandou calar a tocadora de flauta, sentiu vergonha do seu manto de púrpura e, como que despertado de um sono profundo, olhou para si, para o estado em que se encontrava, e condenou toda a sua vida passada. A vermelhidão causada pela Embriaguez foi empalidecendo, foi desaparecendo, e ele foi ficando rubro de vergonha pelo seu comportamento. Por fim, libertou-se dela e desertou espontaneamente para junto de mim, sem que eu o tivesse chamado ou o tivesse forçado, como aqui esta afirma, mas sim de livre vontade, ao perceber que isso era o melhor.

E agora chama-o cá, para verificardes[322] em que estado ele se encontra, graças a mim[323].

Este indivíduo, senhores jurados, que eu recebi em situação ridícula, incapaz, devido ao vinho[324], quer de falar, quer de ter-se de pé, modifiquei-o, tornei-o sóbrio e, em vez de escravo, fiz dele um homem honesto e sensato, e bem digno [da estima] dos Gregos. E agora ele está-me grato por isso, bem como os seus familiares [por aquilo que ele é].

Tenho dito. Vós agora considerai com qual de nós foi melhor para ele associar-se.

18. JUSTIÇA[325] — Vamos, não se demorem, passem à votação, levantem-se[326], que ainda temos de julgar outros casos.

---

322 "chama-o cá, (Hermes), para verificardes (todos vós...": assim se justifica a mudança no número do verbo.

323 Imagina-se aqui um pequeno compasso de espera, durante o qual Pólemon se dirige à presença dos jurados. Achei por bem fazer um parágrafo.

324 O grego diz, muito apropriadamente, "(vinho) puro"; v. uma nota anterior.

325 Algumas edições atribuem esta fala a Hermes, a seguinte à Justiça e depois novamente a Hermes; outras, como a "Loeb", que adopto, consideram outra ordem: Justiça, Hermes, Justiça.

326 "levantem-se": saiam dos vossos lugares e dirijam-se à urna de votação...

HERMES — Ganhou a Academia, por todos os votos menos um(327).

JUSTIÇA — Não é de estranhar que ainda haja alguém que vote a favor da Embriaguez...

19. Ocupai os vossos lugares, vós que fostes sorteados para julgar o processo da *Stoá*(328) contra a Volúpia no caso do amante. Já está vertida a água... Tu(329), que estás pintalgada de várias cores, toma já a palavra.

20. *STOÁ* — Senhores jurados: Antes de mais, não desconheço que o meu discurso vai ser contra uma adversária de bom aspecto físico... e até estou vendo a maior parte de vós a olhar fixamente para ela e a sorrir-lhe enlevadamente(330), ao passo que a mim me menosprezam, por ter a cabeça completamente rapada, por ter um aspecto másculo e por parecer carrancuda. Todavia, se tiverdes a bondade de escutar o meu discurso, estou certo de que as minhas palavras serão mais justas que as desta aqui.

Senão vejamos(331): A acusação de que se trata é a de que ela, ataviada à maneira das cortesãs e com o atractivo do seu aspecto, iludiu e atraiu a si Dionísio, um homem que era meu amante e, até então, pessoa sensata. Ora, antes de vós, outros [jurados] julgaram a causa da Academia e da Embriaguez, que é irmã da presente causa. De facto, examina-se, no presente caso, se devemos, à maneira de porcos, viver inclinados para o chão e entregues ao prazer, sem ter qualquer pensamento elevado, ou se, considerando o prazer como secundário em relação ao que é honesto, devemos antes filosofar livremente, como pessoas livres [que somos], sem temermos a dor como coisa invencível, sem pormos servilmente o prazer acima de

---

327 Como se vê no par. 13 (fala da Justiça), haviam sido sorteados sete jurados, pelo que o resultado da votação foi de 6 a 1 a favor da Academia.

328 Ver nota à designação *Stoá* (par. 13).

329 A Justiça dirige-se à *Stoá* (“Pórtico”), também designado por *Poikílē* (Ποικίλη), que significa “de várias cores”, nome duma galeria, em Atenas, coberta de pinturas, onde funcionava a Escola Estóica...

330 “enlevadamente”, “docemente”... são conotações mais ou menos implícitas no gr. *meidiáō* (μειδιάω)...

331 O grego exprime esta transição por partículas nem sempre fáceis de verter.

tudo e sem procurar a felicidade no mel e nas passas de figo[332]. Sim, esta [fulana], lançando tais engodos aos insensatos e apavorando-os com o papão[333] da dor, atrai a si a maior parte deles, entre os quais esse tal desgraçado que ela fez com que sacudisse o nosso jugo[334], aguardando que ele adoecesse, já que, em estado de saúde, nunca aceitaria os seus argumentos... Mas... porque estou eu indignada com esta [fulana], que nem sequer poupa os deuses, mas ataca a sua providência[335]? Assim, se fordes sensatos, aplicar-lhe-eis a pena por [crime de] impiedade... Mas... estou para aí a ouvir dizer ela não está preparada para fazer o seu discurso, pelo que vai fazer subir [à tribuna] Epicuro, para lhe servir de advogado de defesa[336]. Vede como ela troça do tribunal! Mas... mais uma coisa: Perguntai-lhe o que é que ela pensa que seriam Héracles e o vosso[337] Teseu, se eles, tendo-se juntado com a Volúpia, evitassem os trabalhos. Realmente, nada impediria que a terra estivesse cheia de injustiça, se aqueles não se tivessem dado a tantas tribulações.

Eis o que entendi dizer, eu que não sou muito dada a longos discursos. Ora, se a minha adversária decidisse responder ponto por ponto às minhas perguntas, imediatamente se constataria que ela não tem razão. Em todo o caso, tende presente o vosso juramento e votai segundo aquilo que jurastes, não dando crédito a Epicuro, quando este diz que os deuses não se fiscalizam em absoluto o que se passa aqui entre nós.

---

332 "mel e passas de figo", metáfora por "doçuras da vida"...

333 "apavorando-os com o papão": O verbo grego, *mormolŷttomai* (μορμολύττομαι) deriva do nome de um dos diversos "papões" com que se metia medo às crianças, a *Mormṓ* (Μορμώ), horrenda figura de mulher, que mordia nas criancinhas que se portavam mal...

334 "sacudisse o nosso jugo": o grego diz "se desenfreasse de nós"; o mesmo verbo ocorre no parágr. 1, referido aos cavalos de Hélio (o Sol), que (assim traduzi) "tomam o freio nos dentes.

335 Há aqui uma referência clara ao Epicurismo, que defendia uma doutrina materialista, segundo a qual tudo era constituído por átomos, até mesmo a alma e os próprios deuses; estes, além do mais, não se preocupavam com a vida humana. Um pouco adiante, faz-se referência explícita a Epicuro, e, no nº 21, o próprio Epicuro intervém como advogado da Volúpia.

336 Sobre a figura do advogado de defesa, v. nota no nº 15 (2ª fala da Justiça).

337 "vosso", quer dizer: de Atenas, como vós. Teseu era o herói por excelência de Atenas e da Ática, tal como Héracles o era de Esparta e do Peloponeso. Ambos se notabilizaram por grandes façanhas...

JUSTIÇA — Retira-te[338]. Tem a palavra o Epicuro em defesa da Volúpia.

21. EPICURO — Senhores jurados: Não vou falar-vos longamente, pois não necessito de muitas palavras.

Antes de mais, se a Volúpia, usando de fórmulas encantatórias ou de drogas, tivesse forçado Dionísio – que a *Stoá* a afirma ser seu amante – a afastar-se desta e a não ter olhos senão para aquela, [Volúpia], naturalmente que seria tida como feiticeira e seria julgada como tendo cometido um crime, ao usar filtros mágicos contra os amantes de outras pessoas. Se, porém, um qualquer homem livre, numa cidade livre e sem que as leis o proíbam, sentindo aversão junto desta [da *Stoá*] e considerando que a tal felicidade que dizem ser o cúmulo dos trabalhos não passa de uma patranha, se [esse tal] se livrar daqueles raciocínios retorcidos e semelhantes a labirintos e se refugiar todo contente no seio da Volúpia, rebentando com as teias dos raciocínios como se fossem grilhões, pensando como um homem e não como um imbecil e considerando o sofrimento aquilo que ele é, [ou seja] um mal, e o prazer uma coisa agradável, será que, qual náufrago que procura chegar a nado ao porto, desejoso de águas calmas, devemos empurrar tal homem directamente para o sofrimento ou causar-lhe dificuldades, e isto quando ele, qual suplicante no altar da Compaixão, se refugia junto da Volúpia? [Tanto sofrimento] para, coberto de suor, subir, digamos, ao cume escarpado, a fim de ver a famosa Virtude, e então, depois de ter penado toda a vida, atingir [enfim] a felicidade após a vida[339]?

Pois bem: Que juiz se vos afigurará mais justo do que esse mesmo Dionísio[340], o qual, conhecedor como ninguém da doutrina da *Stoá* e até então convencido de que só o que é honesto[341] é que é bom, mas que, tendo posteriormente compreendido que

[338] Como se vê – expediente do Autor para evitar mais delongas –, a Justiça não atende à sugestão da *Stoá*, que desejaria fazer pessoalmente umas quantas perguntas à Volúpia (perguntas já explicitadas anteriormente...).

[339] É nítida a tradução à letra, que não fica lá muito elegante. Nomeadamente, em vez de "após a vida", ficaria melhor "no fim da vida" ou "depois de morto"...

[340] O texto grego diz "do que esse mesmo", que entendi esclarecer melhor.

[341] O adjectivo *kalós* (καλός) não pode ter aqui o sentido, porventura mais usual, de "belo", "formoso", mas sim o sentido moral de "honesto", "virtuoso", "recto".

o sofrimento é mau, optou por uma das duas [teorias], após tê--las experimentado? De facto, ele verificava, julgo eu, que esses indivíduos, que dissertavam longamente sobre a paciência e a resistência ao sofrimento, serviam em privado a Volúpia, e que, muito veementes na linguagem, em suas casas viviam segundo as leis da Volúpia, envergonhando-se, é verdade, de serem vistos a baixar de nível e a trair a sua doutrina, sofrendo, os infelizes, o suplício de Tântalo, mas, onde quer que esperassem transgredir despercebidamente e em segurança [a doutrina], enchiam-se fartamente de prazeres. Então, se alguém lhes desse o anel de Giges, de modo que, pondo-o [no dedo] ficariam invisíveis, ou o gorro de Hades(342), por certo que diriam adeus aos sofrimentos e se precipitariam nos braços da Volúpia, todos eles imitando Dionísio, o qual, até contrair a doença, esperava lucrar alguma coisa com os seus discursos sobre a paciência. Quando, porém, experimentou a dor e adoeceu, e o sofrimento [físico] verdadeiro se apoderou dele, ao ver o seu próprio corpo filosofar ao contrário da *Stoá* e ensinar-lhe uma doutrina inversa, passou a acreditar mais nele próprio do que naqueles [filósofos], reconheceu que era um homem e que tinha um corpo humano, daí em diante passou a tratar esse corpo, não como uma estátua, convicto de que todo aquele que fala duma maneira, mas acusa a Volúpia,

"É jovial nas palavras, mas tem a alma noutro lado".

Tenho dito. Procedei à votação sobre estas [duas posições].

22. *STOÁ* — De maneira nenhuma! Permitam-me que lhe faça algumas perguntas (sucessivas)(343).

EPICURO — Pergunta, que eu responderei.

STOÁ — Consideras a dor um mal?

EPICURO — Sim.

STOÁ — E o prazer um bem?

---

342 Como se percebe, o gorro de Hades (ou Plutão, o deus dos Infernos), tal como o anel de Giges, tornava invisível quem os usasse. Na Ilíada (V, 845), é a deusa Atena que o enfia na cabeça, para que Ares não a veja.

343 O verbo *sünerōtáō* (συνερωτάω) significa "interrogar (alguém) num processo dialéctico, com uma pergunta e uma resposta de cada vez". Trata-se de um processo que vem, pelo menos, desde Sócrates, e que permite a uma pessoa hábil e manhosa enredar o seu interlocutor numa teia de evidências que conduzem a uma contradição ou a um absurdo, provando-se deste modo aquilo que se pretende.

EPICURO — Sim, com certeza.

STOÁ — Então? Sabes o que é o *diferente* e o *indiferente*, o *preferível* e o *não-preferível*(344)?

EPICURO — Mas com certeza!

HERMES — Ó *Stoá*, os jurados estão dizendo que não entendem estas perguntas dissilábicas(345). Portanto, calai-vos, que eles já estão a votar.

STOÁ — De toda a maneira, eu tê-lo-ia vencido, se o tivesse interrogado usando a terceira figura dos indemonstráveis(346).

JUSTIÇA — Quem venceu?

HERMES — A Volúpia, por unanimidade.

STOÁ — Vou apelar para Zeus(347).

JUSTIÇA — Boa sorte! Tu, Hermes, chama outros.

23. HERMES — Caso de Aristipo(348): Virtude e Sensualidade. Que se apresente Aristipo em pessoa.

VIRTUDE — Devo ser eu, a Virtude, a primeira a falar, pois Aristipo pertence-me, como demonstram os seus discursos e as suas obras(349).

SENSUALIDADE — Nada disso, mas devo ser eu, a Sensualidade, pois o homem pertence-me, como pode ver-se pelas grinaldas, pelo manto de púrpura e pelos perfumes.

JUSTIÇA — Não briguem, pois este processo será adiado, até que Zeus dite a sentença no caso de Dionísio(350), já que

---

344 Trata-se de termos técnicos do Estoicismo, cujo sentido íntimo ultrapassaria largamente o espaço razoável de uma nota de rodapé... De resto, nem o próprio Luciano se dispões a esmiuçar os sentidos destes termos. Ver logo a seguir.

345 gr. *disýllaba erōtḗmata* (δισύλλαβα ἐρωτήματα): ; os dicionários e diversos tradutores não passam do sentido literal "perguntas dissilábicas", obviamente com o sentido figurado de "perguntas (e respostas) curtas".

346 Trata-se de cinco tipos de silogismo, o terceiro dos quais apresenta esta forma: *"Platão não está ao mesmo tempo vivo e morto; Platão está morto; logo, Platão não está vivo."* (v. ed. Loeb, pp. 130-131).

347 A *Stoá* promete (mas parece que não cumpre) aplicar a norma declarada por Zeus (final do parágr. 4): *"Caso alguém considere que a sentença [contra si pronunciada] tenha sido injusta, é-lhe permitido apelar para a minha pessoa, a fim de ser julgado de novo, como se nunca tivesse sido julgado."*

348 Aristipo de Cirene, antigo discípulo de Sócrates, fundou a Escola Cirenaica. Aceitava certos prazeres e rejeitava outros; era uma figura de consenso...

349 Uma dessas obras é precisamente *Sobre a virtude*.

350 Como se viu atrás, este caso (como hoje diríamos) ainda "não transitou em julgado".

parece ser do mesmo tipo, de modo que, se a Volúpia vencer, a Sensualidade ficará com Aristipo; caso, porém, a *Stoá* vença, Aristipo será atribuído à Virtude... Ora bem: Apresentem-se outros [litigantes]... E quanto a essa coisa(351)... estes aqui não recebem o salário, pois o processo ficou por julgar.

HERMES — Então terá sido para nada que estes velhotes subiram uma ladeira tão comprida?

JUSTIÇA — Basta que recebam a terça parte. Ide e não fiqueis aborrecidos: outro dia julgareis.

24. HERMES — É tempo de se apresentar Diógenes de Sinope; e tu, Banca, usa da palavra.

DIÓGENES — Se ela não deixar de me importunar, ó Justiça, eu já não serei julgado por fuga, mas sim por [lhe ter causado] muitos e profundos ferimentos. Sim vou agora mesmo desancá-la com o meu cajado, que até(352)...

JUSTIÇA — Mas que vem a ser isto? A Banca pôs-se em fuga, e ele persegue-a de varapau alçado. A desgraçada não vai apanhar poucas, não... Bem... chama lá o Pírron(353).

25. HERMES — Ó Justiça, a Pintura está presente, mas de Pírron nem sombra... e era de esperar que assim procedesse.

JUSTIÇA — Mas porquê, ó Hermes?

HERMES — Porque ele não crê que haja qualquer critério de verdade.

JUSTIÇA — Nesse caso, que seja condenado à revelia... Agora, chama aí o prosador(354) Sírio. É verdade que os [dois]

---

351 "essa coisa", gr. *tò deîna* (τὸ δεῖνα), é uma forma de não explicitar o nome da coisa, ou da pessoa, caso este em que muda o artigo: *ho deîna* "o fulano", *hē deîna* "a fulana". Neste caso trata-se do salário dos jurados, como se vê logo a seguir.

352 A frase em grego está incompleta (que assim o quis o Autor): "... tendo-a desancado com o cajado, ...".

353 Pírron foi o fundador da Escola Céptica.

354 *logográphos* (λογογράφος) é o termo genérico para "prosador", por oposição a "poeta"; pode corresponder a "historiador", "orador", "compositor de discursos para serem proferidos por outros"... Aqui, convinha mesmo um termo genérico, pois Luciano é alvo de acusação por parte da Retórica e do Diálogo. Diga-se, desde já, que é este facto que justifica um dos títulos por que a obra era conhecida: *Duas vezes Julgado* (ou *Dupla Acusação*) ou *Os tribunais* (ou seja: *Os Julgamentos*). Este último está mais de acordo com o conteúdo da obra, já que, até ao começo do parágrafo 25, trata-se de diversos processos, e os do Sírio (Luciano) ocupam somente os parágrafos 25-35.

processos contra ele só ontem deram entrada, pelo que não era urgente que fossem julgados agora. No entanto, já que assim ficou decidido, introduz em primeiro lugar o processo da Retórica... Tchiii! A chusma de gente que aflui à audiência!

HERMES — É natural, ó Justiça. De facto, o caso não está envelhecido(355), mas recente e estranho, que, como tu dizes, só ontem deu entrada; além disso, a expectativa de ouvir a Retórica e o Diálogo acusando sucessivamente o Sírio, e este defendendo-se de ambos, tudo isso trouxe muitas pessoas ao tribunal... Ora, tu, Retórica, dá lá início ao teu discurso.

26. RETÓRICA — Senhores Atenienses(356): Em primeiro lugar, rogo a todos os deuses e deusas a graça de alcançar da vossa parte, neste pleito, a mesma generosidade que eu tenho dedicado à nossa cidade e a todos vós. Seguidamente, que os deuses vos inspirem uma coisa que é de toda a justiça, ou seja, que mandeis calar o meu adversário, a fim de me permitir pronunciar o meu discurso de acusação como escolhi e decidi fazê-lo. Ora(357), não se me afigura estar a tratar-se do mesmo assunto, quando considero, por um lado, tudo aquilo por que tenho passado, e, por outro, os discursos que oiço [pronunciar]. Realmente, este fulano irá pronunciar perante vós um discurso pretensamente igualzinho ao meu, mas vós verificareis que os factos constantes desse seu discurso são de tal ordem, que eu devo precaver-me para não sofrer um dano ainda maior da parte dele... Bem... Para não me alargar muito neste proémio, pois a água(358) já de há muito que está correndo, vou dar início à minha acusação.

---

355 A palavra grega, *héōlos* (ἕωλος) significa “de ontem”, com a conotação de “já passado”, “eventualmente já deteriorado”, donde, neste caso, e na expressão negativa, “não envelhecido (e já com menos interesse)”, ou, numa expressão port. idiomática, “não é velho e relho”.

356 A Retórica diz “Senhores Atenienses”, e não (como nos parágrafos 16, 17, 20, 21, “Senhores jurados” (ou: “... juízes”), pois está a imitar (com algumas adaptações) o início do exórdio do *Discurso da Coroa* de Demóstenes. Note-se que, ao dar início (daí a pouco), propriamente, ao discurso de acusação, já se dirige ao “senhores jurados”

357 A Retórica continua o seu exórdio, metendo (igualmente com certas adaptações) o início de um outro discurso de Demóstenes, a *3ª Olíntia*. Para os leitores cultos da Antiguidade, era bastante nítido o carácter elaborado deste exórdio, e certamente que muitos deles reconheciam imediatamente o estilo (e os dois discursos) do grande orador, Demóstenes.

358 Só para relembrar: trata-se da água da clepsidra.

27. Realmente, senhores jurados, este indivíduo[359] (era ele um rapazote[360], ainda falava uma língua bárbara e vestia quase só um cafetã[361] à maneira assíria), tendo-o eu encontrado a vaguear pela Jónia sem saber o que fazer da sua vida, fui eu que o recolhi e eduquei. Ora, como me parecia que o moço aprendia com facilidade e olhava fixamente para mim – de facto, nesse tempo ele tinha-me muito respeito, servia-me devotadamente e não admirava senão a minha pessoa –, eu despedi todos quantos me cortejavam, fossem eles ricos, belos ou de famílias ilustres, e desposei este ingrato, apesar de ele ser pobre, um desconhecido e ainda muito jovem, entregando-lhe como dote muitos e maravilhosos discursos. Seguidamente, conduzi-o até aos membros da minha tribo[362], acrescentei-o ao registo[363] e proclamei-o cidadão, de tal modo que os que haviam falhado o casamento comigo rebentavam [de inveja]. Então, quando ele teve por bem viajar, a fim de patentear a sorte que tivera com o casamento, eu não o abandonei, mas antes arrastei-me por montes e vales, seguindo-o por todo o lado e tornando-o ilustre e famoso, cuidando do seu aspecto físico e do seu vestuário. O que se passou na Grécia e na Jónia[364] ainda não é nada, mas, quando decidiu passar para a Itália, atravessei com ele o Mar Jónico[365]. Finalmente, parti daí com ele até à Gália, onde fiz com que juntasse uma fortuna. Durante muito tempo, obedecia-me em tudo, estava sempre junto de mim, sem passar uma só noite fora do nosso leito.

---

[359] "este indivíduo", aqui, como no texto grego, é complemento directo; está logo no início da (longa) frase, para lhe dar maior realce. Em port. foi mais difícil.

[360] "rapazote"; o termo grego *meirákion* (μειράκιον) designa um rapaz entre 14 e 21 anos. Neste caso, a Retórica refere-se ao jovem Sírio (Luciano) no fim dos estudos "primários", entre os 14 e os 15 anos, como se vê na obra autobiográfica *O Sonho* ou *Vida de Luciano*.

[361] O termo "assírio", adaptado ao grego, é *kándüs*, naturalmente de tradução impossível (como, p. ex., o indiano *sari*...).

[362] A tribo era a principal divisão administrativa da Ática (e de outras regiões da Grécia). Na Ática, havia 10 tribos, cada uma das quais dividida em 10 *demos* (δῆμοι). A subdivisão prosseguia: um cidadão pertencia a uma fratria, a um demo, a uma trítia (gr. τριτ(τ)ύς, gen. τριτ(τ)ύος) terceira parte da tribo, e a uma tribo.

[363] O verbo *epeggráphō* (ἐπεγγράφω) pode significar "registar como acrescento", mas também "registar fraudulentamente" (coisa que não era assim tão rara).

[364] Por *Jónia* entende-se a costa ocidental da Ásia Menor.

[365] Mar Jónico ou Mar Adriático, entre a parte ocidental da Hélade e a Itália.

28. Mas assim que se viu suficientemente apetrechado e percebeu que estava em boas condições de celebridade, franziu as sobrancelhas, tomou ares de grande senhor e desprezou-me, ou melhor, abandonou-me por completo e apaixonou-se perdidamente por esse barbudo, o Diálogo, o qual, com aquela sua postura exterior(366), afirma ser filho da Filosofia, e que é muito mais velho que ele e que com ele coabita. Além disso, não tem pejo de abreviar a liberdade e a extensão dos meus discursos, limitando-se a perguntas curtas e fragmentadas: em vez de dizer com voz forte tudo o que pretende, entrelaça e soletra umas quantas frases(367) curtas, com as quais não conseguirá obter nem um elogio geral, nem muitos aplausos, mas apenas um sorriso da parte dos ouvintes, ou um bater de palmas moderado, ou uma leve inclinação(368) de cabeça, ou um suspiro (de reacção) às suas palavras. Foi por tudo isto que o valentão(369) me desprezou e se apaixonou. Diz-se, porém, que ele não se dá bem com este novo amado, mas que o insulta da mesma maneira [que a mim].

29. Assim sendo, como pode este fulano não ser considerado ingrato e sujeito às leis relativas aos maus tratos(370), ele que tão indignamente abandonou a sua legítima esposa, da qual recebeu tantos benefícios e por obra da qual é [um homem] famoso, para se entregar a novos amores(371), e isto no preciso momento em que todos me admiram só a mim e me tomam por sua patrona? Eu, no entanto, resisto a todos esses pretendentes

---

[366] A palavra *skhêma* (σχῆμα) significa, na generalidade, o aspecto exterior, no que respeita quer ao vestuário, quer à atitude. Aqui, devem conjugar-se ambos os sentidos.

[367] Aqui, o vocábulo (acus. pl.) *lógous* (λόγους) significa, propriamente, não "palavras", mas "frases"... (v. dicionários).

[368] "inclinação de cabeça", como sinal de assentimento (muito moderado, como especifica o advérbio *mikrá*).

[369] A palavra grega *gennaîos* (γενναῖος) significa muita coisa boa: "de boa família", "de boa raça", "de boa qualidade", "nobre", "generoso", "forte", "valente"... (v. dicionários). Aqui, como se percebe, o termo está usado em sentido irónico.

[370] O processo tecnicamente designado, no direito ático, por "processo de mau tratamento", *lakṓseōs díkē* (κακώσεως δίκη) referia-se aos maus tratos ou negligência do filho relativamente aos pais ou do marido em relação à esposa. É este o caso...

[371] O texto grego é, como tantas vezes, vago: "entregando-se a novas *coisas*" (ou, precisando mais: "... ocupações", "negócios", "aventuras (amorosas)", etc...

e não quero abrir nem dar ouvidos aos que batem à minha porta, chamando pelo meu nome em altas vozes, pois vejo que eles não me trazem nada mais que gritaria. Este, porém, nem assim volta para a minha companhia, mas só tem olhos para o seu bem-amado... Mas que benefício é que ele, ó deuses!, espera receber deste, que ele sabe [muito bem] que não possui mais nada além do manto?

Tenho dito, senhores jurados. Caso, porém, ele [o meu adversário] pretenda fazer um discurso de defesa segundo o meu estilo, não lho permitais – pois seria muito duro afiar contra mim o meu próprio punhal –, mas antes, que se defenda segundo o estilo do seu amado, o Diálogo... se for capaz.

HERMES — Isso é um absurdo! Não é possível, ó Retórica, que ele, sem interlocutor[372], faça uma defesa segundo os cânones do Diálogo. Portanto, que ele pronuncie um discurso corrido.

30. SÍRIO — Senhores jurados: Uma vez que a minha adversária ficou indignada com a ideia de eu utilizar um discurso longo, e isto apesar do facto de eu ser capaz de assim falar por ter recebido dela [esse estilo], não vos direi muitas palavras, mas, depois de refutar os principais pontos da acusação, deixarei ao vosso cuidado a apreciação de conjunto. De facto, tudo o que ela referiu a meu respeito, referiu-o com verdade. Sim, ela educou-me, acompanhou-me na minha ida ao estrangeiro e fez-me inscrever no número dos [cidadãos] gregos, e pelo menos por isso já estaria grato ao meu casamento [com ela]. Escutai, senhores jurados, por que motivos eu a abandonei e me passei para o Diálogo, aqui presente, e não julgueis que eu esteja a mentir por interesse da minha parte.

31. De facto, eu, ao ver que ela já não se comportava com sensatez nem mantinha aquela aparência[373] decente dos tempos em que o famoso Peanieu[374] a desposou, mas agora toda ornamentada, com os cabelos arranjados à maneira das cortesãs, besuntada de *rouge*[375], com os olhos desenhados com uma risca, comecei logo a desconfiar e a espiar disfarçadamente para

372 O texto grego diz: "que ele, sozinho...".

373 "aparência", "aspecto exterior"...: v. nota ao nº 28.

374 O Peanieu é Demóstenes, natural do demo ático de Peânia.

375 A palavra *phükíon* (φυκίον) significa, propriamente, "alga", donde se fabricava um creme para avermelhar a face.

onde ela dirigia o olhar... Bem... deixemos outros pormenores... Todas as noites a nossa rua se enchia de apaixonados bêbedos, que cantavam e dançavam[376] para ela e batiam à porta, chegando mesmo alguns deles a atrever-se a entrar à força [porta dentro], sem a mínima decência. E ela ria e comprazia-se com que assim actuavam, e a maior parte das vezes espreitava de cima do telhado, ouvindo-os cantar com voz rouca certas cantigas eróticas[377]; ou então, cuidando que eu não dava por nada, entreabria a janela e entregava-se à libertinagem e ao adultério com eles. Então eu, não podendo suportar tal coisa, não tive por bem mover-lhe um processo por adultério, mas antes, tendo-me dirigido ao Diálogo, que mora na nossa vizinhança, fui julgado digno de ser por ele acolhido.

32. Eis, pois, o grande crime que eu cometi contra a Retórica. Mas mesmo que ela não tivesse agido desse modo, seria lícito que eu, quase a atingir os quarenta anos, me livrasse daquele alvoroço e dos julgamentos, deixasse os juízes em paz, renunciasse às acusações contra os tiranos e aos elogios dos grandes homens, e fosse antes até à Academia ou até ao Liceu, passeando acompanhado deste meu caro amigo, o Diálogo, discutindo tranquilamente um com o outro, sem sentir a falta de elogios e aplausos.

Tinha muitas mais coisas para dizer, mas fico-me por aqui. E vós, introduzi o voto segundo o vosso juramento.

JUSTIÇA — Quem é o vencedor?

HERMES — O Sírio, com todos os votos, menos um.

JUSTIÇA — Deve ter sido algum orador o que votou contra.

33. Agora tu, Diálogo, fala perante os mesmos [jurados]... Vós aí, ficai [sentados], pois recebereis honorários duplos por ambos os julgamentos.

DIÁLOGO — Senhores jurados: Eu não desejaria pronunciar perante vós um discurso longo e contínuo, mas sim em pequenas doses, como é meu costume. Todavia, pronunciarei a minha acusação segundo a norma dos tribunais, embora eu seja completamente leigo e ignorante na matéria. Que estas minhas palavras sirvam de proémio que vos dirijo.

---

376 “cantavam e dançavam”... geralmente acompanhados à flauta... São os pioneiros das... serenatas...

377 O vocábulo grego *erōtikós* (ἐρωτικός) dá para diversos matizes, desde o simples “amoroso”, até ao “erótico” mais atrevido.

As injustiças e as ofensas que eu sofri da parte deste fulano são as seguintes: Até certo momento, eu era um ser venerável, respeitador dos deuses, da natureza e das revoluções do Universo, caminhando nos ares bem acima das nuvens, lá no céu, onde o grande Zeus se desloca guiando o seu carro alado... mas eis que ele [o Sírio] tendo-me arrastado para baixo, quando eu já voava pelo firmamento e subia à abóbada celeste, e tendo-me arrancado as asas, fez de mim uma pessoa igual às outras; além disso, arrancou-me aquela máscara trágica e comedida e pôs-me uma outra, cómica e satírica, que pouco faltava para ser ridícula. Seguidamente, foi buscar e encerrou em mim o sarcasmo, o iambo, o cinismo, e ainda Êupolis e Aristófanes, homens terríveis em troçar das coisas veneráveis e escarnecer das que estão certas. Por fim, tendo desenterrado, de entre os cães[(378)] antigos, um certo Menipo, extremamente ladrador, como convinha, e de dentes afiados, introduziu-o em mim, como se fosse um autêntico cão, tanto mais pavoroso, quanto a sua mordedura é pela calada e morde enquanto ri.

Portanto, como não sentir-me terrivelmente ultrajado, quando já não me apresento na forma habitual[(379)], mas sim fazendo de comediante, provocando o riso [das pessoas] e respondendo a questões esquisitas? Todavia, o mais absurdo disto tudo é o facto de me ver constituído por uma mistura bem estranha, de modo que nem sou prosa nem me acho verso, mas antes, qual hipocentauro, pareço, aos olhos dos ouvintes, uma coisa compósita e um monstro estranho.

34. HERMES — Então, Sírio, que tens a dizer a isto?

SÍRIO — Senhores jurados: Estou a defender-me, perante vós, de um processo bem inesperado. Realmente, eu esperaria tudo, menos que o Diálogo dissesse tais atoardas[(380)] a meu respeito. Ora, quando eu o recebi, ele ainda parecia sorumbático à maior parte das pessoas e ressequido por tantas perguntas de enfiada, e por isso mesmo com aspecto venerável, sim, mas

---

[378] "cães"... quer dizer: "filósofos cínicos"; notar que *künikós* significa, propriamente, "canino".

[379] Os manuscritos do grupo β têm ἐπὶ τοῦ οἰκείου σχήματος, o que daria, na tradução, "(quando me apresento) com a *vestimenta* habitual". Este acrescento tem todo o aspecto de ser uma nota ao texto, que não tinha esta palavra.

[380] Mais uma vez, o texto grego é vago: "... tais coisas".

absolutamente nada agradável para o público. Então, comecei por habituá-lo a caminhar sobre a terra, à maneira das pessoas; depois, limpei-lhe a grossa camada de sarro e obriguei-o a sorrir, com o que o tornei mais agradável à vista; acima de tudo, porém, associei-lhe a Comédia[(381)], conseguindo-lhe deste modo uma enorme benevolência por parte dos ouvintes, os quais até então, temendo os espinhos que ele possuía, tais os de um ouriço, evitavam tocar-lhe com as mãos.

Mas eu sei [muito bem] o que é que mais lhe dói: é o facto de eu não me sentar junto dele a discutir minuciosamente aqueles temas "viscosos"[(382)] e subtis, [por exemplo] se a alma é imortal, ou, quando a divindade criou o mundo, quantas cótilas[(383)] de substância pura e sempre idêntica é que ela verteu na cratera em que cozinhou o Universo; ou se a retórica é a imagem de uma parte da política, sendo a lisonja um quarto[(384)]. De facto, sabe-se lá porquê, ele gosta analisar minuciosamente estes temas, como os que têm sarna gostam de se coçar; tais cogitações parecem-lhe agradáveis, e fica muito ufano, quando se diz que não está ao alcance de toda a gente ver aquilo que ele, na sua perspicácia, vê a respeito das ideias[(385)].

Eis o que, no fundo, ele reclama de mim; procura as tais asas, olha para o alto, sem ver aquilo que estás a seus pés. De resto, não creio que ele tenha razão de queixa de mim, [se dissesse] que eu lhe arranquei esse manto grego e o vesti à maneira bárbara, embora eu mesmo seja considerado bárbaro. Realmente, eu seria injusto, se cometesse tal violação e lhe roubasse a vestimenta pátria[(386)].

---

[381] A Comédia, assim mesmo, personificada, tal como, de resto, O Diálogo, a Retórica, a Academia...; mas algumas edições escrevem com minúscula.

[382] O adjectivo *glískhros* (γλίσχρος) significa, em sentido próprio, "viscoso", "peganhento", e daí "escorregadio"; os dicionários dão ainda outros sentidos, entre os quais "mesquinho". Decidi traduzir pelo sentido próprio, mas com significativas aspas...

[383] A cótila, gr. *kotū́lē* (κοτύλη) era uma medida de capacidade para líquidos ou sólidos, equivalente a cerca de 0,27 litros. Neste caso, naturalmente que não interessa o valor exacto...

[384] Os três temas aqui mencionados constam de diálogos de Platão: *Fédon, Timeu* e *Górgias*.

[385] Referência especial ao *Parménides* de Platão.

[386] Embora a ideia esteja algo "embrulhada", vê-se que o Sírio (Luciano) quer dizer que, apesar das alterações a que procedeu, manteve o carácter ático próprio do Diálogo.

Expus a minha defesa como pude. Agora vós introduzi um voto idêntico ao precedente.

35. HERMES — Oh! Venceste com dez votos no total[387]. De facto, aquele [jurado] de há pouco também agora não vota da mesma maneira [que os outros]. Certamente que é este o seu hábito, e que em todas as votações mete um voto furado[388]. Oxalá ele não deixe de odiar as pessoas importantes.

Bem... Vós, ide-vos e boa sorte. Amanhã julgaremos os restantes processos.

---

[387] Quer dizer que o Sírio ganhou por 10 votos contra 1. Recorde-se que o júri era constituído por onze jurados.

[388] Cada membro do júri recebia dois discos de bronze: um inteiro (de absolvição), e o outro furado no centro e atravessado por um cilindro (de condenação). Cada tipo de voto era deposto em uma das duas urnas... Resta dizer que esta diferença na fabricação dos discos era particularmente útil, e até indispensável, no Areópago, que só funcionava de noite: pelo tacto, o votante sabia o que estava a fazer.

(Página deixada propositadamente em branco)

O TIRANICIDA

(Página deixada propositadamente em branco)

Introdução

Este opúsculo constitui um exemplo do que eram os exercícios práticos propostos pelos mestres de Retórica aos estudantes. Chamavam-se *progümnásmata* (προγυμνάσματα), lit.te "exercícios preparatórios" ou *melétai* (μελέται), lit.te "estudos"; os romanos davam-lhes o nome de *declamationes*. Tratava-se, no fundo, de redacções, as quais, depois de escritas e bem decoradas, eram recitadas na aula ou perante uma audiência mais alargada, por vezes bastante numerosa e ávida de escutar discursos bem fartos e... "farfalhudos", de temática bastante apelativa e, muitas vezes, a raiar o incrível, cheios de figuras de retórica aprendidas no ensino teórico, ponteados de vocabulário nobre colhido na leitura dos poetas e prosadores antigos, tudo ao serviço de uma imaginação mais ou menos feliz, que inventava situações que enriqueciam e desenvolviam o tema proposto.

Naturalmente, estas escolas de Retórica produziam oradores de méritos muito diversos, mas os temas e o estilo obedeciam a um padrão geral, do qual somente alguns mestres se afastavam.

Luciano, na obra *O Mestre de Retórica*, refere-se a determinado professor que prometia ensinar em pouco tempo os grandes segredos da arte de bem falar, sem necessidade de longos e fatigantes estudos prévios. É claro que este modelo serviu perfeitamente ao crítico mordaz, Luciano, para desancar valentemente em determinado rival e concorrente; mas certamente havia outros mestres mais conscienciosos e muito mais exigentes, como seriam, sem qualquer dúvida, os mestres do próprio Luciano... como se vê por toda a sua obra.

Na *Dupla Acusação* ou *Os Julgamentos*, Luciano exemplifica os processos sofístico-dialécticos que permitem defender teses opostas. Esta obra marca também o fim da carreira judicial de Luciano, que passa a escrever outro tipo de literatura, nomeadamente o diálogo, ao qual, no entanto, dá uma nova cor, um aspecto mais leve e mais risonho, aproximando-o da comédia e da sátira.

O Tiranicida data certamente dos primeiros tempos da actividade oratória de Luciano. O seu estilo não deixa de surpreender o tradutor de outras obras, da maturidade do escritor. Além do emprego de vocabulário menos corrente (para impressionar!),

a frase sai, não raramente, confusa, "embrulhada", por vezes demasiado longa. Também é de notar uma certa expansão ou repetição de ideias (para encher!). No conjunto, porém, temos de reconhecer o poder de invenção que caracteriza Luciano no resto da sua obra.

O simples argumento, por ser tão conciso, suscita, desde logo, o forte de desejo de ampliação (v. ARGUMENTO, *infra*).

O Tiranicida

Argumento:

Um homem subiu à acrópole[389] *para matar o tirano. Como não o tivesse encontrado, matou o filho deste, deixando-lhe a espada [cravada] no corpo. Quando o tirano chegou e viu o filho morto, matou-se com a mesma espada. O homem que subiu à acrópole e assassinou o filho do tirano reclama a recompensa como se fosse tiranicida.*

1. Senhores jurados: Tendo eu matado dois tiranos num só dia — um já de avançada idade, e o outro na flor da juventude e pronto para suceder àquele nas suas iniquidades —, venho, porém, reclamar uma *única* recompensa pelos *dois* actos, pois fui o único dos tiranicidas de todos os tempos, que, de um só golpe, vos libertei de dois patifes, ao matar o filho com a espada, e o pai através do grande amor ao filho. O tirano recebeu uma punição bastante grande por aquilo que fez, pois, no fim dos seus dias, mas ainda vivo, viu o seu próprio filho morto prematuramente, e finalmente — facto tão paradoxal —, viu-se compelido a tornar-se tiranicida de si mesmo. O seu filho morreu, sim, por minha mão, mas, por seu lado, serviu-me, depois de morto, como causador de outra morte: enquanto vivo, foi cúmplice do pai, e após a morte foi assassino de seu pai... da forma possível.

2. Antes de mais, quem pôs fim à tirania fui *eu*, e a espada que tudo fez é *minha*; mas eu inverti a ordem das mortes e inovei na maneira de dar a morte a esses criminosos: ao mais forte e capaz de se defender, matei-o pessoalmente; e quanto ao velho, deixei a tarefa exclusivamente para a minha espada.

3. Portanto, eu esperava alcançar de vós, por este feito, algo mais substancial e receber prémios[390] em número igual ao dos

---

389 Não se trata especificamente da *Acrópole* (de Atenas), mas sim de qualquer outra cidade, pelo que escrevo com minúscula. De resto, a palavra refere-se à cidade alta, à cidade fortificada, à *cidadela*, zona onde, naturalmente, vivia o tirano e todo o seu séquito.

390 "prémios", no plural, como se justifica imediatamente a seguir: "... em número igual (*dois*)...". Quer dizer: prémio duplo. Retoma, pois, a ideia inicial (§1): "... uma *única* recompensa pelos *dois* actos...).

que foram mortos, por vos ter livrado não só dos males presentes, mas também da expectativa de males futuros e por vos ter oferecido uma liberdade sólida, pelo facto de não restar nenhum herdeiro desses crimes. Entretanto, depois de ter cometido tão grande façanha, corro agora o risco de me ir de junto de vós sem ter recebido a recompensa, [passando a ser] a única pessoa privada da remuneração constante das leis que eu próprio preservei.

Ora, parece-me que aqui o meu adversário[391] procede desse modo, não, como ele afirma, em prol do bem público, mas por lastimar aqueles [dois] mortos e para se vingar na pessoa daquele que foi a causa da sua morte.

4. Mas vós, senhores jurados, permiti-me que, por momentos, vos exponha os males inerentes à tirania, muito embora vós os conheçais perfeitamente: é que, deste modo, compreendereis melhor a grandeza do serviço que vos prestei, e ainda mais vos congratulareis ao reflectirdes nas desgraças de que ficastes livres.

Na verdade, nós, ao contrário do que muitas vezes aconteceu a alguns outros [povos], não fomos vítimas de uma tirania simples ou de uma servidão única, nem suportámos os caprichos de um único déspota[392], mas, de entre os que alguma vez conheceram idêntica desgraça, fomos os únicos que, em vez de um, tivemos dois tiranos, pelo que, desgraçados de nós, nos distinguimos [dos outros povos] por iniquidades dobradas. No entanto, o velho [tirano] era muito mais moderado, mais brando nas suas iras, mais frouxo nas punições e mais lento na satisfação dos seus caprichos, pois a idade já lhe abrandava a violência das paixões e lhe refreava o apetite do prazer; e no respeitante às iniquidades, dizia-se que elas lhe eram inspiradas, contra a sua vontade, pelo filho, pois ele não era muito dado à tirania, mas submetia-se à vontade do filho. Na verdade, ele amava desmedidamente o filho, como o demonstrou; o filho era tudo para ele, obedecia-lhe, cometia as injustiças que ele lhe mandava cometer, punia todos quantos ele ordenava, era

---

391 Ainda que se trate de um processo judicial imaginário, o orador procede como se de um tribunal verdadeiro se tratasse, referindo-se, pois, à parte contrária. Podemos supor que, nestes exercícios, também se desse lugar àquilo a que hoje chamamos o *contraditório*, pelo que poderíamos ter, previamente, um discurso de acusação.

392 "déspota" é a palavra do texto grego: *despótēs* (δεσπότης), cujo sentido normal era "senhor", "amo"...; aqui já tem o sentido pejorativo de "tirano" (palavra que, inicialmente, tinha uma carga menos pejorativa)... "déspota".

um seu perfeito escravo... numa palavra, era tiranizado pelo filho e executor dos seus caprichos.

5. O jovem, por consideração pela idade do pai, cedia-lhe a categoria de honra e abstinha-se somente da designação da soberania, mas era ele, no fundo, o detentor da tirania e o seu caudilho, era ele quem proporcionava à governação a confiança e a segurança que lhe vinham de seu pai, mas somente ele usufruía das iniquidades. Era o filho quem dominava os guarda-costas, quem reforçava as guarnições, quem aterrorizava as vítimas da tirania, quem exterminava os conspiradores, quem arrancava [de suas casas] os nossos jovens e ultrajava os casamentos[393]; eram-lhe entregues as nossas virgens; enfim, tantos morticínios, tantos exílios, tantas confiscações de bens, torturas e ultrajes — tudo isso era obra do jovem. E o velho ia atrás dele, era cúmplice das suas injustiças e não fazia senão elogiar os crimes do filho; enfim, esta situação tornou-se-nos intolerável. Na verdade, os caprichos da mente, quando tomam a liberdade [de acção] proveniente do poder supremo, não opõem qualquer limite aos crimes.

6. Mas o que mais nos doía era o facto de sabermos que a nossa escravidão seria longa, ou melhor, eterna, que a nossa cidade passaria, por sucessão, de um déspota para outro [déspota], e que o povo iria tornar-se herança dos meliantes. Assim, nem tínhamos sequer essa esperança, não pequena, que têm os outros povos, que é reflectirmos e dizermos para nós próprios: *"Mas isto já vai acabar"; "Mas ele já vai morrer, e nós em breve ficaremos livres."* No que, porém, respeitava àqueles [dois], não existia uma tal esperança, pois víamos o sucessor já pronto a ocupar o poder. Por isso, nenhum dos nossos bravos [cidadãos], que tinham o mesmo desejo que eu, se atrevia a tentar [a façanha], pelo que não havia qualquer esperança de liberdade, e a tirania afigurava-se invencível, pois seria um empreendimento contra pessoas muitíssimo poderosas.

7. Nada disso, porém, me meteu medo: nem recuei ao pensar na dificuldade do acto, nem me acobardei perante o risco, mas subi lá acima, eu sozinho contra uma tirania tão forte e

---

[393] "... mutilava os nossos jovens e ultrajava os casamentos": não afianço a fidelidade da versão...

multifacetada[394]... ou antes, não sozinho, mas acompanhado da minha espada, minha aliada e, por sua vez, co-tiranicida[395], e [avancei], com a morte diante dos olhos, sim, mas também disposto a oferecer a minha morte pela liberdade pública. Então, tendo deparado com a primeira guarnição, desbaratei, não sem dificuldade, os soldados da guarda; depois, ia matando todos quantos encontrava e liquidando quantos me resistiam, até chegar à própria frente de operações, à única força da tirania, à causa das nossas desgraças. Então, irrompi contra o [último] guardião da fortaleza[396] e, ao vê-lo defender-se e resistir valentemente, mesmo assim matei-o com muitos ferimentos.

8. A tirania já estava derrubada, a minha façanha tinha chegado a bom termo, e daí em diante estávamos todos livres; só faltava o velho, desarmado, privado de soldados, que havia perdido a numerosa guarda pessoal, [tão] desamparado, que já nem sequer merecia [ser morto] por mão de um valente.

Então, senhores jurados, raciocinei deste modo comigo mesmo: *"Tudo me correu bem, tudo foi feito, tudo foi conseguido. De que forma poderia ser punido aquele que resta? Na verdade, ele é indigno de mim e de ser morto pela minha dextra, especialmente depois da minha brilhante, juvenil e valorosa façanha, o que seria uma vergonha para aquela outra execução. Há que procurar um carrasco digno dele, uma mudança na morte*[397]*, de forma que não beneficie do mesmo fim [que o filho]. Que ele veja, que ele seja punido, que tenha diante dos olhos esta espada: a ela ordeno que faça o resto."* Tendo assim deliberado comigo mesmo, retirei-me; e ela[398] tal como eu havia

---

394 "multifacetada": melhor diríamos *"bifacetada"*, i. é, representada pelo pai, tirano actual, e pelo filho futuro tirano.

395 "co-tiranicida": Luciano não emprega (como a tradução leva a supor) um perfeitamente legítimo **sün-türanno-któnos* (*συντυραννοκτόνος), que só por acaso não está registado nos dicionários; usa, sim, o verbo (que parece só ocorrer neste passo e neste autor) *sün-türanno-kton-éō* (συντυραννοκτονέω), "conjuntamente (com outrem)-tirano-matar".

396 "o [último] guardião da fortaleza", ou seja, o filho do tirano.

397 "uma mudança na morte" é uma interpretação possível; os manuscritos apresentam diversas lições, e os editores modernos não resistem a propor emendas. Mas o sentido geral parece ser claro: é preciso dar ao velho tirano uma morte diferente da que o filho teve...

398 "ela", i. é, a espada: é a lição dos manuscritos do grupo A; outros lêem "ele", ou seja, o velho tirano. Cf. §2: "e quanto ao velho, deixei a tarefa exclusivamente para a minha espada."

previsto, realizou o acto, praticou tiranicídio e [deste modo] pôs termo ao meu feito.

9. Aqui me apresento, pois, trazendo-vos a democracia, anunciando a todos que se animem e proclamando a boa-nova da liberdade. Gozai, pois, o fruto das minhas obras[399]. A acrópole está, como vedes, vazia de facínoras, ninguém lá dá ordens, mas vós é que tendes o direito de conferir honras, proceder a julgamentos e responder a acusações, de acordo com as leis. E tudo isso o deveis a mim e à minha audácia, através da morte de um só [tirano], depois da qual [morte] seu pai não podia continuar a viver. Portanto, reclamo de vós que me concedais o prémio que pelos meus feitos me é devido, [e reclamo-o,] não por ser ganancioso ou mesquinho, ou por pretender fazer bem à minha pátria a troco de dinheiro, mas sim por querer que a minha façanha seja confirmada por meio [da atribuição] do prémio e que o meu cometimento não seja caluniado nem considerado banal e tido por incompleto e não merecedor de recompensa.

10. Aqui este [meu adversário] tenta refutar-me, afirmando que eu procedo sem razão, ao pretender ser enaltecido e receber uma recompensa, [alegando] que eu não sou tiranicida nem cometi nenhum acto de acordo com [o que] a lei [estipula], mas falta alguma coisa ao meu acto para [que possa] reclamar a recompensa. Por isso, pergunto-lhe: "Que mais exiges de mim? Não fui eu que tomei a resolução? Não fui eu que subi [à acrópole]? Não fui eu que matei? Não fui eu que vos dei a liberdade? Alguém vos dá ordens? Alguém manda em vós? Algum tirano vos ameaça? Algum dos criminosos me escapou? Eis o que não poderás afirmar. Tudo aqui respira paz, temos todas as leis, uma liberdade completa, uma democracia sólida, casamentos sem ultraje, moços sem temor[400] e moças em segurança, enfim, uma cidade que festeja a felicidade pública. Ora, quem foi o autor de tudo isto? Quem é que acabou com aquela situação e vos ofereceu esta? Se houver alguém mais merecedor que eu dessa honra, cedo-lhe o prémio, desisto da recompensa. Mas se fui somente eu quem tudo fez — quem ousou, quem correu o risco, quem foi lá acima, quem matou,

---

399 "das minhas obras", ou mais exactamente "das minhas (*duas*) obras"...

400 "moços sem temor e moças em segurança"; apesar da incerteza da interpretação, cf. §5 "...mutilava os nossos jovens e ultrajava os casamentos".

quem puniu, quem vos vingou de um através do outro[401] —, porque é que deturpas a minha façanha? Porque é que tentas tornar o povo ingrato para comigo?”

11. “Mas — argumenta ele — tu não mataste o tirano, e é ao *tiranicida* que a lei atribui a recompensa.” Ora diz-me cá: Que diferença existe entre matá-lo por minha mão e ser a causa da sua morte? Por mim, acho que não há nenhuma, pois o legislador tinha em mente uma única coisa: a liberdade, a democracia e a libertação dos nossos males. Foi isso que ele estipulou, foi isso que ele considerou merecedor de retribuição — e tu não poderás dizer que não foi através de mim que isso foi conseguido. Na verdade, se eu o matei através da pessoa sem a qual ele não podia continuar a viver, fui eu próprio que causei a sua morte. O assassinato foi de minha autoria, a mão foi a dele. Portanto, não continues a sofismar sobre o modo como ele acabou nem a analisar como é que morreu, mas sim se ele já não existe e se o facto de ele já não existir se deve à minha pessoa. De outro modo, dás-me a impressão de que tencionas levar a análise mais adiante e caluniar [todos] os benfeitores[402] [da pátria]: se ele matou, não com uma espada, mas com uma pedra, ou com um pau, ou por qualquer outro meio.

E então se eu tivesse cercado e reduzido à fome o tirano, assim lhe provocando, necessariamente, a morte, exigirias tu de mim, nesse caso, que o tivesse matado por minha própria mão, ou dirias que me faltava algo para cumprir a lei, e isso quando o malfeitor havia sido morto da maneira mais penosa? Considera somente uma coisa, faz a ti mesmo esta pergunta e preocupa-te muito com esta questão: se ainda resta algum dos malfeitores, ou se há algum motivo para termos medo, ou [se subsiste] algum “monumento”[403] das nossas desgraças. Se toda a cidade está saneada e vive em paz, é obra de sicofanta manipular

---

[401] “quem vos vingou *de um através do outro*”: a expressão grega, com o pronome recíproco, *di’ allḗlōn* (δι᾽ ἀλλήλων) resulta bastante sintética, mas o sentido é claro: Quem vos vingou do pai, através do filho, pois foi este que, com a sua morte, causou no pai o desespero que o levou a matar-se.

[402] “[todos] os benfeitores”: dava “jeito” o singular (e há quem assim traduza), mas o texto grego tem mesmo o plural, o que sugere fortemente a ideia de que, no futuro e em idênticas circunstâncias, estaria constituído um grave precedente: saber, não quem matou um tirano, mas que arma utilizou.

[403] “monumento”: é mesmo a palavra grega: *hüpómnēma* (ὑπόμνημα), “coisa que recorda algo”, “memorial”...

o modo como as coisas se passaram e pretender tirar a [devida] recompensa por actos conseguidos com tanto trabalho.

12. Recordo este artigo consignado nas leis (a menos que, devido à nossa longa escravidão, esteja esquecido do seu articulado exacto), [que diz] que *são de dois tipos as acusações por homicídio; se alguém, sem matar pessoalmente e sem executar o acto por sua própria mão, induzir [outrem] a matar ou lhe proporcionar os meios para tal, a lei considera essa pessoa merecedora da mesma pena* — o que é de toda a justiça. Realmente, a lei não queria que o autor moral de um crime tivesse uma penalização inferior à do autor material[404]. Seria, pois, supérfluo examinar a forma como a execução aconteceu.

E mais: Por um lado, achas justo punir como homicida [vulgar] quem matou nesta condição[405] e não queres de maneira nenhuma que ele seja absolvido, mas, por outro lado, não julgarás merecedor de homenagem igual à dos benfeitores aquele que agiu da mesma maneira que ele, mas em prol da cidade?

13. Nem sequer poderias argumentar que eu cometi esse acto de improviso, e que este teve um fim inesperadamente feliz, independente da minha vontade. Ora, que tinha eu a temer, quando o mais forte já tinha sido morto? Porque é que eu lhe deixei a espada [cravada] na garganta[406], se não tivesse previsto exactamente o que iria acontecer?... a menos que sustentes que o morto não era um tirano, que não tinha essa designação e que vós[407] não daríeis uma avultada recompensa, se ele morresse[408]. Eis o que não poderias afirmar.

Será que, uma vez morto o tirano, irás negar a recompensa àquele que proporcionou o motivo da sua morte? Que mesquinhice! Que te importa a forma como ele morreu, se já gozas da liberdade? Ou que mais exiges daquele que restaurou a democracia? *"No entanto, a lei* — como tu afirmas — *só examina o essencial dos factos, deixa de*

---

404 Neste passo, os manuscritos apresentam graves divergências, a que se acrescentaram emendas de diversos editores modernos. Mas a ideia parece clara, pois trata-se de um esclarecimento ao que vem antes.

405 "nesta condição", ou seja, como autor moral, referido acima.

406 Ficamos *agora* a saber em que parte do corpo é o tiranicida deixou ficar cravada a espada.

407 "vós": era supérfluo dizer que se refere aos jurados e à cidade em geral.

408 "se ele morresse": muito subtilmente, o orador não diz "se ele fosse morto", uma vez que o tirano não foi propriamente assassinado...

lado os pormenores intermédios e não se ocupa deles." Pois quê! Então não aconteceu já uma vez que uma pessoa, que somente obrigou um tirano a exilar-se, recebeu, mesmo assim, as honras de tiranicida?[409] E muito justamente, uma vez que esse homem proporcionou a liberdade onde havia escravidão. A acção que eu levei a cabo não foi o exílio [do tirano], com a expectativa de um posterior ressurgimento, mas sim a completa destruição, a completa liquidação de toda essa raça, de todo esse flagelo, que foi cortado pela raiz.

14. Pelos deuses!, examinai já, peço-vos, de princípio até ao fim, todos os aspectos, a ver se foi esquecido algum ponto dos que a lei exige ou se falta alguma das condições que devem caracterizar um tiranicida. Em primeiro lugar, há que possuir previamente um espírito corajoso e patriótico, disposto a correr riscos pelo bem público e resolvido a pagar com a própria morte a salvação da comunidade. Será que falhei neste ponto, que fui frouxo ou que, prevendo alguns dos riscos a meio da empresa, me acobardei? Não poderias afirmá-lo. Pois bem, fixa-te somente neste último ponto e supõe que, pelo simples facto de ter desejado e concebido o acto, embora este não tivesse chegado a bom termo, eu, baseado nesse meu desejo, me julgava com direito a receber a recompensa, na qualidade de benfeitor [da pátria]. Ora diz-me cá: Pelo facto de eu não ter podido [executar o plano], mas tendo outro depois de mim matado o tirano, seria irrazoável ou absurdo que me concedessem o prémio, sobretudo se eu dissesse: *"Meus senhores: Eu desejei, eu quis, eu tentei, eu empreendi*[410]*; portanto, somente pela minha intenção, já sou merecedor de ser premiado"*? Que me responderias nesse caso?

15. No caso presente, porém, não falo desse modo, pois subi [à acrópole], corri perigo, passei por mil dificuldades antes

---

409 O orador (Luciano...) cita muito por alto e com alguma imprecisão, um caso acontecido no séc. V em Atenas. Por motivos pessoais, dois cidadãos, Harmódio e Aristogíton, planearam matar os co-tiranos Hípias e seu irmão Hiparco (filhos de Pisístrato), mas só conseguiram matar o primeiro. Harmódio foi logo despedaçado pela guarda de Hiparco, e Aristogíton foi preso e torturado até à morte. Passados três anos, devido a adversidades internas e externas, foi obrigado a exilar-se. Todavia, a tentativa dos dois conspiradores não foi esquecida pelos Atenienses, e estes foram considerados paladinos da liberdade e receberam as honras devidas aos tiranicidas: isenção de impostos, estátuas...

410 "desejei, quis... tentei, empreendi": trata-se mesmo de pares de sinónimos ou quase sinónimos, com efeito oratório, como linhas acima, "irrazoável ou absurdo", etc.

de matar o jovem; e não cuides que é uma empresa assim tão fácil e tão cómoda passar pela guarnição, vencer os guardas e desbaratar, eu sozinho, um tão grande número deles, mas, pelo contrário, foi esta praticamente a parte mais difícil do tiranicídio e a fase capital das operações. Na verdade, o tirano, em si mesmo, não é coisa muito difícil de apanhar e de executar, mas sim os que guardam e sustentam a tirania. Se um homem vencer estes obstáculos, já conseguiu tudo, o que falta é pouca coisa. Eu não teria possibilidade de chegar até aos tiranos, se não tivesse dominado todos os soldados e guarda-costas à volta deles e não os tivesse previamente vencido. Não acrescento mais nada, mas insisto somente neste ponto: dominei a guarnição, venci os guarda-costas, fiz com que o tirano ficasse desguarnecido, desarmado e nu. Achas que, por este feito, eu sou merecedor de recompensa, ou ainda por cima me exiges efusão de sangue?

16. Mas se também pretendes efusão de sangue, isso é o que não falta: [vê como] eu estou coberto de sangue, pois levei a cabo a grande e valorosa execução de um jovem na flor da juventude e temível para toda a gente, devido ao qual o outro [tirano] estava livre de conspirações, em quem somente confiava, que lhe valia por muitos guarda-costas. Portanto, meu caro [adversário], não serei eu merecedor da recompensa, mas, pelo contrário deverei ficar sem o honroso reconhecimento por tais feitos? Pois quê! E se eu tivesse matado um único guarda-costas, ou um ministro do tirano, ou um seu servo querido, não se afiguraria tal acto, mesmo assim, um grande feito, [só] pelo facto de penetrar em plena acrópole, [irromper] através das armas e cometer o assassinato de um só dos amigos do tirano? Mas agora considera quem foi o assassinado: foi o filho do tirano, ou melhor, um tirano ainda mais duro, um déspota ainda mais inflexível, um castigador ainda mais cruel, um opressor ainda mais violento e — o mais importante de tudo — o herdeiro de todos os bens [de seu pai] e seu sucessor, capaz de prolongar por longo tempo a nossa desgraça.

17. Admitamos que eu só tinha cometido aquele acto(411), e que o tirano havia escapado e ainda estava vivo. Mesmo assim, eu reclamaria a recompensa por tal feito. Que dizeis(412) a isto?

---

411 "aquele acto": o assassinato do filho do tirano.

412 "dizeis"... "concedereis"... "odiáveis": dirige-se, não já ao seu adversário, mas aos membros do júri.

Não ma concedereis? Não o odiáveis também? Não era também ele um déspota? Não era cruel? Não era insuportável?

Mas agora considerai este ponto capital: O que, realmente, aqui o meu adversário exige de mim é precisamente o que eu levei a cabo da melhor maneira possível, ao matar o tirano através de outra morte, não de forma simples e com um único golpe, como ele certamente preferiria, depois de tantas e tamanhas injustiças, mas depois de o atormentar com uma dor enorme e de lhe pôr diante dos olhos o ser amado miseravelmente jazente, um filho jovem, ainda que perverso, mas na força da juventude e semelhante a seu pai, embebido em sangue e lama sangrenta. São estes os [maiores] ferimentos dos pais, são estas as espadas de tiranicidas justiceiros, é esta a morte digna de tiranos cruéis, é esta a punição adequada a tamanhos crimes; morrer num instante, sem saber de quê e sem assistir a um tal espectáculo, não é forma digna de punir um tirano.

18. Eu não ignorava, meu caro, não ignorava, tal como qualquer outra pessoa, quão grande afeição ele tinha pelo seu filho, e como não quereria sobreviver-lhe nem mesmo por um curto instante. Na verdade, todos os pais agem da mesma maneira em relação aos filhos, mas este tinha algo mais que os outros [pais], ao ver nele, muito naturalmente, o único protector e defensor da tirania, o único defensor[(413)] de seu pai e [única] segurança que se oferecia ao seu poder. Assim sendo, logo percebi que ele iria morrer, se não fosse pela afeição [ao filho], pelo menos por desespero, ao pensar que a sua vida deixaria de ter interesse, uma vez perdida a segurança que lhe advinha do filho. Então, lancei contra ele todas estas [armas] juntas: a natureza [humana], a dor, o desespero, o medo, a incerteza do futuro[(414)]..., de todas essas [armas], como minha aliadas, lancei mão contra ele, forçando-o àquela extrema resolução. Morreu-vos, pois, sem filho, amargurado, gemendo e chorando, carpindo uma morte, por pouco tempo, é verdade, mas

413 "defensor", mais exactamente "defensor de primeira linha", ou "defensor que se coloca à frente de alguém a quem quer proteger".

414 Os manuscritos divergem bastante neste ponto, o que pode dever-se a uma lacuna que virá já dos manuscritos mais antigos; os editores modernos tentam diversas emendas mais ou menos plausíveis. A sentido, no entanto, é claro, a partir dos manuscritos que parecem ter respeitado a lacuna, e que podemos traduzir: "as ... [*más expectativas* (?) ou *incertezas* (?)...] dos [*tempos* (?)] futuros".

bastante para um pai, e — o mais terrível de tudo — morto por sua mão, que é a morte mais lamentável e de longe mais penosa do que se fosse consumada por outra pessoa.

19. Onde está a minha espada? Alguém aí a reconhece [como sua]? Pertencia esta arma a qualquer outra pessoa? Quem foi que a levou até à acrópole? Quem a usou antes do [velho] tirano? Quem a dirigiu contra ele? Ó minha espada, companheira e sucessora dos meus feitos! Depois de tamanhos perigos, depois de tantas mortes, vemo-nos desprezados e somos considerados indignos de recompensa! Ora, se eu reclamasse de vós a honra somente para esta [espada], se eu vos dissesse: *"Meus senhores, quando o tirano decidiu morrer, mas, nesse momento, não dispunha de uma arma, foi esta minha espada que lhe prestou esse serviço e que contribuiu decisivamente para o objectivo final [que é] a liberdade; por isso, considerai-a merecedora de honra e recompensa"*, não recompensaríeis vós também o dono deste objecto tão... democrático? Não o inscreveríeis no rol dos benfeitores [da Pátria]? Não consagraríeis[(415)] esta espada entre os objectos sagrados? Não a veneraríeis juntamente com as divindades?

20. Mas agora imaginai o que, naturalmente, terá feito o tirano, o que terá dito antes de morrer. Na verdade, quando [o filho] estava prestes a ser morto por mim, atingido por inúmeros golpes nas partes mais visíveis do corpo, para que o seu progenitor sofresse ainda mais e ficasse completamente dilacerado logo à primeira vista, lançou um grito plangente, bradando pelo progenitor, não como auxiliar ou aliado — pois bem sabia que ele era velho e fraco —, mas como espectador das desgraças familiares. De facto, eu, que havia sido o autor de toda a tragédia, tinha-me retirado, mas deixando ao [novo[(416)]] actor o cadáver, o palco, a espada e os demais acessórios do drama. Então [o tirano], tendo acorrido e vendo o seu único filho respirando a muito custo, todo ensanguentado e coberto de sangue já coalhado, crivado de golpes sucessivos, em grande número e [todos] mortais, assim bradou: *"Meu filho, estamos liquidados, estamos assassinados, mortos por um tiranicida! Onde*

[415] O verbo *anatíthēmi* (ἀνατίθημι) é um termo técnico-religioso, que significa "pendurar um objecto nas paredes de um templo, como *ex-voto* ou como objecto digno de veneração"...

[416] "[novo] actor", ou seja, o velho tirano, que em breve iria entrar em cena.

está o algoz? Que fim me reserva ele? Para que me guarda ele, se, através de ti, meu filho, já estou morto? Será que ele me despreza por eu ser velho, ou pretende punir-me lentamente, prolongando a minha morte e tornando mais demorada a minha execução?"

21. E dizendo estas palavras, pedia [que lhe dessem] uma espada, pois estava desarmado, plenamente confiado no filho. Todavia, não lhe faltou uma espada, a qual pouco antes tinha sido previamente preparada por mim e ali deixada para o acto corajoso que haveria de acontecer. Então, arrancando a espada do pescoço [da vítima] e tirando-a do [sítio do] ferimento, diz: *"Há pouco tempo me mataste, ó espada; agora, dá-me descanso! Vem como consolo de um pai enlutado e dá a tua ajuda a uma velha mão desventurada! Imola-o, mata o tirano e liberta-o da sua dor! Quem me dera ter-te encontrado antes, quem me dera ter cumprido a ordem natural da morte! Teria morrido, sim, mas apenas como tirano, e convencido de vir a ter quem me vingasse. Agora, porém, [morro] sem um filho e sem ao menos ter quem me assassine."* E ao mesmo tempo que pronunciava tais palavras, a tremer, muito débil, com determinação, sim, mas sem grande força para levar a cabo esse acto corajoso, cravou a espada no seio.

22. Quantas punições [houve] em tudo isto? Quantas chagas? Quantas mortes? Quantos tiranicídios? Quantas recompensas? Finalmente, todos vós vistes, por um lado, o jovem ali jazente — tarefa nada pequena e fácil de enfrentar —, e, por outro lado, o velho estendido sobre o jovem e o sangue de ambos misturado — libação à liberdade e à vitória, obra da minha própria espada —, e [também vistes] essa mesma espada no meio de ambos [os cadáveres], a demonstrar que não tinha sido indigna do seu dono e a testemunhar que me havia servido fielmente. Se tal acto fosse realizado por minha mão, seria menos importante. Agora, porém, esse acto, pela sua novidade, é ainda mais brilhante. Quem liquidou por completo a tirania, fui eu, mas os papéis foram distribuídos por diversas personagens, como no drama: o primeiro[417] desempenhei-o eu; o segundo foi desempenhado pelo jovem; o terceiro pelo próprio tirano; e esta minha espada serviu-nos a todos.

[417] "primeiro... segundo... terceiro": refere-se, em linguagem figurada, ao actores dramáticos: *prōtagōnistḗs* (πρωταγωνιστής) "protagonista"; *deuteragōnistéòs* (δευτεραγωνιστής) "deuteragonista"; *tritagōnistḗs* (τριταγωνιστής) "tritagonista".

ZEUS REFUTADO

(Página deixada propositadamente em branco)

Introdução

A mitologia e as religiões assentam na ideia de que existem divindades, as quais se ocupam e se preocupam com a vida dos homens. Este conceito é naturalmente *básico* e primitivo na história dos povos, mas já não é básica nem primitiva a ideia de que os deuses, pura e simplesmente, ou não existem, ou, se existem, não interferem nas coisas humanas. A raiz desta ruptura relativamente à tradição é de natureza racional e científico-filosófica, em período avançado de cada cultura e de cada civilização. Por isso afirmei que essa ideia não é básica nem primitiva.

Os primeiros físicos-filósofos milesianos (Tales, Anaximandro, Anaxímenes) deram os passos iniciais do racionalismo científico, que arredava os deuses dos fenómenos que eram puramente físicos: os fenómenos naturais explicam-se por leis naturais (físicas), e não por intervenção dos deuses. Aristófanes, nas *Nuvens*, apresenta-nos o Sócrates da primeira fase, em que este se dedicava à investigação dos fenómenos naturais e das respectivas causas, igualmente naturais.

Ora, as explicações propostas, embora possam não ser (e quase nunca são) cientificamente correctas, possuem inegavelmente um *carácter científico*. Naturalmente, o facto de esses cientistas acharem que os deuses não eram para ali chamados classificava-os, desde logo, como *ateus*, que não eram, pois simplesmente pretendiam separar aquilo que pertencia à religião daquilo que, para eles, passava agora para o domínio da ciência. Este espírito racional que caracteriza a investigação científica é fatalmente sentido pelas autoridades sociais e religiosas como um ataque declarado às instituições mais sagradas, consideradas imutáveis e intocáveis.

As correntes do ateísmo (ou de outras manifestações menos radicais que poupam a ideia da *existência* dos deuses, mas submetem a mitologia e a religião a uma crítica severa) têm, de facto, origem, ainda que não declarada, ou mesmo muito inconsciente, na própria investigação científica que começa com os físicos milesianos.

Saltando alguns passos na história das relações entre ciência, por um lado, e religião e mitologia por outro, salientamos o papel desempenhado principalmente por duas correntes filosóficas: o Atomismo (Leucipo, Demócrito, Epicuro, o romano Lucrécio...) e o Cinismo (Diógenes, Menipo...).

Segundo o Atomismo (ou, na sua forma mais avançada, o Epicurismo), tudo o que existe no Universo é ou o "cheio", ou o "vazio"; o "cheio" é toda a matéria, constituída por átomos; a própria alma e até mesmo os deuses são entidades materiais. Nomeadamente os deuses, passam lá entre eles uma vida feliz, sem se ocuparem das coisas humanas. Neste ponto, os filósofos cínicos, contrários a toda a tradição, concordam com os epicuristas.

Neste opúsculo, *Zeus Refutado*, Luciano cria uma personagem, Cinisco ("cãozinho"), cujo nome sugere imediatamente a sua filiação na Escola Cínica. Cinisco debate com Zeus a questão das Parcas (que "fiam" o destino de cada ser humano logo à nascença) e da Predestinação, entidades às quais — como o próprio Zeus é obrigado a confessar — estão sujeitos todos os seres, quer humanos, quer divinos.

Numa discussão de tipo dialéctico, Cinisco vai "orientando" Zeus em contradições insanáveis, que levam (já se adivinhava muito antes) a diversas conclusões:

1ª — *Tudo quanto acontece é previamente determinado pelas Parcas.* Assim o dizem, entre outros, os poetas Homero e Hesíodo. Tudo quanto eles afirmam a este respeito é a pura verdade, pois são inspirados pelas Musas. Se, porém, algumas vezes eles dizem o contrário, isso deve-se, segundo Zeus, ao facto de, nessas ocasiões, os poetas, sem tal inspiração, falarem por conta própria;

2ª — Cinisco introduz aqui um elemento perturbador, que é a existência de mais duas personagens — *A Predestinação* (ou *Destino*) e a *Fortuna* (a *Sorte*). Pretende saber se estas divindades têm um poder acima ou abaixo das Parcas... ao que Zeus responde com uma... não-resposta: *"Ó Cinisco, não te é permitido conhecer tudo"*.

3ª — Os deuses também estão sujeitos às Parcas, cujos decretos não têm poder para anular ou modificar. As próprias profecias dadas pelos oráculos são uma coisa supérflua, pois, além de serem, em última análise, da responsabilidade das Parcas, e não dos deuses, não são susceptíveis de anulação ou modificação. Por esse facto, os homens não precisam de honrar os deuses com sacrifícios, procissões e outras manifestações piedosas. Do mesmo modo, nega-se a *Providência* divina, já que os deuses, mesmo que quisessem, não podiam influenciar e orientar a vida humana.

4ª — Os homens, afinal, não podem ser castigados pelos crimes cometidos, pois não passam de um joguete nas mãos das Parcas, da Predestinação... Pelo mesmo motivo, não merecem recompensa pelo bem que fizeram: eles são simples instrumentos ou ferramentas, como o enxó ou a pua dos carpinteiros. O juiz infernal, Minos, "*não tem o direito de recompensar ou punir ninguém... porque nós, os humanos, não agimos por nossa vontade, mas sim comandados por uma necessidade inevitável, pelo menos se é verdade aquilo que atrás admitiste, ou seja, que a Parca é a causa de tudo. Se uma pessoa assassinar outra, é ela [a Parca] a assassina; se uma pessoa pilhar um templo, fá-lo-á obedecendo a uma ordem*".

5ª — Cito: *"Assim sendo, se Minos quiser julgar com justiça, castigará a* Predestinação *em vez de Sísifo, e a* Parca *em vez de Tântalo. Sim, que mal é que aqueles fizeram, se apenas obedeceram a ordens?"*

6ª — Cinisco enuncia mais umas quantas questões sobre as quais gostaria de obter resposta, mas Zeus — afinal vencido pela argumentação do humano — decide retirar-se.

De notar a ironia com que Cinisco (Luciano) termina o diálogo. Leia-se toda a fala final de Cinisco, da qual cito apenas o seguinte passo: *"Mas se não te é fácil, ó Zeus, responder a estas minhas questões, já ficarei satisfeito com aquelas a que deste resposta, pois já bastam para esclarecer a questão da* Predestinação *e da* Providência. *Quanto aos restantes pontos, talvez eu não esteja destinado a ouvi-los."*

Este opúsculo revela a visão extremamente crítica de Luciano (e alguns outros intelectuais, certamente) relativamente à religião e à mitologia tradicionais. O próprio vulgo já estava, neste século II d.C., maioritariamente convertido a muitas religiões de mistério e salvação que se propagaram de Oriente para Ocidente. O pior é que, ao contrário da religião greco-romana, que convivia bem com a ideia de muitos deuses e com as religiões de muitos outros povos, as religiões orientais eram monoteístas e, mais grave que tudo, proclamavam o seu Deus como único, e os outros como ficções vazias.

Assim, por vias diferentes — a filosófica e a popular —, a velha mitologia entrava na fase de derrocada final, para a qual Luciano deu uma forte contribuição.

Uma outra peça sobre o mesmo assunto encontra-se num dos *Diálogos dos Mortos*, o nº 24 da ed. "Loeb" (nº 30 de outras edições): é o diálogo entre o criminoso Sóstrato e o juiz infernal Minos, cuja tradução transcrevo aqui, como excelente fecho desta introdução ao opúsculo *Zeus Refutado*:

30 (24). MINOS E SÓSTRATO

1] MINOS — Que aqui este salteador, o Sóstrato, seja lançado ao Piriflegetonte[418]; que aí o outro, o sacrílego, seja despedaçado pela Quimera[419]; que o tirano, ó Hermes, seja esticado ao lado de Ticio[420] e que o seu fígado seja devorado pelos abutres. Quanto a vós, os bons, ide-vos daqui a toda a pressa para os Campos Elísios e habitai as ilhas dos bem-aventurados, como prémio das justas acções que praticastes durante a vossa vida.

SÓSTRATO — Ó Minos, escuta-me, a ver se te parece que eu tenho razão.

MINOS — Escutar-te outra vez... agora? Mas, ó Sóstrato, não ficou provado que tu foste um facínora que assassinou tanta gente?

SÓSTRATO — Sim, ficou provado, mas vê lá se eu fui justamente castigado.

MINOS — Muito justamente, se é justo pagar pelo que se fez.

SÓSTRATO — Mesmo assim, ó Minos, responde-me, pois só vou fazer-te uma breve pergunta.

MINOS — Fala, na condição de não te alongares, para que ainda possa julgar outros.

2] SÓSTRATO — Os actos que eu cometi em vida, será que os cometi livremente, ou foram-me fiados pela Moira[421]?

---

418 O Piriflegetonte, um dos rios do Inferno, tem ondas de fogo e exala um forte cheiro a enxofre.

419 *Quimera*, monstro que assolava a Lícia, foi morta por Belerofonte. Tal como a *Esfinge*, havia nascido da hidra de Lerna. A Quimera tinha a forma de uma cabra selvagem com cabeça de leão e cauda de serpente, e vomitava fogo.

420 Ticio era um gigante, que foi castigado por impiedade contra Latona: dois abutres roíam-lhe o fígado, que voltava a crescer. Compreende-se qual o duplo castigo a que Minos condena Sóstrato: ser esticado até atingir o comprimento do gigante, e ter o fígado devorado por abutres.

421 As *Moiras* (ou *Parcas*), filhas de Zeus e de Témis (a Justiça), eram as divindades que presidiam ao destino dos humanos. Eram três: *Cloto*, *Láquesis* e *Átropo*. Láquesis determinava a parte de vida que cabia a cada

MINOS — Foram fiados pela Moira, é claro.

SÓSTRATO — Nesse caso, todos nós, quer os bons, quer os criminosos, agimos, segundo parece, por ordem dessa divindade, não é?

MINOS — Sim, por ordem de Cloto, a qual destinou a cada um, ao nascer, o que ele havia de fazer.

SÓSTRATO — Portanto, se alguém, obrigado por outro, matasse uma pessoa, sem ter possibilidade de resistir àquele que o forçara, como por exemplo um carrasco ou um mercenário (um obedecendo ao juiz, e o outro ao tirano), a quem é que tu acusarias da morte?

MINOS — Claro que ao juiz ou ao tirano, tal como não culparia uma espada, pois esta, como instrumento que é, serve apenas a vontade do primeiro, que age como causa inicial.

SÓSTRATO — Muito bem, Minos, tanto mais que vens reforçar o meu exemplo. Se alguém, enviado pelo seu senhor, vier trazer prata ou ouro a outra pessoa, a quem é que se deve agradecer? A quem é que se deve inscrever no rol dos benfeitores?

MINOS — Ao que enviou a coisa, ó Sóstrato, pois o portador foi apenas um criado.

3] SÓSTRATO — Portanto, estás a ver como procedes injustamente ao castigar-nos, a nós que fomos apenas servos executantes das ordens de Cloto, e ainda por cima enalteces estes aqui[(422)], que agiram como simples executantes das boas acções de outros?! Na verdade, ninguém poderia dizer que era possível resistir a ordens dadas com força obrigatória.

MINOS — Ó Sóstrato, se examinasses minuciosamente, poderias ver muitas mais coisas que não estão de acordo com a razão. Em todo o caso, com a tua pergunta, ganharás o seguinte (pois não pareces ser apenas um salteador, mas também um sofista): Ó Hermes, liberta-o, e que deixe de ser castigado... E tu, Sóstrato, vê lá não ensines os outros mortos a fazerem perguntas semelhantes[(423)].

---

pessoa e carregava a roca, que depunha nas mãos de Cloto; Átropo, ao cortar o fio, punha termo aos dias de vida concedidos. Aqui, o singular, *a Moira*, refere-se a Cloto, como se vê a seguir.

[422] Sóstrato refere-se concretamente àquelas personagens que, no início do diálogo, Minos havia mandado, em bloco, para os Campos Elísios.

[423] Este final é de uma força crítica arrasadora: não digas que vais daqui...

(Página deixada propositadamente em branco)

ZEUS REFUTADO

(Página deixada propositadamente em branco)

Zeus Refutado

1. CINISCO — Ó Zeus, eu não venho aqui importunar-te, pedindo-te coisas como riqueza, ouro ou poderio, bens extremamente apetecíveis para a maior parte das pessoas, mas que não te são muito fáceis de conceder. Na verdade, verifico que, na maioria das vezes, tu fazes que não ouves as suas súplicas. Eu, porém, pretendia de ti que me concedesses um única coisa, aliás muitíssimo fácil.

ZEUS — Que coisa é essa, ó Cinisco? Na verdade, não deixarás de obtê-la, sobretudo se, como dizes, o pedido é assim tão modesto.

CINISCO — Ora responde-me lá a uma pergunta nada embaraçosa.

ZEUS — A tua solicitação é verdadeiramente moderada e fácil de satisfazer. Então pergunta lá tudo o que quiseres.

CINISCO — Eis do que se trata, ó Zeus. É claro que já leste os poemas de Homero e de Hesíodo. Então diz-me cá se é verdade aquilo que eles cantam a respeito da Predestinação(424) e das Parcas: que é inevitável tudo quanto elas fiarem para cada homem no momento do seu nascimento.

ZEUS — Isso é absolutamente verdade. De facto, não há nada que as Parcas não tenham determinado, mas, pelo contrário, tudo quanto acontece é enrolado pela sua roca, e cada acontecimento tem o desfecho que lhe foi fiado logo desde o princípio, e não é possível acontecer de outra maneira.

2. CINISCO — Nesse caso, quando o próprio Homero, numa outra passagem do seu poema, diz(425)

Para que contra seu Fado | no reino de Hades [não entre],

afirmaremos, que o poeta estava, nesse momento, obviamente a delirar?

---

424 A Predestinação (o Destino, a Sorte...): o termo grego, neste texto, é *Heimarménē* (Εἱμαρμένη), entidade distribuidora dos pormenores da vida futura de cada ser humano; as Parcas, em grego *Moîrai* (Μοῖραι) tiram o seu nome da mesma raiz, igualmente com a ideia de “distribuir”, *meíromai* (μείρομαι). Estas eram em número de três: Cloto, Láquesis e Átropo...

425 Ilíada, XX, 336. Na verdade, Luciano (Cinisco) não cita o verso completo, mas, em vez do verbo, diz algo como “etc.”. Entendi (abusivamente, já se vê) incluir o verbo e omitir o “etc.”.

ZEUS — Mas com certeza! De facto, nada poderá acontecer fora das leis das Parcas nem contra o seu fio. Aquilo que os poetas cantam, quando inspirados pelas Musas, é verdadeiro; quando, porém, essas divindades os abandonam e eles compõem por sua própria conta, erram e narram coisas contrárias ao que haviam dito antes. Há que desculpá-los, uma vez que, humanos como são, desconhecem a verdade, por falta daquilo[426] que, quando presente, cantava através deles.

CINISCO — Admitamos que é assim [como dizes]. Mas responde-me ainda a mais um questão: Não são três as Parcas [ou seja], Cloto, Láquesis e, creio eu, Átropo?

ZEUS — Isso mesmo.

3. CINISCO — Então a Predestinação[427] e a Fortuna, que personagens vêm a ser, pois são muito faladas? Qual é o poder de cada uma delas? Será [um poder] igual ao das Parcas, ou um tanto superior? É que oiço toda a gente dizer que não há nada mais poderoso que a Fortuna e a Predestinação.

ZEUS — Ó Cinisco, não te é permitido conhecer tudo. Mas por que motivo me perguntaste isso a respeito das Parcas?

4. CINISCO — Sim, ó Zeus, mas primeiro responde-me a esta pergunta, a saber, se elas mandam também em vós, e se vós dependeis fatalmente do fio delas.

ZEUS — Fatalmente, ó Cinisco... Mas... porque sorriste?

CINISCO — É que me recordei daqueles versos de Homero, em que este te pôs a discursar na assembleia dos deuses, e em que tu os ameaçavas de pendurar o Universo por um cabo de ouro. Dizias tu que lançarias o cabo lá do céu e que todos os deuses, se assim o decidissem, se pendurariam nele e se esforçariam por te arrastar cá para baixo, sem conseguir arrastar-te, mas tu, pelo contrário, assim que quisesses, a todos facilmente

içarias juntamente | com a terra e com o mar [428].

---

[426] "daquilo!, ou seja, o sopro divino, a inspiração divina.

[427] Predestinação: é a *Heimarménē* (Εἱμαρμένη), referida em nota *supra*. A Fortuna, ou Sorte, ou Acaso, é, em grego, *Tū́khē* (Τύχη).

[428] Ilíada, VIII, 24.

Nesse tempo[429], tu parecias-me admirável pela tua força, e eu até estremecia ao escutar esses versos. Agora, porém, já te vejo, mesmo com o tal cabo e as tuas ameaças, suspenso, como tu confessas, de um fiozinho muito fino. Bem me parece que Cloto teria mais motivos para ficar orgulhosa [do seu poder], por te ter pendurado e suspenso a ti próprio da roca, tal como os pescadores têm os peixinhos suspensos da cana de pesca.

5. ZEUS — Não sei aonde é que queres chegar com essas questões.

CINISCO — Ao seguinte, ó Zeus... Mas, pelas Parcas e pela Predestinação!, não me escutes com rudeza e cheio de cólera, pelo facto de eu te dizer a verdade com toda a franqueza. Ora bem: Se as coisas são como são, e se as Parcas é que mandam em tudo e ninguém pode alterar seja o que for daquilo que elas decidiram uma vez por todas, por que razão é que nós, os humanos, vos fazemos sacrifícios e oferecemos hecatombes[430], rogando que de vós nos venham benefícios. Realmente, não vejo que é que nós ganharíamos com esta solicitude, se, através das preces, não nos é possível nem conseguir o afastamento dos nossos males, nem obter qualquer benefício concedido pelos deuses.

6. ZEUS — Eu bem sei donde é que te vêm essas questões tão capciosas: é desses malditos sofistas, que sustentam que nós não nos preocupamos com as coisas humanas. É por impiedade que esses fulanos levantam tais questões, tentando desviar outras pessoas de nos fazerem sacrifícios e de nos orarem, como se isso fosse coisa própria do vulgo, pois [dizem que] nós nem nos preocupamos com o que se passa entre vós, nem temos qualquer poder sobre a vida na terra... Mas os que discorrem sobre tais coisas não ficarão a rir-se...

CINISCO — Mas não, ó Zeus! — juro pela roca de Cloto —, não foi por ter sido persuadido por esses tais, que eu te fiz estas perguntas, mas a nossa própria conversa é que, não sei lá como, ao desenvolver-se, desembocou nessa ideia, a de que os sacrifícios são supérfluos... Mas, se me permites, gostaria de te

[429] "Nesse tempo", quer dizer: nos primeiros tempos em que lia Homero...

[430] Uma hecatombe era, em princípio, um sacrifício de cem bois; com o tempo, passou a significar um grande sacrifício, com bois ou outras vítimas, mas naturalmente bem mais modesto.

fazer mais umas breves perguntas. Não hesites em responder-me, mas responde-me com a maior precisão possível.

ZEUS — Pergunta lá, já que tens vagar para devanear sobre esses assuntos.

7. CINISCO — Afirmas que tudo acontece por acção das Parcas?

ZEUS — Afirmo, pois.

CINISCO — E que não vos é possível alterar os acontecimentos e fiá-los ao contrário?

ZEUS — Não, de modo nenhum.

CINISCO — Queres que induza a consequência do raciocínio, ou ela é evidente e não preciso de dizer qual é?

ZEUS — Sim, é evidente; mas aqueles que nos oferecem sacrifícios não sacrificam por necessidade, não fazem uma espécie de pagamento, como se comprassem os benefícios que de nós recebem, mas antes a fim de homenagear algo superior.

CINISCO — Isso já me basta, pois afirmas que não é por necessidade que vos oferecem sacrifícios, mas sim por nobreza de sentimentos dessas pessoas, que querem honrar esse algo superior. No entanto, se algum desses sofistas estivesse aqui presente, perguntar-te-ia em que é que te baseias para dizer que os deuses são superiores, eles que são tão escravos como os humanos e submetidos às mesmas senhoras, as Parcas. De facto, não lhes bastaria serem imortais, para, só por isso, serem considerados superiores, pois tal condição é de longe pior, uma vez que a morte, pelo menos, nos liberta, ao passo que, no vosso caso, a situação se prolonga infinitamente e a vossa escravidão é eterna e desenvolvida por um fio muito longo.

8. ZEUS — Mas, ó Cinisco, é precisamente no facto de ser eterna e infinita que consiste a nossa felicidade, e nós passamos a vida no meio de todos os prazeres.

CINISCO — Nem todos vós, ó Zeus, pois entre vós a situação é diferente [entre uns e outros], e reina aí uma grande confusão. Tu, por exemplo, és feliz, pois és rei, e tens o poder de fazer baixar como que uma corda de poço e içar a terra e o mar. Todavia, o Hefesto é coxo, operário e ferreiro de seu ofício; o Prometeu esteve uma vez crucificado. Para quê falar do teu pai[431], que ainda agora está acorrentado no Tártaro?

---

431 Crono, filho de Úrano (o Céu) e de Geia (a Terra), mutilou e depôs o próprio pai, mas foi, por sua vez, deposto por seu filho Zeus, o único que Crono não comeu, pois este foi salvo por um processo ardiloso.

Também se diz que vós vos apaixonais, que sois feridos e que, por vezes, sois escravos em casa dos homens, como, por exemplo, o teu irmão[432] em casa de Laomedonte, e Apolo em casa de Admeto[433]. Ora, estes factos não se me afiguram lá muito venturosos, mas, pelo contrário, parece que alguns de vós são afortunados e bem fornecidos de bens, ao contrário de outros. Isto para já não referir o facto de vós serdes assaltados, tal como nós, serdes saqueados por ladrões de templos e poderdes passar, num instante, de extremamente ricos a extremamente pobres. Muitos de vós, por serem de ouro ou de prata, foram derretidos... mas este facto já estava determinado pela Predestinação... certamente...

9. ZEUS — Estás vendo? Isto agora, ó Cinisco, já começa a ser insultuoso, e qualquer dia ainda te hás-de arrepender dessas palavras.

CINISCO — Ó Zeus, poupa-me às tuas ameaças, pois bem sabes que não me acontecerá nada que as Parcas não tenham decidido antes de ti. Na verdade, verifico que esses tais ladrões de templos não são punidos, pois, na sua grande maioria, escapam-vos. É que, cuido eu, não estava destinado que eles fossem apanhados.

ZEUS — Não dizia eu [há pouco] que tu és um desses tais que pretendem, pela sua argumentação, destruir a Providência [divina]?

CINISCO — Ó Zeus, tu estás com muitíssimo medo deles, não sei lá porquê. Tudo quanto eu disser, logo tu suspeitas de que se trata de doutrinas daqueles...

10. Mas eu gostaria de perguntar-te ainda mais uma coisa — por que outra pessoa, senão por ti, poderia ser informado? —: Que vem a ser essa vossa Providência? Será uma Parca, ou uma espécie de divindade superior às Parcas, que manda nelas todas?

ZEUS — Já antes[434] te disse, ó Cinisco, que não te é lícito conhecer todas as coisas. Ao princípio, disseste que ias fazer-me uma única pergunta, mas [afinal] não cessas de me

432 Posídon, juntamente com Apolo, ajudou o rei de Tróia, Laomedonte, a circundar a cidade de fortes muralhas.

433 Admeto, rei de Feres, na Tessália, acolheu por algum tempo Apolo, que havia sido exilado do Olimpo, por ter matado os Ciclopes. Em Feres, Apolo desempenhou o cargo de guarda dos rebanhos reais.

434 V. § 3.

dirigir subtilezas. Estou vendo que a intenção principal da tua conversa é demonstrar que nós não nos preocupamos com as coisas humanas.

CINISCO — Não fui eu, mas sim tu, quem afirmou, ainda não há muito tempo, que são as Parcas quem determinam tudo... a menos que estejas arrependido dessas palavras, que te retractes do que disseste e que vós, [os deuses,] afasteis a Predestinação e lhe disputeis essa função.

11. ZEUS — De maneira nenhuma, pois é a Parca quem tudo determina através de nós.

CINISCO — Compreendo. Vós [os deuses] confessais que sois os servos e os ministros das Parcas. Mas mesmo assim, seriam elas quem administra a providência, enquanto vós sois apenas uma espécie de seus instrumentos ou ferramentas.

ZEUS — Como assim?

CINISCO — Assim como, digamos, o enxó e a pua servem ao carpinteiro para exercer o seu ofício, mas ninguém poderá dizer que estas ferramentas são o artista, nem que o navio é obra do enxó ou da pua, mas sim do construtor naval, assim também a construtora de tudo é a Predestinação, enquanto vós, quando muito, sois a pua e o enxó das Parcas. Então, parece-me a mim, os homens devem sacrificar em honra da Predestinação e rogar benefícios dele provenientes, em vez de irem até vós e de vos honrarem com procissões e sacrifícios. Mas, ao honrarem a Predestinação, nem isso deviam fazer, pois não creio que seja possível, nem mesmo às próprias Parcas, alterar seja o que for e modificar alguma coisa de entre aquelas que desde o princípio haviam sido decretadas para cada caso. Por exemplo, a Átropo não consentiria que alguém fizesse girar a roca em sentido contrário e desfizesse o trabalho de Cloto.

12. ZEUS — Então tu agora, ó Cinisco, também pretendes que as Parcas não sejam honradas pelos humanos? Pelo contrário, pareces querer confundir tudo. Mas nós, [os deuses,] mesmo que não fosse por mais nada, teríamos direito a ser venerados, só pelo facto de darmos oráculos e predizermos tudo o que foi decidido pela Parca.

CINISCO — Em suma, ó Zeus, é inútil prever o futuro, se as pessoas não têm a possibilidade de se precaverem dele, a menos que porventura sustentes que um indivíduo previamente

informado de que morreria [trespassado] pela ponta de ferro de uma lança pudesse evitar a morte encerrando-se [em casa]. Isso, porém, é impossível, pois a Parca faria com que ele saísse para ir à caça e expô-lo-ia à ponta de lança. [Por exemplo,] Adrasto, tendo lançado a seta contra o javali, errará o alvo e matará o filho de Creso[435], como se a seta fosse apontada ao jovem e dirigida pelo forte lançamento das Parcas.

13. O oráculo dado a Laio também é muito ridículo:

Não semeies campo de prole | contra a vontade dos deuses,
pois se gerares um filho, | (— diz ele —) o fruto te matará.

Realmente, era supérfluo o aviso relativo a factos que, de toda a maneira, se concretizariam. E de facto, apesar do oráculo, Laio "semeou", e o "fruto" matou-o. Assim sendo, não vejo por que motivo vós [os deuses] reclamais o pagamento pelas vossas profecias.

14. Isto para já não referir que vós tendes o hábito de dar à maior parte das pessoas respostas tortuosas e ambíguas, sem esclarecerdes bem se aquele que atravessar o [rio] Hális destruirá o seu próprio reino ou o [reino] de Ciro. Na verdade, o oráculo dá para ambos os lados[436].

ZEUS — É que Apolo tinha, ó Cinisco, uma certa razão para estar furioso com Creso, pelo facto de este o ter experimentado, ao cozinhar conjuntamente carne de carneiro e carne de tartaruga[437].

CINISCO — Mas, como deus que era, não devia ficar furioso. Mesmo assim, o facto de o Lídio ser enganado pelo

---

435 A história, com os seus antecedentes e outros pormenores, é contada por Heródoto, I, 34, ss.

436 Creso rei da Lídia, consultou o oráculo, a fim de saber se devia atacar Ciro, rei da Pérsia. O oráculo respondeu que, "se Creso transpusesse o Hális, destruiria um grande reino"... só que não dizia qual: se o de Creso, se o de Ciro.

437 V. *Dupla Acusação*, 1 e nota: Creso, rei da Lídia, experimentou diversos oráculos, alguns deles com manha, a fim de verificar qual deles era verdadeiro. A história é contada por Heródoto, no livro I das *Histórias*, 46-49. Posteriormente, Apolo vingou-se de Creso, induzindo-o a atacar Ciro, rei da Pérsia e, desse modo, "destruir um grande reino" (o seu próprio!).

oráculo[438] já estava predestinado, julgo eu, e, além disso[439], a Predestinação havia determinado[440] que ele não compreendesse claramente o que lhe era futurado, pelo que a vossa profecia também pertence à Predestinação.

15. ZEUS — Mas então será que não deixas mesmo nada para nós, mas antes, somos deuses vãos, não exercemos nenhuma providência sobre os acontecimentos nem somos merecedores de sacrifícios, tal como, a bem dizer, puas e enxós? Até parece que estás a menosprezar-me com razão, a mim que, como vês, embora estando com o gesto de lançar o raio, no entanto tolero que tu digas tais coisas contra nós.

CINISCO — Atira, ó Zeus! Se eu estou fadado para ser atingido por um raio, não é a ti que eu acusarei pelo golpe, mas sim Cloto, que me terá ferido através de ti. Na verdade, eu nem sequer diria que foi o raio a causa do meu ferimento... Mas vou perguntar-vos mais uma coisa, a ti e à Predestinação... e podes responder-me por esta... Ora, quando me ameaçaste, veio-me uma coisa à ideia:

16. Por que raio[441] é que deixas [em paz] os ladrões de templos e os salteadores, bem como pessoas tão insolentes, violentas e perjuras, e atinges com o raio um carvalho, um rochedo ou o mastro de um navio que não te fez nenhum mal, e algumas vezes até mesmo um pacífico e honesto cidadão? Porque é que ficas calado, ó Zeus? Ou será que não me é permitido saber isso?

ZEUS — De facto, não, ó Cinisco. Tu é que és um tipo muito metediço; não sei lá aonde é que foste buscar e invocas [agora] contra mim todos esses argumentos.

CINISCO — Nesse caso, não vos perguntarei mais isto, a ti, à Providência e à Predestinação: Por que razão é que Fócion,

---

438 "pelo oráculo" consta dos manuscritos, mas o editor da "Loeb" entendeu suprimir essa expressão, visivelmente por considerá-la um "escólio", ou seja, uma nota à margem ou na entrelinha, que em cópias posteriores tivesse passado para o texto...

439 "além disso" (ou "por outro lado", "de resto", "aliás"): sigo a lição dos manuscritos.

440 "havia determinado": o gr. diz "havia *fiado*"; a tradução literal pareceu-me um tanto forçada...

441 O grego diz "porque é que, realmente...?" A referência ao raio vem apenas... a calhar!

homem honesto, morreu em tamanha pobreza e tamanha penúria do mais indispensável [à vida], bem como, antes dele, Aristides, ao passo que Cálias e Alcibíades, jovens libertinos, enriqueceram excessivamente, tal como Mídias, esse insolente, e Cárope de Egina, esse debochado, que matou a mãe à fome; e ainda Sócrates, que foi entregue aos Onze[(442)], mas Meleto não lhes foi entregue; também Sardanapalo, embora efeminado, subiu ao trono, enquanto *Goques[(443)], homem de muito mérito, foi por ele mandado crucificar, por não estar de acordo com o que estava a passar-se...

17. ...Isto para já não vos mencionar, contados caso a caso, os perversos e gananciosos que prosperam, enquanto as pessoas de bem se vêem a braços com a miséria e com as doenças e oprimidas por males sem conta.

ZEUS — Mas então não sabes, ó Cinisco, quão severos castigos sofrem os perversos depois desta vida, e que situação venturosa vivem os bons?

CINISCO — Estás a falar-me do [reino de] Hades, dos Tícios e dos Tântalos[(444)], mas, se realmente existe algo desse género, eu sabê-lo-ei quando morrer. Quanto ao presente, preferia viver com felicidade o tempo, seja quanto for, que me restar de vida, e, depois de morto, ter o fígado dilacerado por dezasseis abutres; mas não quereria, depois de passar sede aqui na terra, tal como Tântalo, beber nas ilhas dos Bem-Aventurados, estendido no prado Elísio junto dos heróis.

---

[442] Os Onze eram os guardas da prisão, encarregados das execuções capitais. Foram eles que prepararam a cicuta que Sócrates ingeriu.

[443] "Goques...": O texto, até ao fim do período, é muito incerto. Para já, a forma do andrónimo é duvidosa, mas a lição de outra família de manuscritos (γ) é tão clara, que deixa entrever uma emenda de copista, Com essa emenda, ler-se-ia: *"enquanto muitos Persas, homens do maior valor, foram por ele mandados crucificar, por não estarem de acordo com o que se passava"* .

[444] "Tícios... Tântalos": no plural, para indicar aquelas personagens e outras nas mesmas condições. O gigante Tício foi fulminado por Zeus e lançado no Hades, onde duas serpentes, ou duas águias, lhe devoravam o fígado, que continuamente se restaurava. Tântalo, por um crime de impiedade (de que há diversas versões), foi condenado, no Reino de Hades, à fome e à sede eternas, situação ainda mais dolorosa, pelo facto de estar rodeado de água e de frutos, que sempre se furtavam aos seus desejos...

18. ZEUS — Que é que estás a dizer? Não acreditas que haja punições e honrarias, bem como tribunais onde é examinada a vida de cada pessoa?
CINISCO — Tenho ouvido dizer que um tal Minos, um cretense, julga esses assuntos lá em baixo. Ora responde-me lá a uma coisa a respeito dele, pois diz-se que é teu filho.
ZEUS — Que é que queres perguntar-me, ó Cinisco.
CINISCO — Quais é que ele castiga mais [severamente]?
ZEUS — Os maus, é claro, como os assassinos e ladrões de templos.
CINISCO — E quem é que ele envia para junto dos heróis?
ZEUS — Os bons, os piedosos e aqueles que levaram uma vida segundo as normas da virtude.
CINISCO — E porque é que ele procede assim, ó Zeus?
ZEUS — Porque uns são merecedores de honras, e outros de castigo.
CINISCO — Então e se uma pessoa tivesse feito algum mal involuntariamente, seria justo castigá-la?
ZEUS — De modo nenhum.
CINISCO — E se uma pessoa praticasse involuntariamente uma boa acção, será que mereceria uma recompensa?
ZEUS — Certamente que não.
CINISCO — Portanto, ó Zeus, Minos não tem o direito de recompensar ou punir ninguém.
ZEUS — Como ninguém?
CINISCO — Porque nós, os humanos, não agimos por nossa vontade, mas sim comandados por uma necessidade inevitável, pelo menos se é verdade aquilo que atrás admitiste, ou seja, que a Parca é a causa de tudo. Se uma pessoa assassinar outra, é ela a assassina; se uma pessoa pilhar um templo, fá-lo-á obedecendo a uma ordem. Assim sendo, se Minos quiser julgar com justiça, castigará a Predestinação em vez de Sísifo, e a Parca em vez de Tântalo. Sim, que mal é que aqueles fizeram, se apenas obedeceram a ordens?

19. ZEUS — Não vale a pena responder a tais perguntas, pois tu és muito impertinente e um sofista. Fica para aí, que eu vou-me embora.
CINISCO — Ainda tinha mais uma coisa para te perguntar: onde moram as Parcas, como é que elas, sendo apenas três, podem atender meticulosamente a tantas tarefas. Afigura-se-me

que levam uma vida muito trabalhosa e desafortunada, assim com tamanhos problemas: dir-se-ia que, mesmo elas, não nasceram sob uma Predestinação favorável. Cá por mim, se me fosse dado escolher, não trocaria a minha vida pela delas, mas antes queria levar uma vida ainda mais pobre, do que estar sempre sentado a fazer girar uma roca cheia de tantos problemas, e dando atenção a cada um deles. Mas se não te é fácil, ó Zeus, responder a estas minhas questões, já ficarei satisfeito com aquelas a que deste resposta, pois já bastam para esclarecer a questão da Predestinação e da Providência. Quanto aos restantes pontos, talvez eu não esteja destinado a ouvi-los.

(Página deixada propositadamente em branco)

O CÍNICO

(Página deixada propositadamente em branco)

Introdução

O sentido actual mais vulgarizado do adj. *cínico* parece-me ser "hipócrita", "dissimulado", com a ideia conexa de que o indivíduo assim designado abriga o propósito de tramar outra pessoa: "traiçoeiro". Estes sentidos, porém, não constam de certos dicionários. Não contando com o sentido de "pertencente à Escola Cínica", que, naturalmente, consta de todos os dicionários, temos os sentidos derivados: "impudente", "desavergonhado" ("Lello", 1960, Morais, 1988, etc.). O "Houaiss" apresenta diversos outros sentidos, que ocorrem desde o séc. XIX, entre os quais os mencionados "hipócrita", "dissimulado".

No grego antigo, o adj. *künikós* (κυνικός) tem praticamente só dois sentidos: 1. "relativo a cão", "semelhante a cão", "canino"; 2. (já em sentido derivado) "relativo à Escola Cínica", "cínico".

A Escola Cínica foi fundada por *Antístenes* (c. 440 a.C.), discípulo e amigo de Sócrates. Funcionava no burgo de Cinosarges, local fora das muralhas de Atenas, onde havia um santuário dedicado a Héracles e um ginásio. Parece que, inicialmente, foi do nome deste local, *Künósarges* (Κυνόσαργες), que a Escola ganhou a designação de "Cínica", mas depressa (logo com Diógenes de Sinope) os adeptos da Escola foram associados ao nome do *cão*.

Não tinha (nem nunca veio a ter) uma doutrina coerente, sistemática e bem estruturada, mas apenas, como característica geral, um individualismo fortemente anti-social, a que cada adepto seu acrescentava elementos mais ou menos compatíveis com esse espírito de rebeldia. Os cínicos da linha mais "pura" (se assim podemos dizer) eram uma espécie de "sem-abrigo", mais ou menos intelectuais, que voluntariamente se haviam divorciado da sociedade e dos seus valores mais "sagrados". Encontramo-los em todas as épocas, misturados com os desgraçados do destino, *clochards*, alguns dos quais, uma vez por outra, a televisão nos revela na sua — quem diria? —intelectualidade já quase esquecida.

Assim, *Antístenes* pregava uma moral prática, algo difusa, em que o objectivo final, a *virtude*, consiste fundamentalmente em dominar os desejos e as paixões e é a base da felicidade. De algum modo, Antístenes desenvolveu princípios de independência que lhe vinham do magistério de Sócrates, também ele um "pé-descalço", mal ataviado e negligente com o corpo...

Mas, para alguns estudiosos da Filosofia grega, o verdadeiro fundador da Escola Cínica e seu mais famoso representante foi *Diógenes de Sinope* (séc. IV a.C.), também apodado de "o cão" (*ho kṓōn*: ὁ κύων). Pode dizer-se que foi Diógenes quem levou às últimas consequências os princípios básicos da doutrinação cínica. Repudiando activamente a vida civilizada, vestia miseravelmente, alimentava-se de maneira muito precária, vivia dentro de um tonel e demonstrava um desprezo absoluto pelos poderosos deste mundo e cultivou como nenhum outro a prática pública da *anaídeia* (ἀναίδεια) do "despudor", com o que mais ainda justificava o apodo de "cão", pois Diógenes tinha mesmo... vergonha de cão. Conta-nos Plutarco que um dia, estando a masturbar-se em público, gritou: *"Oxalá bastasse esfregar também a barriga, para deixar de ter fome!"*. A Antiguidade legou-nos uma espantosa quantidade de ditos de Diógenes (mais de mil!), muitos dos quais lhe foram atribuídos indevidamente, mas mesmo estes revelam o conceito em que era tido. Entre muitos dos seus famosos ditos, Plutarco conta-nos um episódio em que o grande Alexandre se aproximou de Diógenes e lhe disse: *"Pede o que quiseres, e tê-lo-ás"*, ao que o filósofo respondeu: *"Sai da frente do meu sol!"*.

Outro cínico célebre foi *Menipo de Gádaros*[445] (séc. III a.C.), muito admirado e citado por Luciano, nomeadamente nos *Diálogos dos Mortos*.

No opúsculo *O Cínico*, a personagem designada simplesmente por CÍNICO representa, não a face mais truculenta de alguns cínicos (Diógenes, Menipo...), mas o cínico moderado, que defende princípios de frugalidade, moderação, simplicidade, pobreza extrema, tudo ideias que Luciano elogia, mas às quais, com toda a evidência, não aderia *na prática*. O interlocutor do Cínico, que os manuscritos mais recentes designam por LICINO (que corresponderia a Luciano) dispõe de todas as possibilidades de defender a sua doutrina, sem que Licino se lhe oponha com alguma veemência. A parte final do opúsculo (§§11-§20) deixa de ser um diálogo, para se transformar num longo discurso de defesa e justificação, sem haver quem contradiga o... orador. Nitidamente, Luciano respeitava esses

---

445 "Gádaros", gr. *Gádara, -ōn* (Γάδαρα, -ων) forma preferível a Gádara: os plurais neutros adaptam-se ao port. sob a forma de masculinos do plural.

homens que, por convicção, levavam uma vida materialmente limitadíssima, que ele, Luciano, nunca teria a coragem de abraçar. Como em relação a outras escolas filosóficas, Luciano só não tolera aqueles que, em público, pregavam a *virtude*, mas que, portas adentro, se entregam ao mais vil deboche, ou aqueles que pregam moderação, desprezo de riquezas, bondade, tolerância..., mas levam uma vida totalmente oposta aos princípios proclamados. Mesmo entre os cínicos ou entre os epicuristas (ambos geralmente poupados pela sua crítica acutilante), Luciano encontra indivíduos desprezíveis, precisamente pelo facto de não viverem como dizem pensar. Não é o caso do cínico deste opúsculo.

(Página deixada propositadamente em branco)

O Cínico

1. LICINO — Ó meu caro, porque é que usas essa barba [crescida] e essa cabeleira [comprida], não usas túnica, andas de corpo ao ar e pata ao léu, e optaste por levar uma vida errante, própria, não de ser humano, mas de bicho selvagem? Porque é que, ao contrário da maior parte das pessoas, matas o teu corpo sempre a andar de um lado para outro, dormindo no chão duro(446), de tal modo que o teu manto até dá nojo... além de não ser de lã fina(447), nem fofo nem garrido?

CÍNICO — Nem preciso: um [manto] assim é muito fácil de obter e causa pouquíssimas preocupações ao seu dono...(448)

2. ... Mas agora, pelos deuses!, diz-me cá: Não achas que o grande despesismo é um vício?

LICINO — Certamente.

CÍNICO — E que a poupança é uma virtude?

LICINO — Certamente.

CÍNICO — Então por que diacho é que tu, vendo que eu levo uma vida mais poupada que a maior parte das pessoas, e que estas são mais gastadoras [que eu], me censuras a mim, e não a elas?

LICINO — Porque me parece, por Zeus!, que tu levas uma vida não somente mais poupada do que a maior parte das pessoas, mas vives, sim, em completa pobreza e carência. Realmente, não diferes em nada daqueles pobres que mendigam o pão de cada dia.

3. CÍNICO — Queres que analisemos — já que a conversa chegou a esse ponto — o que é a carência e o que é a suficiência?

446 "dormindo no chão duro": é a lição de manuscritos *recentiores*, part. pres. *eunazómenos* (εὐναζόμενος...), "dormindo... Outros manuscritos lêem" "andar de um lado para outro em busca de sítio onde dormir", lit.te "... para dormir", com part. fut. *eunēthēsómenos* (εὐνηθησόμενος), de sentido final. A parte final da frase, "... no chão duro", liga-se muito melhor ao particípio presente. Compare: "matas o teu corpo sempre a andar de um lado para outro para dormir em chão duro", e (minha preferência): "matas o teu corpo sempre a andar de um lado para outro e dormindo em chão duro". Um crítico moderno (Fritzsche) emenda para: "... dormindo só", "... sem companhia".

447 "de lã fina": o texto diz só: (além de nao ser) "fino", mas sabemos que o *tribṓnion* (τριβώνιον) era um manto de lã grosseira.

448 Entendi fazer parágrafo, a fim de marcar bem a númeração; outras ediçoes notam o §2 no interior da página...

LICINO — Se assim te apraz...
CÍNICO — Será suficiência aquilo que basta a cada um para as suas necessidades, ou achas que é outra coisa?
LICINO — Seja isso mesmo.
CÍNICO — E será carência aquilo que é menos que as nossas necessidades e insuficiente para as nossas carências?
LICINO — Sim.
CÍNICO — Portanto, eu não careço de mais nenhuns bens, pois não há nenhum destes [meus] que não preencha as minhas necessidades.

4. LICINO — Que queres dizer com isso?
CÍNICO — Se considerares o fim a que se destina cada uma das coisas de que necessitamos... por exemplo: Uma casa não serve para nos proteger?
LICINO — Sim.
CÍNICO — Então e o vestuário para que serve? Não servirá também para nos proteger?
LICINO — Sim.
CÍNICO — E, pelos deuses!, para que é que precisamos dessa protecção? Não será para que a pessoa, ao proteger-se, fique em melhor estado?
LICINO — Parece que sim.
CÍNICO — Achas ou não que os meus dois pés estão [assim descalços] em pior estado?
LICINO — Não sei.
CÍNICO — Mas já vais saber: Qual é a função dos pés?
LICINO — Caminhar.
CÍNICO — Achas que os meus pés caminham pior do que os da maioria das pessoas?
LICINO — Quanto a isso, provavelmente não.
CÍNICO — Portanto, não estão em pior condição, se não cumprem pior a sua função.
LICINO — Provavelmente.
CÍNICO — Quanto a pés, certamente que não pareço estar em pior condição do que a maioria das pessoas.
LICINO — Não, não pareces.
CÍNICO — E então o resto do meu corpo estará porventura em pior estado? Se estivesse em pior estado, [isso queria dizer que] estaria mais fraco, pois a fortaleza é a grande qualidade do corpo.
LICINO — Não aparenta [estar em pior estado].

CÍNICO — Portanto, nem os meus pés nem o resto do meu corpo aparentam carecer de protecção. De facto, se carecessem, estariam em má condição, porquanto a carência constitui um mal, que faz com que estejam em pior condição aquelas coisas nas quais ela se manifesta. Por outro lado, não se me afigura que o meu corpo esteja mais mal alimentado, pelo facto de ser alimentado com aquilo que calha.

LICINO — É bem visível.

CÍNICO — Nem estaria saudável, se fosse mal alimentado, pois os maus alimentos arruínam os corpos.

LICINO — Assim é.

5. CÍNICO — Então diz-me cá: Se isso é assim, por que diacho é que me censuras, porque é que rebaixas a minha vida e dizes que ela é miserável?

LICINO — Porque, por Zeus!, embora a natureza, que tu tanto veneras, e os deuses tenham posto a terra à disposição de todos e tenham feito brotar dela grande quantidade de bens, de modo que tenhamos de tudo em abundância, não só para [satisfazer] as nossas necessidades, mas também para nosso prazer, tu privas-te de todos esses bens, ou pelo menos da maior parte deles, não tens maior parte neles que os animais. De facto, só bebes água, como os animais, só te alimentas do que achas, como os cães, e não tens uma cama melhor que a dos cães: basta-te, como a estes, um pouco de palha; além disso, trazes um manto que não fica bem nem sequer a um mendigo. E no entanto, se tu pensas correctamente ao contentar-te com tão pouco, a divindade é que não procedeu correctamente, quando fez as ovelhas cobertas de lã, as videiras a darem o doce vinho, bem como todas as outras produções tão variadas, como o azeite, o mel e outras, para que tivéssemos comida de toda a espécie, tivéssemos bebida agradável, tivéssemos outras coisas, como uma cama fofa, belas casas, enfim, tudo o que é admiravelmente fabricado: sim, que as obras das artes e ofícios[449] também são dádivas dos deuses. Ora, viver despojado de tudo isso é uma desgraça, mesmo que uma pessoa seja despojada por outrem, como aqueles que se encontram nas prisões; mas é ainda maior desgraça, até mesmo uma autêntica loucura, quando um indivíduo se priva a si próprio de todas as coisas boas.

---

449 "artes e ofícios": assim traduzi o gr. *tékhnai* (τέχναι), que, de resto, significa mais "ofícios" que "artes"...

6. CÍNICO — Talvez tenhas razão. Mas diz-me cá uma coisa: Dando-se o caso de um homem rico convidar e receber generosa e liberalmente num banquete um grande número de indivíduos de todo o género, uns doentes e outros saudáveis, e lhes apresentasse muitos e variados alimentos, se um [dos convidados] açambarcasse e comesse todos eles, não só os que estavam próximos, mas também os mais afastados e destinados aos convidados doentes, mesmo estando ele próprio de boa saúde e possuindo uma única barriga, a qual precisava de pouca coisa para se alimentar, e ficasse a ponto de morrer por excesso [de comida], que ficarias tu a pensar de tal fulano? Seria sensato?

LICINO — Não creio.

CÍNICO — Seria moderado?

LICINO — Também não.

7. CÍNICO — Pois bem: Então se um indivíduo que tomasse parte na mesma mesa não fizesse caso dos muitos e variados pratos, mas escolhesse somente um dos que estivessem mais perto e fosse suficiente para a sua necessidade, e que comesse este com uma atitude decente e se servisse apenas deste, sem sequer olhar para os outros pratos, não considerarias tal indivíduo mais moderado e melhor [que o outro]?

LICINO — Claro que sim.

CÍNICO — Estás a perceber, ou tenho de te explicar?

LICINO — Explicar o quê?

CÍNICO — Que a divindade é semelhante àquele homem que recebeu bem os seus convidados e lhes pôs na frente pratos numerosos, variados e de toda a espécie, de modo que tivessem os que lhes fossem apropriados, uns para os saudáveis, outros para os doentes, não para que se servissem de todos os pratos, mas para que cada um se servisse do seu, aquele que fora feito para si e do qual tinha mais necessidade.

8. Vós, porém, com a vossa insaciedade e a vossa intemperança, assemelhais-vos muitíssimo àquele homem que açambarcou todos os pratos, pois pretendeis servir-vos de todos os bens, vindos de todos os países, e não somente daqueles que tendes à mão: cuidais que nem a vossa terra nem o vosso mar vos bastam, mas importais os vossos prazeres dos confins do mundo, preferindo os produtos estrangeiros aos da vossa terra, os caros aos baratos, os de difícil obtenção aos fáceis de obter...

em resumo: antes quereis arranjar problemas e incómodos, do que viver livres de maçadas. Realmente, esses bens materiais, tantos, tão preciosos e destinados a darem-vos felicidade e de que tanto vos orgulhais, chegaram até vós ao preço de muita infelicidade e muito sofrimento. Considera, por favor, o tão desejado ouro, considera a prata, considera as moradias tão sumptuosas, considera as vestes tão bem trabalhadas, considera, enfim, tudo quanto essas coisas implicam, quantos incómodos custam, quantos trabalhos, quantos riscos e, mais ainda, quanto sangue, quantas mortes e quanta perda de seres humanos, não somente os muitos que se fazem ao mar e morrem ao procurarem essas riquezas, ou os que sofrem terrivelmente ao fabricá-las, mas também pelo facto de [tais riquezas] serem fruto de muita luta, em que vós conspirais uns contra os outros por sua causa, amigos contra amigos, filhos contra pais, mulheres contra maridos. Foi assim que — creio eu — Erifile(450), por causa do ouro, traiu o marido.

9. Todos esses objectos continuam a ser assim: os mantos garridos não têm a propriedade de aquecer mais, as casas [forradas] de oiro não nos abrigam melhor, as taças de prata não beneficiam a bebida, os leitos de oiro e de marfim não proporcionam um sono mais agradável, mas, pelo contrário, verás muitas vezes que os ricos, mesmo deitados num leito de oiro e com cobertores caríssimos, não conseguem adormecer. Que dizer dos pratos preparados com todos os requintes, senão que não alimentam mais, mas, pelo contrário, degradam os corpos e causam-lhes doenças?...

10. ... Para quê mencionar, também, quantos males, provenientes da relação sexual, os homens causam e contraem(451)? E no entanto, é muito fácil dominar esse desejo, desde que uma pessoa renuncie a requintes de sensualidade. Mas parece que os homens não se contentam com a loucura e a corrupção nesta

---

[450] Erifile, esposa de Anfiarau, em troca do colar e do manto de Harmonia, induziu o marido a tomar parte na expedição contra Tebas, ao que Anfiarau acedeu, depois de muito instado, embora tivesse prevista que morreria nessa expedição. O colar de Harmonia revelou-se fatal para quem o usasse, pelo que, para acabar de vez com o malefício, foi oferecido a Atena no santuário de Delfos.

[451] "causam e contraem": referência ao papel activo ou passivo da homossexualidade masculina.

matéria, pois hoje em dia até já pervertem o uso das coisas, servindo-se de cada uma com uma finalidade para que não foi criada, como se uma pessoa quisesse, em vez de um carro, servir-se de um leito como carro.

LICINO — E quem é que assim procede?

CÍNICO — Vós, que vos servis de seres humanos como se fossem bestas de carga, obrigando-os a transportar leitos aos ombros, como se fossem carros, enquanto vós estais voluptuosamente reclinados lá em cima, e daí manobrais os homens com as rédeas, como se fossem burros, ordenando-lhes que voltem para aqui, não para ali... E quanto mais frequentemente assim procedeis, mais felizes sois considerados...

11. ... E então os que se servem da carne [dos animais] não somente como alimento, mas para com ela fabricarem tintas, como é o caso dos tintureiros de púrpura(452): não é verdade que usam, contra a natureza, as criações dos deuses?

LICINO — Mas não, por Zeus! A verdade é que a carne da púrpura não é boa somente para comer, mas tem também a propriedade de tingir.

CÍNICO — Mas não foi feita para esse fim. É claro que uma pessoa também poderia servir-se, algo forçadamente, de um jarro, como se fosse uma panela, mas o jarro não foi feito para esse fim... Mas como seria possível alguém enumerar a longa lista das loucuras humanas, tão longa ela é? Tu, porém, censuras-me pelo facto de eu não tomar parte nessas loucuras. Ora, eu vivo como aquele [convidado] moderado: regalo-me com o que tenho à mão, sirvo-me de alimentos muito simples e baratos(453), e não ambiciono os requintados provenientes de toda a parte.

12. E mais: Se achas que eu levo uma vida de bicho, necessitando apenas de alimentos simples e servindo-me deles em pequena quantidade, então os deuses arriscam-se a ficar abaixo dos animais... pelo menos a julgar pelo teu raciocínio. Na verdade, eles não necessitam de nada. Mas para compreenderes mais exactamente o que significa necessitar de pouco e necessitar de muito, ou seja, o que é cada uma destas coisas, considera que os rapazes necessitam de mais [comida] que os

452 A púrpura, ou múrice, é um molusco gastrópode da família dos purpurídeos, donde se extraía uma substância corante de um vermelho-escuro...

453 "simples e baratos": o gr. εὐτελής tem ambas as conotações...

adultos, as mulheres mais que os homens, os doentes mais que os sãos; e, de modo geral, o fraco necessita de mais [quantidade] que o forte. Por conseguinte, os deuses não necessitam de nada, e os que mais se assemelham aos deuses necessitam de muitíssimo pouco.

13. Cuidas tu, porventura, que foi por infelicidade que Héracles, o mais valente de todos os homens, homem divino e justamente considerado deus, vagueou pelo mundo [quase] nu(454), tendo sobre si somente uma pele [de leão] e sem necessitar de nada daquilo de que vós necessitais? Ele não era infeliz, ele que livrou os outros homens das desgraças, ele que não era pobre, pois reinava sobre a terra e sobre o mar. De facto, por onde quer que arremetesse, a todos vencia em toda a parte, e não encontrou quem o igualasse ou lhe fosse superior, até ao momento de se separar dos humanos. Cuidas, porventura, que ele tinha necessidade de cobertores ou de calçado, e que era com tal objectivo que ele assim vagueava? Não se pode dizer tal coisa, mas sim que ele era muito contido e resistente, queria dominar-se [a si mesmo] e rejeitava a moleza. E Teseu, discípulo deste, não foi rei de todos os Atenienses, ele que, segundo se diz, era filho de Posídon e o mais valente do seu tempo?

14. E no entanto, também este optou por andar descalço e despido, e agradava-lhe usar barba e cabeleira [compridas]... e isso agradava não somente a ele, mas também a todos antigos. Na verdade, eles eram melhores que vós, e nem sequer um único de entre eles consentia mais do que um leão em ser rapado. Consideravam que a delicadeza e a lisura da pele era coisa própria de mulheres; eles preferiam parecer homens, como de facto eram, e consideravam a barba um adorno de homem, tal como a crina dos cavalos e a juba dos leões, aos quais a divindade acrescentou esses atributos para efeito de graça e ornamento. Do mesmo modo, [a divindade] acrescentou aos homens a barba. Portanto, eu invejo os antigos e quero imitá-los, pois não invejo os homens de agora por essa tão maravilhosa felicidade de que gozam, com a sua [boa] mesa, o seu vestuário, que alisam e rapam todas as partes do corpo, sem deixarem nenhuma das partes íntimas ficar tal qual despontaram.

---

454 "[quase] nu": o gr. *gümnós* (γυμνός) significa "nu", "despido", "sem roupa", pois era assim, sem a roupa normal, que Héracles se apresentava...

15. Quem me dera que os meus pés não diferissem dos cascos dos cavalos, como dizem que são os [pés] de Quíron; e que não precisasse de mantas, como os leões, nem necessitasse de comida mais cara que a dos cães; quem me dera ter toda a terra como leito bastante, e possuir o mundo como minha casa, e preferir como alimento aquele que fosse mais fácil de obter! Oxalá não necessite, nem eu nem os meus amigos, de ouro e de prata, pois é desta ambição que derivam todos os males humanos: dissensões, guerras, conspirações, mortes. Todos estes males têm origem no desejo de possuir [cada vez] mais. Oxalá esse desejo fique longe de mim, que eu nunca deseje mais que o necessário, que eu seja capaz de suportar possuir menos!

16. Tais são os meus[(455)] desejos, certamente muito diversos das aspirações da maioria. Não é, pois, mesmo nada de admirar que eu difira das outras pessoas pela maneira de vestir, quando difiro tanto na maneira de pensar. Mas fico, sim, admirado com o facto de tu achares que certa pessoa deve usar uma veste e um aspecto exterior de citaredo, outra, por Zeus!, uma veste de flautista, outra uma veste de actor trágico, mas já não achas que um homem honesto deva ter a sua veste própria e o aspecto próprio de homem honesto, mas, pelo contrário, julgas que este deve apresentar-se como a maioria das pessoas, mesmo que estas, na sua maioria, sejam corruptas. Na verdade, se as pessoas de bem devem apresentar uma veste própria delas, que veste lhes assentaria melhor que esta minha, que parece vergonhosa aos olhos dos devassos e pela qual eles têm a maior aversão?

17. Portanto, o meu exterior consiste nisto: em ser imundo, desgrenhado, em usar um manto rude, cabeleira comprida e pés descalços, enquanto o vosso aspecto é semelhante ao dos pederastas, e ninguém seria capaz de vos distinguir deles, quer pela cor ou pela macieza dos vossos mantos, quer pelo número das vossas túnicas, quer pelo vosso vestuário, pelo vosso calçado, pelo vosso penteado ou pelo vosso perfume. Na verdade, vós, pessoas maximamente venturosas, cheirais mais ou menos como eles. Mas que é que daríamos por um homem que exala o mesmo perfume que os pederastas? Na verdade,

---

455 "meus (desejos)": O texto grego tem o plural ("nossos ... "), que tanto pode ser "majestático", como referir-se ao conjunto dos filósofos cínicos. O mesmo se diga das duas formas verbais seguintes.

vós não suportais o sofrimento melhor que eles, não sois menos escravos dos prazeres. Além disso, alimentais-vos, dormis e caminhais como eles, ou melhor, não gostais de caminhar, mas sim de serdes transportados, tal qual fardos, uns por homens, outros por bestas de carga. A mim, porém, são os meus próprios pés que me levam aonde preciso; sou capaz de suportar o frio e aguentar o calor, e não me queixo das obras dos deuses, precisamente porque sou miserável; vós, porém, devido à vossa própria felicidade, nunca estais satisfeito com o que acontece, mas criticais tudo, não quereis suportar o que tendes agora, mas desejais aquilo que não tendes: no Inverno, desejais o Verão, e no Verão o Inverno; quando está calor, desejais o frio, e quando está frio, o calor, sempre descontentes e insatisfeitos, como as pessoas doentes, mas nestas, a causa é a doença, enquanto em vós é o vosso próprio carácter.

18. E depois pretendeis modificar-nos e corrigir a nossa mentalidade, decidindo muitas vezes, mas mal,[456] a respeito da nossa maneira de viver, enquanto vós próprios estais desatentos a respeito dos vossos actos e não praticais nenhum deles com discernimento e racionalidade, mas só por rotina e paixão. Portanto, vós em nada diferis daquelas pessoas que são arrastadas por uma enxurrada, pois estas são levadas para onde vai a corrente, e vós pelas vossas paixões. Acontece convosco o mesmo que, segundo se conta, se passou com um indivíduo de montara um cavalo enfurecido: o animal arrancou, levando consigo o homem, que não podia desmontar, pois o cavalo corria muito rápido. Então uma outra pessoa, ao vê-lo assim, perguntou-lhe aonde é que ele ia, ao que o homem respondeu, apontando para o cavalo: *"Aonde ele quiser"*. Do mesmo modo, supondo que uma pessoa vos pergunta aonde ides, vós, se quiserdes dizer a verdade, respondereis simplesmente *"Aonde as paixões quiserem"*, ou então, por partes, *"Aonde o prazer quiser"*, ou *"a vanglória"*, ou *"a cupidez"*, ou *"a cólera"*, ou *"o medo"*, ou qualquer outro sentimento que vos pareça conduzir-vos. Na verdade, vós montais, não um único cavalo, mas muitos, e sois levados ora por um, ora por outro,

456 "decidindo..., mas mal...": a lição dos manuscritos, *bouleuoménois* (βουλευομένοις) tem causado dificuldade, quer a copistas medievais posteriores, quer a editores modernos. Creio que a emenda mais simples seria *bouleuóménoi* (βουλευόμενοι), que também poderíamos verter por "pensando mal a respeito sa nossa maneira de viver".

e todos eles enfurecidos, que depois vos lançam em abismos e precipícios. E antes de cairdes, não vos apercebeis do que está para vos acontecer.

19. Ora, este meu [rude] manto, de que vós troçais, bem como a minha cabeleira [comprida] e o meu aspecto exterior possuem esta virtude: permitem-me viver tranquilamente, fazendo o que muito bem quero e dando-me com quem muito bem entendo. Na verdade, de entre as pessoas ignorantes ou incultas, nenhuma quereria aproximar-se de mim, por causa do meu aspecto exterior, e as pessoas delicadas afastam-se de mim, mal me avistam ao longe. Pelo contrário, vêm até mim os mais amáveis, os mais dotados e os que desejam [alcançar] a virtude. São sobretudo estes que se aproximam de mim. Sim, é com estes que eu gosto de conviver. Não cortejo a porta dos chamados afortunados, considero as coroas de oiro e a púrpura mera fumaça(457), e rio-me dessas pessoas...

20. ... Para que saibas, a respeito do meu aspecto exterior, de que tu escarneces, que ele convém não só a pessoas de bem, mas igualmente aos deuses, repara nas estátuas dos deuses, [e diz-me] se elas parecem mais semelhantes a vós ou a mim. Percorre os templos não só dos Gregos, mas também dos bárbaros, [e diz-me] se os deuses têm [longa] cabeleira e barba [comprida], como eu, ou se são esculpidos ou pintados todos rapados, como vós. Além disso, nota que, na sua maioria, não têm túnica, tal como eu. Então porque é que ainda ousas dizer que o meu aspecto exterior é desprezível, se ele parece adequado até para os deuses.

---

457 “fumaça”, ou “vapor”; em sentido figurado, “fogo de vista”, “manifestação de vaidade”...

O PARASITA

(A “PARASÍTICA” É UMA PROFISSÃO)

(Página deixada propositadamente em branco)

Τέχνη ἐστίν σύστημα ἐκ καταλήψεων συγγεγυμνασμένων πρός τι τέλος εὔχρηστον τῷ βίῳ.

Luciano, O Parasita, §4

"Arte é um sistema de preceitos exercidos em conjunto, e com uma certa finalidade útil à vida"

(Página deixada propositadamente em branco)

Introdução

1. À volta do termo *parasita*

Para os antigos utentes da Língua Grega, o termo composto *parásitos* (παράσιτος) tinha um sentido evidente e bastante explícito:

— O 1º elemento, *para- ,* παρα-, significa, entre outras coisas, "ao lado (de)", "paralelo a", "junto de", enfim (no nosso caso) "à custa de". Nas línguas modernas, este prevérbio conserva o mesmo sentido, cf. port. *parapsicologia, paramédico, paramilitar*...;
— O 2º elemento, *sîtos*, σῖτος, tem diversos sentidos, naturalmente dentro do mesmo campo semântico (v. Bailly):

1. "trigo" (no estado natural);

2. "alimentos sólidos" (em geral), por oposição a *bebida*, *vinho*...; "comida"; "ração" (dos soldados, para animais...); *particularmente, em Atenas*, "pensão alimentar" (decretada por sentença judicial); *em Roma*, "distribuição de trigo para o povo";...

O termo *parásitos* "que come ao lado de", "... em casa de"..., começa por não ter qualquer sentido pejorativo. Diz Pierre Lavedan, *Dictionnaire de la mythologie et des antiquités grecques et romaines:*

PARASITE: Primeiramente, o parasita era o assistente de um sacerdote para certas funções materiais do culto. Mais tarde, a palavra ganha um sentido pejorativo, designando os glutões ou os miseráveis (fr. *besogneux*) que se faziam convidados e pagavam a sua parte no banquete por meio lisonjas dirigidas ao dono da casa, piadas... A figura do parasita, neste sentido pejorativo, é explorada na comédia ática e também na comédia romana (Plauto, Terêncio). Em Roma, um dos equivalentes de parasita era o *cliente*.

J. P. Machado, em boa parte apoiado em Bailly, diz:

Parasita, parasito *s.* Do gr. *parásitos*, «que come junto de; *substantivamente ho parásitos*, comensal; cidadão alimentado no

Pritaneu, à conta do Estado; sacerdote adjunto dos sacerdotes ordinários em certos sacrifícios e que tomava parte nas refeições; magistrado de maior categoria: parasita», pelo lat. *parasītu-*, «conviva, convidado; *fig.* comensal de Febo, comediante; parasita, indivíduo que se faz convidado, papa-jantares, chupista». *Parasito* em 1813, *Morais*[2]; *parasita*, em 1890, *Morais*[8].

É curiosa (e tem sido difícil de interpretar) a designação (em Luciano, *Lexífanes*, §6) de *peixe 'parasita', ikhthùs parásitos* (ἰχθὺς παράσιτος), que o editor da "Loeb" traduz por *"an odd fish — the parasite"*. Em latim ocorre (Plínio, 10, 68) a expressão *avis parasita*, que Bailly traduz por *"oiseau parasite"*, mas uma velha tradução (de Eugène Talbot, "Hachette", 1857) interpreta *ikhthùs parásitos* por *"un poisson de vivier"*, ou seja, *"peixe de viveiro"* (... alimentado em casa do dono) — o que me parece ser a tradução correcta.

Este passo do *Lexífanes* refere uma longuíssima lista de pratos trazidos pelos convidados para uma festa, numa variedade, como se imagina, impressionante. No contexto imediato deste passo, encontramos:

— *órnis sǘntrophos* (ὄρνις σύντροφος) lit.[te] "galinha companheira", ou seja (obviamente) "galinha doméstica", ou "galinha de capoeira" (que se espera tenha uma alimentação especial, que a torne mais gorda e mais suculenta);

— *alektruȍn ḗdē apō̧dós* (ἀλεκτρυὼν ἤδη ἀπῳδός) "galo já mudo", "(galo) capão", i. é, que foi capado ainda em frango e alimentado especialmente para engorda; naturalmente, o frango capado não chegaria a ter voz de galo (questão de hormonas!)..., daí que lhe chamem "mudo", "que não canta".

Tudo isto aponta para que o *"peixe parasita"* de Luciano seja o *"peixe alimentado em casa (em viveiro)"*, assim como a *avis parasita* de Plínio, que será uma *"ave de capoeira"*.

Os dicionários de grego dão as seguintes palavras da família:

παράσιτος (*parásitos*),-ος,-ον adj., e παράσιτος, -ου (ὁ) subst., com os sentidos acima apontados;

παρασίτειον (*parasíteion*) lugar onde se reúnem os παράσιτοι (os parasitas);

παρασιτέω (*parasitéō*) comer com ou em casa de; comer habitualmente com ou em casa de, ser parasita;

παρασιτία (*parasitía*) ofício ou hábito de parasita;

παρασιτικός (*parasitikós*) relativo ao parasita ou ao ofício de parasita; *Nota:* O Bailly (e outros?) não regista propriamente o subst. (tirado do adj. em -ικός,-ή,-ό) παρασιτική (*parasitikḗ*), embora remeta para Luciano, *Parasita,* 4. Em todo o caso, acrescento à lista:

παρασιτική (*parasitikḗ*),-ῆς (ἡ), subentende-se τέχνη (*tékhnē*) "arte": arte do parasita, "Parasítica" (cf. *Física, Gramática, Retórica...*).

Em latim, ocorrem (Gaffiot):

parasīta*, ae* f. *(parasitus)* mulher parasita (Hor., *Sát,*, I, 2, 98) *parasita avis* ave parasita (Plínio), ou melhor (v. *supra*) ave de (criação doméstica, ave de capoeira. *Nota:* É de facto muito curioso o feminino, quer aplicado a uma mulher (caso talvez único), quer, sobretudo referido a uma ave;

parasitaster, *tri*, m. *(parasitus)* miserável parasita (Terêncio 185-159 a.C., Prisciano). Formação com sufixo bem latino;

parasitatio, *onis*, f. lisonja de parasita (Plauto);

parasiticus, *-a, -um* (παρασιτικός) de parasita (Plauto);

parasītor, *-āri*, int., fazer o ofício de parasita (Plauto);

parasītus, *-i*, m. (παράσιτος) 1 *em bom sentido* convidado, conviva (Varrão, Agostinho, Apuleio); comensal de Febo, comediante... (Marcial); 2 *sobretudo em mau sentido* parasita, papa-jantares (fr. *écornifleur*), chupista (fr. *pique-assiette*)

Em português, registam-se formas de feitura moderna, muitas delas decalcadas do francês, e baseadas na ideia (moderna) de *(animalzinho) parasita* (v. Houaiss):

> *parasita (e parasito), parasitação, parasitado, parasitagem, parasitar (e parasitear), parasitário, parasitarismo, parasitemia, parasitémico, parasiticida, parasiticídio, parasítico, parasitífero, parasitismo, parasitofobia, parasitofóbico, parasitófobo, parasitogenia, parasotogénico, parasitóide, parasitologia, parasitológico, parasitologista, parasitólogo, parasitose...*

A forma port. *parasita*, que acabou por prevalecer, deve-se à transposição e adaptação do fr. *parasite*; a forma correcta seria *parasito*, de facto registada em Morais (1813), mas teve vida curta.

De notar que os únicos casos atestados do termo *parasita* aplicado a animais são, como se viu acima, *peixe 'parasita'* (Luciano) e *ave 'parasita'* (Plínio), em que o adjectivo não tem nada que ver com os modernos *parasitas* (pulgas, piolhos, percevejos...), mas sim com animais comestíveis, mas criados fora do seu meio natural, e *alimentados pelo homem*, para, por sua vez, lhe servirem de alimento.

2. *O Parasita*

(*A "Parasítica" é uma profissão*)

"Parasítica": gr. *parasitikḗ* (παρασιτική) é a substantivação do fem. do adj. *parasitikós, -éò, -ón*, παρασιτικός, -ή, -όν, como, p. ex., *phüsikḗ* (φυσική) "Física", de *phüsikós, -éò, -ón*, φυσικός, -ή, -όν, ou *rhetorikḗ* (ῥητορική) "Retórica", de *rhētorikós, -ḗ, -ón*, ῥητορικός, -ή, -όν, etc. Julgo que, como substantivo, a... *"Parasítica"* é invenção de Luciano[458], como sua invenção foi também a elevação da actividade do parasita a uma *arte* (*profissão*, *ofício*...). Naturalmente, o valor adjectivo está subjacente: *hē parasitikḕ tékhnē* (ἡ παρασιτικὴ τέχνη) "a arte (profissão, ofício...) parasítica". Também poderíamos traduzir por "parasitismo", mas *"Parasítica"* tem, sem dúvida, mais aspecto de... arte...

"Profissão": A palavra grega *tékhnē* (τέχνη) tem uma latitude semântica mais larga que o port. mod. *arte*. De notar que em português ainda se diz, com uma propriedade proveniente de tempos antigos, *a minha arte* (de barbeiro, de carpinteiro...). A expressão *artes e ofícios* é talvez aquela que mais fielmente corresponde ao gr. *tékhnē*, a qual, diga-se, também se aplica, p. ex., à Retórica, à Filosofia e, naturalmente às "verdadeiras" artes (em sentido moderno): Pintura, Escultura, Literatura. O dic. de Bailly dá, entre outros, os sentidos seguintes: I arte manual, ofício, profissão; II arte, habilidade (manual, p. ex., de um operário); também "arte" de falar. Em todo o caso, a discussão irá focar a necessidade de definir o termo *tékhnē* (τέχνη). Podemos acrescentar um outro sentido, mais subtil,

458 Note-se que a minha adaptação, *"Parasítica"*, é também um neologismo (que suponho pertencer-me!): existe em port. o adj. *parasítico*, mas não uma profissão (ofício, arte...) chamada *"Parasítica"*: teve de ser inventada!

mas que ressalta, indirectamente é certo, da argumentação do parasita Símon: "*habilidade* e *manha*" (para conseguir comer à custa de outrem). O próprio parasita, Símon, dá a sua própria definição (§4):

> Τέχνη ἐστίν... σύστημα ἐκ καταλήψεων συγγεγυμνασμένων πρός τι τέλος εὔχρηστον τῷ βίῳ.
>
> *"Arte é... um sistema de preceitos exercidos em conjunto, e com uma certa finalidade útil à vida"*

3. A obra

O subtítulo de *O Parasita* funciona como anúncio de uma tese: *A "Parasítica é uma profissão"* — tese desde logo provocatória, não só pela própria designação da actividade do parasita, a *"Parasítica"*, termo nunca antes usado substantivamente para designar tal actividade, e ainda mais por sugerir fortemente (mais fortemente do que se imagina!) a comparação com outras artes em *-ikḗ*, -ική (port. *´-ica*), especialmente a Retórica, mas também (com outra formação morfológica), a Filosofia.

De facto, os intelectuais do tempo de Luciano andavam às voltas com a discussão a respeito do valor formativo comparado da *Retórica* e da *Filosofia*. É então que Luciano entra na liça, com a mal disfarçada intenção de desbaratar, de uma só testada, as hostes dos oradores (e retores) e dos filósofos, propondo-se mostrar que acima do supra-sumo das *artes* — como eram consideradas a Retórica e a Filosofia — estava uma *arte* ainda mais excelsa: nada mais, nada menos, que a *arte* de bem comer e bem beber à custa de outrem.

Para começar (pouco depois do proémio preparatório do tema), era preciso, segundo as boas regras da dialéctica, definir o que se entende por *arte*, gr. *tékhnē* (τέχνη). Já acima deixei a definição (§4): "Arte *é... um sistema de preceitos exercidos em conjunto, e com uma certa finalidade útil à vida"*, que é a definição dos Estóicos, a qual valoriza sobretudo a utilidade (e, daí, a felicidade).

Depois, toda a argumentação do parasita, Símon, consiste em amontoar casos ilustrativos da superioridade da *sua arte*, em comparação com outras artes e actividades. Diga-se, porém,

desde já, que nem sempre a argumentação evita cair num forte pendor sofístico a roçar pela desonestidade intelectual. O que vale a Símon é que o seu interlocutor, Tiquíades, não é lá muito exigente nem muito hábil a manejar os truques da dialéctica. Luciano sabe muito bem que está, como o Raciocínio Injusto das *Nuvens* de Aristófanes, a defender a tese mais fraca... muito fraca mesmo. Por isso, *O Parasita* é, numa primeira leitura, um exercício de humor e — coisa já mais séria — uma crítica a certas questões de *lana caprina*, como eram muitas daquelas em que ferozmente se envolviam os intelectuais mais prestigiados, que nem ao menos eram capazes de chegar a acordo sobre os princípios básicos e a finalidade última da Filosofia. Símon chega mesmo a afirmar que a Filosofia não é uma *arte*, pois os filósofos não se entendem sobre as bases de uma definição que abranja as diversas correntes e que, para lá da diversidade, estabeleça uma coerência aceitável por todos. E a Retórica, no fundo, também não é uma arte (v. §27). É claro que o seu interlocutor, Tiquíades, não o contradiz... e o parasita (Luciano) lá vai fortalecendo a sua tese.

Embora declarando-se convencido, Tiquíades faz uma última pergunta, que bem poderia tornar-se arrasadora: Pretende saber se o próprio nome *"Parasítica"* é ou não algo vergonhoso, ao que Símon responde com uma argumentação linguística, que constitui o cúmulo do embuste lógico, e que resumo:

1. Os antigos chamavam *sîtos* (σῖτος) àquilo a que hoje se chama, correntemente, *trophḗ* (τροφή), "comida";

2. O verbo [*na forma passiva*] *siteîsthai* (σιτεῖσθαι) "ser alimentado" é o mesmo que *esthíō* (ἐσθίω) "comer";

3. Jogando agora com o verbo composto *parasiteîn* (παρασιτεῖν) "comer juntamente com" [*'con-comer'*], Tiquíades reconhece que, p. ex., "navegar com" (outrem) é melhor que "navegar" (sozinho) [*'co-navegar'*], e o mesmo se diga de "correr" (sozinho) e "correr acompanhado" [*'con-correr'*]; "cavalgar" (sozinho) e "cavalgar acompanhado" [*'con-cavalgar'*].

4. Portanto — é esta a *grande* conclusão —, "comer com outra pessoa" (*parasiteîn*: παρασιτεῖν: *'parasitar'*) é melhor que "comer" sozinho (*esthíō*: ἐσθίω).

Aqui para nós, para se chegar à conclusão de que comer na companhia de amigos é melhor que comer sozinho, não é precisa tanta dialéctica. Nem era esse o problema principal, mas sim o de saber se a "Parasítica" é ou não é uma *arte*, uma *profissão,* um *ofício*... ou simplesmente (aqui sem dúvida!) uma *habilidade*. Para Símon, a "Parasítica" é a melhor das *artes*, superior até à Retórica e à Filosofia. Além disso, o parasita não tem motivo para se envergonhar, lá pelo facto de comer à custa de outra pessoa: pelo contrário, esta é que fica honrada e nobilitada por ter à sua mesa *Sua Excelência o Parasita*!

(Página deixada propositadamente em branco)

O Parasita:

(A "Parasítica" é uma profissão[459])

1. TIQUÍADES — Ó Símon, por que raio é que os outros homens, livres ou escravos, exercem cada um determinada profissão, com a qual são úteis a si próprios ou aos outros, ao passo que tu, segundo parece, não tens nenhuma actividade da qual tu mesmo tires algum proveito ou dês proveito aos outros?

SÍMON — Porque é que me fazes essa pergunta, ó Tiquíades? Não percebo. Tenta ser mais preciso na pergunta.

TIQUÍADES — Por acaso exerces alguma arte, por exemplo a Música?

SÍMON — Não, por Zeus!

TIQUÍADES — Ou a Medicina?

SÍMON — Também não.

TIQUÍADES — Ou a Geometria?

SÍMON — De modo nenhum.

TIQUÍADES — E a Retórica? Sim, que da Filosofia estás tão arredado como o vício[460].

SÍMON — Sim, ou se possível ainda mais. Mas não cuides que me ofendes com essa de eu ser ignorante, pois eu próprio declaro que [nessa matéria] sou muito mau, ou ainda pior do que tu julgas.

TIQUÍADES — Pois sim. Mas talvez não tenhas aprendido aquelas profissões [acima mencionadas], devido à sua extensão e à sua dificuldade, mas sim alguma das mais vulgares, como a de pedreiro, a de sapateiro... Na verdade, não estás assim tão bem de fortuna, que não necessites de uma destas profissões.

---

459 "Profissão": A palavra grega *tékhnē* (τέχνη) tem uma latitude semântica mais larga que o port. mod. *arte*. De notar que ainda se diz, com uma propriedade proveniente de tempos antigos, *a minha arte* (de barbeiro, de carpinteiro...). A expressão *artes e ofícios* é talvez aquela que mais fielmente corresponde ao gr. *tékhnē , a qual*, diga-se, também se aplica, p. ex., à Retórica, à Filosofia e, naturalmente às "verdadeiras" artes (em sentido moderno): Pintura, Escultura, Literatura). O dic. de Bailly dá, entre outros, os sentidos seguintes: I arte manual, ofício, profissão; II arte, habilidade (manual, p. ex., de um operário; também "arte" de falar). Em todo o caso, a discussão irá focar a necessidade de definir o termo...

460 Percebe-se: o objectivo máximo da Filosofia é a virtude.

SÍMON — Dizes bem, Tiquíades, mas a verdade é que não sou entendido em nenhuma dessas profissões.

TIQUÍADES — Então em que outra [é que és entendido]?

SÍMON — Em que outra? Numa, segundo creio, muito nobre. Se a conhecesses, julgo que também tu a elogiarias. No que respeita à sua prática, acho que a exerço com sucesso; e quanto à teoria, não sei que te diga(461).

TIQUÍADES — Mas qual é ela?

SÍMON — Creio que ainda não estudei a fundo a teoria relativa a essa arte. Assim sendo, basta-te, de momento, saber que eu tenho uma determinada profissão, e lá por isso não me queiras mal: qual ela seja, outro dia me ouvirás dizer-to.

TIQUÍADES — Mas não vou aguentar...

SÍMON — Certamente essa profissão parecer-te-á estranha, quando a ouvires [nomear].

TIQUÍADES — Por isso mesmo estou ansioso por saber.

SÍMON — Fica para outro dia, Tiquíades.

TIQUÍADES — De maneira nenhuma, mas fala já agora... a menos, talvez, que tenhas vergonha.

SÍMON — É a... "Parasítica"(462).

2. TIQUÍADES — Então, ó Símon, poderá uma pessoa, que não esteja louca, chamar a isso uma profissão?

SÍMON — Eu chamo. E se achas que eu estou louco, acha antes que é essa mesma Loucura(463) a causa de eu não saber nenhuma outra profissão, e então absolve-me, desde já, dessas acusações. Na verdade, diz-se que essa divindade é, na generalidade, muito dura para os que a possuem, mas que, como um mestre ou um pedagogo, lhes perdoa os erros, assumindo sobre si própria a causa desses erros.

TIQUÍADES — Portanto, ó Símon, a "Parasítica" é uma arte?

---

461 Neste passo, os editores modernos parecem não aceitar a lição dos manuscritos, mas também não me satisfazem mais...

462 "Parasítica": gr. *parasitikḗ* (παρασιτική) é a substantivação do fem. do adj. *parasitikós*, como, p. ex., *phüsikḗ* (φυσική) "Física". Julgo que, como substantivo, a... *"parasítica"* é invenção de Luciano. Naturalmente, o valor adjectivo está subjacente: *hē parasitikḗ tékhnē* (ἡ παρασιτικὴ τέχνη) "a arte (profissão, ofício...) do parasita". Também poderíamos traduzir por "parasitismo".

463 "Loucura", ideia divinizada: à primeira vista, não se esperava (até poderíamos traduzir com minúscula), mas na sequência vê-se que se trata da deusa Loucura.

SÍMON — Uma arte, sim, e fui eu o seu inventor.

TIQUÍADES — E tu, portanto, és um parasita?

SÍMON — Mas que grande ofensa, ó Tiquíades![464]

TIQUÍADES — Mas não coras ao chamares *parasita* a ti mesmo?

SÍMON — De maneira nenhuma! Até me envergonharia, se não chamasse.

TIQUÍADES — Então, por Zeus!, quando quisermos designar-te a algum indivíduo de entre os que não te conhecem, ou quando esse indivíduo precisar de saber [de quem se trata], é claro que diremos "o parasita", e [diremos] muito bem, não é?

SÍMON — Chamar-me-eis esse nome, muito melhor do que [chamais] a Fídias "o escultor". Na verdade, orgulho-me da minha profissão não menos que Fídias se orgulhava do seu Zeus.

TIQUÍADES — Mesmo assim, só de pensar nisso, tenho um ataque de riso.

SÍMON — ... Nisso... em quê?

TIQUÍADES — Se, também no alto das cartas, como é costume, escrevêssemos: *"A Símon, o parasita..."*[465]

SÍMON — Então dar-me-ias muito maior prazer do que se escrevesses: *"A Díon, o filósofo"*[466].

3. TIQUÍADES — Pois chama-te lá como te aprouver, pouco ou nada me importa. Agora o que é preciso é examinar um outro absurdo.

SÍMON — Qual absurdo?

TIQUÍADES — Se deveremos classificar esta entre as demais artes, de modo que, quando alguém perguntar que arte é esta, nós respondamos que a "Parasítica" é como a Gramática ou a Medicina[467].

---

464 É evidente o sentido irónico; a frase equivale (sem ironia) a "Não me fazes nenhuma ofensa (ao chamares-me parasita)".

465 A fórmula epistolar normal e praticamente invariável era do tipo: "X *[remetente]* a Y *[destinatário] saúda"*.

466 Símon refere-se a Díon de Siracusa, amigo de Platão, ao qual este escreveu uma carta que chegou até nós, e cuja epígrafe era: *"Platão, a Díon siracusano, saúde"*. Pelos vistos, Platão não o tratava especificamente por *filósofo* – razão acrescida para que, nessa eventualidade, Díon se sentisse ainda mais honrado.

467 Tiquíades vai buscar exemplos a profissões denominadas com o sufixo *-ikḗ* (-ική): *grammatikḗ, iatrikḗ* (γραμματική, ἰατρική), a fim de acentuar o eventual paralelo com a "Parasítica". De notar que não podemos dizer, em port., **Médica* (só *arte médica*...).

SÍMON — Cá por mim, ó Tiquíades, chamaria a esta [minha], muito mais que a qualquer outra, uma arte. Mas se estás disposto a escutar-me, explicar-te-ei, julgo eu, a minha opinião, embora, como disse há pouco, não esteja inteiramente preparado.

TIQUÍADES — Mesmo que digas pouca coisa, não faz diferença, desde que fales verdade.

SÍMON — Vamos lá: Em primeiro lugar, se te aprouver, analisemos o que vem a ser isso de *arte* em termos gerais, pois deste modo poderemos passar às artes particulares, a ver se estas partilham realmente [das características] desta.

TIQUÍADES — Que vem, pois, a ser uma arte? Tu sabes, certamente.

SÍMON — Com certeza.

TIQUÍADES — Então não hesites em dizê-lo, já que sabes.

4. SÍMON — Uma arte, como me recordo de ter ouvido dizer a certo sábio, é *'um sistema de preceitos exercidos em conjunto, e com uma certa finalidade útil à vida'*[468].

TIQUÍADES — Esse tal estava muito certo ao dizê-lo, bem como tu ao citá-lo[469].

SÍMON — Ora, se a "Parasítica" satisfizer a todas estas características, que coisa é ela, senão uma arte?

TIQUÍADES — Sim, uma arte, se for isso [que dizes].

SÍMON — Pois então, aplicando ponto por ponto a "Parasítica" às diversas características de uma arte, vejamos se ela condiz [com tais características], ou se a teoria a seu respeito, à semelhança das panelas de fraca qualidade, quando experimentada, soa a rachado. Ora, todas as artes devem <*basear-se*>[470] num sistema de preceitos, o primeiro <*dos quais, no caso do parasita, consiste em*> testar e discernir quem poderá ser a pessoa capaz de o sustentar e de quem ele possa logo começar a ser parasita, sem vir mais tarde a arrepender-se. Não diremos nós que o verificador de metais[471] exerce

468 Trata-se da definição canónica dos estóicos, suficientemente vaga para convir perfeitamente ao parasita Símon.

469 "bem como tu ao citá-lo": sigo a emenda da ed. "Loeb".

470 Os manuscritos contêm uma lacuna (indicada por < ... >), que tem sido diversamente preenchida. Sigo mais ou menos a sugestão da ed. "Loeb".

471 "verificador de metais": o gr. diz "verificador de *prata*", pois era este o metal mais propício a falsificação (com adição de chumbo)...

uma profissão, uma vez que sabe distinguir as moedas falsas daquelas que o não são, enquanto [diríamos que] o parasita não exerce uma profissão, ele que distingue os homens falsos dos bons, e isso quando, ao contrário das moedas, as pessoas não são imediatamente fáceis de distinguir? É isso mesmo que o sábio Eurípides critica, ao dizer[472]:

> *Nenhuma marca ao corpo pôs Natura,*
> *que deixe ver dos homens a maldade.*

Por isso, a arte de parasita é muito mais importante, já que distingue e conhece coisas obscuras e escondidas melhor que a adivinhação.

5. No que toca a saber dizer palavras apropriadas e fazer coisas com as quais [o parasita] se tornará íntimo e será benquisto daquele que o sustenta, não achas que isso é próprio de uma grande inteligência e de um saber fortemente consolidado?

TIQUÍADES — Claro que sim.

SÍMON — E então o facto de, nos banquetes, fazer de modo a sair mais farto que toda a gente e ultrapassando aqueles que não possuem a mesma arte que ele, cuidas tu que isso se consegue sem uma certa capacidade teórica e uma certa sabedoria?

TIQUÍADES — De maneira nenhuma.

SÍMON — E quanto à aptidão para conhecer as qualidades e os defeitos dos produtos alimentares e dos pratos cozinhados, parece-te que isso é uma ocupação de pessoa sem talento, principalmente quando o admirável Platão diz: *"Se um indivíduo que vai participar num banquete não é cozinheiro, a sua opinião sobre a preparação dos pratos carece de valor."*?

6. Que a "Parasítica" não assenta somente em preceitos, mas também na prática, é o que vais facilmente perceber pelo seguinte: Os preceitos das outras profissões permanecem, muitas vezes, durante dias, noites, meses e anos sem serem levados à prática, e no entanto essas profissões não desaparecem daqueles que as possuem, ao passo que, se os preceitos do parasita não forem exercitados dia a dia, desaparecem não só a profissão, mas também, julgo eu, o próprio profissional.

---

[472] *Medeia*, 518-519,

7. No que respeita a *"com uma certa finalidade útil à vida"*[473], não se cometa a loucura de duvidar. Na verdade, não encontro nada nesta vida mais útil que o comer e o beber, sem os quais não é possível viver.

TIQUÍADES — Certamente.

8. SÍMON — No entanto, a "Parasítica" não é uma coisa do mesmo género que a beleza ou a robustez, a ponto de não poder ser considerada uma arte, mas sim, como aquelas um dom natural.

TIQUÍADES — É bem verdade.

SÍMON — Mas também não é uma inaptidão, já que a inaptidão nunca causa qualquer benefício àquele que a possui. Vejamos: Se tu, sem saberes do ofício, te encarregasses de pilotar um navio no alto mar e em plena tempestade, será que te salvarias?

<TIQUÍADES>[474] — <De maneira nenhuma.>

<SÍMON> — <E um homem que, sem saber manobrar as rédeas, fosse encarregado de conduzir cavalos?>

TIQUÍADES — Também não.

SÍMON — E porquê, senão por não saber do ofício que lhe permitia salvar-se?

TIQUÍADES — Certamente.

SÍMON — Portanto, também o parasita, não seria salvo pela "Parasítica", se não tivesse essa aptidão.

TIQUÍADES — Sim.

SÍMON — Portanto, é-se salvo pela aptidão profissional, e não pela inaptidão, não é?

TIQUÍADES — Claro.

SÍMON — Quer isso dizer que a "Parasítica" é uma arte.

TIQUÍADES — Uma arte, segundo parece.

SÍMON — Contudo, sei de muitos pilotos, e dos competentes, que deixaram naufragar [o navio], e de condutores de cavalos, bons profissionais, de caíram dos carros: uns ficaram todos partidos, outros morreram, ao passo que ninguém poderá falar de um tal "naufrágio" de um parasita.

---

473 É um dos pontos da definição: v. início do § 4 e nota.

474 Esta fala de Tiquíades, bem como a seguinte, de Símon, não constam dos manuscritos, o que parece dever-se a uma lacuna muito antiga, que terá influenciado todos os manuscritos posteriores. A suposta lacuna, preenchida por Fritzsche e por A. M. Harmon ("Loeb"), vai indicada por <...>.

Portanto, se a "Parasítica" não é nem uma falta de aptidão profissional, nem um dom natural, mas sim *"um sistema de preceitos exercidos em conjunto"*, fica estabelecido desde já entre nós que é obviamente uma arte.

9. TIQUÍADES — Até aí, parece que sim. Mas uma coisa: falta ainda dares-nos uma boa definição de *"Parasítica"*.

SÍMON — Fazes bem em lembrá-lo. Parece-me que a melhor definição é esta: *A "Parasítica" é a arte relativa à comida e à bebida, bem como àquilo que se deve fazer e dizer a fim de as conseguir, e a sua finalidade é o prazer.*

TIQUÍADES — Bravíssimo! Creio que definiste muito bem a tua arte... mas vê lá bem se não vais arranjar uma guerra com alguns filósofos[475] por causa da finalidade.

SÍMON — Já me basta, que a felicidade e a "Parasítica" tenham a mesma finalidade, o que ficará claro com o seguinte: De facto, o sábio Homero, ao elogiar a vida do parasita como sendo uma vida feliz e a única invejável, diz assim[476]:

Eu digo que não existe | mais deleitoso destino
do que quando a alegria | reina sobre todo o povo
e os convivas no palácio | reclinados, fila a fila,
vão escutando o aedo, | e as mesas estão repletas
de pão e de várias carnes, | e da cratera o escanção
tira e leva o vinho puro, | que despeja para as taças.

Em seguida, como se não tivesse elogiado suficientemente a situação, torna o seu pensamento mais claro, acrescentando, e muito bem:

É isto o que me parece | ser das almas mor consolo.

Destas palavras não se deduz outra coisa senão que [Homero] considera uma felicidade ser parasita. Na verdade, ele não atribuiu estas palavras a um homem qualquer, mas sim ao mais sábio de todos[477]. E no entanto, se Ulisses quisesse elogiar a "finalidade" segundo os estóicos, podia dizer tais palavras,

[475] Referência aos epicuristas, para os quais o supremo bem consiste no prazer, *hēdonḗ* (ἡδονή), mas esse significa sobretudo a ausência de dor e a tranquilidade de espírito...

[476] *Odisseia*, IX, 5-10. Fala de Ulisses na corte dos Feaces.

[477] Recordo de nota anterior: Ulisses.

quando trouxe Filoctetes de Lemnos, ou quando devastou Ílion, ou quando reteve os Gregos que fugiam em debandada, ou quando penetrou em Tróia, depois de se ter flagelado e se ter vestido com farrapos miseráveis à maneira dos estóicos. Nessas circunstâncias, Ulisses não disse que isso era a finalidade deleitosa. E mesmo quando, na companhia de Calipso, passou a levar uma vida de epicurista, quando lhe era facultado viver na ociosidade, gozar de delícias, acasalar com a filha de Atlante e executar todas as posições [amorosas], nem mesmo então falou dessa finalidade deleitosa, mas somente a respeito da vida de parasita. Ora, os parasitas eram então chamados *convivas*. E então que é que ele diz? Vale a pena citar novamente os versos, pois não há como ouvi-los recitar muitas vezes, quando eles dizem

> *"os convivas ....*
> *reclinados fila a fila"*
>
> *e*
>
> *.................................. "as mesas estão repletas*
> *de pão e de várias carnes".*

11. Na verdade, Epicuro surripiou com o maior descaramento a finalidade da "Parasítica", que é a felicidade, e faz dela a sua própria finalidade. Ora, que se trata de um roubo e que o prazer nada tem que ver com Epicuro, mas sim com o parasita, é o que vais saber. Cá por mim, considero que o prazer consiste, antes de mais, em ter um corpo isento de dor e, seguidamente, em não ter uma alma cheia de tumulto e de perturbação. Ora, acontece que o parasita possui ambos estes bens, ao passo que Epicuro não tem nenhum deles. Na verdade, este, ao proceder a investigações sobre a forma da Terra, sobre a infinidade dos mundos, sobre o tamanho do Sol, sobre as distâncias [celestes], sobre os primeiros elementos e sobre os deuses — se estes existem ou não existem —, e ao estar sempre em luta e em conflito com certas pessoas a respeito do próprio conceito de *finalidade*, vê-se envolvido em complicações relativas não apenas às coisas humanas, mas também às coisas celestes. O parasita, pelo contrário, ao julgar que tudo está bem e convicto de que as coisas, se fossem diferentes, não seriam melhores do que aquilo que são, come e dorme com toda a segurança e

tranquilidade, sem que nenhuma dessas questões o perturbe, deitado de costas, de pés e braços estendidos, tal qual Ulisses navegando da Esquéria a caminho de casa[478].

12. Mas não é só neste aspecto que o prazer nada tem que ver com Epicuro, mas também num outro ponto. Realmente[479], esse tal Epicuro, sem dúvida um sábio, ou tem que comer, ou não tem; se não tem, não terá uma vida deliciosa, aliás, nem sequer viverá; se tem, [a comida], esta ou lhe vem de si próprio, ou de outra pessoa; se a comida lhe vem de outra pessoa, é um parasita, e não aquilo que diz ser; mas se vem dele próprio, não terá uma vida deliciosa.

TIQUÍADES — Como não?

SÍMON — Na verdade, se ele tem a comida vinda de si próprio, ó Tiquíades, é forçoso que um tal modo de vida implique muitos incómodos. Vê lá bem quantas: [em primeiro lugar,] aquele que pretende levar uma vida de prazer deve satisfazer todos os desejos que nele nasçam. Que dizes a isto?

TIQUÍADES — Estou de acordo.

SÍMON — Ora, se ele possuir uma grande fortuna, talvez consiga tal coisa, mas já não se tiver pouco ou mesmo nada. Deste modo, um pobre não poderá tornar-se um sábio nem atingir a finalidade, quero eu dizer: o prazer. Mas nem mesmo o rico, que gasta copiosamente para satisfazer os seus desejos, será capaz de atingir essa finalidade. E porquê? Porque é absolutamente fatal que um homem que gasta da sua fortuna caia em muitas situações desagradáveis, ora brigando com o cozinheiro por este ter confeccionado mal a comida, ou então, se não brigar, por isso mesmo come mal e, assim, fica privado de prazer; ora brigando com o administrador dos assuntos da sua casa, por ter administrado mal. Ou não será assim?

TIQUÍADES — Por Zeus!, parece que sim.

SÍMON — Ora, é natural que todas estas contrariedades aconteçam a Epicuro, de modo que este nunca atingirá a finalidade. O parasita, porém, não tem cozinheiro com quem se zangar, nem um campo, nem uma casa[480], nem dinheiro,

[478] "navegando...": *Odisseia*, XIII, 79-80 e 92; Enquanto os homens remavam, Ulisses dormia suavemente, esquecido de tudo por quanto passara.

[479] Segue-se um encadeamento lógico tipicamente sofístico...

[480] "casa", gr. *oîkos* (οἶκος): é emenda da ed. "Loeb"; os mss. têm *oikonómos* (οἰκονόμος) "administrador", que pode dever-se a repetição mais

cuja perda o faça sofrer, de modo que é o único que come e bebe sem se incomodar com coisa nenhuma daquelas que [incomodam] as outras pessoas.

13. Que a "Parasítica" é uma arte, prova-se cabalmente quer pelo que ficou dito, quer por outros factos. Resta provar que também é a arte por excelência, não com esta simplicidade, mas, em primeiro lugar, que difere de todas as outras artes na generalidade, e, em segundo lugar, de cada uma delas em particular.

Difere de todas as outras na generalidade pelo seguinte: O aprendizado de toda e qualquer arte pressupõe necessariamente esforço, medo e pancadaria, coisas tais, que não há ninguém que não as abomine. Esta minha arte, porém, é a única, segundo parece, que é possível aprender sem esforço. Sim, quem é que alguma vez saiu de um banquete a chorar, como nós vemos alguns ao sair da escola? Quem é que já alguma vez foi visto a dirigir-se a chorar para um banquete, como os que vão para as escolas? Pelo contrário, o parasita vai de boa vontade para um banquete, com grande desejo de exercer a sua arte, enquanto aqueles, enquanto aprendem as demais artes, odeiam-nas, a ponto de alguns as abandonarem.

Além disso, não tens reparado que os pais e as mães recompensam especialmente os que fazem progressos naquelas artes, com [aqueles mimos] que dão todos os dias ao parasita? *"Por Zeus!, que bem que o nosso filho escreveu!* — dizem eles —, *dêem-lhe de comer"*; *"Não escreveu correctamente, não lhe dêem"*. Deste modo, esta coisa[481] revela-se de grande valor, tanto para recompensar, como para castigar.

14. Por outro lado, as outras artes só atingem esse seu fim muito mais tarde, só depois de muito estudo é que recolhem os doces frutos. Na verdade, é longa *"e escarpada a senda [que conduz] até elas"*[482]. Pelo contrário, a "Parasítica" é a única, de

---

ou menos inconsciente dessa palavra um pouco acima; mas, na verdade, o verbo "perder-se" refere-se melhor a "casa" do que a "administrador" (ou "caseiro").

481 "esta coisa", ou seja, "a comida e a bebida", donde, de modo mais geral, "esta minha arte", a Parasítica.

482 "até elas", ou seja, até atingir a perfeição em cada uma das artes consideradas. Trata-se de uma citação, modificada, de Hesíodo (*Trabalhos e Dias*, 290): *"comprida e escarpada a senda para ela..."* (*ela = virtude*).

entre todas, aquela que goza [dos benefícios] da arte no próprio acto de aprender, e, mal começa, já está a atingir o seu fim.

Além disso, todas as outras artes, e não só algumas, foram inventadas, tendo por única finalidade a nossa subsistência, ao passo que o parasita obtém a sua subsistência no próprio momento de se iniciar na arte. Será que não percebes que o lavrador[(483)] não lavra só por lavrar, que o carpinteiro não carpinteira só por carpinteirar, ao passo que o parasita não persegue uma finalidade diferente, mas são a mesma coisa o seu trabalho e aquilo para que trabalha?

15. Mais: Há uma coisa que não há ninguém que não saiba: que aqueles que exercem as demais artes padecem durante todo esse tempo, só têm um ou dois dias santos[(484)] por mês, e já se dão por satisfeitos[(485)], ao passo que o parasita tem trinta dias santos por mês. Na verdade, todos os dias lhe parecem dedicados aos deuses.

16. Além disso, os que pretendem ter sucesso nas outras artes, devem comer e beber pouco, como os doentes, pois beber muito e comer muito não são coisas que disponham bem para o estudo.

17. Por outro lado, as demais artes não podem, de maneira nenhuma, sem um instrumento, servir a quem as exerce. De facto, não é possível flautear[(486)] sem flauta, nem dedilhar lira sem lira, nem cavalgar sem cavalo, ao passo que esta [a do

---

483 "lavrador... lavra... lavrar" ... ""carpinteiro... carpinteira... carpinteirar": houve que manter "unidas" as famílias de palavras... Note-se, no 2º grupo, que *téktōn* significa "operário (em geral)", p. ex. "carpinteiro", "pedreiro"...

484 "dias santos" ou "dias feriados" ou "dias de descanso": a primeira designação é tradução literal do gr. *hēméra hierá* (ἡμέρα ἱερά).

485 Os mss. têm, neste ponto, uma frase que tem todo o aspecto de ter sido inserida como nota ou comentário (escólio), tendo sido posteriormente metida no texto por um ou vários copistas. Deve tratar-se de uma inserção muito antiga, uma vez que ocorre em todos os manuscritos. É do seguinte teor o provável comentário: *"e também as cidades celebram festas, umas anuais, outras mensais"*.

486 "flautear ... flauta ... **lirar* ... lira ... cavalgar ... cavalo": No texto grego, aos três verbos correspondem, morfologicamente, três nomes de instrumentos, mas, no segundo exemplo, não é possível ousar sequer um neologismo *"lirar"* ("delirar" não serve, obviamente); o mais próximo seria, talvez, "guitarrear (*existe!*) sem guitarra"...

parasita,] é tão boa e tão fácil para o seu artista, que mesmo quem não tem ferramenta pode executá-la.

18. As outras artes, como é óbvio, aprendemo-las a troco de dinheiro, ao passo que, no caso desta, recebemos.

19. Mais: As outras artes têm certos mestres, ao passo que a "Parasítica" não tem nenhum, mas, tal como, segundo Sócrates, acontece com os poetas, também esta arte acontece por uma espécie de dádiva divina.

20. Repara ainda no seguinte: as outras artes não podemos executá-las nem viajando por terra nem navegando, ao passo que é possível praticarmos esta quer em terra, quer no mar.

21. TIQUÍADES — É verdade.
SÍMON — Além disso, ó Tiquíades, parece-me que as outras artes necessitam desta, ao passo que esta não necessita de nenhuma outra.
Mas então... não achas que aqueles que se apropriam dos bens alheios cometem uma injustiça?
SÍMON — Como não?
TIQUÍADES — Então como é que o parasita, ao apropriar-se dos bens alheios, é o único que não comete injustiça?

22. SÍMON — Não sei que te diga[487]. Em todo o caso, enquanto as outras artes têm raízes um tanto humildes e insignificantes, a raiz da "Parasítica" é muitíssimo nobre. De facto, este tão gabado nome da amizade, verás que outra coisa não é senão a base da "Parasítica".
TIQUÍADES — Que queres dizer com isso?
SÍMON — Que ninguém convida para jantar um inimigo, um desconhecido, ou mesmo um indivíduo com quem tem fraco relacionamento[488], pois é preciso, julgo eu, que previamente ele se torne um amigo, para então participar em libações, na

---

487 "Não sei que te diga": Haverá aqui um sentido irónico, pois Símon, parecendo vencido neste ponto, muda aparentemente de assunto, mas acaba por, a seguir, responder à questão: o facto de o parasita comer à custa de outrem deve-se à amizade e à vontade de quem o convida...

488 "uma pessoa com quem tem fraco relacionamento": tradução muito "longa"; o gr. diz "um relacionamento (conhecido...) médio"...

mesa e nos mistérios[489] desta arte. Eu mesmo muitas vezes ouvir algumas pessoas dizerem: *"Que espécie de amigo é este, que nem comeu nem bebeu connosco?"*. É evidente que essas pessoas consideram um fiel amigo somente aquele que bebeu e comeu com elas.

23. Que esta é a mais real de todas as artes, é o que ficarás a saber, sobretudo com base no seguinte: De facto, no que respeita às restantes artes, as pessoas exercem-nas não apenas com sofrimento e muito suor, mas também, por Zeus!, sentadas ou de pé, ao passo que o parasita pratica a sua arte deitado ao comprido, como um rei.

24. Mas para quê citar, a respeito da felicidade deste homem, as famosas palavras de Homero[490], segundo as quais ele é o único que *"não semeia nem uma planta com suas mãos, nem lavra, / mas tudo colhe sem semear nem lavrar"*?

25. Por outro lado, nada impede que um orador, um agrimensor[491] ou um ferreiro exerçam as respectivas artes, mesmo sendo miseráveis ou imbecis, ao passo que ninguém exerce a arte de parasita, se for imbecil ou miserável.

TIQUÍADES — Tchiii! Que bela coisa estás a fazer da "Parasítica", a ponto de eu próprio já estar inclinado a tornar-me parasita, em vez de ser o que sou.

26. SÍMON — Ora, creio ter demonstrado que [a "Parasítica"] difere de todas as artes na sua generalidade. Vejamos agora como ela difere de cada uma em particular. Antes de mais, comparar esta às artes manuais é um absurdo de quem quisesse antes rebaixar a dignidade desta [arte]. Há, sim, que mostrar que ela difere das artes mais belas e mais prestigiadas. É facto

---

489 "mistérios" tem o sentido como que religioso: "rituais reservados aos iniciados".

490 Odisseia, IX, 108-109. No texto homérico, faz-se referência aos "Ciclopes arrogantes". Aqui, o texto é adaptado (desfazendo completamente a métrica), pois, em vez dos Ciclopes, o sujeito é "ele" (o parasita), pelo que os verbos vão para o singular. Por isso, tal como fazem os editores modernos, apresento a citação como uma paráfrase, sem aspecto métrico.

491 "agrimensor": a palavra grega é *geōmétrēs* (γεωμέτρης), que daria jeito traduzir (e muitos o fazem) por "geómetra". Poderia ser, mas prefiro entender a palavra no seu sentido literal: "medidor da terra" ("... de terrenos").

reconhecido de toda a gente, que a Retórica e a Filosofia, as quais, pela sua nobreza, alguns consideram como ciências, <*são as maiores, de modo que, se eu* >[492] provar que a "Parasítica" lhes é superior, ficará óbvio que esta surgirá como estando muito acima das outras artes, tal como Nausica em relação às suas servas.

27. Em termos gerais, [a "Parasítica"] difere de ambas, ou seja, da Retórica e da Filosofia, em primeiro lugar, pela sua própria substância. De facto, aquela tem uma substância [única], enquanto estas não a têm. Na verdade, não consideramos a Retórica uma e única coisa, pois uns consideram-na uma arte, outros, pelo contrário, uma não-arte, outros uma má arte, e outros qualquer outra coisa. E o mesmo no que respeita à Filosofia, que não é [sempre] a mesma e única coisa, pois para Epicuro as coisas são de uma maneira, para os do Pórtico são de outra maneira, para os da Academia são de outra, de outra ainda para os Peripatéticos, numa palavra, cada um sustenta que a Filosofia seja uma coisa diferente. Pelo menos até ao momento presente, nem eles próprios são da mesma opinião, nem se vê que a sua arte seja uma e única. Daqui fica claro o que falta deduzir. Realmente, desde já afirmo que não é uma arte aquilo que não tem uma substância. Não é verdade que a aritmética é uma e única coisa, que duas vezes dois são quatro, tanto entre nós como entre os Persas, que nesse ponto estão de acordo os Gregos e os bárbaros, ao passo que vemos muitas e diversas filosofias, todas elas discordantes quer quanto aos seus princípios, quer quanto às suas finalidades?

TIQUÍADES — É verdade. De facto, dizem que a filosofia é uma só, mas eles tornam-na múltipla.

28. SÍMON — No entanto, no que respeita às outras artes, se se verificasse algum desacordo entre elas, ainda alguém poderia vir pedir uma certa compreensão, pelo facto de essas outras apresentarem uma natureza um tanto vaga e os seus conceitos não serem constantes. Quanto à filosofia, porém, quem poderia admitir que ela não fosse uma e única e não estivesse de acordo com ela mesma, ainda mais do que os instrumentos [musicais]? Portanto, não há uma só filosofia, pois vejo que

[492] Há aqui uma grave lacuna, que os editores tentaram preencher da maneira mais verosímil possível,

ela é uma infinidade. Ora, não podem ser muitas, porquanto a sabedoria[493] é só uma.

29. E o mesmo se diria a respeito da substância da Retórica. O facto de não dizerem todos a mesma coisa sobre o mesmo assunto, mas gerar-se uma guerra de definições contraditórias, constitui a melhor prova de que aquilo que não tem uma única doutrina não tem a mínima existência. Na verdade, o facto de se investigar qual a melhor [definição de Retórica] e nunca mais se concordar numa única, é coisa que mata a própria existência daquilo que se investiga.

30. Ora, a "Parasítica" não está nestas condições, mas, pelo contrário, é uma única [arte], quer entre os Gregos, quer entre os bárbaros, sempre a mesma e uniformemente, pelo que ninguém poderá dizer que uns exercem a "Parasítica" de uma maneira, e outros de outra, além de que, segundo parece, não existem entre os parasitas pessoas que seguem, como acontece com os estóicos ou os epicuristas, diferentes doutrinas, mas verifica-se concordância de todos com todos, bem como acordo na acção e na finalidade. Deste modo, segundo penso, a "Parasítica" pode muito bem ser considerada uma sabedoria.

31. TIQUÍADES — Creio que acabas de expor muito justamente a questão. Mas, por outro lado, como é que demonstras que a Filosofia também é inferior à tua arte?

SÍMON — Ora bem: Em primeiro lugar, há que dizer que nunca nenhum parasita se tomou de amores pela Filosofia, ao passo que se contam numerosos filósofos que se apaixonaram pela "Parasítica", e continuam até hoje apaixonados.

TIQUÍADES — Serás capaz de nomear alguns filósofos que se tenham entregue à arte do parasita?

SÍMON — Mas que filósofos, ó Tiquíades? Tu conhece-los bem, embora finjas que não conheces, só para me enredares sofisticamente, como se daí resultasse alguma vergonha para esses [filósofos], e não uma honra.

TIQUÍADES — Não, por Zeus!, ó Símon, mas preciso muito de saber quem é que tu achas que deves citar.

SÍMON — Ó meu caro! Até parece que desconheces os [autores] que descreveram as vidas desses [filósofos], pois com toda a certeza serias capaz de reconhecer aqueles a quem me refiro.

493 "sabedoria": os mss. têm "filosofia", que os modernos editores emendam.

TIQUÍADES — Mesmo assim, por Héracles!, desejo ouvir da tua boca quem eles são.

SÍMON — Pois vou dar-te uma lista desses [filósofos], não dos medíocres, mas sim dos mais excelentes, até mesmo daqueles que tu menos esperas.

32. Por exemplo, Ésquines, o socrático, que escreveu diálogos muito longos e espirituosos, foi uma vez à Sicília, levando consigo os seus diálogos, no intuito de, através deles, ficar conhecido do tirano Dionísio. Então, tendo lido o *Milcíades*, ganhou grande fama, pelo que passou a residir na Sicília, fazendo-se parasita de Dionísio e dizendo adeus aos estudos socráticos.

33. E que dizer de Aristipo de Cirene? Não achas que foi um dos filósofos mais distintos?

TIQUÍADES — Com certeza.

SÍMON — Também este viveu pela mesma época em Siracusa, como parasita na corte de Dionísio. De entre todos os parasitas, [Aristipo] foi, sem sombra de dúvida, o mais estimado por Dionísio, pois era mais dotado que os outros nessa arte, de tal modo, que Dionísio mandava ir todos os dias junto dele os seus cozinheiros, para que aprendessem dele alguma lição[494]. Acho mesmo que Aristipo embelezou honrosamente esta arte.

34. O vosso nobilíssimo Platão veio, também ele, à Sicília com a mesma finalidade, mas, tendo sido parasita na corte do tirano somente durante poucos dias, falhou, por inépcia na vida de parasita. Regressou de novo a Atenas onde trabalhou arduamente, e, após [cuidadosa] preparação, empreendeu segunda viagem à Sicília, mas, tendo novamente jantado [à mesa de Dionísio] durante uns poucos de dias, falhou [novamente] por motivo de ignorância. Este "desastre da Sicília" que aconteceu a Platão parece-me ter sido semelhante a de Nícias[495].

TIQUÍADES — E quem é que se refere a esse assunto?

---

494 "alguma lição": o texto diz, vagamente, "alguma coisa"...

495 Trata-se da trágica expedição ateniense à Sicília (413 a.C.), comandada por Alcibíades, Lâmaco e Nícias. Tudo correu mal: Alcibíades regressou logo de início, Lâmaco morreu, e Nícias, muito doente, cometeu erros que, juntamente com outros factores, lhe valeram a derrota e a sua própria execução.

35. SÍMON — Muitos escritores, entre os quais o músico Aristóxeno[(496)], homem muito digno de fé *[e que foi, também ele, parasita de Neleu*[(497)]]

Sabes certamente que Eurípides foi, até à sua morte, parasita de Arquelau, bem como Anaxarco o foi de Alexandre.

36. O próprio Aristóteles apenas se iniciou na "Parasítica", como, de resto, nas outras artes.

37. Mencionei, conforme disse, filósofos que exerceram a arte do parasita, mas ninguém é capaz de nomear um parasita que tenha decidido ser filósofo.

38. Além disso, se é uma felicidade não ter fome, nem ter sede, nem ter frio, ninguém mais que o parasita goza desses bens. Assim, podemos encontrar muitos filósofos com frio e famintos, mas um parasita, nunca... ou então não seria parasita, mas sim uma infeliz e pobre criatura, semelhante a um filósofo.

39. TIQUÍADES — Bem, isso já basta. Mas agora como é que demonstras que, noutros aspectos, a "Parasítica" também é superior à Filosofia e à Retórica?

SÍMON — Meu caro amigo: Existem, na vida dos homens, tempos diferentes: um, é o tempo da paz, e outro o tempo da guerra. Ora, em cada um destes tempos é de toda a necessidade que os talentos[(498)] e aqueles que os possuem se tornem [mais] visíveis, mostrando o que valem. Mas vejamos em primeiro lugar, se te apraz, o tempo da guerra, e que pessoas, cada uma em particular, serão mais úteis a si mesmas e à pátria comum.

TIQUÍADES — Mas que contenda, não muito equilibrada, tu anuncias sobre o valor das pessoas! Já desde há algum tempo que estou rindo comigo mesmo, ao imaginar o que seria um filósofo comparado com um parasita.

---

[496] Aristóxeno de Tarento; nasceu entre 375 e 360 a. C.; músico, filósofo, biógrafo e outras obras de históricas.

[497] Alguns editores modernos retiram esta parte, que lhes parece resultar de um comentário (escólio) que teria acabado por entrar no próprio texto em cópias posteriores. Não vejo por que motivo é que o parasita Símon não havia de reforçar a sua lista de parasitas com a referência a mais um...

[498] "talentos": aqui a palavra grega é *tékhnai* (τέχναι), que não deu jeito traduzir por "artes"...

40. SÍMON — Então, para que não fiques muito espantado nem cuides que a questão é digna de chacota, imaginemos, só aqui entre nós, que foi de repente anunciado que os inimigos acabam de invadir o nosso país, pelo que é preciso sair-lhes ao encontro e providenciar para que os campos fora [das muralhas] não sejam devastados; que o general ordena que todos os que estão em idade [militar] se alistem, e que acorrem todos, entre os quais alguns filósofos, oradores e parasitas. Em primeiro lugar, dispamo-los, pois é necessário que aqueles que vão envergar o armamento previamente se dispam. Observa, meu caro, esses homens um por um, e repara nos seus corpos. Verificarás que alguns(499) deles, devido a privações, se apresentam magros e amarelentos, tiritando de frio, já como feridos abandonados [no campo de batalha]. Na verdade, seria ridículo dizer que homens nessas condições seriam capazes de suportar uma luta, uma batalha campal, uma investida, pó e ferimentos, quando aquilo de que eles necessitam é restabelecerem-se.

41. Depois passa adiante e observa bem como se apresenta o parasita. Em primeiro lugar, não é(500) o seu corpo bem fornecido de carnes, não tem uma tez agradável, nem muito escura nem muito clara — esta própria de mulher, aquela de escravo —, não tem ele, como eu[501], um olhar feroz, altivo e sanguinário? (Realmente, não ficaria bem levar para a guerra um olhar tímido e efeminado.); Não seria um tal homem um belo hoplita, quando vivo, mas também, depois de morto, um belo cadáver?

42. Mas para quê teorizar sobre este assunto, quando temos exemplos reais de tais homens? Para abreviar, aquando de uma guerra, de entre os oradores ou filósofos que até hoje existiram, uns nem sequer se atreveram a sair fora das muralhas, e, se algum, aliás forçado, alinhou nas fileiras, afirmo que esse abandonou o seu posto e bateu em retirada.

TIQUÍADES — Como tudo isso é espantoso!... E ainda nos prometes algo nada insignificante. Mas vá lá, vai dizendo.

---

499 "alguns deles": refere-se especialmente ao filósofos e aos oradores.

500 Respeito o estilo negativo-interrogativo do texto grego, que corresponde ao estilo afirmativo: "o seu corpo é bem fornecido de carnes... ...".

501 "como eu": o gr. diz "como nós", que deve ser plural "majestático", ou então um autêntico plural: "como nós, (os parasitas)".

SÍMON — De entre os oradores, Isócrates não só não foi nunca à guerra, mas nem sequer subiu [alguma vez] a um tribunal, por covardia, creio eu, pois, por esse facto, ficava sem voz[502]. E que dizer de Demades, Ésquines e Filócrates? Não é verdade que estes, por medo, logo após a declaração de guerra de Filipe, entregaram a cidade e a si próprios a Filipe e permaneceram em Atenas, administrando aí os interesses desse [rei], o qual[503], entretanto, ainda estava em guerra contra os Atenienses, mas era amigo destes homens. Por outro lado, Hiperides, Demóstenes e Licurgo, que se davam ares de mais corajosos e que nas assembleias estavam sempre a clamar e a lançar invectivas contra Filipe, que acto de valentia alguma vez cometeram na guerra contra ele? Quanto a Hiperides e Licurgo, não só não saíram [em campanha], como nem sequer se atreveram a espreitar, por pouco que fosse, fora dos portões, mas, pelo contrário, deixaram-se ficar em suas casas, dentro das muralhas, como se já estivessem cercados, mas redigindo bonitas propostas e lindos decretos. E no que respeita ao seu chefe máximo[504], que nas assembleias estava sempre a dizer *"Esse flagelo, Filipe da Macedónia, [país] onde ninguém quereria alguma vez comprar um escravo"*, embora tendo ousado avançar até à Beócia, mesmo antes que os dois exércitos se misturassem e chegassem à luta corpo a corpo, lançou fora o escudo e pôs-se em fuga. Será que nunca antes tinhas ouvido alguém contar este facto? No entanto, ele é bem conhecido não só dos Atenienses, mas também dos Trácios e dos Citas, donde era originário essa porcaria [de homem].

43. TIQUÍADES — Eu sei disso. Esses, porém, eram oradores, exercitados na arte de falar, mas não na coragem. Mas agora dos filósofos, que tens a dizer? Certamente não tens motivo para os censurar, como em relação àqueles.

---

502 Símon ajeita a versão tradicional à sua tese, fazendo de Isócrates uma cobardia, em vez de um simples tímido, de fraca voz...

503 "o qual ... destes homens": Os mss. têm uma lição algo confusa, que os modernos editores (p. ex., o ed. da "Loeb") tentam emendar. Com outro texto (mais próximo dos mss.) a tradução seria: *"De tal modo que qualquer outro ateniense que se declarasse a favor de Filipe se tornava amigo deles"*. Entre as duas...

504 Referência a Demóstenes, considerado o príncipe dos oradores.

SÍMON — Ó Tiquíades! Quanto a esses, que todos os dias[505] discutem acerca da coragem e desgastam[506] o próprio nome da virtude, afiguram-se-me muito mais cobardes e efeminados que os oradores. Ora repara no seguinte: Em primeiro lugar, não há ninguém que possa afirmar que um filósofo morreu na guerra. Na verdade, ou nunca prestaram serviço militar, ou, se prestaram, desertaram todos. [Por exemplo,] Antístenes, Diógenes, Crates, Zenão, Platão, Ésquines, Aristóteles e todo esse bando nunca viram sequer uma linha de batalha. O único de entre eles que se atreveu a sair para a batalha perto de Délio[507], o sábio Sócrates, fugiu dali correndo desde o Parnete e foi refugiar-se no ginásio de Táureas. Na verdade, achava mais agradável ficar sentado a cavaquear com jovenzinhos e a lançar uns sofismas de chacha a quem se lhe apresentasse, do que lutar contra um soldado espartano[508].

TIQUÍADES — Ó meu caro amigo, eu já tinha ouvido essas histórias, contadas por outras pessoas, as quais, por Zeus!, não pretendiam troçar desses [filósofos] nem injuriá-los, pelo que não creio que tu estejas a caluniar esses homens no intuito de favorecer a sua própria arte.

44. Mas agora, se te apraz, vamos lá, diz-me como é que o parasita se comporta na guerra, e ainda se houve entre os antigos alguém a quem possamos chamar parasita.

SÍMON — Ó meu caro amigo, não há ninguém assim tão ignorante de Homero, mesmo que seja completamente leigo na matéria, que não saiba que, nesse poeta, os mais excelentes de entre os heróis eram parasitas. Por exemplo, o famoso Nestor, de cuja língua a palavra escorria como mel, era parasita do próprio rei[509]. Nem Aquiles, que parecia, e era, o mais vigoroso fisicamente, nem Diomedes, nem Ájax, merecem de Agamémnon mais

---

505 Todos os dias”... e todo o santo dia...

506 “desgastam”... à força de esfregar...

507 Délio, cidade entre a Beócia e a Ática, onde se travou uma batalha entre os Atenienses e os Beócios (aliados de Esparta), a qual foi catastrófica para os Atenienses, que tiveram de bater em retirada muito difícil. Embora Sócrates, mesmo em retirada, se tivesse portado valentemente, Símon acentua sobretudo a fuga, não de todo o exército, mas de um dos seus soldados mais esforçados: Sócrates.

508 Há aqui uma confusão: na batalha de Délio não havia espartanos, mas somente os seus aliados beócios.

509 Agamémnon, comandante supremo da expedição contra Tróia.

louvor e admiração do que Nestor. Na verdade, Agamémnon não desejava ter dez Ájax nem dez Aquiles, mas já de há muito que teria tomado Tróia, se tivesse dez soldados como esse parasita, apesar de velho[510]. [Homero] fala também de Idomeneu, filho de Zeus, como sendo parasita de Agamémnon[511].

45. TIQUÍADES — Sim, também conheço esses passos. Mas parece-me que ainda não sei como é que esses dois homens eram parasitas de Agamémnon,

SÍMON — Lembra-te, meu caro, daqueles versos que Agamémnon diz a Idomeneu.

TIQUÍADES — Quais?

SÍMON —

.... Está | sempre cheia a tua taça,

como a minha, pra beberes | quando o coração to pede[512].

Na verdade, Agamémnon disse aquele *"sempre cheia a tua taça"*, não porque a taça de Idomeneu estivesse sempre cheia, quer ele estivesse a combater, quer estivesse a dormir, mas porque só a ele era permitido, durante toda a vida, sentar-se a comer ao lado do rei, ao contrário dos outros guerreiros, que eram convidados só em certos dias.

Quanto a Ájax, após o duelo glorioso deste com Heitor,

"ao divino Agamémnon o levaram[513]*"*,

— diz o poeta —, plenamente merecedor da honra de cear à noite com o rei. Todavia, Idomeneu e Nestor ceavam todos os dias com o rei, como diz o próprio [poeta]. Mas Nestor foi, em minha opinião, o mais hábil e o melhor parasita junto dos reis. De facto, iniciou-se nessa arte, não no tempo de Agamémnon, mas muito antes, no tempo de Ceneu e de Exádio[514], e parece que não deixaria nunca de ser parasita, se Agamémnon não tivesse morrido.

---

510 V. *Ilíada*, II, 371-374.

511 V. *Ilíada*, IV, 257-263.

512 V. *Ilíada*, IV, 262-263. Tratando-se de uma citação, entendi dar-lhe aspecto métrico, com hemistíquios de sete sílabas (excepto o 1º hemistíquio do 1º verso (v. 262), que também não é citado completo.

513 Ilíada, VII, 312; "levaram": o suj. é *Os Aqueus*.

514 Ceneu e Exádio: guerreiros de um povo selvagem da Tessália, os Lápitas.

TIQUÍADES — Sim, esse foi de facto um excelente parasita... Mas, se conheces outros, trata de nomeá-los.

46. SÍMON — Ó Tiquíades, então Pátroclo não era parasita de Aquiles, ele que, ainda muito jovem, não era inferior a nenhum dos Gregos, nem no espírito nem no corpo? Sim, penso mesmo, a julgar pelos seus feitos, que ele não era inferior ao próprio Aquiles. De facto, quando Heitor rebentou com as portas[515] e já combatia no interior, junto dos navios, foi ele quem o rechaçou e quem extinguiu o fogo do navio de Protesilau, já em chamas, apesar de o tripularem homens nada obscuros, como os filhos de Télamon — Ájax e Teucro —, aquele um notável hoplita, este um arqueiro; além disso, este parasita de Aquiles matou muitos bárbaros, entre os quais Sarpédon, filho de Zeus. E morreu, mas não da mesma maneira que os outros, pois, enquanto Aquiles matou Heitor, um contra um, e Páris matou Aquiles, ao parasita mataram-no um deus e dois homens[516]. E ao morrer, não disse palavras semelhantes às do bravíssimo[517] Heitor, o qual, caindo de joelhos ao pés de Heitor, lhe suplicava que entregasse o cadáver aos seus familiares, mas sim palavras que era suposto saírem de um parasita. E que palavras?[518]

Mas mesmo que me atacassem | uns vinte homens como tu,
Todos teriam morrido, | de minha lança vencidos.

47. TIQUÍADES — Tudo isso está muito bem. Mas trata de me explicar como é que Pátroclo era, não amigo, mas sim parasita de Aquiles.

SÍMON — Vou apresentar-te, Tiquíades, o próprio Pátroclo a declarar que era parasita.

TIQUÍADES — É espantoso[519] o que me dizes.

515 "portas": Entenda-se "as portas da cerca defensiva dos Gregos".

516 "um deus e dois homens", ou seja, Apolo, Euforbo, escudeiro de Heitor, que desferiu o primeiro golpe contra Pátroclo, e, finalmente, Heitor, que deu o golpe final.

517 "bravíssimo" tem aqui um sentido irónico, visível logo a seguir.

518 "E que palavras?": Alguns editores atribuem esta pergunta a Tiquíades.

519 "espantoso", porque se toma em sentido literal a fala precedente: Pátroclo em pessoa, como testemunha (linguagem dos tribunais), e não em citação, a declarar que era parasita.

SÍMON — Pois escuta as suas próprias palavras[520]:

Não sepultes os meus ossos, | Aquiles, longe dos teus,
mas juntos, pois fui criado | no vosso paço real.

E de novo, um pouco adiante[521]:

E então me recolheu | ... — diz ele — ... Peleu[522],
me criou com muito amor, | teu servidor[523] me chamando.

Quer isto dizer que ele me teve como parasita. Ora, se Peleu quisesse designar Pátroclo por amigo [de Aquiles], não lhe teria chamado "servidor", porquanto Pátroclo era um homem livre. Então, que indivíduos é que ele trata por "servidores", se não são nem criados nem amigos? É claro que se trata de parasitas. Do mesmo modo, chama também a Meríones "servidor" de Idomeneu. *[Era assim, julgo eu, que naquele tempo eram chamados os parasitas[524]].*

Repara, além disso, que, no mesmo passo[525], [o poeta] não entende chamar a Idomeneu, filho de Zeus, "igual a Ares", mas sim a Meríones, parasita deste.

48. E então Aristogíton[526], homem do povo e pobre[527], como nos diz Tucídides, não era parasita de Harmódio? E então não

---

520 *Ilíada*, XXXIII, 83-84. O termo *épos* (ἐπος) significa "palavra", mas, muitas vezes, com a conotação de "palavra em verso", ou simplesmente "verso".

521 *Ilíada*, XXIII, 89-90. O v. 89 é citado só em parte. O v. 89 completo diz:
E o cavaleiro Peleu, | em seu paço me acolhendo, ...

522 Peleu e sua esposa, a deusa Tétis, são pais de Aquiles.

523 "servidor": também poderíamos verter por "escudeiro", "aio"... Tenha isto em mente nas linhas seguintes (e na nota).

524 Muitos editores modernos eliminam este passo, por considerá-lo um comentário (escólio) posteriormente acrescentado por copistas, e que teria passado para o corpo do texto. Todos os manuscritos (excepto Γ, Vaticanus 90) tem este passo incluído no texto, pelo que não vejo motivo forte para que seja "subtraído" ao raciocínio e argumento de Símon...

525 *Ilíada*, XIII, 295.

526 Aristogíton e Harmódio planearam assassinar o tirano Hípias (que havia sucedido ao tirano Pisístrato), bem como o irmão mais novo deste, Hiparco. A conspiração coreu mal: só conseguiram matar Hiparco. Harmódio foi logo morto pelos guardas de Hípias, e Aristogíton foi preso e torturado até à morte. Quando, três anos depois, a tirania foi abolida, os dois (quase) tiranicidas foram homenageados como libertadores da Pátria.

527 "pobre": Tucídides (VI, 54, 2) não diz que Aristogíton era pobre, mas sim *mésos polítēs* (μέσος πολίτης) "cidadão da classe média"...

era também seu amante? Sim, é natural que os parasitas sejam também amantes daqueles que os sustentam. Pois bem: Este parasita levou de novo para a liberdade a cidade dos Atenienses, que estava sob o jugo de um tirano, e agora a sua estátua de bronze está na ágora, juntamente com a do seu querido.

Assim, estes homens, tão distintos, eram também parasitas.

49. Que ideia é que tu fazes do parasita na guerra? Não é verdade que um tal indivíduo primeiro toma uma refeição e só depois sai a ocupar o seu posto, tal como Ulisses achava bem [que se fizesse][(528)]? Realmente — diz ele —, de outra maneira não é possível combater na guerra, especialmente se há que ir à luta logo ao romper da aurora[(529)]. O tempo que os outros soldados gastam, cheios de medo, um a ajustar cuidadosamente o elmo, outro a vestir a couraça, outro a tremer à ideia do horror da guerra, o parasita alimenta-se, de cara luzidia, e, logo no começo do ataque, combate na primeira linha. Aquele que o sustenta alinha atrás do parasita, e este cobre-o com o seu escudo, como Ájax [cobria] Teucro; e quando são disparadas as setas, protege-o a peito descoberto, pois antes quer salvá-lo e ele que a si mesmo.

50. E se um parasita morrer em combate, nenhum chefe nem nenhum soldado se envergonhará dele, daquele enorme cadáver, tão belo e tão belamente estendido, como se estivesse num banquete[(530)]. Seria mesmo coisa digna de se ver, o cadáver de um filósofo, estendido a seu lado, mirrado, imundo, de barba comprida, morto mesmo antes da batalha, fraca criatura! Quem não desprezaria uma tal cidade, ao ver os seus defensores assim tão miseráveis? Quem não imaginaria, ao ver estendidos no chão homens pálidos e desgrenhados, que essa cidade, à falta de aliados, soltara os malfeitores [que estavam] no calaboiço, para irem combater?

---

[528] *Ilíada*, XIX, 155-170.

[529] Os manuscrito dão, neste passo, uma lição muito difícil de aceitar. Na verdade, o passo homérico a que se alude (*Il.*, XIX, 162) diz "durante todo o dia, até ai pôr do sol", mas parece que os manuscritos não vão nesse sentido. Em todo o caso, percebe-se o sentido: os guerreiros não devem ir à luta em jejum... Seria interessante transcrever todo o passo (v. nota *supra*).

[530] Recordo que a posição nos comensais não era a de "sentado", mas a de "reclinado" (aqui, parece também significar "deitado"...).

Tais são, na guerra, os parasitas, em comparação com os oradores e os filósofos.

51. E[531] em tempo de paz, creio que a "Parasítica" difere tanto da Filosofia, como a própria paz [difere] da guerra.

Em primeiro lugar, se te apraz, vejamos [quais são] os locais de reunião próprios da paz.

TIQUÍADES — Não percebo o que queres dizer com isso... mas, mesmo assim, vejamos.

SÍMON — Pois bem: A ágora, os tribunais, as palestras[532], os ginásios, as salas de banquetes, eu diria que são locais de reunião da cidade.

TIQUÍADES — Claro que sim.

SÍMON — Ora, um parasita não frequenta nem a ágora, nem os tribunais, pois todos esses locais são, julgo eu, mais apropriados aos sicofantas[533], e porque não é decente nada do que neles se passa. Pelo contrário, o parasita só procura, e [com isso] prestigia, as palestras, os ginásios e as salas de banquete. Realmente, que filósofo ou que orador, despido na palestra, pode comparar-se ao físico de um parasita? Qual de entre eles, visto no ginásio, não constitui uma grande vergonha para esse local? Na verdade, nenhum deles seria capaz de fazer frente, em campo aberto, a um animal selvagem que arremetesse contra ele, ao passo que o parasita, quando esses animais atacam, fica firme e recebe-os com facilidade, pois

---

531 "E...": Oposição ao período imediatamente anterior: "... na guerra".

532 A palestra era inicialmente um campo plano, próprio para aí se praticar a corrida; mais tarde, é um edifício com um pátio e diversas salas, onde se praticam diversos tipos de luta e jogos; podia estar ligada ao ginásio, onde as pessoas praticavam... ginástica. Naturalmente, as palestras e os ginásios eram, também, locais de convivência social.

533 *Sicofanta* era o indivíduo que promovia uma acção judicial contra outro, um delator, que, muitas vezes, fazia desse processo um modo de vida, pois, no caso de o réu ser condenado, uma parte dos bens deste revertia para o acusador. Este, no entanto, caso não obtivesse pelo menos 1/5 dos votos, arriscava-se a apanhar uma multa de 1000 dracmas e a sofrer outras penalizações de natureza cívica. Muitas vezes, o sicofanta apenas fazia chantagem, levando a vítima a entregar-lhe determinada quantia, só para se livrar de aborrecimentos. Para os gregos, a palavra tinha origem numa antiga proibição de exportar figos, *sûka* (σῦκα) para fora da Ática, etimologia que hoje não é universalmente aceite; mas o que é certo é que o termo *sicofanta* estava carregado dum sentido muito negativo, algo como o port. *bufo* ou, noutro sentido, *chantagista*.

está habituado a menosprezá-los nos banquetes[534], e não lhe metem medo nem um veado nem um hirsuto javali, mas, se o javali afia os dentes contra o parasita, este responde afiando os dentes contra o javali[535]. No que respeita às lebres, persegue-as melhor que os cães. E num banquete, quem poderá competir com um parasita, quer a dizer piadas, quer a comer? Quem melhor que ele sabe divertir os convivas? Será um homem que canta e chacoteia, ou um tipo que não ri, para ali enfiado no seu manto, de olhos no chão, como se viesse, não para um banquete, mas para um funeral? Por minha parte, julgo que um filósofo num banquete é como "um cão num balneário"[536].

52. Mas agora deixemos este assunto e passemos ao modo de agir do parasita, observando e comparando-o com o dos outros.

Em primeiro lugar, verificar-se-á que o parasita despreza a sua reputação e não se importa absolutamente nada com o que as pessoas pensam a seu respeito, ao passo que vemos oradores e filósofos, não alguns, mas todos eles, devorados pelo orgulho e pela sua reputação, não apenas pela sua reputação, mas também — mais vergonhoso que isso — pelo dinheiro. O parasita sente pelo dinheiro um desprezo maior do que aquele que se tem pelos seixos das praias, e acha que o ouro não vale mais que o fogo. Os oradores e — o que é ainda mais repugnante — os que se gabam de serem filósofos estão tão miseravelmente apegados a esses bens, que, entre os filósofos mais prestigiados (para já não falar dos oradores), um, juiz em determinada causa, deixou-se subornar com presentes, *[outro cobra dos seus discípulos honorários por uns quantos sofismas[537]]*, outro pede ao Imperador um salário em troca de umas conversações, não se envergonhando, homem de avançada idade, por sair da sua terra com esse propósito e deixar-se vender como um cativo indiano ou cita... e é que nem este nome [de cativo] o faz corar de vergonha, [compensado] pelo que recebe.

534 Não deixa de ser curiosa (e bem "sofística") esta justificação...

535 Uma imagem que sugere o javali servido no banquete...

536 "um cão num balneário": frase proverbial, que significa algo ou alguém cuja presença é despropositada em determinados locais ou situações; em port., diríamos: "um filósofo faz tanta falta num banquete, *como uma viola num enterro*".

537 Só alguns manuscritos têm este passo; outros omitem-no; os editores modernos dividem-se...

53. Encontrarás em tais homens não só esta paixão [do dinheiro], mas outras, como melancolia, cólera, inveja e toda a casta de desejos. O parasita, porém, está isento de todas estas coisas. De facto, não se encoleriza, quer devido à sua muita paciência, quer também porque não tem nada com que[538] se encolerizar. E se alguma vez se irrita, a sua cólera resulta, não em qualquer atitude desagradável ou triste, mas sobretudo em risota que alegra os presentes. Ele é, de entre todos os homens, aquele que menos se entristece, coisa que a sua própria arte lhe proporciona e lhe oferece: o facto de não ter nada que o deixe triste. Na verdade, ele não tem nem dinheiro, nem casa, nem um criado, nem mulher, nem filhos, cuja perda inevitavelmente faz com que o seu possuidor fique triste[539]. O parasita não ambiciona nem reputação, nem dinheiro, nem mesmo um queridinho.

54. TIQUÍADES — Mas, ó Símon, é natural que o parasita fique triste quando tem falta de comida.

SÍMON — Tu desconheces, Tiquíades, que deixa imediatamente de ser parasita todo aquele que tiver falta de comida. Na verdade, o homem corajoso deixa de ser corajoso, se não tiver coragem; e o homem sensato deixa de ser sensato, se não tiver sensatez; assim também, de qualquer outro modo, o parasita deixa de o ser. Ora, o que aqui nos ocupa é investigar a respeito daquele que *é* parasita, e não daquele que *não é*. Se o homem corajoso não é tal, senão por ter coragem, e o sensato por ter sensatez, também o parasita só continuará a ser parasita, se tiver com que "parasitar"[540]. Se não dispuser dessa condição, estaremos a analisar qualquer outra pessoa, mas não um parasita.

TIQUÍADES — Quer isso dizer que um parasita nunca terá falta de comida?

SÍMON — É o que parece. Assim, desta ou daquela maneira, não tem com que ficar triste.

---

538 "nada com que...": também é possível interpretar como "ninguém com quem..."

539 Os mss. acrescentam uma frase, que parece resultar de um comentário (escólio) que teria acabado por ser introduzido no texto: *"... visto que tais coisas acabam por se perder"*.

540 "parasitar" é transposição do gr. *parasiteîn* (παρασιτεῖν); lit.te significa "comer juntamente com", ou "comer à mesa de outrem"; assim, a tradução poderia ser "se não tiver que comer (à custa de outro)".

55. E mais: Todos os filósofos no seu conjunto, bem como [todos] os oradores, andam cheios de medo. Encontramo-los, na sua maioria, armados com um cajado, o que não aconteceria, se não tivessem medo; além disso, fecham fortemente as portas [de casa], por temerem que alguém de noite os ataque. O parasita, porém, só encosta levemente[541] a porta do seu quarto, e somente para que o vento não a abra; se ouve um ruído de noite, não fica cheio de medo: é como se não existisse[542]; se tem de viajar [passando] por um lugar deserto, sai sem [levar] espada, pois não teme nada, seja onde for. Pelo contrário, já tenho visto, e com frequência, filósofos que, sem que haja nada que temer, se armam de arco e flechas[543]. E levam os seus cajados, quando vão ao balneário ou a um almoço[544].

56. Naturalmente, ninguém pode acusar um parasita de adultério, de violência, de rapto ou de qualquer outro crime, pois um tal indivíduo deixaria de ser parasita, mas prejudicar-se-ia a si mesmo, porquanto, se porventura praticasse adultério, receberia, juntamente com o crime, também o nome relativo a esse crime[545]. De facto, assim como o homem bom, ao praticar uma má acção, deixa de ser, por esse facto, um homem bom, mas recebe o nome de *mau*, assim também, julgo eu, o parasita, se cometer algum crime, perde o nome que tinha, e recebe o nome correspondente ao crime [cometido]. Nós próprios não só temos conhecimento de um grande número de tais crimes praticados por oradores e filósofos do nosso tempo, mas também possuímos, através de livros, memórias dos crimes [cometidos].

---

541 "levemente",ou "casualmente", ou "sem grande preocupação (de segurança)"...

542 "não fica cheio de medo: é como se não existisse": lit.te "não teme mais do que se ele (o ruído) não existisse"...

543 O plural *tóxa* (τόξα) significa não só "arcos", mas também, frequentemente, "arco e flechas".

544 A palavra *áriston* (ἄριστον) significa, em princípio, "refeição da manhã"; mais tarde, "refeição do meio do dia" ("almoço"); de toda a maneira, opõe-se a *deîpnon* (δεῖπνον), que significa "ceia", mas deve notar-se que o significado destes dois termos variou ao longo do tempo. No Portugal antigo, *almoço* era a primeira refeição do dia, seguida de *jantar* (c. do meio-dia, = post. *almoço*), da *merenda* (a meio da tarde) e terminando com a *ceia* (ao fim do dia e princípio da noite)...

545 "o nome relativo a esse crime", quer dizer, o adjectivo aplicável: *moikhós* (μοιχός) "adúltero"; cf. *moikheía* (μοιχεία) "crime de adultério"; *moikhéō* (μοιχέω) "praticar adultério", etc. (v. dicionários).

Existem [diversas] apologias(546): de Sócrates, de Ésquines, de Hiperides, de Demóstenes e praticamente da maior parte dos oradores e dos sábios, mas não existe nenhuma apologia de um parasita, pois ninguém pode afirmar que foi intentado um processo contra um parasita.

57. TIQUÍADES(547) — Mas, por Zeus!, se, de facto, a vida do parasita é melhor que a dos oradores ou dos filósofos, será a sua morte pior?(548)

SÍMON — Muito pelo contrário, é bastante mais feliz. De facto, sabemos que todos os filósofos, ou pelo menos a grande maioria, morreram de uma morte muito triste, uns envenenados, devido a condenação por se terem sido acusados dos mais graves crimes, outros com todo o corpo completamente queimado(549), outros consumidos por retenção de urina, outros no exílio. Mas ninguém pode afirmar que a morte de um parasita foi como aquelas, mas sim da forma mais feliz [do mundo], depois de bem comido e bem bebido; e se achas que algum acabou de morte violenta, esse morreu mas foi de indigestão.

58. TIQUÍADES — De facto, defendeste perfeitamente a tese contra os filósofos e a favor do parasita. Mas de seguida tenta lá explicar se o parasita constitui uma "aquisição" boa e vantajosa para aquele que o sustenta. Realmente, parece-me que é por bem-fazer e por caridade que os ricos os sustentam, e que isso é uma vergonha para aquele que é sustentado.

SÍMON — Que tolice a tua, ó Tiquíades, se não consegues perceber que um homem rico, mesmo que possua o ouro de Giges(550), se come sozinho, é pobre, e, se sai à rua sem parasita, parece um miserável; assim como um soldado sem armas

---

546 "apologia" é um discurso de defesa em tribunal, pronunciado pelo próprio réu (escrito ou não por ele). Símon (Luciano) refere-se só à *Apologia de Sócrates*, de Platão; também há uma obra de Xenofonte com o mesmo título.

547 Alguns editores modernos continuam a atribuir esta fala a Símon, enquanto outros intercalam aqui uma intervenção de Tiquíades — interpretação que me parece mais lógica.

548 Também pode entender-se, não como uma interrogação, mas como uma afirmação: "a sua morte é pior"; a uma ou a outra, de toda a maneira, Símon irá responder.

549 Referência a Sócrates e, seguidamente, a Empédocles (e talvez também a Peregrino, contemporâneo de Luciano), a Epicuro e a Aristóteles.

550 Giges, rei da Lídia, famoso, entre outras coisas, pela sua fabulosa fortuna.

é menos estimável, ou uma veste sem púrpura, ou um cavalo sem arreios, assim também um rico sem parasita parece uma pessoa humilde e vulgar. E mais: o parasita é que confere prestígio ao rico, e nunca o rico ao parasita[551].

59. Dito de outro modo, não é nenhuma vergonha, como tu afirmas, o facto de ele ser parasita do outro, ou seja, o inferior [parasita] do superior, já que é vantajoso para o rico sustentar o parasita, com o que, além de [o rico] ser prestigiado pelo parasita, este também lhe serve de segurança e guarda-costas. Realmente, ninguém tentará facilmente perpetrar um ataque contra um rico, ao ver essa pessoa a seu lado. Por outro lado, nenhum rico morrerá envenenado, se tiver consigo um parasita. Sim, quem se atreverá a atentar contra [a vida de] alguém, se o parasita prova primeiro a comida e a bebida? Deste modo, o rico não só é prestigiado pelo parasita, mas também é por este salvo dos maiores perigos. Assim, o parasita, por afeição, afronta todo e qualquer perigo, e nunca permitiria que o rico comesse sem [a sua] companhia, mas até se dispõe a morrer, por comer juntamente com ele.

60. TIQUÍADES — Creio, Símon, que trataste de todos os aspectos da tua arte, sem esquecer nenhum, e não sem estares preparado, como tu próprio afirmavas, mas como alguém treinado pelos mais competentes [mestres]. E para terminar, pretendo saber se o próprio nome *"Parasítica"* é ou não algo vergonhoso.

SÍMON — Repara na minha resposta, e vê lá se a achas satisfatória; depois tenta, por tua vez, responder o melhor que te seja possível à minha pergunta. Ora vejamos: A que é que os antigos chamam *sîtos*? [σῖτος][552]

TIQUÍADES — Ao alimento [*trophé*ò: τροφή].

SÍMON — E então "ser alimentado" [*siteîsthai*: σιτεῖσθαι], não significa "comer"? [*esthíein*: ἐσθίειν]

TIQUÍADES — Sim.

SÍMON — Portanto, é ponto assente que "ser parasita" [*parasiteîn*: παρασιτεῖν] não é coisa diferente[553]...

551 A tradução literal fica algo desajeitada: "o rico (é que) ganha dignidade com [a presença do] parasita, e nunca é o rico que dignifica o parasita".

552 *sîtos* (σῖτος) significa, propriamente, "trigo"; e, por extensão, "comida sólida", "comida em geral".

553 "não é coisa diferente...": entenda-se: "... de comer à custa de outro".

TIQUÍADES — Mas é precisamente isso, ó Símon, que me parece a parte vergonhosa.

61. SÍMON — Ora responde-me lá a mais uma pergunta: Qual das duas coisas achas melhor, ou seja, se te fossem propostas duas situações, qual das duas escolherias: navegar sozinho, ou navegar com outra pessoa?

TIQUÍADES — Navegar com outra pessoa, claro.

SÍMON — Correr sozinho ou correr com outra pessoa?

TIQUÍADES — Correr com outra pessoa.

SÍMON — Cavalgar sozinho ou cavalgar com outra pessoa?

TIQUÍADES — Cavalgar com outra pessoa.

SÍMON — Lançar o dardo sozinho ou lançar o dardo com outra pessoa?

TIQUÍADES — Lançar o dardo com outra pessoa.

SÍMON — Portanto, e do mesmo modo, antes quererias comer com outra pessoa(554), do que comer sozinho, não é assim?

TIQUÍADES — Sou obrigado a reconhecer que sim. De agora em diante, como fazem os rapazes [da escola], irei a tua casa logo de manhã e depois do almoço, a fim de aprender a tua arte. E tu, como é de toda a justiça, hás-de ensinar-ma generosamente, por ser o teu primeiro discípulo. Até se diz que as mães amam mais o seu primeiro filho(555).

---

554 Nos casos precedentes, temos dois pares de verbos: verbo simples e verbo antecedido do prevérbio *para-*: *pleîn / para-pleîn* (πλεῖν / παραπλεῖν) "navegar / co-navegar"; *trékhein / para-trékhein* (τρέχειν / παρατρέχειν) "correr/ con-correr"; *hippeúein / par-ippeúein* (ἱππεύειν / παριππεύειν) "cavalgar/ co-cavalgar"; *akontízein / par-akontízein* (ἀκοντίζειν / παρακοντί ζειν) "lançar o dardo / co-lançar o dardo". Neste caso, não era possível estabelecer o par *siteîn / parasiteîn*, pois o primeiro significa "alimentar", quando o que se espera é "ser alimentado" (pass. *siteîsthai:* σιτεῖσθαι desfaz o paralelismo), ou, como Símon (Luciano) resolve fazer, *esthíein / para-siteîn* (ἐσθίειν/ παρασιτεῖν) "comer" / "con-comer" ("comer na companhia de", "... à mesa de...".

555 "o seu primeiro filho": o gr. diz "os primeiros dos [seus] filhos"; o plural é devido ao facto de se tratar de "mães", pelo que o sentido, de forma mais extensa, é: "as mães amam mais os primeiros dos [seus] filhos... cada uma o seu primeiro filho"... O exemplo *didáctico* usual é o seguinte: "cortou a<u>s</u> cabeça<u>s</u> aos inimigos", traduzido normalmente por "cortou a cabeça aos inimigos".

(Página deixada propositadamente em branco)

Volumes publicados na Colecção Autores Gregos e Latinos – Série Textos Gregos

1. Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho: *Plutarco. Vidas Paralelas – Teseu e Rómulo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).

2. Delfim F. Leão: Plutarco. *Obras Morais – O banquete dos Sete Sábios*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).

3. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Banquete, Apologia de Sócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).

4. Carlos de Jesus, José Luís Brandão, Martinho Soares, Rodolfo Lopes: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete I – Livros I-IV*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).

5. Ália Rodrigues, Ana Elias Pinheiro, Ândrea Seiça, Carlos de Jesus, José Ribeiro Ferreira: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete II – Livros V-IX*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).

6. Joaquim Pinheiro: Plutarco. *Obras Morais – Da Educação das Crianças*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).

7. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).

8. Carlos de Jesus: *Plutarco. Obras Morais – Diálogo sobre o Amor, Relatos de Amor*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).

9. Ana Maria Guedes Ferreira e Ália Rosa Conceição Rodrigues: *Plutarco. Vidas Paralelas – Péricles e Fábio Máximo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

10. Paula Barata Dias: *Plutarco. Obras Morais - Como Distinguir um Adulador de um Amigo, Como Retirar Benefício dos Inimigos, Acerca do Número Excessivo de Amigos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

11. Bernardo Mota: *Plutarco. Obras Morais - Sobre a Face Visível no Orbe da Lua*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

12. J. A. Segurado e Campos: *Licurgo. Oração Contra Leócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH /CEC, 2010).

13. Carmen Soares e Roosevelt Rocha: *Plutarco. Obras Morais - Sobre o Afecto aos Filhos, Sobre a Música*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

14. José Luís Lopes Brandão: *Plutarco. Vidas de Galba e Otão*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

15. Marta Várzeas: *Plutarco. Vidas de Demóstenes e Cícero*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

16. Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues: *Plutarco. Vidas de Alcibíades e Coriolano*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

17. Glória Onelley e Ana Lúcia Curado: *Apolodoro. Contra Neera. [Demóstenes] 59*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).

18. Rodolfo Lopes: *Platão. Timeu-Critías*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).

19. Pedro Ribeiro Martins: *Pseudo-Xenofonte. A Constituição dos Atenienses*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2011).

20. Delfim F. Leão e José Luís L. Brandão: *Plutarco.Vidas de Sólon e Publícola*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2012).

21. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata I*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).

22. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata II*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).

23. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata III*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).

(Página deixada propositadamente em branco)

OBRA PUBLICADA
COM A COORDENAÇÃO
CIENTÍFICA



Centro de Estudos
Clássicos e Humanísticos
da Universidade de Coimbra







• U  C •

